



## Acalme meu Coração de Vampiro Kerrellyn Sparks

*Love at Stake 02*

**Disp em Esp:** *Novelera Romantica*

**Revisão:** *Sandra Cris e José G.*

**Envio e Formatação:** *Δίκη*

**Capa:** *Elica Leal*

*Talionis*

*Quando uma bela mortal começa a caçar vampiros no Central Park, os Vampiros fazem o lógico nestas circunstâncias: chamar a seu mais poderoso guerreiro para que a detenha: o general do exército Vampiro, Angus MacKay.*

*Angus MacKay estava morto há quase quinhentos anos e já nada, nem ninguém, consegue assombrá-lo... Até que aparece Emma Wallace. Só um olhar a esta sedutora agente do corpo de elite da CIA "Equipe Estacar" basta para lhe parar o coração. Mas então descobre que ela é uma assassina de vampiros, disposta a matar aos monstros que terminaram com a vida de seus pais, e o dever de Angus é detê-la.*

*O único vampiro bom é o que está morto. Esse foi o lema de Emma desde que consagrou sua vida à destruição desses seres. E agora toca a Angus MacKay lhe fazer mudar de ideia.*

*Vale, ele é um sexy guerreiro Highland que parece recém-saído de uma capa de novela romântica, com acento, kilt, e espada incluídos; mas também é um deles. E sua missão é exterminá-los.*

*A batalha acaba de começar, mas, terminarão destruindo-se... Ou sucumbindo a uma paixão que dure eternamente?*

**\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\***



**Comentário Revisora Sandra Cris:** Imaginem um vampiro com mais de 500 anos escocês, em kilt, todo de bom, cavalheiro, protetor, com poder psíquico de amante que nos faz sonhar e chorar por mais.

Angus e Emma, linda historia de amor, de vingança e de perdão...  
Simplesmente adorei... Espero que gostem boa leitura.

**Comentário do revisor José G.** — Um cavalheiro às antigas, um homem que tem poderes que qualquer homem desejava ter e uma paixão sem barreiras. Encontramos uma boa história, em consonância com os números anteriores da série. Por isso aconselho.

## Capítulo 1

Depois de quatrocentos e noventa e três anos de se teletransportar de um lugar a outro, Angus MacKay ainda sentia o impulso de olhar debaixo de sua saia para assegurar-se que tudo tinha chegado inteirinho. Havia algumas áreas nas que um homem, vampiro ou não, odiava ser extorquido. Resistiu, entretanto, já que não estava sozinho. Acabava de materializar-se no escritório que Roman Draganesti tinha nas Indústrias Romatech e o antigo monge estava sentado detrás de seu escritório, olhando-o com calma. Angus brandiu a Claymore<sup>1</sup>, sua enorme espada escocesa, de suas costas.

— Muito bem, velho amigo. A quem posso matar por ti esta noite?

Roman riu entre dentes.

— Sempre preparado para a ação. Graças a Deus nunca muda.

Angus estremeceu interiormente. Tinha sido só uma brincadeira.

— Já... Necessita que mate a alguém?

— Esperemos que não. Acredito que um bom susto será suficiente.

— Ah! — Pela extremidade do olho, Angus viu a porta aberta. — E não poderia fazê-lo Connor? É um homem bastante feio.

— Ouvi isso. — Connor entrou na habitação, levando uma pasta. Sorrindo, Angus se sentou e pôs em seu joelhos a bainha com sua Claymore favorita.

— Então, qual é o problema?

— O caçador retornou. Um vampiro foi assassinado ontem à noite no Central Park, — explicou Roman. — Um russo Malcontent.

---

*1:Claymore é uma variante escocesa da espada medieval montante utilizada durante os séculos XV e XVI. Possui gume duplo e é manejada com as duas mãos, impedindo o guerreiro de utilizar um escudo. A palavra Claymore vem do gaélico escocês claidheamh mòr e significa espadão.*

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Ouch, isso é bom. — Angus assentiu com a cabeça. Um Malcontent a menos para preocupar-se. Os vampiros assassinos que não queriam modernizar-se e beber o sangue sintético fabricado no Romatech.

— Não, é mau, — respondeu Roman. — Katya Miniskaya acaba de chamar e nos acusa do assassinato.

Ante o som do nome, Angus apertou a bainha de couro e manteve seu rosto em branco.

— Surpreende-me que siga sendo a Mestra de seu Aquelarre.

Connor se sentou na cadeira junto ao Angus.

— É suficientemente cruel para sê-lo. Ouvi que alguns dos russos que se queixaram por ter um Mestre que é mulher, não sobreviveram mais de uma noite.

— Aye<sup>2</sup>, ela pode ser muito cruel. — Angus sentiu o olhar de simpatia de Roman sobre ele e olhou para outro lado. O monge sabia muito. Felizmente, todas as faltas que tinha confessado a seu velho amigo tiveram lugar na mais estrita confidencialidade.

— Katya nos ameaça, — Connor continuou. — Se alguém mais de seu Aquelarre é assassinado, vai declarar a guerra a nós.

— Maldição, — murmurou Angus. — Então, quem é o caçador? Pode estar causando problemas, mas merece uma medalha, — olhou para o empregado. Connor bufou.

— Eu não o farei como tampouco o farão meus homens. Pagam-nos para proteger ao Roman, sua esposa, sua casa e seu negócio, e só somos três para fazer o trabalho. Não temos tempo para vagar por Central Park.

Angus assentiu com a cabeça. Como proprietário do MacKay Security And Investigation, que proporciona amparo para um número importante de Mestres do Aquelarre como Roman, tinha transferido recentemente cinco dos homens do Connor.

— Sinto lhes deixar poucos jogadores, mas necessito de todos os homens disponíveis no terreno. É imperativo que encontre a Casimir antes que...

Angus não queria pronunciar as palavras. Demônios, nem sequer as queria pensar. Durante trezentos anos tinham acreditado que o vampiro mais infernal do mundo estava morto, para descobrir fazia pouco que ainda estava à espreita com a intenção de matar e destruir.

— Teve sorte na busca? — Perguntou Roman.

— Não, só pistas falsas. — Angus tamborilou com os dedos na bainha de couro em seu joelhos. — Então, têm alguma ideia de quem é o caçador? Poderia ser o mesmo que matou a uns quantos Malcontents o verão passado?

— Acreditam que sim. — Roman se inclinou para frente, apoiando-se sobre os cotovelos. — Connor pensa que está trabalhando para a CIA.

Angus piscou.

— Um mortal matando vampiros? É muito pouco provável.

— Acreditam que está numa das Equipes Estacar. — Connor golpeou a pasta que levava. Escrito em negro na tampa se lia Equipe Estacar. Houve uma pausa incômoda, já que todos sabiam

---

<sup>2</sup> Sim



que o chefe das Equipes Estacar era o sogro humano do Roman. Angus clareou a garganta.

— Pensam que o pai da Shanna é o caçador? Sem vontade de ofender a sua esposa, Roman, mas não me importaria assustar ao merda de Sean Whelan.

Roman suspirou.

— Ele é... Uma moléstia.

Angus esteve de acordo, embora ele tivesse utilizado uma linguagem mais colorida.

— Quantos matou o verão passado?

— Três, — respondeu Connor. Angus entrecerrou os olhos.

— Por que parar por um tempo e logo começar a matar outra vez?

— Desde princípios de março, dois mortais foram assassinados no Central Park, degolados, - explicou Roman.

— Para ocultar as marcas das presas, — concluiu Angus. Tratava-se de um velho truque de vampiro. — Assim que os Malcontents começaram isto, e o caçador quer vingar-se.

— Sim, — assentiu Roman. — Depois dos assassinatos ameacei a Katya e a seu Aquelarre os jogar fora do país. Assim é lógico que ela assuma que somos nós os que tomamos represálias.

— Aye. Ninguém acreditaria que um humano é capaz de matar a um vampiro, — disse Angus franzindo o cenho. Era um mau momento. Não tinha tempo para ir atrás de um caçador humano, não quando Casimir estava aumentando seu exército transformando a assassinos e criminais em vampiros. Os vampiros-demônios deviam ser detidos antes que superassem em número aos bons e explodisse outra guerra. Não havia dúvida de que era exatamente por isso que os Malcontents estavam causando problemas agora. Queriam distrair a Angus e a seus homens de seu verdadeiro propósito.

— Olá meninos! — Gregori cruzou a porta aberta e entrou. — O que aconteceu? — O seu sorriso se desvaneceu enquanto estudava todas as caras. — Merda, parece que foram a um funeral. O que aconteceu, MacKay? Fez uma corrida em suas fantásticas meias?

— Chamam-se meias, — se queixou Angus. Gregori soprou.

— OH, isso é muito viril. Espera, já sei o que aconteceu. Pôs sua saia ao reverso e quando se sentou ai! O alfinete com forma de espada que leva se meteu em seu traseiro.

Angus arqueou uma sobrancelha ao Gregori e a seguir olhou ao Connor.

— Como pode ser que ainda não tenha matado a este?

Gregori piscou.

— Perdão?

Roman riu entre dentes enquanto procurava em uma gaveta do escritório.

— Escuta bem, depois me vou.

— Vai? — Perguntou Angus.

— Vou acompanhar a Shanna ao médico. — Pôs uma garrafa de cor âmbar avermelhado sobre o escritório. Tinha uma etiqueta de cor oro brilhante que dizia *Blissky*. - *Isto é para ti, Angus*. Começaremos a vendê-lo na próxima semana.

— Ah, bem. — Angus se levantou e recolheu a garrafa. Tinha estado esperando Roman para



terminar seu último gole do *Fusion Cuisine*. — Senti sua falta como o sabor do bom uísque escocês.

— Desfruta. — Roman se dirigiu à porta. — Gregori me fará saber o que decidistes.

Angus arrastou seus olhos da garrafa do *Blissky*. Por que a esposa humana de Roman ia ao médico de noite?

— Há algum problema com a gravidez?

— Não, tudo vai bem. — Disse Roman evitando olhar ao Angus. Idiota. Havia um problema.

O monge sempre tinha sido um péssimo mentiroso.

— Cara, deveria ver a Shanna. Juro-te que está enorme. — Gregori estendeu os braços o suficientemente amplos para indicar um hipopótamo. Roman clareou a garganta. Gregori fez uma careta. — Mas ela segue tão encantada como sempre.

Roman sorriu fracamente.

— Falarei contigo mais tarde, Gregori. E obrigado, Angus, por nos ajudar a encontrar ao caçador.

Angus lhe devolveu o sorriso.

— Já me conhecem, sempre estou preparado para uma boa caçada. — Quando Roman fechou a porta, voltou-se para o Connor e Gregori. — Muito bem, vós dois. O que acontece com a gravidez?

— Nada. — Connor dirigiu ao Gregori um olhar de advertência.

— Sim, claro. — Gregori rodou seus olhos, e logo deu volta ao escritório para sentar-se na cadeira do Roman. Angus franziu o cenho enquanto abria a garrafa do *Blissky*. Tiraria a verdade ao Gregori mais tarde.

— Voltemos ao trabalho, — disse Connor deixando cair a pasta sobre o escritório. - Estes são os perfis e as fotos dos membros da Equipe Estacar, exceto o de Austin Erikson, que trabalha para nós.

Angus desentupiu a garrafa e foi recompensado com o aroma do fino uísque escocês.

— Talvez Austin saiba quem é o caçador.

Connor fez uma careta.

— Sim, sabe. O verão passado me disse que o tinha convencido para que parasse.

— Maldito seja! Disse-te quem era?

— Não. — Suspirou Connor. — Deveria tê-lo pressionado mais. Poderia chamá-lo agora, mas ele e Darcy estão na Hungria encobertos, procurando Casimir.

— Bastardo, — murmurou Angus, e logo bebeu alguns goles do *Blissky*. A mescla de sangue sintético e uísque lhe queimou a garganta, tecendo uma pista de fogo até seu ventre, e deixou um gosto defumado na língua. Fechou a garrafa. — Ouch, que bom está.

— Cheira bem. — Gregori agarrou a garrafa. Angus lhe a tirou e se sentou sobre o escritório. Connor sorriu ao abrir a pasta.

— Uma destas quatro pessoas é o caçador.

Gregori agarrou o primeiro perfil.



— Este é Whelan. Buu. Aposto que é ele.

— É certo que Whelan nos odeia, sobre tudo depois que sua filha se casou com o Roman, — disse Connor recuperando o perfil das mãos do Gregori. — Mas Austin protegeu a identidade do assassino de nós e não acredito que tenha a necessidade de fazer isso com seu ex-chefe depois que o pôs na lista negra.

Angus saboreou outro gole do *Blissky*.

— Não é Whelan. O homem não tem bolas para isso.

Connor lhe entregou o seguinte perfil.

— Este é do Manning Garrett.

— Whoa!— Gregori ficou de pé, assinalando a foto de Garrett. — Esse tipo estava no reality show do verão passado. — Olhou atônito ao Connor. — Disse-me que Austin se fez passar por um concorrente, mas não disse nada a respeito deste tipo.

Connor encolheu os ombros.

— Não havia nenhuma razão para lhe contar isso.

— Aye. — Angus assentiu com a cabeça. — Não é o suficientemente importante para saber de tudo.

Gregori fez uma careta.

— Vai-te a merda.

Connor riu entre dentes.

— Tenho sérias dúvidas que Garrett seja o caçador. Tem muito pouco poder psíquico, e estava muito ocupado fazendo o reality show o verão passado, quando ocorreram os primeiros assassinatos.

— Bom quem está aqui? — Gregori deixou a foto do Garrett. — Whoa, uma neném.

— Sim. — Connor assentiu com a cabeça. — As duas últimas são mulheres.

— Uma mulher humana matando vampiros machos? Não é possível.

Gregori riu.

— Tanto para sua teoria sobre a necessidade de bolas. — Apropriou-se da garrafa do *Blissky*. Angus se pôs de pé, lhe tirando a garrafa. Connor lhe passou o seguinte perfil.

— Uma caçadora fêmea explicaria a necessidade de Austin de protegê-la.

— Merda, baby. É boa. — Gregori agarrou a foto. Angus estudou o perfil da Alyssa Barnett. Energia psíquica: cinco. Era completamente nova na CIA. Não tinha experiência sobre o terreno antes de entrar na Equipe Estacar.

— Ela não é o caçador.

— Enganador. — Gregori deixou a foto e agarrou o seguinte perfil. — Que tal este? Emma Wallace.

Angus ficou rígido.

— Wallace?

— Quer dizer como Braveheart<sup>3</sup>? — Gregori abriu muito os olhos. — Ei, vocês se

<sup>3</sup> Referente ao filme Coração Valente.



conheceram?

Connor soltou um bufo.

— O pobre homem foi executado muito antes que nascêssemos. — Voltou-se para o Angus.  
— É um nome comum nestes dias.

— É o nome de um guerreiro. — Angus tirou perfil ao Gregori. Energia psíquica: sete. Cinturão negro em vários estilos de artes marciais. Treinada pelo MI6 em antiterrorismo. Seu coração começou a pulsar com força. Poderia ser verdade? Poderia o caçador ser uma mulher?

— Doce, — Gregori virtualmente babava sobre a foto.

Angus deixou a garrafa e puxou a foto que Gregori tinha nos seus dedos. Seu coração gaguejou e se lançou para a sua garganta. Não era de admirar que Gregori ofegasse como um cão de caça. Tinha uma pele pálida que contrastava com seu cabelo castanho. Seus olhos eram de um marrom dourado que brilhavam como o âmbar. Havia uma aguda inteligência em seus olhos. Uma forte vontade. Uma paixão feroz que a marcava como um guerreiro.

— É ela, — sussurrou. Connor negou com a cabeça.

— Não podemos estar seguros que seja a caçadora até que a capturemos com as mãos na massa.

Angus deixou a foto. Seus olhos pareciam segui-lo, chamando-o.

— Vamos agarrá-la. Esta noite. Connor, você te encarrega da metade norte do parque. Eu da metade sul.

— Eu vou. — Gregori tomou um gole da garrafa do Angus. — Posso detectar a uma menina quente a uma milha de distância.

— Hei! — Angus agarrou sua garrafa. Tinha estado tão atento à foto da senhorita Wallace que não se deu conta que Gregori a tinha pegado. — E o que fará quando uma caçadora cinturão negro te dê golpes e saque sua estaca de madeira?

— OH, vamos, colega. — Gregori ajustou a gravata. — Nenhuma mulher quer matar a um homem bonito, forte e bem vestido.

— Angus tem razão. — Connor reuniu os perfis e as fotos e fechou a pasta. — Não está preparado para lutar contra uma caçadora. Ficará aqui e dirá ao Roman o que decidimos.

— Maldito seja. — Gregori puxou do punho de sua camisa. — Não é justo.

Angus tirou um frasco de estanho de seu Sporrán, uma espécie de bolso que levam as saias escocesas, e o encheu do Blisky.

— Será uma longa noite. Isto me manterá quente.

— Vou buscar minha Claymore, e podemos ir. — Connor se dirigiu para a porta.

— Um momento. — Gregori torceu a boca. — Vocês dois, meninos, vão ao Central Park, a meio da noite, vestidos com saias? — Pôs-se a rir. — Ninguém vai acreditar que estão procurando uma mulher.

Angus olhou seu kilt<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O kilt é a vestimenta mais típica da Escócia. É composto por uma saia, mas tem a particularidade de que são os homens que a usam; (atualmente utilizado apenas para ocasiões especiais como casamentos, convenções, etc.) A diferença de cor do kilt é para

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Nego-me a pôr umas calças.

Gregori soprou.

— Quer dizer que tem algumas?

— Não se preocupe, — disse Connor deixando descansar uma mão no pomo da porta. —

Hoje é o dia de são Patrício. A cidade está cheia de homens com saias escocesas. Ninguém nos olhará duas vezes.

— O que vai fazer se a encontra? — Perguntou Gregori.

— Ter um bate-papo com ela, — respondeu Connor enquanto saía do escritório.

Angus recordou os olhos cor uísque de Emma Wallace e sua boca embriagadora. Estaria muito tentado a fazer algo mais que falar. Sorriu enquanto fazia rodar o plugue da cigarreira. Que comece a caçada. Pendurou sua Claymore as costas e se dirigiu para a porta.

— Bem, se insiste, vou ficar por aqui. — Gregori tomou a garrafa que Angus tinha deixado sobre o escritório. — Vou guardar isto para ti até que retorne.

Emma Wallace pisoteou a erva em silêncio. O ar frio se sentia bem enquanto estava caminhando, mas quando se agachou atrás de uma árvore durante muito momento, as pernas lhe ficaram rígidas. Esta parte do Central Park estava morta, inclusive muito morta para os não mortos. Tempo de seguir adiante. Pendurou em seu ombro sua bolsa de lona e desfrutou do som reconfortante das estacas de madeira chocando entre si estrepitosamente. Saiu de seu esconderijo e se deslizou da encosta acentuada para o caminho de ladrilhos em baixo. Seu movimento surpreendeu a algumas aves de uma árvore próxima. Grasnaram, batendo o ar com um barulho que ecoou na escuridão.

Emma esperou, camuflada facilmente nas sombras de uma árvore com suas calças e sua jaqueta negras. Tudo estava em silêncio uma vez mais. Era difícil de acreditar que a poucos passos poderia chegar às ruidosas avenidas onde as celebrações de depois do desfile continuavam ainda. Talvez por isso o parque estivesse tão silencioso. Os vampiros poderiam estar de caça nas ruas. Após um longo dia de cerveja verde e uísque, os festeiros não recordariam de nada.

Perto do caminho de acesso de ladrilhos a luz era mais clara. Mais brilhante. Pôde distinguir as distintas árvores e arbustos. Moveu-se em silêncio pelo caminho e olhou à lua. As nuvens se afastaram, deixando o astro brilhante e resplandecente.

Um ligeiro movimento chamou a atenção de seus olhos. Ao sul, uma figura solitária estava no topo de um enorme penhasco de granito. Estava de costas para ela. Farrapos de nuvens fluuavam em volta dele, movendo seu kilt. A luz da lua brilhava sobre seu cabelo de cor vermelha escura. A névoa formava redemoinhos a seu redor, fazendo-o parecer etéreo. Igual ao fantasma de um guerreiro das Terras Altas.

Emma suspirou. Isso é o que o mundo mais necessitava hoje em dia, guerreiros valentes dispostos a lutar contra o mal.

---

*diferenciar os diferentes clãs da região das Highlands. O design particular de cada tipo de gráfico (para cada clã) é chamado de tartan.*

**\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\***



Às vezes se sentia enormemente superada em número pelas criaturas da noite. Por isso sabia, ela era a única caçadora de vampiros que existia. Não é que culpasse a ninguém por isso. A maioria da gente não sabia nada dos vampiros. Mas culpava a seu débil e ineficaz chefe. Sean Whelan tinha medo de enfrentar na batalha a sua pequena equipa de quatro contra um grupo de vampiros, por isso os tinha atribuído só para observar e investigar.

Observar não era suficiente para a Emma. Não desde aquela horrível noite de seis anos atrás. Negou-se a pensar nisso. Tinha encontrado uma solução muito melhor que o luto. O truque para matar os vampiros era encontrar algum solitário alimentando-se, apanhá-lo de surpresa lhe cravando uma estaca rapidamente através do coração. Com cada vampiro que ela convertia em pó, estava um passo mais perto de encontrar a paz.

Acariciou a bolsa de estacas. Com um marcador permanente tinha escrito papai na metade delas e mamãe na outra metade. As estacas estavam funcionando à maravilha, e o número de mortos tinham aumentado a quatro. O número nunca poderia ser o suficientemente alto.

Olhou de novo ao homem com o kilt que estava de pé na rocha de granito. Quando tinham desaparecido todos os homens valentes? Ferozes guerreiros que podiam confrontar sozinhos o perigo.

A névoa se afastou, abandonando a forma do homem perfilado na prateada luz da lua. Sua respiração se deteve. Foi impressionante. Seus largos ombros encheram o suéter negro que levava. Seu kilt revoava ligeiramente na brisa, revelando as coxas fortes e musculosas. Meu Deus. Seria um grande guerreiro. Forte e implacável na batalha.

De repente se inclinou, agarrou o bordo de seu kilt, e olhou por debaixo. Logo deixou cair o kilt e procurou algo por debaixo de sua cintura. Emma estremeceu. Estava tocando-se? Levantou algo à boca e bebeu. A luz da lua se refletia no metal. Uma cigareira. Estupendo. Era um pervertido e um bêbado. Com um suspiro, voltou-se para o norte e se afastou.

Que tola perda de tempo, fantasiar a respeito de um valente guerreiro das Terras Altas! Deveria ter sabido que não era mais que um dos milhares de homens com kilt e alto consumo de licor que vagavam pela cidade depois do desfile. Além disso, em sua linha de trabalho não podia permitir o luxo de ficar sentimental. O inimigo era implacável.

Scrunch. Emma se deteve e escutou. O caminho de acesso se curvava à esquerda e ficava fora da vista, mas podia escutar o som de uns passos arrastando os pés através das folhas mortas. Lançou-se para a esquerda e se escondeu detrás de uma árvore. Os passos se aproximavam.

Um homem só ficou à vista. Emma ficou sem fôlego. Levava uma larga gabardina negra. O vampiro que ela tinha matado a noite anterior tinha uma igual. Talvez todos faziam as compras na mesma loja, Vampires"R"Us. Deixou a bolsa no chão e tirou uma estaca.

Ele se aproximou. Seria mais fácil de matar enquanto estava a alimentar-se, mas não havia vítimas perto. Emma deslizou a estaca no cinturão atrás de suas costas. Atrairia-o usando-se a ela mesma de presa. Passeou pelo caminho e lhe dirigiu um olhar inocente.

— Acredito que me perdi. Sabe a maneira de sair do parque?

O homem se deteve e sorriu.



— Tinha a esperança de encontrar a alguém como você.

Bem, alguém que busca alimentar-se. Maldita sanguessuga. Emma assentou sua postura para não perder o equilíbrio quando atacasse. Ela alcançou a estaca atrás de suas costas e enroscou sua mão nela.

— Estou preparada se você o estiver.

— Ok!

O homem desatou o cinturão de sua gabardina. Foi então que Emma notou as panturrilhas peludas por debaixo da prega da jaqueta. Meu Deus. Não levava calças.

— Serve!

O homem tinha aberto completamente sua gabardina. Merda! Não levava nenhuma roupa. Ela fez uma careta. Só sua sorte podia levá-la a topiar-se com um exibicionista ao sair a caçar vampiros.

— O que te parece? — O homem se acariciou. — Muito impressionante né?

— Desculpe-me um momento. — Soltou a estaca e agarrou o móvel de seu cinturão. Chamaria à polícia para que passassem a recolher a este tipo antes que fizesse que alguma pobre mulher tivesse um ataque de coração.

— OH! É um desses telefones com câmara? — O exibicionista sorriu. — Boa ideia! Poderia metê-la na Internet? Aqui, vou dar meu melhor perfil. — Ficou de lado para que sua ereção se destacasse.

— Fantástico! Só essa, mantém a pose. — Emma abriu seu móvel. Uma sombra escura tapou sua vista. Imediatamente alcançou suas costas. Falso alarme. Soltou a estaca. Não era um vampiro. Mesmo assim, seu coração se acelerou, pois frente a ela estava o homem do kilt.

## Capítulo 2

De perto era inclusive mais impressionante. Emma se esbofeteou mentalmente quando se deu conta que estava ante ele surpreendida. Como foi esquecer que tinha estado procurando sob sua saia escocesa fazia poucos minutos? Por que os homens estão tão obcecados com sua equipe? Anotou ao exibicionista como evidência número um.

Ela olhou por cima do ombro. Ele ainda estava ali. Seguiam expostos. Mas a chegada da séria competência masculina lhe tinha deixado um pouco... Desinflado.

— Precisa ajuda, senhorita?

O suave murmúrio do homem do kilt acariciou seus nervos como a brisa das Terras Altas agitava uma ladeira de urzes. Trouxe-lhe lembranças de tempos mais felizes quando sua família estavam vivos e bem, vivendo na Escócia. Ela franziu o cenho. Não podia permitir-se boas lembranças. Não até que tivessem sido totalmente vingados.

— Este homem está-a incomodando? — Continuou o escocês. Seus olhos eram de um verde vibrante e brilhavam com inteligência e algo mais que ela não podia situar. Curiosidade?

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Talvez, mas um pouco mais audaz. Parecia estar procurando algo. Emma levantou o queixo.

— Posso dirigi-lo, obrigado.

O exibicionista riu.

— Hei carinho, quer-me dirigir?

Ela fez uma careta. Má escolha de palavras. A tela de seu móvel se apagou, por isso o acendeu e pulsou o nove. O homem do kilt deu um passo para o exibicionista.

— Sugiro-lhe que deixe a lass<sup>5</sup> em paz.

— Ela estava me falando primeiro, — grunhiu o exibicionista. — Assim te largue, amigo.

Emma gemeu para si mesma. Justo o que necessitava. Um bêbado escocês e um exibicionista discutindo por ela. Marcou o um.

— Ouch, que grosseiro por minha parte interromper. Especialmente a ti, um magnífico, honesto e respeitável modelo de boas maneiras e decoro. — O escocês arqueou uma sobrancelha com um olhar cético. — Ao fim e ao cabo, aqui está, te pavoneando pelo parque com seu pequeno Willie<sup>6</sup> brando.

— Não está brando! Está duro como uma rocha. — O exibicionista baixou seu olhar. — Bom, estava-o até que apareceu. — Começou a esfregar-se. — Não se preocupe neném, voltará a estar completamente em forma antes que te dê conta.

— Por minha parte não há pressa. — Fechou o telefone com um estalo e trocou de ideia a respeito de chamar à polícia. Se tivesse que ficar para fazer a declaração já não poderia ir à caça. Guardou o telefone na capa de seu cinturão. — Tenho que ir. Esqueci-me de dar de comer ao gato. — Provavelmente porque não tinha gato.

— Espera! — Gritou o exibicionista. — Não fez minha foto.

— Asseguro-lhe que esta imagem ficará permanentemente gravada com fogo em meu cérebro.

O escocês riu entre dentes.

— Adiante, moço! Ninguém quer ver seu pequeno Willie.

— Pequeno? Chamas pequeno a este... A este pedaço de caminhão Mack? De certeza que é maior que o teu, amigo!

O escocês cruzou os braços por seu amplo peito e alargou sua postura.

— Essa é uma aposta que perderia.

— Ah, sim? Demonstra-o!

— OH, vamos, moços. — Emma levantou as mãos para detê-los. — Realmente não é necessário ver a... — Mordeu-se o lábio e baixou a mão. E o quê se o magnífico escocês levantava a saia escocesa? Já o tinha feito uma vez esta noite, e quem era ela para detê-lo? Estamos em um país livre, depois de tudo. Seu olhar se desviou para sua saia.

— O que estava dizendo?

Olhou-lhe à cara. As comissuras de seus lábios se curvaram. Seus olhos verdes brilhavam

---

<sup>5</sup> Menina

<sup>6</sup> Refere-se ao pênis

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



com humor. OH, não! Suspeitava que tivesse a secreta esperança de ver um espetáculo erótico. Suas bochechas se alagaram de calor.

— O que está esperando, escocês? — Sorriu o exibicionista. Tinha alcançado proporções impressionantes e estava, sem dúvida, antecipando uma vitória igualmente considerável. Emma pensou que ganharia por uma cabeça. — A formosa dama pode ser nosso juiz, — anunciou o exibicionista. Ela deu um passo atrás, sacudindo a cabeça.

— Realmente não me sinto qualificada. — Ou particularmente honrada.

— Não se preocupe neném. Vim preparado. — O exibicionista tirou algo redondo, prateado e brilhante de seu bolso impermeável. — Tudo o que tem que fazer é medir qual de nós a deixa mais larga.

O escocês arqueou uma sobrancelha.

— Trouxeste uma cinta métrica?

— É óbvio. — Soprou o exibicionista. — Mantenho um jornal, e quero que seja o mais preciso possível. — Ele plantou seus punhos nos quadris. — Tomo isto a sério, já sabe.

— Fantástico, — murmurou Emma. — Bons, moços, foram... Divertidos, mas tenho que ir. Se sintam livres de vos medirem a vós mesmos. — Voltou-se para a árvore onde deixara a sua bolsa.

— Não! — Gritou o exibicionista.

Seu treinamento lhe tinha ensinado a forma de antecipar um ataque. Como interpretar a agitação do ar a suas costas? Logo que o exibicionista tentou agarrá-la, saltou fora de seu alcance e assumiu sua posição de ataque favorita. Seu tempo de reação tinha sido tão veloz como sempre, mas não tão rápida como a do escocês. Em um só segundo, ele alcançou detrás da sua cabeça, tirado uma espada, e apontando com ela o pescoço do exibicionista.

Emma congelou com um suspiro. Tinha uma espada? E não qualquer espada. Esta espada era enorme. O exibicionista se deteve, os olhos muito abertos pelo medo. Tragou saliva e se murchou rapidamente.

— Você disse que a minha era mais larga, — grunhiu o escocês. — Faz um movimento para a lass de novo e vou converter seus centímetros em milímetros.

— Não me faça mal. — O exibicionista se afastou, fechando seu casaco. O escocês avançou sua espada até apenas a centímetros da flutuante maçã do Adão do exibicionista.

— Sugiro-te que a partir de agora te lembre de usar roupa interior.

— Claro. O que você diga, homem.

— Nos deixe.

O exibicionista escorregou, desaparecendo depois da curva. O escocês levantou a espada sobre sua cabeça para que pudesse voltar a cair em sua bainha. A larga folha fez um suave ruído de raspagem, deslizando-se em casa. Emma se distraiu momentaneamente pelo vulto de seus bíceps, mas logo recuperou o sentido comum.

— O que está fazendo com uma espada?

— Chama-se Claymore. — Voltou-se para ela. — Não se preocupe. Está a salvo agora.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Tenho-me que sentir segura com um estranho que leva uma arma gigantesca?

Ele sorriu lentamente.

— Você disse que a minha era maior.

Que típica arrogância masculina.

— Referia-me à espada. Não a seu pequeno Willie.

Lançou-lhe um olhar ferido.

— Se for insultar meu tamanho, terei que me defender te oferecendo uma prova.

— Nem te ocorra.

— É uma questão de honra. — Torceu sua boca. — E eu sou um homem muito honorável.

— Mas bem bêbado, diria eu. Posso cheirar o uísque em seu fôlego.

Seus olhos se aumentaram pela surpresa.

— Tomei um copito ou dois, mas não sou um bêbado. — Se aproximou, baixando a voz. — Admite-o, lass. Estava esperando um passe privado.

— Ha! De todos os... Vou agora. Boa noite. — Dirigiu-se para a árvore para recolher a sua bolsa. A ira-lhe formou redemoinhos. E a vergonha. Treinou-se muito para distrair-se com avultados bíceps ou com largos peitorais. Ou com magníficos olhos verdes.

— Devo-lhe uma desculpa. — Ela pendurou a bolsa em seu ombro, fazendo caso omisso dele. — Não falo das partes íntimas, não até ter entrado primeiro.

Ela reprimiu um sorriso. Este homem tinha algo muito atrativo. Talvez seu acento e a saia escocesa-lhe fazia sentir nostalgia. Só fazia nove meses que tinha chegado aos Estados Unidos. Olhou-o e seu suave sorriso puxou seu coração. Precisava ir-se dali. Tirou a estaca do cinturão e a deixou cair na bolsa. Seus nervos se estremeceram. Cada fibra consciente que a estava observando de perto. O instinto-lhe dizia que se partisse, mas a curiosidade foi mais forte. Quem era este homem? E por que levava uma espada?

— Suponho que veio à cidade para o desfile?

Uma pausa.

— Cheguei hoje.

— Por prazer ou por negócios?

A comissura de sua boca se curvou para cima.

— Sente curiosidade por mim, lass?

Ela se encolheu de ombros.

— Curiosidade profissional. Aplicar a lei eis meu trabalho, assim tenho que te perguntar por que está levando uma arma letal.

Seu sorriso se fez mais amplo.

— Possivelmente deveria me desarmar.

Ela levantou o queixo.

— Não te equivoque. Poderia fazê-lo se fosse necessário.

— E como fará isso? — Apontou a sua bolsa. — Guardará minha Claymore junto a esses pequenos palitos?



Ela não estava disposta a explicar por que levava estacas de madeira. Assim cruzou os braços sobre seu peito e trocou de tema.

— Como conseguiu colocar a espada em um avião? Ou passá-la pela alfândega?

Imitou seu movimento, cruzando os braços sobre seu peito.

— Por que está vagando pelo parque sozinha?

Ela encolheu de ombros.

— Eu gosto de correr. Agora é seu turno de responder.

— Ninguém te há dito que é perigoso correr levando um pau bicudo?

— É para me proteger. E segue sendo seu turno de responder. Por que leva uma arma?

— Para minha proteção. Assim afugento aos pequenos homens.

— Um forte vaio o teria afugentado igual.

Ele sorriu.

— Acredito que tem razão.

Mordeu-se os lábios para não sorrir de novo. O maldito homem era enervante e atrativo ao mesmo tempo. E ainda não tinha respondido a sua pergunta.

— Estava a ponto de me dizer por que está vagando pelo Central Park com uma espada.

— Chama-se Claymore. E eu gosto de tê-la à mão sempre.

Uma imagem revoou por sua cabeça, do escocês nu na cama com sua grande arma. E a espada.

— Não vejo porque necessita da Claymore. O seu musculoso aspecto é suficiente para te manter a salvo.

— Que amável por sua parte te dar conta.

*Dar-se conta?* Estava fazendo muito mais que isso. Seu cérebro estava ocupado despindo-o, e se os cintilantes olhos do pilantra dessem alguma indicação, teria imaginado que estava desfrutando da vista. Seu olhar se aventurou outra vez para baixo, passando por sua saia a quadros azuis e verdes, e esta vez, deu-se conta do punho de uma faca que aparecia pelo bordo de suas meias. Seu coração se acelerou mais rápido. O homem estava cheio de armas. Talvez devesse o revistar. Talvez devesse chamar primeiro aos paramédicos.

— Tem nome?

— Aye.

Ela arqueou as sobrancelhas esperando uma resposta, mas ele se limitou a sorrir. Que enervante.

— Me deixe adivinhar. É Conan o Bárbaro?

Ele se pôs a rir.

— Meu nome é Angus.

Como a carne escocesa<sup>7</sup>? Deveria havê-lo sabido.

— Tem sobrenome?

— Aye.

---

<sup>7</sup> O Angus (Aberdeen Angus) é uma raça de bovinos para produção de carne, nativos da Escócia.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Ele abriu a bolsa de couro que estava pendurada no seu cinturão. Ela deu um passo atrás, perguntando-se se levava uma arma oculta.

— O que tem aí? — Olhou seu Sporrán muito gasto como se o utilizasse todos os dias.

— Não se preocupe lass. Estou procurando um cartão-de-visita. — Tirou a cigarreira que tinha visto antes para poder mexer no resto do conteúdo da bolsa de couro marrom. Ela cruzou os braços enquanto esperava.

— Cada vez que necessita algo, está no fundo. Tenho o mesmo problema com minha bolsa. Disparou-lhe um olhar irritado.

— Isto não é uma bolsa. É uma elegante e masculina tradição escocesa.

Aah. Ela tinha encontrado um ponto fraco. Lançou lhe um olhar de Bambi com os olhos abertos.

— Me parece uma bolsa.

Ele apertou os dentes.

— Chama-se sporrán.

Mordeu-se o lábio para não rir. Não era estranho que encontrasse atraente a este tipo. Ele a tinha feito sorrir, e tinha passado muito tempo desde que tinha sido feliz e brincalhona. Sua missão dominava sua vida, e tinha que tomá-la a sério. O inimigo era mortal.

— Então, que guardas aí? Além disso, do uísque. Tem alguma rabanada ou sobras de haggis<sup>8</sup>?

— Muito engraçada, — grunhiu ele, embora tivesse a boca encrespada em outro sorriso. — Se quer sabê-lo, levo um telefone móvel, um cilindro de cinta adesiva...

— *Cinta adesiva?*

— Não goze da cinta adesiva de um homem. É muito útil para atar os pulsos e os tornozelos.

— E por que quer atar a alguém? — Lhe lançou um olhar pormenorizado. — OH, pobrezinho. É tão difícil conseguir um encontro nestes dias?

Ele sorriu.

— Também vai bem para tapar uma boca insolente. — Seu olhar baixou a sua boca. E ficou ali. Seu sorriso se desvaneceu. Palpitou-lhe o coração. Ele voltou a olhá-la nos olhos com uma intensidade que deixou sem ar seus pulmões. Inclusive os dedos de seus pés se encolheram. Não era mais que um desejo em seus escuros olhos verdes. Ali havia uma aguda inteligência. Deu-se conta que ele não estava bêbado de tudo. De repente se sentiu tão exposta como o exibicionista. Ele se aproximou.

— E seu nome é...?

*Nome?* Meu Deus, a forma em que a estava olhando fazia que seu pulso disparasse a grande velocidade, mas seu cérebro com muita dificuldade seguia com vida. Mais potência aos motores,

---

<sup>8</sup> *Haggis é um prato tradicional da cozinha escocesa. A sua apresentação em banquetes reveste-se sempre de um caráter de pompa: é servido ao som das gaitas de foles e cortado com uma espada pelo alto dignitário da mesa. O haggis consiste num bucho de carneiro recheado com vísceras, ligadas com farinha de aveia. Difere dos maranhos portugueses pelo fato de o bucho ficar inteiro. O haggis lembra muito a buchada de bode, prato típico da culinária nordestina brasileira. Informação tirada neste link: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Haggis>*

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Scottie.

— Eu... Eu me chamo Emma. — Decidiu ir pelo seguro e dar somente seu nome de batismo. Ele tinha feito o mesmo.

— É um prazer te conhecer, — e com uma ligeira inclinação de cabeça, ofereceu-lhe um cartão-de-visita enrugado. As nuvens tinham coberto a lua uma vez mais, e ela não podia decifrar a letra pequena.

— Por acaso não levará uma tocha em seu sporran?

— Não. Vejo muito bem na escuridão. — Fez um gesto para o cartão. — Sou dono de uma pequena empresa de segurança.

— OH. — Ela deslizou o cartão num bolso das calças, para poder comprová-lo mais tarde. — É como um guarda-costas profissional?

— Necessita um? Uma lass que passeia pelo parque só de noite deveria ter um.

— Posso cuidar de mim mesma. — Ela acariciou a bolsa com as estacas. Ele franziu o cenho.

— Tem um método inusitado para te proteger.

— Como você. Como pode proteger a um cliente com uma arma assim? Não te ofenda, mas sua Claymore é um pouco antiquada.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Tenho outras habilidades.

Ela apostava que sim. Sua garganta estava seca. Ele deu um passo para ela.

— Eu poderia te fazer a mesma pergunta. Como pretende te proteger com um pequeno palito quando o atacante poderia levar uma arma de fogo ao... *Uma espada?*

Ela tragou saliva.

— Está-me desafiando?

— Prefiro não fazê-lo. Não seria uma briga justa.

Arrogância masculina, outra vez.

— Está-me subestimando?

Ele inclinou a cabeça, estudando-a.

— Pode ser que seja verdade. Poderia ver um de seus palitos?

Ela duvidou.

— Suponho.

Procurou em sua bolsa e lhe entregou uma estaca. Se ele tivesse alguma ideia divertida, poderia lhe chutar a mão em um segundo. Ele fechou o punho ao redor da estaca, examinando a de perto.

— É uma estaca de péssima qualidade.

— Não o é. Tive muito êxito com... — Fez uma careta. O pilantra quase lhe fez dizer demasiado. — Me parecem muito úteis.

— Como? — Ele deslizou um dedo pela ponta.

— Estão o suficientemente afiadas para me proporcionar ajuda.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Franziu o cenho ao girar a estaca.

— Aqui há algo escrito.

— Não é nada. — Ela tentou agarrar a estaca, mas ele deu um passo atrás. Seus olhos se arregalaram.

— Por *Mamãe*.

Emma estremeceu. Ele tinha uma boa visão noturna. E agora seus olhos se centraram nela, estudando-a. Ela tentou agarrar a estaca, apertando o punho. Deu um puxão, mas ele não a soltava.

— Por que escreveu o nome de sua mãe em uma estaca? — Sussurrou.

— Não é teu assunto. — Ela puxou bruscamente a estaca e a deixou cair de novo em sua bolsa.

— Ah, lass! — Sua voz era suave e cheia de compaixão. A ira explodiu em seu interior. Como se atrevia a abrir essa ferida? Ninguém lhe tinha dado permissão para romper seu escudo.

— Não tem direito...

— Você não tem direito a te pôr em perigo a ti mesma, — interrompeu-a com o cenho franzido. — Vagabundeia por este parque com apenas uns palitos para te proteger? É imprudente. Certamente há gente que te quer muito. Não aprovariam que arriscasse sua vida.

— Não! — Lhe assinalou com o dedo. — Não te atreva a me dar lições. Não sabe nada sobre mim.

— Eu gostaria de saber.

— Não! Ninguém me vai parar. — Girou sobre seus talões e se dirigiu para o caminho de ladrilhos. Maldito seja. Sim, houve gente que a queria muito, mas estavam todos mortos.

— Emma, — gritou atrás dela. — Se estiver aqui amanhã, encontrar-te-ei.

— Não conte com isso, — gritou sem olhar atrás. A ira se apoderou dela com cada passo que dava. Maldita seja! Ela tinha todo o direito de vingar os seus pais. Deveria ter lhe demonstrado quão dura era. Deveria tê-lo desarmado e prender os pulsos com sua própria maldita cinta adesiva. Reduziu seus passos, tentada de voltar atrás e lhe dar uma lição.

Olhou por cima do ombro. O caminho estava vazio. Onde tinha ido? Não parecia o tipo que se escapulia derrotado. Girou lentamente sobre si mesma. Ninguém à vista. Nenhum movimento entre as árvores. Uma brisa fresca fez voar uma mecha de cabelo até sua cara. Empurrou-o para trás e escutou. Não com seus ouvidos, a não ser com sua mente. Fez uma sondagem psíquica, procurando os pensamentos próximos de um cérebro.

Um calafrio repentino a fez tremer. Subiu o zíper e elevou o casaco até suas orelhas. Uma estranha sensação se apropriou de seu intestino. Não tinha escutado nenhum pensamento, mas definitivamente havia sentido uma presença. Alguém a estava observando.

Procurou uma estaca em sua bolsa. Ao menos só notava uma presença. Era Angus? Quem era ele exatamente? Logo que chegasse a casa investigaria.

A entrada do parque não estava muito longe. Cruzou a ponte de pedra e se aproximou do



lago. O escocês era francamente confuso. Magnífico e sexy, sem lugar para dúvidas. Tinha desfrutado falando com ele até que tinha começado a repreendê-la como se ela tivesse dois anos. O que possuía ele? No preciso momento em que agarrou a estaca com suas mãos, converteu-se em alguém grosseiro e arrogante. Por que um homem com uma enorme espada ficava tão tenso por uma estaca de madeira?

Deteve-se com uma sacudida. *Deus, não.*

Seu coração pulsou com força. Não, não ele. Não podia ser um vampiro. Ou sim? Girou sobre si mesma, olhando pelos arredores. Inclusive olhou para o lago, como se fosse sair dali e voar até ela.

*Acalma-te!* O homem não era um vampiro. Ela o teria sabido. Havê-lo-ia sentido. E ele a teria atacado. Em troca, tinha-lhe dado um sermão sobre sua segurança. Tinha cheirado o uísque em seu fôlego. Que vampiro bebe outra coisa que não seja sangue? E tinha bebido de uma cigarreira de prata. Tinha lido nos informes que a prata queimava sua pele.

OH, merda. Meses atrás, quando acabava de chegar, leu um relatório do passado verão, quando a Equipe Estacar tinha visto um montão de vampiros com a filha do chefe. Muitos dos vampiros que acompanhavam a Shanna Whelan levavam kilts. Vampiros escoceses. Todos armados com espadas. E só por que a garrafa do Angus era prateada não queria dizer que fosse de prata. Podia ser de aço inoxidável ou de estanho.

OH, Deus. Em realidade poderia ser um vampiro.

Merda. Deveria tê-lo desarmado enquanto teve a oportunidade. Emma se aproximou da entrada na esquina do parque e logo correu para as escadas da Quinta Avenida. Meu Deus, Angus tinha visto suas estacas. Tinha que saber que ela era a caçadora. Provavelmente o comunicaria ao resto dos vampiros.

Ficou paralisada, com a mão levantada para chamar um táxi. Os carros passavam a toda velocidade. As buzinas soaram ao longe. O clipe — clop dos cascos de um cavalo que atirava de uma carruagem aberta se aproximou lentamente. Todos os sons da cidade se converteram em borrões quando a verdade tomou forma na sua mente.

Angus sabia quem era ela. Suas noites de matar vampiros em segredo e anonimamente tinham terminado. Os vampiros queriam vingança. Queriam matá-la. Sua missão para vingar os seus pais tinha subido a outro nível.

Era a guerra.

### Capítulo 3

Que o partisse um maldito raio. Tinha fodido tudo magnificamente.

Angus observou a Emma cruzar a ponte de pedra com passo rápido e decidido. Em lugar de convencê-la para que se retirasse tinha feito que estivesse mais decidida que nunca a usar suas sangrentas estacas.



Roman e Jean — Luc tinham razão. Era muito impetuoso. Mas maldita seja, incomodava-lhe que uma garota tão jovem e encantadora ficasse em tanto perigo. Suspeitava que estava vingando algo mais que os inocentes humanos assassinados recentemente no Central Park. Estava vingando a sua mãe. Isso explicaria sua paixão e sua determinação, mas mesmo assim, seu comportamento era suicida. Era fazer algo estúpido e imprudente e, entretanto, não havia nada de estúpido ou descuidado na Emma Wallace.

Era inteligente e rápida. Tinha o suficiente poder psíquico para detectar sua presença, embora o tivesse arrumado para proteger dela seus pensamentos e sua localização. Nunca antes tinha tido que fazer isso com um humano, o que só era uma prova mais de quão especial era. Teve a esperança que raciocinar com ela seria suficiente, mas estava tão decidida que ia ser difícil convencê-la. Teria que imobilizá-la no chão só para obrigá-la a escutar.

A ideia de tê-la deitada debaixo dele o fez ficar duro. Filho de puta. Olhou seu esporran, que agora pendurava torcido. Não podia voltar para casa do Roman com uma ereção. Burlar-se-iam dele durante o próximo século.

Viu-a correr pelas escadas da Quinta Avenida. Moveu-se em silêncio até a rua, o suficientemente longe embora ainda podia vê-la graças a sua vista superior. Parou um táxi e um olhar de preocupação danou seu bonito rosto. Bem. Já era hora que se desse conta que estava jogando com fogo.

Tinha que fazer algo. Se os Malcontents conseguiram apanhá-la com as mãos na massa, matá-la-iam no ato sem um segundo de remorso. Para eles, nenhum humano era mais que uma fonte de alimento, um rebanho de gado. Os vampiros eram mais rápidos e mais fortes do que qualquer mortal poderia chegar a ser. A garota estava condenada se a não conseguisse deter.

Viu-a deixar-se cair no assento traseiro de um táxi com um movimento gracioso e controlado. Tão formosa. E surpreendente. Matou três o verão passado e um mais esta primavera. Devia ser uma pequena lutadora feroz. Se só pudesse dirigir essa paixão para outra parte...

Sua virilha pulsava. Filho de puta. Mais de quinhentos anos e ali estava reagindo como um adolescente brincalhão. Não sabia se estava molesto ou aliviado. Fazia tanto tempo que não se excitou que tinha começado a suspeitar que estava mais morto que vivo, uma teoria que tinha dado sentido a sua circunstância.

Com um suspiro, dirigiu-se para a casa do Roman no Upper East Side. Tele transportar-se seria mais rápido que caminhar, mas queria tempo para pensar. E tempo para que o vulto debaixo de sua saia desaparecesse.

Por que não reagia assim entre sua própria espécie? Havia um montão de mulheres Vamps disponíveis, incluídas as de seu próprio harém. Eram suficientemente bonitas, mas exigentes e vaidosas de uma maneira choronas e dependentes. Emma era completamente diferente. Inteligente, independente, audaz. Tinha todas as qualidades que mais admirava em um homem. Inclusive era um guerreiro.

Com uma pequena espetada de surpresa se deu conta que ela era como ele. Bom, não. Ela era muito mais jovem. E muito mais viva. E também tinha um formoso corpo de mulher.



Entretanto, sua atração era muito mais que física. Ela era um guerreiro como ele, que lutava contra o mal a altas horas da noite. Compartilhavam a necessidade de proteger ao inocente. Sob suas óbvias diferenças, eram almas gêmeas. Se conseguisse lhe fazer ver que poderiam ser aliados em lugar de inimigos.

Girou na Rua do Roman e se aproximou da casa. As janelas estavam escuras agora que o harém do Roman se foi e vivia no White Plains com sua esposa humana. Agora os únicos habitantes eram Connor e dois guardas de segurança Vamps. Ian custodiava a casa enquanto Dougal vigiava Romatech.

Angus sempre ficava em casa do Roman quando estava em Nova Iorque. Os dormitórios estavam equipados com persianas de alumínio para manter a salvo aos ocupantes durante o dia. E os guardas diurnos eram de absoluta confiança. Trabalhavam para MacKay Security And Investigation.

Sem dúvida, Emma Wallace investigaria sua companhia logo que lesse seu cartão-de-visita. Provavelmente descobriria que era um não morto. Isso estava certo. Não queria nenhum segredo entre eles. Queria que aprendesse a confiar nele.

Tinha previsto investigá-la a ela também. Se souber tudo sobre a Emma Wallace poderia descobrir a melhor maneira de conquistá-la. Guerra psicológica. Não tão simples como seus métodos habituais, mas neste caso o objetivo era incomum. Não podia simplesmente golpeá-la na cabeça com sua Claymore. Teria que ser mais sutil. Mas... Sedutor.

Sorriu para si mesmo. Que comece a batalha.

Olhou a seu redor enquanto subia os degraus da casa. A rua estava vazia e silenciosa. Esta era a oportunidade perfeita para pôr a prova o sistema de alarme que tinha instalado fazia uns meses. Desde que Roman se havia teletransportado diretamente à guarida do Aquelarre russo, Angus tinha se preocupado de que os russos tentassem uma manobra similar.

Comprovou uma vez mais que a rua estava vazia e logo se teletransportou para o vestíbulo escuro. Logo que seu corpo se materializou se ativou um alarme, com um assobio em uma frequência tão alta que só os cães e os vampiros podiam detectá-lo.

Imediatamente a porta da cozinha se abriu, e uma figura voou para ele a velocidade vampírica. A figura imprecisa se deteve, revelando ao Ian, seu kilt formando redemoinhos sobre os joelhos e sua adaga apontando ao pescoço do Angus.

— Ah, é você. — Colocou a adaga em sua bainha nas meias. — Quase te espeto.

Angus deu umas palmadas nas costas do vampiro de aspecto juvenil.

— É tão rápido como sempre, moço. É bom verte de novo. — Se aproximou do painel de controlo junto à porta para apagar o alarme. — Se tivesse estado no monitor, ter-me-ia visto chegar pelas escadas e não te teria surpreendido.

Ian baixou a cabeça, muito envergonhado por não ter estado em seu posto.

— Estava na cozinha. Temos companhia.

— Quem?

Angus dirigiu seus passos para a escada da cozinha, onde podia ver um raio de luz por



debaixo da porta. Empurrou a porta de vaivém e parou ao ver Gregori sentado à mesa da cozinha, bebendo sua garrafa do *Blissky*. Angus entrou na cozinha.

— O que está fazendo aqui, interferindo nos deveres do Ian? Ainda deveria estar no Romatech.

Gregori fez uma careta.

— Não poderia ser mais amistoso? Roman esperava que lhe desse um relatório sobre o assassino, mas nem você nem Connor retornaram. Além disso, te estou fazendo um favor, te devolvendo sua garrafa.

Angus agarrou a garrafa e a elevou à luz.

— Esta sangrenta coisa está meio vazia.

Gregori sorriu.

— Entendo-o. A *Blissky* é sangrenta. Bem. Está tratando de ser gracioso. — Seu sorriso se desvaneceu porque Angus seguia olhando-o furioso. — Muito bem, bebi um pouco. Mas prefiro pensar que está meio.

Angus baixou a garrafa quando Ian entrou na cozinha. Gregori fez um gesto para ele.

— Ele também bebeu.

Angus arqueou uma sobrancelha para o Ian.

— Só uma pequena gota, — insistiu Ian. — Sei que estou de serviço.

— Tem toda a razão. — Angus se mordeu o lábio para evitar sorrir. A nova bebida Fusão do Roman ia ser muito popular. — Pode chamar o Connor e lhe fazer saber que estou aqui? — Fez um gesto com a cabeça para o Ian para que saísse da cozinha.

— É óbvio. — Ian agarrou o telefone móvel que estava em cima da bancada da cozinha e saiu ao vestíbulo de novo.

— Portanto, grandalhão, está preparado para dar o relatório? — Gregori se encurvou na cadeira. — Encontrei ao assassino? Era uma das duas nenéns quentes? — Agitou suas sobrancelhas. Angus olhou ao jovem vampiro.

— Poderia te perdoar que bebesse de meu *Blissky* se me contar o que passa com o pirralho.

— O que? Sprechen sie espanhol, amigo.

— O pirralho, o bebê. Quero saber o que acontece com ele.

— OH! — O rosto de Gregori se voltou sério quando se inclinou para frente sobre seus cotovelos, — Bom, isso é um pouco pessoal.

— Como tuas bolas, guri, mas se as quer manter no sítio me dirá o que está passando.

— Merda! — Gregori lhe lançou um olhar incrédulo. — Deixa de tomar esteroides, cara.

— Não necessito drogas. Sou um filho de puta por natureza.

— Sim, já deu para perceber. — Gregori entrecerrou os olhos. — Não lhe fez mal à garota boa, verdade?

Angus sorriu. Começava a dar-se conta por que Roman gostava deste jovem vampiro.

— Vamos fazer uma coisa. Você me conta sobre o pirralho e eu te falo da garota boa.

Gregori assentiu lentamente.



— Trato feito.

Fez um gesto para a cadeira em frente. Angus pôs a Claymore sobre a mesa e a seguir, sentou-se.

— O pirralho está em perigo?

— Não sei. O doutor vampiro diz que está são.

— É um menino?

Gregori sorriu.

— Deveria ter visto a cara do Roman quando me disse isso. Estava muito orgulhoso.

— Então, qual é o problema? E não me minta, moço. Sempre posso falar, mas você não gostaria de me ver zangado.

Gregori pôs os olhos em branco.

— OH, estou tão assustado...

Angus sufocou um sorriso. Cruzou os braços sobre o peito e entrecerrou os olhos. Gregori suspirou.

— Está bem. Shanna mencionou há uns meses que o bebê parecia estar dormindo todo o dia e que passava toda a noite dando saltos mortais. Roman realmente se assustou.

Angus apoiou os cotovelos na mesa, diante de sua espada.

— Roman teme que o pirralho seja uma criatura da noite? É por isso que estão visitando um médico vampiro? Mas não usou Roman esperma humano vivo?

— Sim, mas apagou o DNA do doador e inseriu o seu.

— Assim que ele seria o pai. Não vejo o problema. — Angus olhou a um lado quando a porta da cozinha se abriu. Connor avançou para o interior, seguido pelo Ian.

— Espero que tenha tido mais sorte que eu. — Connor agarrou uma garrafa de sangue sintético da geladeira e a meteu no micro-ondas. — Percorri a parte norte de Central Park durante toda a noite e não vi mais que uns quantos casais fazendo amor.

— Maldito seja! Eu já sabia que deveria ter ido com você.

A sala ficou em silêncio exceto pelo zumbido do micro-ondas. Os três escoceses observaram ao Gregori em silêncio até que se ruborizou. Moveu-se inquieto em sua cadeira.

— Acredito que necessito uma noiva.

— Como todos, — murmurou Ian.

O micro-ondas soou e Connor tirou a garrafa de sangue.

— Antes de começar a queixar-se sobre amores perdidos, quero saber sobre a caçadora. Encontraste-a, Angus?

— A? — Repetiu Ian.

— Aye, encontrei-a. — Angus fez um gesto para Gregori. — Mas primeiro, este me estava contando sobre a cria de Roman.

Gregori olhou timidamente para Connor.

— Ele não queria falar sobre a caçadora até que eu não lhe revelasse o segredo.

Connor fez uma careta e depois tomou um comprido gole de sua garrafa.



— Roman queria mantê-lo em segredo.

Angus apertou os dentes.

— E não crê que eu sou capaz de guardar um segredo? Conheço mais segredos dos que te possa imaginar, Connor. E tenho que te recordar que trabalha para mim?

— Já sei, mas meu trabalho é proporcionar segurança ao Roman, e isso é exatamente o que estou fazendo.

— Me conte o problema, — insistiu Angus.

Com um suspiro, Connor se apoiou na mesa da cozinha.

— Depois de ter concebido o pirralho, Roman levou a cabo algumas provas para ver se podia transformar-se de novo em mortal.

Angus assentiu com a cabeça.

— O procedimento que usou com a Darcy Newhart. E o que?

— Roman descobriu que o procedimento só funciona se tiver uma amostra original do DNA do vampiro quando era humano, — continuou Connor. — Embora estudando nosso DNA, Roman descobriu algo mais... Estranho. Shanna já estava grávida dos espermatozoides com DNA do Roman.

— O que está tentando dizer? — Perguntou Angus. Connor tomou outro gole.

— Nosso DNA trocou. Uma mutação muito leve, mas mesmo assim, não é o mesmo que quando fomos humanos.

Angus tragou saliva.

— Então, o bebê do Roman...

— Poderia ser como nós. - Finalizou Connor. — E nós já não somos de tudo humanos.

Um calafrio percorreu a coluna vertebral de Angus. Não eram humano? Não era de estranhar que Roman estivesse nervoso. Como seria esse menino? Não um humano. Filho de puta.

— Está bem? — Perguntou Connor em voz baixa.

— Aye, — salvo que Gregori estava tamborilando com os dedos sobre a mesa e Angus encontrava o ruído muito molesto. Já não eram humanos. Como poderia convencer a Emma que ele era bom quando nem sequer era humano? Fechou os punhos com um repentino desejo de dar uma surra a alguém. Gregori seria perfeito. — Shanna sabe?

— Aye, — respondeu Connor. — Mas ela insiste em que não lhe importa que adora Roman e que querará a cria sem importar o que seja.

— É uma mulher estranha. — Angus franziu o cenho ao Gregori para que deixasse de fazer ruído. Funcionou. Gregori se inclinou para diante.

— Pode acreditar isso somos um grupo de mutantes! Como as Tartarugas Ninja!

Angus piscou.

— Nós... Somos... Como as tartarugas?

Gregori se pôs a rir. Ian negou com a cabeça, sorrindo. Connor soltou um bufo.

— Não. Temos DNA vampiro. Não de tartaruga.

— Sinto as dores! — Gregori se tornou para trás em sua cadeira, rindo-se. — Estava



preocupado, né?

Angus entrecerrou os olhos.

— Connor, se você não mata a este novato, fá-lo-ei eu. Está-o pedindo a gritos.

Ian tapou a boca para ocultar um sorriso. Connor simplesmente cruzou os braços e olhou aborrecido. Gregori se secou os olhos.

— Não me pode matar. Sou o vice-presidente de marketing do Romatech.

Angus levantou uma sobrancelha.

— Afirma que sua existência tem um propósito?

— Maldita seja! Vendo a Fusion Cuisine do Roman. Viu os anúncios na Digital Vampire Network? — Gregori sorriu com orgulho. — Os faço eu.

Angus tirou seu sgian dubh, a tradicional adaga escocesa, da bainha por debaixo da meia e estudou a afiada e letal faca.

— Não vejo muito a televisão. Estou muito ocupado matando.

O sorriso do Gregori se murchou.

— Merda, irmão. Busca um hobby. Compra uma saia nova. Encontra um pouco de alegria na vida.

Angus sorriu tristemente.

— Minha alegria é meu trabalho e quanto mais sangrento, melhor. — Olhou para Connor. — Quer ter você o prazer, ou o faço eu?

Connor torceu a boca. Gregori ficou em pé.

— Não pode me fazer dano. Roman me necessita para vender seus produtos.

— E se você deixar de fazer seus anúncios, os vampiros deixarão de beber os produtos de Roman e irão para a concorrência? — Perguntou Angus. Com o cenho franzido, Gregori se afrouxou a gravata.

— Não há concorrência. Roman é o único produtor de sangue sintético.

— Ah! — Angus deslizou um dedo pela folha do sgian dubh. — Já vê. Vi suficiente televisão para saber o término apropriado para a gente como você. É o que chamamos um membro totalmente dispensável.

Os olhos do Gregori se abriram.

— Não pode me fazer dano. Caio bem ao Roman.

Angus inclinou a cabeça.

— Está seguro disso, guri?

Connor riu entre dentes.

— Basta já de brincadeiras, Angus. Fale-me sobre a caçadora.

— Muito bem. — Angus deslizou o seu sgian dubh de novo na sua bainha. Sorriu ao Connor e Ian, ambos também sorriam. — Sempre podemos matar ao guri mais tarde.

— Merda. — Gregori olhou aos escoceses. — Têm um senso de humor muito doentio. — Empurrou a Claymore do Angus a um lado e se sentou em uma esquina da mesa. — Eu gostaria de verte a ti e a sua espada enfrentar à caçadora armada com uma bazuca.



Angus assentiu com a cabeça.

— É possível que seu desejo se cumpra antes do que crê.

— Assim tinha razão? — Perguntou Connor. — A caçadora é Emma Wallace?

— Aye. Encontrei-a vagando pelo parque com uma bolsa cheia de estacas.

— Destruiu as estacas? — Perguntou Ian.

— Não. — De pé, Angus colocou a Claymore em suas costas. — Assegurei-me que se fora do parque. Esta noite não matará a ninguém.

— E amanhã de noite? — Connor deu um passo para ele. — Falou com ela? Convenceu-a para que o deixasse para sempre?

— Vou ver amanhã, — disse Angus empurrando a porta da cozinha. — Diga ao Roman que não se preocupe. Eu me encarrego da Emma Wallace. — Se foi, deixando atrás dele a porta balançando-se.

— Espera. — Connor se deslizou pela porta atrás dele até o vestibulo. — Que classe de pessoa é? Será fácil de convencer?

— Não, ela se sente muito comprometida com seu trabalho. É muito teimosa. E orgulhosa.

— Sonha familiar.

Angus arqueou uma sobrancelha.

— Se está dizendo que somos parecidos, já me dei conta.

Connor baixou a voz.

— Necessita ajuda?

— Não! — Angus não se deu conta do abrupto de seu tom até que Connor o olhou com as sobrancelhas arqueadas. — Vou dirigir isto por minha conta.

— Ser-lhe-ia mais fácil acreditar nossa versão da história se escutasse de mais de uma pessoa.

Angus se agarrou ao corrimão da escada. Por que este repentino afã possessivo quando se tratava da Emma Wallace? Era devido a seu orgulho que a considerava um desafio que podia dirigir? Ou havia algo mais?

— Eu me ocuparei dela. Sozinho.

Connor inclinou a cabeça.

— Como queira.

Angus se moveu para o centro da escada de caracol de onde podia ver o patamar de cada piso. Seria mais rápido teletransportar-se ao quinto piso que subir pelas escadas.

— É uma garota atrativa, — sussurrou Connor detrás dele. Angus deu a volta para olhar a seu amigo, mas Connor só lhe deu um olhar de cumplicidade. Filho de puta. Angus virou seu olhar para o patamar do quinto piso.

— Roman dará conta se usar o seu escritório?

— Não. Planeja investigar à senhorita Wallace?

— Aye. Se posso descobrir o que a motiva para ser uma caçadora e a seguir tirar essa motivação, então...



— Deixaria de matar, — terminou Connor a frase. — É um bom plano.

— Espero poder convertê-la em aliada.

Connor avançou para ele com a dúvida em seu rosto.

— Seria um grande passo, de caçadora a aliada.

— Trouxemos Austin Erikson para nosso bando.

— Mas ele nunca foi realmente um assassino. A senhorita Wallace matou já a quatro de nossa espécie, que sabemos. Ela é uma inimizada mais feroz do que nunca foi Austin.

— Sim, ela é toda uma provocação, mas não te equivoque. — Angus levantou o queixo. — Não serei derrotado.

Com uma inclinação de cabeça, Connor deu um passo atrás.

— Boa noite, então.

— Boa noite.

Angus se teletransportou até o quinto piso e entrou no escritório do Roman. Enquanto esperava que o computador inicializasse, preparou uma garrafa de sangue sintético da mini geladeira. Do tipo O como o sangue da Emma. Alguns vampiros consideravam que é muito suave e comum para seu gosto, mas Angus sempre tinha preferido os pratos singelos. Esquentou o copo no micro-ondas e a seguir o tirou, cheirando o aroma fresco e são. Como Emma. Com sua típica atitude poderosa. O suficientemente poderosa para sustentar a um homem para sempre. Perambulou de novo para a mesa. Quando se reunissem amanhã de noite, teria toda a informação necessária sobre ela.

Quase não podia esperar que a batalha começasse.

Emma deixou cair a bolsa de estacas na mesa da cozinha, logo se dirigiu à geladeira a procurar o café da manhã. Ou o jantar. Ou o que fora depois de trabalhar toda a noite. Seu estômago rugia de fome enquanto abria a porta do refrigerador.

— Genial, — murmurou enquanto olhava uma vasilha pequena de iogurte light e uma bolsa de alface murcha. Esqueceu-se de passar pela loja de caminho a casa. Tudo era culpa do escocês. Angus. Durante o caminho a casa não tinha deixado de pensar nele... Era um vampiro ou não?

Com um suspiro agarrou o iogurte sabor a morango. Estava exagerando? Angus poderia ser só um cara normal. Sim, claro. Arrancou a tampa do iogurte e colocou a colher dentro. Não havia nada normal em Angus. Era inteligente, bonito, um homem de sonho em todos os sentidos, mas, estava vivo? Olhou para a porta de sua casa. Os três ferrolhos estavam trancados e a luz intermitente indicava que o sistema de alarme estava conectado. Entretanto, um vampiro podia teletransportar-se a qualquer lugar.

Atravessou a cozinha e o salão de seu pequeno apartamento do SoHo com cinco passos. Deixou o iogurte sobre a mesa e se desviou para a janela para olhar através das persianas. A alvorada romperia logo e estaria a salvo durante o dia.

A rua estava vazia exceto por uma fila de carros estacionados e uns poucos madrugadores que tinham saído a passear seus cães. Os animais estavam fazendo suas coisas ao redor das



árvores enquanto que seus sonolentos amos esperavam com uma taça de café em uma mão e uma bolsa de plástico para as cacacas na outra.

Emma fechou as persianas e vagou até seu sofá confidente de cor vermelha brilhante. Talvez devesse ter um cão. Assim não estaria sempre sozinha. Era difícil ter qualquer tipo de relação quando tinha um trabalho do que não podia falar e segredos que não podia compartilhar. Por desgraça, sua atividade como caçadora poderia deixar de ser um segredo. Se Angus era um vampiro, saberia exatamente para que eram as estacas. A seguinte pergunta era, ia compartilhar seu segredo com outros vampiros?

Tirou seu cartão-de-visita do bolso. Era branca, com um escudo de clã na esquina superior esquerda. O tartan era uma manta azul e verde, igual à saia escocesa que Angus usava. Seu nome figurava sob o MacKay Security And Investigation, com direções em Londres e Edimburgo.

MacKay Security And Investigation? Soava-lhe familiar. Abriu seu portátil na mesa de café e acessou a seus arquivos do trabalho. O logotipo de a Equipe Estacar saiu na tela e procurou a companhia do Angus. Enquanto esperava os resultados, ficou com a colher do iogurte na boca.

Se a companhia do Angus tinha base em Londres e Edimburgo, por que estava em Nova Iorque? A busca terminou. A empresa do Angus MacKay proporcionava a segurança a Indústrias Romatech.

Emma tragou saliva. Não era uma prova absoluta de que Angus fora um vampiro, mas sem dúvida demonstrava que estava aliado com o inimigo. Romatech era propriedade do vampiro mais poderoso e rico desta costa, Roman Draganesti. O chefe da Emma, Sean Whelan, tinha um montão de informação sobre o Roman. Era o Mestre do Aquelarre desta costa, inventor e produtor do sangue sintético do Romatech, e o genro de Sean.

Sean estava usando o tempo e os recursos da Equipe Estacar procurando a sua filha para resgatá-la. Emma não estava de acordo em considerar esta missão como prioritária, mas não discutia com seu chefe. Simplesmente fazia seu trabalho no escritório e depois saía a caçar. A matança de vampiros devia ser a missão principal. Essa tinha sido a razão para que se unisse à Equipe Estacar.

Sean estava recolhendo informações. Por isso a Emma só lhe importava a informação que precisava saber que era se o suspeito era um vampiro. Se o era, tinha que morrer.

Escreveu a direção do site Web que vinha no cartão-de-visita. A página de início do MacKay Security And Investigation saiu na tela. Sob o nome da companhia, em letras pequenas, lia-se “fundada em 1927”. Na parte inferior da página, as direções dos escritórios em Londres e Edimburgo e depois advertia “consulta com entrevista prévia”. Também havia um enlace a uma direção e-mail. Emma clicou ali e o destinatário estava classificado como Ministério do Interior. Escreveu uma breve mensagem.

*Esta mensagem é para o Angus MacKay. Só me perguntava se está vivo ou morto.*

Debateu-se com a possibilidade de enviá-lo. E se ele respondia? Seu pulso se acelerou com esse pensamento. Clicou em enviar e fez uma careta. Não devia comunicar-se com o inimigo, mas ainda não estava segura que ele fosse o inimigo. Sua página Web não oferecia ajuda. Tratava-se de



só uma página. Era evidente que não oferecia nenhuma informação sobre si mesmo.

Abriu seu telefone móvel. Com um pouco de sorte seu velho supervisor viciado no trabalho do MI6 ainda estaria no escritório. Sempre dizia que se os terroristas não descansavam os fins de semana, por que tinha que fazê-lo ele? Marcou seu número. Dois toques. Três. Meteu outra colherada de iogurte na boca.

— Aqui Robertson.

Ela tragou rapidamente.

— Brian, sou Emma.

— Emma, carinho, como está? Estão-lhe tratando bem esses yankees?

— Sim, obrigado. Eu... Perguntava-me se sabia algo sobre uma empresa com sede em Londres e Edimburgo. Chama-se MacKay Security And Investigation.

— Vou jogar uma olhada. Espera um segundo.

Emma comeu mais iogurte enquanto esperava. Em que tipo de caso estaria trabalhando Angus? Certamente não era um trabalho encoberto. Um homem vestido com um kilt e levando uma Claymore tinha tendência a se destacar. Era estranho que a metade das mulheres de Manhattan não o seguissem babando. Ou rezando por um golpe de vento repentino e rápido.

Sua mãe sempre tinha insistido com seu papai para que usasse cuecas negras debaixo quando se vestia com seu kilt. Papai se burlava dela lhe dizendo que se esqueceu de e mãe o arrastava ao quarto para assegurar-se que estava vestido adequadamente. A inspeção tendia a durar uma hora ou mais. Emma sorriu para si mesma. Tinham passado treze anos até que ela pôde adivinhar por que demoravam tanto.

— Emma? — A voz do Brian interrompeu suas reflexões.

— Sim, estou aqui.

— MacKay Security And Investigation foi fundada em 1.927 pelo Angus MacKay terceiro. Em 1.960 o presidente aparece como Alexander MacKay. Depois, em 1.995, Angus MacKay quarto se fez cargo.

— Já vejo. — Assim Angus era filho do Alexander e neto do fundador, Terceiro Angus. A menos que... Ele fora os três? — Há fotos deles?

— Não. Mantêm um perfil muito baixo, — acrescentou Brian. — Não se anunciam. Nem sequer se podem encontrar no livro telefônico.

— Isso é estranho.

— Bom, suponho que levam no negócio o tempo suficiente para ter todos os clientes que necessitam. Aqui há algo interessante...

— O que?

— A empresa realizou algumas missões secretas durante a II Guerra Mundial. Inclusive Angus terceiro chegou a ser renomado cavaleiro.

Emma piscou.

— Sério? É estranho que fizesse algo que as forças armadas não pudessem fazer.

— Não sei. E parece que Angus quatro tem feito alguns favores à rainha.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Está brincando comigo. Que favores?

Houve uma pausa enquanto ouvia seu ex-supervisor queixando.

— Merda. Foi apagado.

Emma se levantou e passeou através de sua sala de estar. Quantas mais coisas sabia sobre Angus, mais confundida estava. Não parecia que fosse um inimigo.

— Assim que sua empresa realizou missões altamente secretas para nosso governo e para a rainha.

— Sim, e... Sangrento inferno. Angus MacKay tem um nível de autorização de segurança nove. É tão alto como o meu.

E muito mais alto que o que Emma tinha chegado a ter.

— Isso é totalmente insólito. O homem é um civil.

— Deduzo que terá algo a ver com as missões secretas. Em todo caso, é de confiança. O que sabe dele?

Além do fato que queria despi-lo?

— Não muito.

Deveria ser um grande alívio saber que era de confiança. Meu Deus, inclusive a rainha confiava nele. Mas maldita seja, proporcionava amparo para o vampiro mais poderoso desta costa. Quem melhor que outro vampiro poderia proteger ao Roman Draganesti? Havia muitas probabilidades que Angus fosse um vampiro. Sentou-se no sofá.

— Tem uma pranta de seus clientes?

— Vamos ver. Proporciona a segurança para vários membros do Parlamento, a uns quantos peixes gordos da BBC, e a um designer de moda em Paris.

Os clientes não soavam como vampiros. Poderia ser realmente humano? Merda. Ainda não o sabia ao certo.

— Obrigado, Brian. Foste de grande ajuda.

Desligou e deixou cair o telefone no sofá. Passeou por sua pequena sala de estar. Como podia ser Angus um vampiro se a rainha confiava nele? E que tipo de serviços podia prover que um agente do MI5 ou o MI6 não pudessem? Fez uma careta. Um vampiro podia fazer coisas que um agente humano não podia fazer.

Seu computador portátil fez um ruído de sinos para lhe informar que tinha um e-mail. Correu ao sofá para comprovar o remetente. Angus MacKay. Seu coração deu um tombo. Abriu a mensagem.

*Querida senhorita Wallace. Meu escritório em Londres me fez chegar sua mensagem. Por favor, encontre-se comigo amanhã de noite no Central Park às oito da noite, na mesma zona onde nos encontramos hoje. Responderei a todas as suas perguntas então.*

Isso era tudo. Muito sério. Estava quase... Decepcionada. O que tinha querido? Mais paquero? Tinha desfrutado falando com ele esta noite, antes que se convertesse em ditatorial. Sentou-se ali, franzindo o cenho ante a mensagem. Então ela escreveu:

*Ali estarei. Serei quem leva as calças. Não esqueça sua bolsa.*



Enviou.

Levantou-se e passeou pela habitação. O que estava fazendo, brincando com um suposto vampiro? Tinham os vampiros senso de humor? Bom, Angus tinha brincado com ela no parque. Seu computador soou. Tinha respondido? Correu até o sofá e abriu o correio.

*Deixarei meu sporran em casa, sempre que você saia de suas calças.*

Ficou sem fôlego. Que homem tão travesso! Riu e logo parou abruptamente. Poderia não ser um homem. Poderia ser o inimigo. Deixou-se cair contra as almofadas. Que coisa mais estúpida de fazer! Flertar com o inimigo. Por que tinha que ser tão condenadamente atrativo? Tinha que conseguir pôr em ordem suas prioridades e planejar sua estratégia para a noite seguinte. Normalmente ela matava aos vampiros apanhando-os com a guarda baixa. Não teria essa vantagem com Angus. Necessitava... Uma armadilha. E uma forma de imobilizá-lo.

O timbre do seu telemóvel a fez sobressaltar. Angus tinha encontrado seu número?

— Diga?

— Emma, aqui Brian. Acabo de receber um estranho relatório de segurança de dados e pensei que deveria sabê-lo.

Ela se inclinou para diante.

— E?

— Alguém acessou aos arquivos do pessoal faz dez minutos. Tinha autorização, mas não se identificou, assim saltou o alarme. Antes que a segurança pudesse romper a conexão, conseguiu descarregar um arquivo. — Brian clareou a garganta. — Pensei que devia lhe avisar.

Um calafrio percorreu a pele de Emma.

— De quem é o arquivo?

— O teu.

— Já vejo. — Sua voz soava longínqua. — Obrigado.

Deixou o seu telemóvel e respirou profundamente para acalmar seus nervos de aço. Assim Angus a tinha investigado. Agora saberia tudo sobre ela. Seu olhar passeou pelo travesso e-mail que lhe tinha enviado. Se era um vampiro, amanhã seria sua última noite.

E nem sequer o perdão da rainha poderia salvar seu magnífico traseiro.

## Capítulo 4

Às oito menos vinte, Emma estava estendendo folhas mortas sobre o chão para ocultar a corda. Estava em uma área arborizada no Central Park, o suficientemente apartada para não ter que preocupar-se que pessoas inocentes caíssem em sua armadilha, mas perto do lugar onde a noite anterior tinha conhecido Angus MacKay. Além de seus jeans negros levava um suéter de cor vermelha brilhante para fazê-la mais fácil de encontrar. Escondeu a bolsa com as estacas perto de um rododendro<sup>9</sup> e guardou quatro em seu cinturão.

<sup>9</sup> O rododendro é a designação comum às plantas do gênero *Rhododendron* L., da família das ericáceas, que reúne mais de 1000

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Quinze minutos para as oito. Seria pontual? Os minutos se estendiam, passando a um ritmo muito lento. Como seria ter uma eternidade de noites? Ou a habilidade de teletransportar-se a outro lugar em um instante? Com suas capacidades superiores, Emma podia entender por que os vampiros se acreditavam superiores. Mas segundo sua experiência, todos os assassinos em série se consideravam melhores.

Isso é o que eram todos os vampiros, na realidade. Assassinos em série cujas habilidades superiores faziam que fossem mais difíceis de matar. O único bom que tinham é que já estavam mortos. Ela não tinha que capturá-los e entregá-los a um sistema judicial lento em chegar a um final satisfatório. Aqui não havia demora na gratificação. Quando encontrava um, matava-o.

Dez minutos. Deu a volta ao carvalho onde estava ancorada a corda. Precisava manter quentes seus músculos e seus sentidos alerta. Teria que atuar com rapidez. Não devia parar para pensar no bonito que se via com seu kilt. Nem pensar em sua engenhosa e inteligente conversa. Tinha duas missões. Descobrir se era humano ou um monstro. Depois, matá-lo se era um monstro.

Encolheu-se ante a ideia de ver morrer a faísca em seus encantadores olhos verde. Nunca tinha falado com um vampiro antes de matá-lo. Os quatro que tinha matado estavam atacando e violavam uma mulher enquanto se alimentavam dela. Tinha sido um espetáculo tão horrível e repugnante que não teve nenhum problema em fazer justiça.

Não podia imaginá-lo fazendo isso a uma mulher. Tinha parecido ofendido pelo exibicionista. E tinha-lhe dado um bate-papo sobre sua segurança. Que vampiro atuaria assim? OH, Deus, rezou, não deixe que seja um vampiro. Permite que seja o herói da rainha e o neto de um cavaleiro herói de guerra. Que seja o homem de suas fantasias, um feroz e honorável guerreiro capaz de combater a seu lado contra o mal.

— Boa noite, senhorita Wallace. — Ela se voltou para a profunda voz, mas logo que pode distinguir sua escura silhueta a essa distância. Seu coração se acelerou. Via-se maravilhoso. Via-se perigoso. Deu um passo para ela, seu kilt formando redemoinhos ao redor de seus joelhos. — Obrigado por vir. Temos que falar.

— Sim, temos que fazê-lo. — Levantou suas defesas psíquicas. Se era um vampiro poderia tentar manipular sua mente. Delimitando a pequena clareira. Tudo o que ele tinha que fazer era caminhar em linha reta para ela e pisaria na armadilha. — Estava começando a pensar que não viesse.

— Sou um homem de palavra.

*Mas está vivo?* Essa era a verdadeira pergunta. Se era um não morto não conheceria o significado da honradez. Ou da honra.

Ele andou para ela, tão perto que podia vê-lo mais claramente. Vestia o mesmo kilt azul e verde que tinha levado a noite anterior, mas o pulôver, ou suéter como o chamavam os yankees, era azul. Não havia correias de couro cruzando seu peito como ontem à noite. Não havia trazido

---

*espécies, entre elas as azáleas.*

*Existe também o rododendro em Bonsai. São plantas arbóreas ou arbustivas, com algumas epífitas, nativas das regiões de clima temperado do hemisfério norte. Dividem-se em oito subgêneros, sendo mundialmente cultivadas, com inúmeros híbridos, a saber:*



sua espada. Seu olhar baixou as meias. Não estava completamente desarmado. Seu sgian dubh estava debaixo de suas meia direito.

Fez uma pausa, inclinando a cabeça enquanto a estudava. Ela conteve sua respiração. Suspeitava algo? Dois passos mais e estaria na armadilha, pendurando do reverso. Ela sabia muito bem que se era um vampiro não ficaria apanhado muito tempo. Simplesmente se teletransportaria longe.

— Leva estacas em seu cinturão.

Ela se encolheu de ombros.

— Mais vale acautelar que curar.

Ele franziu o cenho.

— Está a salvo comigo, lass. Nunca te faria mal.

— Você leva uma faca.

Olhou para baixo.

— Um simples hábito. Normalmente também trago minha Claymore mas a deixei atrás para que soubesse que não tenho intenção de te fazer mal.

— Está confessando ser meu inimigo?

— Não. Poderia ser... Um bom amigo.

Parecia sincero. E se realmente era um campeão da rainha? E se tinha arriscado a vida por seu país sem querer reconhecimento ou méritos ao retornar? Podia ser um herói. Podia ser tudo o que alguma vez tinha sonhado que um homem poderia ser.

— Senhorita Wallace?

Ele deu um passo em direção a ela. Uma onda de pânico a rodeou. De repente não queria saber a verdade. Queria acreditar que os homens fortes e magníficos que vestiam kilt eram heróis e não demônios. Levantou uma mão.

— Quietos!

Muito tarde. Ele deu um passo à direita para o centro da corda. Estalou com força ao redor de seu tornozelo. Disparou-lhe um olhar antes de que a corda puxasse os seus pés. Um olhar ferido. Indignação, ira, traição, foi o que viu em seus olhos. Merda! Não podia ser de ajuda. Ela tinha que saber se era amigo ou inimigo. Tirou uma estaca de seu cinturão. Se era um vampiro, teria que atuar com rapidez.

Ela levantou o olhar. E sua boca se abriu. A estaca caiu de sua mão. Meu Deus. Angus MacKay estava pendurado de barriga para baixo com o bordo de seu kilt balançando-se ao redor de seu pescoço.

Emma piscou. Grande Deus, nunca tinha visto um calvo com um traseiro celestial. Quadris estreitos, nádegas musculosas, pele suave como a luz da lua prateada. Os ramos da árvore se balançavam com a sobrecarga de seu peso, fazendo que seu corpo se sacudisse brandamente para cima e para baixo. Seguiu o ritmo com sua cabeça, como um boneco bobble — head<sup>10</sup> e acabou

---

<sup>10</sup> Bonecos cabeçudos que mexem a cabeça com os movimentos.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



concentrando-se em seu glorioso traseiro nu.

— Senhorita Wallace? Escuta-me?

Ela se sacudiu da hipnose induzida pela vista de seu traseiro. Quanto tempo tinha estado falando?

— Perdão?

— Ou te posso chamar Emma já que agora me conhece melhor?

O calor invadiu seu rosto. Quanto tempo fazia que estava ali comendo seu traseiro com os olhos? E céu santo, que fazia ali só olhando para o traseiro quando poderia ter uma completa vista panorâmica caminhando a sua volta?

Retorceu-se, tratando de olhá-la.

— Por que me penduraste como um presunto? Quando poderíamos ter um bate-papo cara a cara.

Não era em seu rosto no que ela estava pensando.

— Sinta-se livre de falar.

Caminhou pouco a pouco a seu redor. Até o momento não tinha tratado de escapar. Significava isso que era um ser humano? Aleluia! É óbvio, isso queria dizer que lhe devia uma grande desculpa. Emma sorriu para si mesma. Certamente, ela poderia lhe ajudar a superar isto.

Moveu-se como um peixe em um anzol. Respirou com dificuldade. OH, sim. Ela seria muito elogiosa. Um ruído suave como de um raspado chamou sua atenção. Seu balanço devia ter afrouxado a faca de sua bainha, porque se estava deslizando. Ele se dobrou, alcançando sua meia. Seus dedos se fecharam ao redor do punho.

— Não!

Ela correu para ele. Arrancou-lhe a faca da mão com uma patada. Saiu voando pelos ares. Ela aterrissou e rapidamente saiu do alcance de Angus. Enquanto ele murmurava maldições, ela correu para onde tinha caído a faca.

— Não! — Gritou às suas costas. Ela puxou a faca, deu-se a volta e ficou de pé, agarrando o punho com a mão. Apontou-o com a afiada folha de sete polegadas. Ele se tinha ido.

Seu coração se congelou. Rapidamente girou ao redor, buscando-o. A corda ficou pendurada do ramo da árvore, sem estar cortada. O coração se esmagou. Não era um herói. Nem o homem de seus sonhos. Tinha falhado a prova e tinha se teletransportado longe. Ele era o inimigo.

Tinha que matá-lo.

Comprimindo em seu interior a dor da decepção. Não podia dar o luxo de ser sentimental. A batalha tinha começado e ele podia ver muito melhor que ela. E era mais forte, também, mas ela tinha a arma.

Avançou lentamente para o centro da clareira, girando enquanto o buscava entre as árvores. O bosque estava tranquilo, mas o som de sua respiração se acelerou. Já está! Era ele? Sim, podia ver sua escura silhueta. O bastardo estava apoiado contra uma árvore com seus braços e seus tornozelos cruzados, como se fosse um dia qualquer no escritório. Ela o assinalou com a faca.



— Agora sei a verdade sobre ti.

Ajustou as dobras de sua saia.

— E eu sobre ti. Algumas mulheres fariam algo para olhar sob a saia de um homem.

Desfrutaste da vista?

Ela se burlou.

— Isso está além da questão. Sei que é um vampiro.

— E eu sei que você é a caçadora. — Se separou da árvore. — É hora de acabar com isto.

Referia-se a matá-la e esse pensamento a estremeceu. Ampliou sua postura e se preparou para um ataque.

— Esta noite morrerá por sua própria arma.

Ele se encolheu de ombros.

— Já morri uma vez. E não me preocupei muito por isso.

Deu um passo na sua direção. Ela levantou a faca para que a folha fosse para seu pescoço.

Ele a olhou molesto.

— Baixa a faca para que possamos falar. Não é rival para mim em uma briga.

— Te aproxime um pouco mais e saberemos.

Ele a olhou em silêncio e assentiu com a cabeça como se tivesse chegado a uma decisão.

— Muito bem. Vou lhe demonstrar isso.

Ela piscou enquanto seu corpo se deslizava a sua direita. Girou para mantê-lo à vista.

Deteve-se no outro lado da clareira.

— Perdeu.

Os vampiros eram um bando de arrogantes. Mas ela poderia utilizar seu inchado orgulho contra ele.

— Jamais pensei que correria como um covarde.

Suas sobrancelhas se elevaram.

— Esperas que fique quieto enquanto tenta me apunhalar no coração?

— Espero que dê a cara como um homem.

— Assim para demonstrar minha dignidade, deveria me comportar como um cordeiro que é levado ao matadouro? — Riu entre dentes. — Me matas.

Sua boca tremeu, divertida. Maldito seja! Por que não podia encontrar a um homem encantador e atrativo como este, vivo? Ao parecer, todos os bons estavam casados ao... Mortos.

Ele se moveu rapidamente para ela de novo, mas esta vez a golpeou no traseiro ao passar. Ele riu e seguiu correndo como a bola de um pinball acumulando pontos.

— Está bem, entendo-o. Pode te mover muito rápido.

Possivelmente não deveria queixar-se. Ao fim e ao cabo não a tinha atacado. Ainda. Mas ela estava girando a ponto de perdê-lo de vista. Possivelmente seu plano era desorientá-la completamente antes de passar ao ataque? Ficou quieta. Ele passou por seu lado tão rapidamente que seu corpo era um borrão.



— Covarde! Fica quieto!

De repente ele a agarrou por detrás, atirando-a com força contra seu peito. Bloqueou lhe a mão da faca com as suas, mantendo-a no alto. Ficou sem fôlego. Agitava-lhe o cabelo das têmporas com sua rápida respiração. Seu peito se movia contra suas costas com cada fôlego que tomava. Baixou a cabeça e lhe sussurrou ao ouvido.

— É suficiente para ti?

Ela se estremeceu.

— Deixe ir.

— Não só sou mais rápido que você, também sou mais forte.

Obrigou-a dobrar os braços. Ela resistiu. Seus braços tremiam pelo esforço, mas logo teve a faca contra seu pescoço.

Ela tragou saliva. Nesta situação, por regra geral ela pisaria ao agressor enquanto lhe golpeava as costelas com o cotovelo. Mas não podia mover os braços. Tinha suas mãos imobilizadas.

— Já vê quão fácil é, lass, — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Não vou deixar que me mate.

— Carinho, só quero falar contigo, — seu fôlego acariciou sua nuca, fazendo que lhe pusessem os cabelos em ponta.

— Não te atreva a me morder!

— Emma, - baixou suas mãos. - Isso dói?

Ela saltou longe e voltando-se para ele o atacou com a faca. Ele a esquivou arrancou-lhe a faca das mãos e a jogou para um lado. Zumbiu no ar até que se incrustou em uma árvore com um ruído surdo. Ela agarrou a segunda estaca de seu cinturão e carregou contra ele. Ele a agarrou pelo pulso e lhe arrancou a estaca da mão.

— Carinho, é difícil manter uma conversa se segue tentando me matar.

— Não há nada do que falar.

Ela retrocedeu, ofegando e esfregando o pulso.

— Vá. Tenho-te feito mal? Não pretendia fazê-lo.

Ela soltou um bufo.

— Como se te importasse. Estiveste te alimentando de seres humanos durante anos. A quantos mataste?

Lançou a estaca longe, no bosque, e depois a enfrentou com o cenho franzido.

— Matei a mais gente da que quero recordar, mas sempre na batalha.

Como esta noite. Seu sangue se gelou.

— Se tiver alguma honra, dera-me uma briga justa.

— Lass, já decidiste que sou malvado. Por que deveria ter honra?

Ele a tinha pegado. Ela tragou saliva. Não se tinha incomodado em negá-lo. Agachou-se em uma posição defensiva. Esperando. Arrancou a terceira estaca de seu cinturão.

— Maldição, — murmurou. Cruzou os braços sobre seu amplo peito com o cenho franzido.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— É cinturão negro no Tae Kwon Do?

— Já sabe. Leu meu arquivo pessoal.

— Sim. Guarda sua estaca se quiser uma briga justa. — Olhou a seu redor e assinalou a sua esquerda. — Lutaremos aí. O terreno é mais brando para quando te atirar ao chão.

Ela soprou.

— Não penso cair. Você sim o fará.

— Já o veremos.

Deu-lhe as costas enquanto se dirigia à zona que tinha escolhido. Vampiro arrogante. Meteu a estaca em seu cinturão e carregou contra ele. Deu uns passos correndo, saltou e lhe deu uma patada nas costas.

— Aaaaagggghhhhh...

Foi como golpear uma parede de tijolos.

Ela aterrissou sobre um só pé e adotou uma posição de defesa. Enquanto isso, ele sozinho tinha tropeçado um pouco para frente. Maldito seja. Voltou-se com um sorriso.

— Uma lass impaciente. Eu gosto disso.

Ela soltou um bufo.

— Típica arrogância de vampiro. É seu maior ponto débil, mas o é tanto que nem sequer te dá conta.

Ele fingiu um olhar ferido.

— Carinho seja justa. Eu já era um bastardo arrogante muito antes de me converter em vampiro.

Teve a tentação de lhe perguntar quantos anos tinha, mas sua história pessoal não tinha importância. Era como todos outros. Um assassino malvado. Ela adotou sua postura de ataque favorita.

— Uma briga justa. Sem fazer armadilhas.

As comissuras de sua boca se curvaram.

— Por minha honra.

Ela atacou com uma rápida série de murros e patadas. Ele as bloqueou todas. Ela saltou para trás e se preparou para outra ronda. Maldito seja, era bom.

— Onde treina?

— No Japão. Tenho lá ido para treinar durante os últimos duzentos anos.

Sua boca se abriu. Meu Deus. As coisas que deve ter visto.

— Quantos anos tem?

— Quinhentos e vinte e seis anos, se quer incluir meus anos como mortal.

Ela tragou saliva. Era um museu andante. Tinha vivido durante o Renascimento, a Restauração, o Século das Luzes. Tinha usado a roupa, caminhado pelas ruas lamacentas, visto a história enquanto se desdobrava ante seus olhos.

— As histórias que poderia te contar, — sussurrou.

Ficou rígida. Tinha lido seu expediente pessoal. Sabia que ela tinha estudado História como



disciplina principal na Universidade St. Andrew de Edimburgo. Que tinha estado totalmente inundada nos mistérios do passado até a fria noite em que os assassinatos de seus pais a fizeram despertar à dura realidade. Guardou seus livros e seus sonhos e trocou seus escritórios de direito pelas artes marciais e as armas de fogo.

— Maldito. — Ela se lançou para diante, chutando a direita e esquerda. Ele bloqueou cada movimento. Ela dançou para trás e adotou outra postura. Ele esperou. E foi então quando se deu conta. Ele só se defendia. Não é que fosse queixar-se. Se ele atacasse, estaria tão dolorida que lhe custaria manter-se consciente. Entretanto, era tão arrogante que não podia deixar de provocá-lo.

— Por que não ataca, vampiro? É que ainda não comeste?

Pôs as mãos nos quadris e a olhou, molesto.

— Não me tenho alimentado de um mortal há dezoito anos. Bebo sangue de uma garrafa.

— Bom, que nobre por sua parte. Mas ficam uns quinhentos anos dos que não se sabe nada, não?

— Sim, alimentei-me quando o necessitei, mas nunca matei pela comida. — Seu olhar vagou por seu corpo, depois retornou a seu rosto. — Na realidade, às moças deixei uma sensação... Muito satisfatória.

Sua pele estremeceu. Quase o podia acreditar.

— Foi uma sensação falsa. Utiliza o controle mental sobre suas vítimas.

— Para lhes dar prazer, sim, — deu um passo para ela. — Uma grande quantidade de prazer.

— Alto aí. — Ela tirou a terceira estaca de seu cinturão. — Tem o controle de mente na rainha? É por isso que o governo britânico acredita que é uma espécie de herói?

— Vá. Fez algumas investigações sobre mim. Sinto-me adulado.

— Não o esteja, - levantou a estaca. Ele suspirou.

— Carinho, não podemos falar sem que me ameace com esse palito?

— Deixa de me chamar carinho e responde a minhas perguntas. Tem o controle sobre a mente da rainha?

— Não. Sempre fui um súdito leal, — encolheu-se de ombros ligeiramente. — Exceto quando fui um jacobita. Mas sempre servi a quem acreditei que era o legítimo rei.

Realmente conheceu o Bonnie Prince Charles? Meu Deus, as perguntas que gostaria de fazer. Mas sem dúvida era encantador com ela de propósito para atraí-la, para lhe ser mais fácil capturá-la.

— Li que os seus pais foram assassinados, — sussurrou.

— Não é teu assunto.

Sua mão apertou com força a estaca. Equivocou-se ao pensar que era encantador. Era uma palavra muito amável. Isto era um ataque psicológico total. Filho da puta.

— Também perdeu a seu irmão. E a sua tia. — Seu olhar estava cheio de compaixão. — Sei o que se sente ao perder a seus seres queridos.

A fúria ferveu em seu interior. Compaixão de um vampiro? Ele era o mesmo tipo de monstro como os demônios que assassinaram a sua família.



— Cala-te!

Ela o atacou. De uma forma ou outra o faria cair e Lhe cravar a estaca. Deu-lhe uma patada entre as pernas. Ele saltou de novo, agachado, golpeando-a nas pernas. Ela caiu para trás.

— Maldição.

Ele foi ao encontro dela com velocidade assombrosa. Seu traseiro golpeou o chão quando ele aterrissou a seu lado, e Lhe pôs a mão atrás da cabeça.

— O que?

Olhava-lhe, aturdida. Por algum motivo, ele estava deitado a seu lado, Lhe embalando a cabeça a uns quantos centímetros do chão. Inclinou-se sobre ela, tão perto que podia ver o brilho avermelhado de suas costeletas ao longo de sua mandíbula. Seu enorme peito pressionando-a. O que estava fazendo? Examinar seu pescoço?

— Para! — Ela girou a estaca para suas costas.

— Suficiente! — Ele arrancou a estaca de sua mão e a mandou ao bosque.

Só ficava uma estaca à esquerda em seu cinturão. Devia tomar cuidado. Apanhá-lo por surpresa. Por agora a tranquilizava, quase servil. Inclinou-se sobre ela outra vez, brincando com algo atrás de sua cabeça. Seu fôlego flutuou sobre seu rosto, surpreendentemente doce. De fato, todo seu corpo cheirava surpreendentemente bem. A limpo e a masculinidade. Como podia ser?

— O que está fazendo? — Sussurrou. Baixou-lhe lentamente a cabeça até o chão, mas manteve sua mão na parte posterior do pescoço enquanto ele descansava sobre seu cotovelo.

— Não queria que caísse sobre isto. — Lhe mostrou uma pedra afiada na outra mão. — Estava no chão onde sua cabeça ia golpear. — Jogou a rocha entre as árvores.

— Você... Estava tentando me proteger?

— Peço desculpas por te atirar, mas estava um pouco zangado por ter tentado me chutar por debaixo do cinturão. — Lhe franziu o cenho. — O que foi de sua briga justa?

— É mais rápido e mais forte. Tinha que fazer algo para igualar as probabilidades.

— É uma lutadora muito feroz. — Seu olhar vagou até sua boca e ficou ali. — Estamos mais iguais do que pensa.

Um calafrio percorreu todo seu corpo. Realmente tinha tentado protegê-la? Mas os vampiros bons não existiam. Isto tinha que formar parte de sua guerra psicológica.

— O que quer de mim? — Seu olhar baixou até seu pescoço. — Se me morder, juro-te que Lhe mato.

— Tem tanta raiva apanhada em seu interior. — Seu olhar se desviou para baixo. Pôs uma mão brandamente sobre seu quadril e a arrastou até a coxa. — Há outras maneiras de procurar a liberação.

Seu coração deu um tombo. Equivocou-se outra vez. Estava utilizando outra vez a guerra psicológica. Referia-se a seduzir tanto sua mente como seu corpo. E não ajudava que seu amável tato acendesse uma trilha de faíscas ao longo de sua coxa e seu quadril. Ela tomou ar, tremendo. Muito bem. Ela também podia jogar a este jogo. E quando ele estivesse bem distraído, ela usaria a última estaca que ficava.



Pôs as palmas das mãos sobre seus antebraços e as deslizou para cima sobre seus avultados bíceps. Meu Deus, não era de estranhar que ele brandisse a pesada espada com tanta facilidade.

— Suponho que você é precisamente o homem que pode me ajudar.

Deslizou as mãos até seus ombros e lhe deu o que ela esperava que fosse um olhar sedutor. Ficou sem fôlego. Seus olhos estavam vermelhos. E brilhantes. Seus dedos se cravaram em seus ombros. Merda. Isto queria dizer que tinha fome. Tinha que atuar com rapidez. Mantém a calma. Obrigou a seus dedos a relaxar-se e deslizou suas mãos pelo peito.

— É tão formosa, — sussurrou lhe escovando o comprido cabelo até aos ombros afastando o de seu pescoço.

OH, Deus. Estava preparando seu pescoço. Mas ela estava lista. Suas mãos tinham chegado à cintura. Fechou a mão em um punho e lhe deu um murro na barriga enquanto ela agarrava a última estaca de seu cinturão e apontava a seu coração esquecido de Deus.

— Que o diabo te leve, mulher!

Arrancou a estaca de sua mão e a cravou no chão ao lado de sua cabeça. Com um suspiro, ela girou a cabeça para olhar. Da estaca só se sobressaíam apenas três centímetros sobre o chão. Se a tivesse empalado, estaria morta.

Pôs um dedo sobre o extremo arredondado da estaca e, com um grunhido, empurrou-a até o fundo. Fulminou-a com o olhar, seus olhos ainda vermelhos, mas menos brilhantes.

— Fui um parvo ao pensar que poderia gostar.

Por alguma estranha razão se sentiu mal por o decepcionar.

— Tinha que me defender. Ia me morder.

— Não, eu só queria te beijar.

Ela soltou um bufo.

— Sim, claro. Um beijo com os dentes. Estava olhando meu pescoço. E tinha os olhos vermelhos e brilhantes. Está faminto.

— Ah, lass, — fechou os olhos brevemente. Quando voltou a abri-los, estavam voltando para sua cor verde original. — É uma fome de outra classe.

Que necessitava um vampiro além do sangue? Sua pergunta foi respondida quando ficou o sporran a um lado e se estirou junto dela. Engasgou. Algo muito grande estava pressionado contra ela. Muito grande. Muito inchado. Muito duro. Como pode acender-se assim um ser frio e morto? E por que lhe picavam as mãos para tocá-lo? Deveria estar controlando com sua cabeça.

— Você... Está controlando minha mente.

Sua boca se curvou.

— Está tendo pensamentos atrevidos?

— Não! Eu... — Não sabia o que dizer. Ou o que pensar. Supunha-se que ela era uma caçadora de vampiros, não que se deitaria junto a um que padecesse uma grande ereção. Olhou para o arbusto de rododendros onde estava escondida sua bolsa com as estacas. Nunca a alcançaria se ele a atacava.

— Se me violar, caçar-te e...



— Emma. — Se sentou de repente. — Eu nunca te faria mal.

— Não tem por que fazê-lo. Pode tomar o controle de minha mente e fazer que esteja disposta. Assim é como convertem a uma mulher em uma vítima.

— Não tenho nenhum desejo de te converter em uma vítima. Admiro sua força e seu espírito fogo.

De verdade? Não. Emma rechaçou a sensação de calor e alegria. Nada referente aos não mortos era quente e alegre.

— Está tratando de me confundir. Não quero que jogue com minha cabeça.

Sua boca tremeu.

— Posso jogar com seu corpo, então?

— Não! Quero que me deixe em paz.

Ele assentiu com a cabeça, seu rosto cada vez mais triste.

— Tem razão. Nada bom sairia disto.

Levantou-se sobre seus pés. De repente, ela sentiu frio sem ele a seu lado. Se ajoelhou lentamente e se abraçou a si mesma em busca de calor. Ele caminhou até a árvore onde estava espetada a faca.

— Deixar-te-ei em paz se estiver de acordo em uma coisa. — Arrancou a faca. — Vais deixar de matar.

— Nunca. — Ela ficou em pé. — Seus colegas vampiros estão matando a pessoas inocentes.

— Sei sobre os vampiros malvados, lass. Tenho lutado contra eles durante séculos.

— Sim, claro, - burlou-se ela. — Então, como é que há tantos? Não estiveste fazendo um bom trabalho. — Como se ela acreditasse, em primeiro lugar.

— Superam-nos em número, isso é certo.

Deslizou a faca na bainha por debaixo de suas meias.

— Então estou ajudando a igualar o marcador. Sei o que faço.

— Não, não sabe. — Lhe franziu o cenho. — Nunca sobreviveria a uma luta real. Esta noite perdi a conta das vezes em que poderia ter-te matado.

Ela levantou seu queixo.

— Não me pode parar.

— Então terei que ser mais convincente. — O olhar que lhe deu lhe fez pulsar o coração. — Te verei amanhã. — Agarrou a estaca que lhe tinha deixado na armadilha. Depois se aproximou dos rododendros e agarrou a bolsa com as estacas. — Confronta os fatos, senhorita Wallace. Estás fora do jogo.

— Não me pode deter. Tenho mais estacas em casa.

Sua boca se enroscou em um sorriso.

— Então deveria me deixar cair por ali e te fazer uma pequena visita. Vive no SoHo, verdade?

Tragou saliva.

— Te assegure de pôr algo sexy, — sussurrou-lhe. Depois se desvaneceu ante seus olhos.



Ela olhou a seu redor para ver se havia tornado a aparecer detrás dela. Ou em algum lugar do bosque. Não, foi-se. Ele sabia que não podia caçar sem suas estacas. Usar algo sexy. Ia aparecer em seu apartamento esta noite? Talvez não devesse ir a casa.

Talvez sim devesse.

Maldito fora. Estava jogando com sua mente. Supunha-se que ia ser algo simples. Os vampiros eram maus e mereciam morrer. Mas ele se negou a lhe fazer mal durante a briga. Na realidade, tinha tentado protegê-la. Seria todo um jogo para colocá-la em sua cama? E depois, o que? Drená-la-ia até deixá-la seca como os filhos da puta que mataram a seus pais? Pouco a pouco enrolou a corda que tinha usado para apanhar ao Angus MacKay. Isso estava claro. Referia-se a interferir. Referia-se a seduzi-la. O melhor seria fazer um ataque preventivo. Mata-o. Ao fim e ao cabo, seria em defesa própria. Ontem de noite, essa decisão seria a correta. Agora, estava indecisa. Inclusive triste. Maldito fosse. Sua guerra psicológica já estava trabalhando.

## Capítulo 5

E no quinto piso da casa do Roman, Angus deixou cair na mesa a bolsa de estacas com um ruído estrépito. Havia-se teletransportado à casa de Roman do Upper East Side tantas vezes nos últimos anos que já não necessitava um farol sensorial. A viagem se incrustou em sua memória psíquica. Somente tinha fechado seus olhos para concentrar-se e ali estava. Mesmo assim, levantou a saia para assegurar-se que tinha chegado intacto.

Foda-se. Ainda estava duro. Que diabos aconteceu com ele? Uma coisa era desejar a uma humana, mas a uma que queria matá-lo? Roman desfrutaria analisando-o. Através dos séculos Angus tinha aprendido a confiar no ex-monge para lhe assessorar e lhe aconselhar. Roman provavelmente diria que o bom ancião do Angus sofria algum tipo de crise da meia-idade, tratando de demonstrar sua juventude e vigor seduzindo a uma formosa humana o suficientemente jovem para ser sua bis bis bis bisneta. Pensando-o bem, não havia posto suficientes “bis” diante.

Estava sendo um bobo. Tudo o que tinha que fazer era falar com ela. Convencê-la para que deixasse de matar. Que gostasse a ela não estava na ordem do dia. Nunca gostaria. Por que torturar-se desejando o impossível?

— Ah, é você, — disse Ian detrás dele.

Angus baixou o kilt com rapidez e se voltou para saudar o Ian.

— Acabo de retornar.

Ian assentiu com a cabeça. Seu olhar se fixou no torcido sporrán do Angus.

— Pareceu-me ouvir um ruído, — disse, voltando o olhar para a bolsa de estacas. Angus tirou a cigareira de seu sporrán aproveitando para endireitar a bolsa de couro.

— Estava a ponto de encher minha garrafa. Quer um gole?

— Aye. Obrigado pela oferta. Muitos vampiros não o fariam.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Angus se dirigiu para o mini bar.

— E por que não ia fazê-lo?

Ian soltou um bufido.

— O ex-harém do Roman tem aberto um clube de vampiros “subido de tom” e o maldito gorila da porta diz que sou muito jovem para entrar.

— Ridículo. — Angus encontrou a garrafa do *Blissky* e desenroscou o plugue. — Se é quase tão velho como eu.

— Ninguém o acredita.

Angus olhou o rosto juvenil de seu velho amigo. Tinha encontrado ao Ian mortalmente ferido no campo de batalha do Solway Moss em 1542 e o trouxe para a escuridão entre os lamentos dos soldados moribundos. O que outra coisa poderia ter feito? Deixar morrer a um jovem de quinze anos? Naquele momento tinha lhe parecido uma trágica perda da juventude e Angus pensou que estava fazendo, u grande favor ao jovem soldado. Mas tinha o condenado Ian a ter a cara de um menino durante toda a eternidade.

Angus suspirou enquanto se servia um copo para ele e outro para o Ian. Isto deveria o ter ensinado. Interferir com os mortais sempre acabava sendo algo turvo e carregado de lamentos. Não podia permitir o luxo de ter nenhum tipo de sentimentos para a Emma Wallace.

— Assim, posso entender que encontrei a caçadora? — Ian jogou uma olhada à bolsa sobre a mesa. — São estas suas estacas?

— Aye. — Angus encheu sua cigarreira com o *Blissky*. Idiota. A garrafa estava quase vazia. — Tratou de usar algumas destas comigo.

— Sério? — Disse Ian abrindo muito os olhos. — Está bem?

— Aye, estou bem. — Angus levou os dois copos à mesa e ofereceu um ao Ian. — Mas estou tendo problemas para convencê-la que sou um bom tipo.

Ian se pôs a rir.

— Por que não me surpreende? Com esse olhar de fera que tem. Possivelmente deveria falar eu com ela. - Seu sorriso se desvaneceu. — Ninguém pensa que eu dê medo.

Angus lhe deu uma palmada nas costas.

— Temem-lhe no campo de batalha. — Bebeu de seu copo e se estremeceu. Que sangrento material tão forte. Mas poderia acalmar sua fome de sangue. E de desejo pela Emma Wallace. Derrubou a bolsa e atirou algumas estacas sobre a mesa. Agarrou uma e leu a palavra mamãe. Ian fez uma careta.

— Que desagradáveis. Veem-se muito afiadas.

— Aye, podem nos matar. — Angus escolheu outra estaca. Papai. Merda. Não era de sentir saudades que odiasse tanto aos vampiros.

Ian se moveu para o computador.

— Tem vários e-mails esperando na caixa de entrada. Do Mikhail de Moscou.

— OH, bem. — Angus rodeou o escritório e se sentou frente ao computador. A noite anterior tinha descarregado o arquivo pessoal de Emma. Tinha conseguido muita informação



interessante sobre ela e o mais importante, que seus pais foram assassinados seis anos atrás em Moscou. Tinha enviado alguns e-mails a suas operações em Moscou para conseguir mais informação.

Tendo em conta a diferença horária Mikhail estaria dormindo nesses momentos, mas antes tinha enviado um e-mail para informar de seus achados. Havia-se teletransportado à delegacia de polícia em metade da noite e copiado o relatório arquivado. Também o tinha enviado. O primeiro arquivo anexo estava em russo, o segundo era a tradução que tinha feito Mikhail. Fazia um bom trabalho.

Uma hora mais tarde tinha enviado um segundo e-mail que incluía uma tradução do relatório do médico forense e uma cópia da foto da cena do crime. Segundo o médico forense as vítimas tinham morrido degoladas e todo o sangue tinha desaparecido. Angus estudou a foto. Não havia nenhum atoleiro de sangue sob as vítimas pelo que não tinham sangrado onde foram encontradas. A polícia pensaria que tinham trasladado os corpos desde outro lugar.

Era um encobrimento típico de vampiros. Cortar a garganta para que as marcas das presas não possam ser detectadas. A polícia chegou à conclusão que os responsáveis eram da máfia e isso é o que disseram a Emma. Mas de algum jeito ela soube a verdade. O forte amor que tinha sentido para seus pais se converteu em um ódio feroz para os vampiros. Como ele. Angus suspirou.

— Isto é estranho. — Ian tomou um gole de sua bebida enquanto revolia entre as estacas.

— Estão todas marcadas com “mamãe” e “papai”.

— Seus pais foram assassinados por vampiros.

— Diabos, isso explica que seja uma caçadora.

— Aye, mas não sei como o descobriu. Os russos lhe disseram que a responsável era a máfia.

Por que suspeita dos vampiros? Como pode saber que existimos?

Ian se encolheu de ombro.

— Possivelmente foi testemunha do ataque.

Angus sacudiu a cabeça.

— Não a teriam deixado sobreviver. — Fez um dublo clique sobre seu arquivo pessoal e a seguir, jogou-lhe uma olhada. — Estava em Edimburgo quando se produziu o ataque.

Ian se apoiou no escritório.

— Mas ela é psíquica, não?

Angus levantou a vista do relatório.

— Poderia ter razão.

E se de algum jeito tivesse sido testemunha do assassinato de seus pais através de sua mente? Certamente isso explicaria sua raiva e sua necessidade de vingança.

— Convenceu-a para que parasse? — Perguntou Ian.

— Ainda não. É muito teimosa.

— Bom, é escocesa.

Angus sorriu.

— Aye. Também é uma lutadora muito fera.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Gregori diz que é boa.

Seu sorriso se desvaneceu.

— Gregori terá sorte se viver outra semana mais.

A boca do Ian se contraiu.

— Queixou-se ao Roman de ti.

Angus encolheu de ombros e começou a escrever um e-mail ao Mikhail. Sua seguinte missão: localizar aos vampiros que mataram os pais da Emma Wallace. Poderia ser uma petição impossível, mas Mikhail o faria o melhor possível. Angus clicou em *enviar* quando notou que Ian seguia rondando pelo escritório.

— Algo mais?

— Aye. Roman quer verte. E Shanna também. Diz que passaram seis meses desde sua última revisão.

Angus sacudiu a cabeça, sorrindo. Haveria alguma coisa que Roman não fizesse por sua esposa? O homem estava tão apaixonado que tinha aberto uma clínica dental no Romatech para a Shanna onde pôde continuar com sua profissão em um lugar seguro. A maioria dos vampiros tinham sido muito reticentes de ter a um humano mexendo em sua boca, por isso Angus tinha sido o primeiro a ficar na fila de pacientes para mostrar seu apoio. Depois tinha sugerido amavelmente a todos os empregados que se fizessem uma revisão. Algo para ajudar ao Roman. O monge tinha salvado a vida do Angus e Ihe tinha dado uma razão para viver. Angus queria ver feliz a seu velho amigo, mas não podia compreender como podia funcionar o matrimônio com uma humana.

A vida dos mortais era muito curta. E em consequência, eram muito emocionais. As suas feridas demoravam a se curar, enquanto que um vampiro tinha a vantagem dos séculos para amortecer os golpes.

Emma Wallace era o exemplo perfeito. Toda sua vida estava centrada em sua apaixonada busca de vingança. Mas sua vida era tão breve. Deveria estar desfrutando-a e não desperdiçando-a perseguindo umas criaturas que seguiriam estando aqui dentro de cem anos. Realmente precisava fazê-la compreender. E Ihe tirar o resto das estacas. Procurou a folha de seu perfil na pasta da Equipe Estacar e encontrou sua direção e seu número de telefone.

— Olá? — Saudou Ian com a mão para chamar sua atenção. — Roman está esperando. Está no Romatech com a Shanna.

— Não esta noite.

A forma mais rápida de chegar ao apartamento da Emma era que chamasse por telefone e usasse sua voz como farol para teletransportar-se. Mas ia depois de seu tolo comentário sobre usar algo sexy?

— Muito bem, — admitiu Ian. — Lhes direi que se unirá a nós amanhã de noite depois da missa.

— Depois do que? — Angus franziu o cenho por ter afastado sua atenção do problema em questão. — Da missa?



— Aye. O padre Andrew oferece uma missa por nossas almas aos domingos de noite às onze. Roman tinha convertido uma sala do Romatech em capela. Continuando, Shanna teve a brilhante ideia de oferecer Fusion Cuisine grátis depois da missa. Agora vêm pelo menos trinta vampiros.

Angus se burlou.

— Não necessito que um sacerdote reze por minha alma. A diferença do Roman sou muito feliz sendo vampiro.

— Assim, não tem remorsos?

Angus se encolheu de ombros. Em toda vida havia coisas que lamentar e a sua tinha sido muito mais larga que a maioria.

— Sempre tenho feito o que acreditei correto em seu momento, — e rezou para que outros não sofressem por isso. Olhou o rosto permanentemente jovem do Ian e se estremeceu. — Eu hei... Cometido alguns enganos.

— Então nos veremos amanhã.

Angus suspirou.

— Diga ao Roman que o verei em algum momento futuro. Não posso dizer quando. Tenho que ver a Emma todas as noites até que possa convencê-la que deixe de caçar.

— Connor diz que deveria te ajudar. Que você não deveria tratar disto sozinho.

— Está equivocado. — Angus apertou as palavras entre os dentes enquanto olhava para Ian.

— Muito bem. — Ian arregalou seus olhos azuis. — É o chefe. — Se aproximou da porta. —

Roman vai querer saber por que não pode vir esta noite.

Angus franziu o cenho enquanto olhava a direção da Emma em seu perfil.

— Ela tem mais estacas em seu apartamento.

— Vais invadir sua casa? Sozinho? Vais-te encontrar com uma briga infernal, certamente. Deixe-me ir contigo.

— Não. Posso com ela.

— Assassinou a quatro vampiros que pelo menos saibamos.

Angus se levantou.

— Você disse que posso com ela.

Ian vacilou, sua mão no trinco da porta.

— Não é imortal, Angus. Nenhum de nós o é.

Angus suavizou o cenho franzido.

— Já sei. Vou estar bem, moço. Verei-te quando retornar.

Ian assentiu com a cabeça.

— Muito bem, — deixou a habitação, falando por cima de seu ombro. — Pelo menos terá a surpresa de sua parte.

Angus fez uma careta. Não, não a teria. Que parvo tinha sido! E ela era uma moça inteligente e lutadora. Provavelmente teria outra armadilha preparada para ele. Que Deus lhe ajudasse porque ele tinha perdido a cabeça.



Katya Miniskaya sorriu cortesmente quando um dos membros de seu Aquelarre entrou em seu escritório. Era Boris, um dos chorões. Alek tinha informado dois meses atrás que Boris se queixava dela nas suas costas. Ao parecer estava molesto por que dois de seus amigos choramingões tinham sofrido desafortunados acidentes em seu escritório que foram mortais. Fez um gesto para a cadeira que estava diante de seu escritório.

— No que posso te ajudar?

Seus olhos se detiveram durante muito tempo em sua blusa de renda antes de sentar-se na cadeira oferecida.

— Alek diz que você oferece uma recompensa para quem quer que seja que matasse os mortais no Central Park.

— Assim é.

Tinha suspeitado que Boris era o responsável. Também tinha acreditado que era o suficientemente estúpido para cair nesta armadilha.

— Está dizendo que matou a um dos mortais?

— Talvez. — Levantou o queixo com um olhar desafiante. — Talvez matei aos três. Qual é a recompensa?

Katya ficou de pé lentamente. Ainda levava posta a roupa que utilizava para ir caçar, uma blusa de renda negra e uma saia rodeada com uma abertura lateral que chegava até seu quadril direito. Não levava nada debaixo. Vestida assim, por regra geral podia estar jantando em menos de cinco minutos. Os homens mortais virtualmente faziam fila para doar sangue. Alimentava-se de vários e jogava com um ou dois se eram o suficientemente bonitos, para mandá-los imediatamente depois bem longe com sua memória apagada e uma ereção inexplicável.

Ela se sentou no bordo da mesa e cruzou as pernas para deixar à descoberta sua coxa até o quadril.

— Que tipo de recompensa você gostaria?

Lambeu-se os lábios.

— Estava pensando em dinheiro ou um ataúde maior. Ou possivelmente... — Seu olhar dava um festim com a visão de seu corpo. — Você.

Agarrou-se mais forte no bordo da mesa, mas seguiu sorrindo.

— Admite os assassinatos, então?

— Merda, sim. As primeiras, fodias, depois bebi até as secar e lhes rachei a garganta.

— Que nobre de sua parte.

Katya se levantou da mesa e retornou à cadeira. Boris se encolheu de ombros.

— Há muitas mais de onde vieram essas. Não é que vamos sofrer uma escassez de mantimentos. — Sorriu. — Então, dá-me já minha recompensa?

Ela se sentou.

— Sou seu Mestre, não sua puta.

A ira brilhou em seus olhos e ali permaneceu.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Galina o é. Nestes momentos está acima entretendo ao Miroslav e ao Buriem.

— Então te ponha na fila. Galina desfruta levantando a moral com sua política de portas abertas. Eu sou a que mantém em funcionamento este Aquelarre e tenho muito trabalho pendente.

Ele soltou um bufido.

— Unicamente é a Mestra porque matou ao Ivan.

— Algo que você não teve as bolas de fazer. — Katya abriu sua gaveta e inseriu um dardo em uma zarabatana. — Não, *você* ataca a mulheres indefesas e ainda se chama de *homem*.

Ele ficou rígido.

— Não é um crime matar humanos. É nosso direito. — Entreabriu os olhos. — Não há recompensa, verdade? Deveria ter sabido que é uma puta mentirosa.

— OH, mas *há* uma recompensa...

Katya levantou a zarabatana até sua boca e com um sopro de ar enviou o dardo voando diretamente ao pescoço do Boris.

— E u...

Cambaleou-se para trás com um olhar atônito. Puxou do dardo de seu pescoço.

— *Beladona?* — Caiu ao chão, encolhido.

— Trabalha rápido, não te parece? — Katya se aproximou de seu paralisado corpo e pôs um pé sobre seu peito. Pressionou o salto agulha sobre ele.

— O que te parece a recompensa?

Boris tinha os olhos nublados pela dor e o medo.

— Já vê. Por regra geral não me oporia à morte de um humano. Matei a uns quantos com minhas próprias mãos. É sua motivação ao que ponho objeções. Está tratando de provocar uma guerra entre meu Aquelarre e o do Draganesti. Crie que se explodir a guerra, serei substituída. E pensou que era muito estúpida para não me dar conta. — Se inclinou. — Eu não vou a nenhum lado. Por outro lado, você...

O telefone soou, interrompendo seu discurso.

— Maldito seja. — Olhou o telefone, depois ao Boris. — Não vá.

Rindo, voltou de novo até a mesa para responder.

— Diga?

— É Katya Miniskaya, a CO-Mestra do Aquelarre russo-americano?

A voz masculina tinha pronunciado *CO-Mestra* em evidente burla.

A cólera a invadiu. Um vampiro macho nunca consentiria esta falta de respeito. Só um homem tinha reconhecido sempre seu talento e seu potencial. Só ele a tinha elogiado pelo que outros não viam. Ela se propôs a seduzi-lo por puro desafio, mas caiu em sua própria armadilha. Apaixonou-se por ele. E o filho de puta a abandonou.

Deveria tê-lo matado.

Apartou as lembranças. Agora era uma Mestra do Aquelarre. Não necessitava nenhum homem e não ia permitir que este cretino arrogante do telefone tirasse o sarro.



— Quem é? O que quer?

— Sou um sócio de Casimir. — A voz fez uma pausa. Katya esperou, mas ele permaneceu em silêncio. Possivelmente tinha pensado que a só menção de Casimir a aterrorizaria até o ponto de impedi-la de manter uma conversa. Soltou um bufo.

— E?

— Está descontente contigo.

— Grande coisa. Eu tampouco estou muito contente com ele.

Casimir tinha feito acreditar a todo mundo que tinha morrido na Grande Guerra Vampira de 1710. Tinha deixado que todos se sentissem derrotados e sem líder.

Uma forma oscilou ao lado da cadeira vazia e depois se solidificou. Era um homem fornido com o pescoço mais grosso que a cabeça, o cabelo castanho claro e uns frios olhos azuis que a olhavam com aborrecida condescendência. Seu traje cinza e sua maleta de pele pareciam estritamente profissionais, mas Katya soube que era perigoso assim que o viu.

Ela se moveu com cuidado pela parte traseira de seu escritório, fazendo uma demonstração ao pendurar o telefone e sentar-se. Sua nova posição a situou perto de sua zarabatana e de seus fornecimentos de dardos de beladona. Seus lábios se curvaram em uma careta.

— Obrigado por me receber.

Fechou o telefone móvel de um golpe e o guardou no bolso de seu casaco. Merda. Tinha utilizado sua voz como farol.

— Quem é e o que quer?

— Sou Jedrek Janow, um bom amigo de Casimir.

Ela manteve seu rosto impassível com muito cuidado. Durante os últimos anos tinha ouvido mencionar este nome entre sussurros. Era o assassino favorito de Casimir.

— Como está você?

Ela fez um gesto lhe oferecendo a cadeira para que se sentasse, mas ele não se sentou. O filho de puta preferiu ficar olhando fixamente. Deixou com suavidade sua maleta de pele na cadeira. Ela elevou o queixo.

— Como é que está acordado? Ainda não amanheceu onde se escondem você e Casimir?

Entrecerrou os olhos.

— A localização de Casimir não lhe concerne. Quanto a mim, hei-me teletransportado de Paris e não posso ficar muito tempo.

— Que lástima!

— Sua arrogância não é apropriada. — Deu um passo para o escritório. — Não se equivoque. Casimir a permitiu manter-se no poder. Mas poderia eliminá-la em qualquer momento.

Katya se esforçou por não mostrar nenhuma reação, mas podia sentir o sangue fugir de seu rosto. Quando Casimir eliminava a alguém, o fazia de forma permanente. Por isso tinha vindo Jedrek? Referia-se a matá-la esta mesma noite?

— Não há nenhuma razão para que esteja molesto comigo. Este Aquelarre era pobre até que eu me fiz cargo dele. Agora somos ricos.



— Nunca houve um Mestre do Aquelarre que fora mulher.

Ela ficou de pé.

— Acredita que não sou o suficientemente forte para o trabalho? — Fez um gesto para o chão detrás do Jedrek. — Saúde o Boris.

Jedrek olhou ao Boris sem dizer nada e depois voltou seu olhar para ela

— Veste-se como uma puta.

— Estas são as roupas que utilizo para ir caçar. Garantem vários litros em cinco minutos. Eu gosto de chamá-los meu “fast food”.

— Assumi o cargo depois de matar ao Ivan Petrovsky.

Ela se encolheu de ombros.

— Um método antigo e tradicional para promocionar se profissionalmente.

— Petrovsky salvou a vida a Casimir no final da Grande Guerra.

Estava fodida.

— Não sabia. Todo mundo pensava que estava morto.

— Segundo minhas fontes, antes de morrer Ivan admitiu que Casimir estava vivo.

Ela tragou saliva. Um dos membros de seu Aquelarre era um mexeriqueiro.

— Galina e eu estamos fazendo um excelente trabalho como CO-Mestras. Possivelmente gostaria de conhecê-la?

— Ela é uma puta.

— Mas uma muito boa. E os homens estão contentes e felizes.

Jedrek fechou um fornido punho sobre o escritório.

— É uma tola. Casimir não quer adeptos felizes. Por que crê que o inimigo nos chama os Malcontents?

Katya pôs as mãos sobre o escritório e se inclinou para ele.

— Meu Aquelarre segue todas as tradições dos Autênticos. Alimentamo-nos de humanos. Manipulamos para lhes tirar dinheiro. Detestamos aos vampiros débeis que bebem sangue engarrafado como se fossem bebê. E quando Casimir esteja preparado para massacrá-los, nós estaremos aí para ele.

Jedrek soprou.

— Como pode lutar por Casimir quando nem sequer pode proteger aos membros de seu próprio Aquelarre? Quantos foram assassinados no último ano?

Merda. O pequeno delator tinha feito um bom trabalho.

— O verão passado houve três mortes. E um na semana passada. Mas adotei medidas.

— O que medidas? Capturaste ao caçador? — Jedrek olhou ao Boris. — É este?

Teve a tentação de dizer que sim.

— Ele... Está envolvido. Como já disse, tenho a situação sob controle.

— Casimir quer uma prova de sua dedicação.

— Uma prova? Isso é bastante fácil. Diga adeus, Boris. — Katya agarrou o abre cartas de madeira de em cima de seu escritório, foi para o Boris e o apunhalou no coração. Converteu-se em



um montão de pó sobre o tapete. — O dou de presente para Casimir?

Jedrek arqueou as sobrancelhas indicando que não estava impressionado.

— Casimir quer ao caçador. Tem planos especiais para ele.

O assassino voltou para a cadeira onde tinha deixado sua maleta e tirou um pequeno aparelho eletrônico. Perambulou pela habitação enquanto olhava a pequena tela do dispositivo. Katya deixou cair o abre cartas sobre a mesa.

— O que está fazendo?

— Casimir não acredita que possa defender adequadamente seu covil. Ouviu que Draganesti se teletransportou a esta casa no verão passado e resgatou a alguém que estava aqui prisioneira.

— Ivan estava a cargo então. E não tivemos mais incursões desde esse momento e aumentei o número de guardas durante o dia.

Jedrek seguiu movendo-se pela habitação olhando seu dispositivo.

— Sabe que Angus MacKay está aqui, em Nova Iorque?

Katya tragou saliva. Jedrek se burlou.

— O tomarei como um *não*.

— Estou segura que vem frequentemente. Draganesti é um de seus clientes. — E não é que Angus fosse se preocupar em vir vê-la.

— É interessante que esteja aqui neste momento, não acredita?

Suspeitava Casimir que Angus estava envolto nos assassinatos? Bom, durante a Grande Guerra ele tinha morto a mais Autênticos que ninguém e sua companhia tinha uma desagradável maneira de investigar e dispensar justiça. A última vez que o tinha visto foi na primavera passada durante a gala inaugural do Balé. Tinha atuado como se nem sequer a conhecesse. Só lhe tinha falado uma vez, quando a esbofeteou com seu sarcasmo. *E qual é sua ideia de diversão? Planejar o assassinato de alguém esta noite?*

Maldito fora. Deveria havê-lo matado fazia muito tempo.

— Aah! — Jedrek passou os dedos pela parte posterior da barra da cortina e arrancou um pequeno objeto metálico. — Ainda pensa que está qualificada para dirigir este Aquelarre? — Puxou o dispositivo de escuta sobre o escritório e o esmagou com uma pisadela. Ela fez uma careta. Quanto tempo fazia que havia escutas em seu escritório? Quem o tinha feito? Draganesti? Ou Angus MacKay?

Jedrek desenroscou o receptor de seu telefone e encontrou outro micro. Olhou-a com uma careta.

— Patético.

Também o esmagou com o pé. Ela chiou os dentes. Jedrek ia se desfrutar ao contar a Casimir.

— Posso proteger este Aquelarre. E capturarei ao caçador.

— Bem. — Jedrek deixou cair seu detector de micros em sua maleta e o fechou. — Esperarei que me entregue isso em uma semana.

Katya piscou.



— No próximo domingo?

— No sábado. — Jedrek encolheu de ombros. — Como já te hei dito, não está muito contente contigo. Só está procurando um motivo para desfazer-se de ti.

Para matá-la. Katya apertou os punhos.

— Suponho que já escolheu a alguém para que ocupe meu lugar?

— Sim. — Jedrek endireitou sua gravata, sorrindo. — Eu.

— Isso é ridículo. Você nem sequer é russo. Meus homens não receberão ordens de um polonês.

— Metade polonês, metade russo. — Jedrek encolheu de ombros. — A Casimir importa uma merda nossa herança. O que ele quer, ou exige, é lealdade.

— Eu *sou* leal.

— Demonstre-o. — Jedrek olhou seu relógio. — É hora que vá.

— Vou demonstrá-lo. — Katya foi para ele. — Vou fazer mais que capturar ao caçador. Vou entregar Ihe Angus MacKay.

As sobrancelhas do Jedrek se dispararam para cima. Katya sorriu. Por fim tinha conseguido que reagisse. Jedrek soprou.

— Acreditas que pode capturar ao general do exército Vamp?

— Casimir não estaria encantado do ter em suas mãos? — E não adoraria vê-lo sofrer? — Vou entregar ele e ao caçador, no próximo sábado. E você pode deixar de cobiçar meu posto.

Jedrek se burlou.

— Já o veremos. Nunca o conseguirá.

E desapareceu.

Katya respirou fundo. Agora tinha que capturar ao Angus MacKay. E isso ia ser extremamente difícil. Estava envolto nos assassinatos? Era muita coincidência que se encontrasse em Nova Iorque ao mesmo tempo, mas tanto se estava envolto como se não, já não importava. Ela tinha prometido Angus e o caçador, e sua vida ia ser muito curta se não os entregava aos dois no sábado.

Merda. Necessitava um plano. Katya passeou por seu escritório. Ia necessitar de um grupo de homens para capturar ao Angus. E uma vez que o tivessem capturado, a ele e ao caçador, teria que mantê-los prisioneiros sem que conseguissem escapar.

Necessitaria prata. Toneladas de prata. Graças a Deus o Aquelarre era rico. Fazia uns meses que Alek e ela se haviam teletransportado ao interior de umas lojas no Distrito do Diamante<sup>11</sup> e se ajudaram a si mesmos levando algumas pedras soltas e depois se haviam teletransportado a Califórnia onde um associado pagou os 1,2 milhões de dólares que valiam as pedras. Eles estavam de volta em seus acolhedores lares do Brooklyn antes que a polícia, nem sequer se desse conta do

---

<sup>11</sup> 10:A Diamond District é uma área de New York localizado na West 47th Street, entre a Fifth Avenue ea Sexta Avenida (Avenida das Américas), no centro de Manhattan. A área é um dos cuidados primários da indústria mundial de diamantes (junto com Londres - pedras brutas, o distrito dos diamantes de Antuérpia, na Bélgica - histórico, mas em declínio, Mumbai, Índia - aumentando em importância, Ramat Gan, Israel - também está crescendo, e Joanesburgo, África do Sul - a importante fonte histórica), e um grande centro de compras de jóias na cidade. Cerca de 90% dos diamantes nos Estados Unidos entram por New York.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



roubo.

Mandaria construir uma habitação com paredes de prata, que mantivesse detido o caçador e impedisse que Angus teletransportar-se para a liberdade. E ia necessitar muita beladona. Seus estoques se estavam acabando. Fez uma pausa quando notou outro problema. Como podia entregar Angus e o caçador ao Jedrek no sábado? Ele queria que ela falhasse para ocupar seu lugar no Aquelarre. Não podia confiar nele absolutamente. Não, teria que ser ela mesma quem entregasse os cativos a Casimir.

Algo difícil, quando não estava segura de onde poderia estar. Apostaria a que em algum lugar da Rússia ou Europa do Este. Galina ajudaria. Ao fim e ao cabo seu pescoço também estava em jogo. Não tinha uma propriedade em Ucrânia?

Katya chamou por telefone a Galina e ao Alek e lhes pediu que fossem imediatamente ao escritório. Continuando, agarrou uma caneta e começou a fazer planos. Quem podia ser o caçador? Só um vampiro podia matar a outro vampiro e tinha a forte suspeita que era um membro do Aquelarre do Draganesti. Ou talvez um dos empregados do Angus MacKay. Ou o próprio Angus MacKay.

Maldito fora. Ao final conseguiria o que se merecia. Levantou a vista quando Alek entrou no escritório.

— Temos uma semana para capturar ao caçador e ao Angus MacKay e entregar-lhe a Casimir.

Alek ficou boquiaberto.

— Uma semana? E quando ocorreu isto?

— Acabo de ter uma visita. Um polonês chamado Jedrek Janow.

— Ouvi falar dele. É um dos assassinos de Casimir.

Katya suspirou.

— Será meu final e o de Galina se não o conseguirmos.

— Jesus — sussurrou Alek.

— Quero que procure o caçador. Nossos homens trabalharão em equipes de três. A gente atuará de cevo para atrair ao caçador e os outros dois permanecerão escondidos e preparados para atacar.

— Fá-lo-ei bem. — Alek começou a caminhar para a porta e logo vacilou. — Eu... Eu nunca disse nada, mas...

— O que? — Katya o fulminou com o olhar. — Não temos muito tempo.

Alek fez uma careta de dor.

— Vi como matava ao Vladimir.

— O que? — Katya se precipitou para ele. — Viu o caçador e não disse nada?

— Eles me dispararam com balas de prata. Tinha tantas dores que não sabia o que se estava passando. E então a garota se aproximou por detrás. Não a viu vir.

— A garota? Eles? Está dizendo que há dois?

— Sim, um homem e uma mulher, trabalhando juntos. Ele me encheu de buracos enquanto



Vladimir estava alimentando-se. Então ela veio por detrás e estacou ao Vlad pelas costas.

Katya agarrou ao Alek pela camisa e puxou dele.

— É um cretino. Por que não me disse isso antes?

— Eu... Tinha as balas me queimando. A prata me estava matando. Tive que ir até uma clínica de emergências e tomar o controle das mentes dos doutores e as enfermeiras. Tomou toda a noite.

Katya chiou os dentes e o separou de um empurrão.

— Me podia ter dito isso a noite seguinte.

Ele baixou a cabeça.

— Tinha vergonha. Vladimir tinha sido um bom amigo. Deveria ter podido salvá-lo de algum jeito.

Katya suspirou.

— Então, está seguro que há dois caçadores? Um homem e uma mulher?

Alek assentiu com a cabeça, evitando seu olhar. Lhe alisou a camisa por onde o tinha pegado antes.

— Falhou em salvar ao Vladimir, mas pode nos salvar a Galina e a mim.

— Fá-lo-ei. — Ele a olhou lhe suplicando com os olhos. — Faria algo por ti, Katya. Juro-lhe isso.

Ela sempre tinha suspeitado que sua vontade para ajudá-la se apoiava em algo mais que em sua lealdade. Acariciou lhe a bochecha.

— Me ajude a apanhar aos caçadores, Alek, e farei algo por ti.

Seus olhos brilhavam quando ele a olhou.

— Dá-os por capturados.

Equilibrou-se para a porta, quase atropelando a Galina ao passar.

— Aonde vai com tanta pressa? — Perguntou Galina.

— Nos acaba o tempo. Não tem uma espécie de castelo em Ucrânia?

— É mais como uma antiga casa senhorial. Por que me pergunta isso?

— Vai esta noite. Necessitaremos uma cela completamente forrada de prata. Vou dar o dinheiro.

Galina arqueou suas sobrancelhas perfeitamente depiladas.

— Vamos manter prisioneiro a um vampiro?

— Mais de um. Um caçador, ou talvez dois. E ao Angus MacKay.

Galina ficou boquiaberta.

— O general de exército Vamp?

— Sim. — E o idiota que a tinha abandonado fazia anos. — Não me surpreenderia que ele fosse um dos caçadores. — E estava trabalhando com uma mulher? Isso fez com que o sangue de Katya fervesse. Ela não tinha sido o suficientemente boa para ele, mas esta puta sim o era?

— Casimir os quer, assim, ou o fazemos ou morremos.

Galina fez uma careta.



— Bom, isso é uma óbvia verdade.

Katya assentiu com a cabeça. A noite tinha estado cheia de surpresas. Até agora não se deu conta que Galina tinha cérebro.

## Capítulo 6

Emma olhou a hora em seu telefone móvel. Merda. Tinha passado uma hora e vinte minutos desde que tinha abandonado Central Park. Depois que Angus MacKay lhe dissesse que ia fazer lhe uma visita em seu apartamento, deu-se conta que tinha uma grande necessidade de mais armamento. Tinha ido de táxi até o edifício federal do Midtown e correu até o escritório da Equipe Estacar no sexto andar. Agarrou vários artigos do arsenal: um par de algemas de prata, algumas correntes de prata, balas de prata para seu Glock e uma caixa inteira de estacas, já que em seu apartamento não ficavam muitas.

Por desgraça, os guardas de segurança da planta baixa não a deixaram sair de qualquer jeito com tudo e sem nenhum tipo de licença. Obrigaram-na a passar quinze minutos preenchendo papelada de merda. Depois teve problemas para encontrar outro táxi. Não estavam acostumados a rondar os edifícios de escritórios aos sábados de noite.

Agora já estava quase em casa com seu contrabando de quinquilharias. Olhou o taxímetro e tirou uns bilhetes para pagar ao condutor. Já só podia esperar que Angus MacKay não tivesse adiantado e tivesse chegado antes que ela retornasse.

O condutor se deteve em uma parada frente a seu edifício do SoHo. A rua estava às escuras, excetuando os pequenos halos de luz que rodeavam as luzes. Algumas pessoas estavam fora, passeando seus cães ou conversando com os vizinhos. Pagou ao condutor e saltou do assento traseiro. Tinha levado todo o material de prata em uma bolsa de comestíveis. Deixou a bolsa no teto e alcançou a caixa de estacas.

Quando se endireitou, lhe arrepiaram os cabelos da nuca e teve um pressentimento. Estavam-na vigiando. Inclusive com seus sentidos relaxados, pôde sentir sua presença.

Olhou para o terceiro piso do edifício. Todas as janelas estavam com as persianas fechadas. A terceira janela da esquerda era a de seu apartamento. Havia um oco entre duas das lâminas? Entrecerrou os olhos.

A persiana se abriu rapidamente. Ela ficou sem fôlego. Angus estava ali!

— Hei, senhora! — Gritou o taxista. — Vai ficar aqui toda a noite? Feche a porta!

Emma puxou a caixa de volta dentro do táxi, agarrou a bolsa do teto e voltou a entrar.

— Conduza.

— O que? — O taxista a olhou, molesto. — Aonde?

— Só conduza. Já!

Ele pisou no acelerador. Emma se girou para olhar pela janela traseira do carro. Tinham arrancado as persianas de seu apartamento e a escura silhueta de um homem ocupava a janela.



Podia sentir seus olhos nela, observando-a. Podia sentir sua presença, rodeando-a.

Olhou para diante. Merda, odiava sair correndo. Mas não ia lutar contra um vampiro sem estar preparada, de maneira nenhuma. E não era como que ela pudesse lhe pedir por favor que saísse dez minutos para poder preparar uma armadilha para lhe chutar o traseiro.

Seu magnífico traseiro. A lembrança dele pendurado de barriga para baixo se meteu furtivamente em sua mente.

O táxi chegou ao final da rua.

— Aonde, senhora?

— Eeeeh, gire à direita.

Emma golpeou um punho em seu joelho em sinal de frustração. Odiava retirar-se, embora fosse a melhor opção. Pensa, pensa. Necessitava um lugar onde pudesse preparar-se em segredo para a briga. E quando estivesse preparada para a batalha, convidá-lo-ia.

É óbvio! O apartamento de Austin. Estava perto de Greenwich Village. E era maior que o seu. Um lugar muito mais adequado para lutar contra um vampiro.

Deu a direção ao taxista. Quando Austin Erikson esteve na Equipe Estacar, tinham chegado a converter-se em bons amigos. Depois que Sean o tinha posto na lista negra impossibilitando encontrar qualquer trabalho decente, Austin tinha aceitado um na Malásia. Devia estar bem pago, já que tinha conservado seu apartamento em Manhattan.

Emma se tinha devotado para jogar uma olhada. Graças a Deus. Seria o lugar perfeito para pôr sua armadilha. Talvez pudesse atrair ao Angus até o dormitório. Os travesseiros da cama eram de ferro fundido. Perfeito para as algemas de prata.

E Angus... Certamente a seguiria até o dormitório. Sua atração por ela não era nenhum segredo. Recordou a sensação de sua ereção pega a sua coxa. O toque de sua mão enquanto lhe acariciava o quadril. Sua forma de presumir que deixava bem satisfeitas as mulheres.

Esteve tentada de averiguar se isso seria verdade. Ele afirmava ser um homem de palavra.

*Não!* Não era um homem. Emma se recostou contra o assento com um gemido. Uma parte de sua luta era contra si mesma.

Mau raio o partisse, ela não estava em casa. Angus estava decepcionado quando Emma não respondeu ao telefone. Teve que usar sua secretária eletrônica como farol.

Desde sua chegada minutos antes, tomou a liberdade de examinar seu pequeno apartamento. Nada interessante, exceto por um punhado de estacas que havia sobre a mesa de café com um marcador permanente ao lado. Podia imaginá-la vendo a televisão enquanto marcava cada uma com as palavras *Mamãe ou Papai*.

Perguntou-se se ela fora para outro lugar para simplesmente esperar que amanhecesse. Ele teria que ir-se dali antes da saída do sol. Mas queria falar com ela esta mesma noite. Precisava convencê-la que deixasse de caçar.

Olhou pela janela. O táxi tinha chegado ao final do quarteirão. Poderia teletransportar-se até a esquina em um segundo, mas ali havia uma mulher de avançada idade parada com seu cão,



esperando para cruzar a rua. Se de repente aparecia a seu lado, poderia deprimir-se e morrer do susto. Ou romper o quadril. Os mortais pareciam muito frágeis, sobre tudo os de idade avançada. Angus descobriu uma zona escura ao lado de um lance de escadas que conduziam ao edifício da esquina. Concentrou-se e se teletransportou a aquela zona. Apalpou sob seu sporran para assegurar-se que estava intacto e saiu das sombras.

O táxi girou à direita. A senhora atravessou a rua coxeando, sem dar-se conta de sua presença. Mas seu cão o viu e começou a fazer cambalhotas a seu redor. Olhou ao pequeno terrier. Silêncio. Com um gemido, o cão se aproximou da anciã.

Angus gemeu para si mesmo. Como mortal, sempre tinha gostado dos animais, por isso o incomodava que lhe tivessem medo. Não era de tudo humano. O descobrimento do Roman ainda o irritava. Não era estranho que os animais reagissem mal a seu redor. Eles podiam sentir aquilo que ele não tinha compreendido durante todos estes anos.

Viu o táxi de Emma ao longe. Tinha reduzido a velocidade para girar à esquerda. Moveu-se à velocidade vampírica e continuou seguindo-a. Cada vez que o carro se detinha, ele permanecia oculto. Se Emma o via, conduzi-lo-ia a uma busca inútil através de toda a Manhattan.

Por sorte não foi muito longe. O táxi se deteve frente a um edifício de apartamentos no Greenwich Village. Ele esperou detrás de uma caminhonete enquanto ela descarregava uma bolsa e uma caixa do assento traseiro e os deixava na calçada. Mais estacas? Tinha visto uma caixa vazia como aquela em seu apartamento.

Ela pagou ao condutor e a seguir rebuscou no bolso de suas calças. Uma chave? Ela tinha noivo. A conclusão se filtrou por seu cérebro como uma serpente venenosa. Chiou os dentes quando ela abriu a porta e colocou seus pertences na entrada. Um condenado noivo. Um amante humano. Quem quer que fosse, não era o suficientemente bom para ela. É que nem sequer sabia o que ela fazia pelas noites? Não havia maneira que a pudesse proteger. Só Angus podia fazê-lo.

Apertou os punhos, sabendo muito bem que a serpente enroscada em seu estômago tinha um nome. Ciúmes. Atravessou a rua com o cenho franzido para a porta de cristal pela que Emma acabava de entrar. Já estaria fechada, mas isso não o manteria fora. Simplesmente se teletrans...

Uns freios chiaram e soou uma buzina. Girou a sua esquerda e um táxi parou em seco a poucos centímetros diante dele. Que um raio o partisse! Tinham estado a ponto de atropelá-lo. Não é que uns quantos ossos quebrados o fossem matar, mas devia doer muitíssimo. O taxista lhe gritou umas quantas obscenidades. Angus assentiu com a cabeça. Era um idiota. A presumida existência de um noivo o deixou de saco cheio que cruzou a rua precisamente diante de um carro.

Voltou para a calçada para deixar passar ao táxi. Tinha que controlar-se. Emma poderia estar com uma garota. Por que tinha assumido automaticamente que tinha noivo? Bom, possivelmente porque ela é formosa, inteligente, valente e virtuosa, tudo o que um homem sempre desejava.

Aproximou-se da porta de cristal e olhou ao interior. Ela já estava no elevador, mas apertando-se para a esquerda, pode distinguir as luzes do piso em cima do elevador. Tinha subido no quarto piso. Olhou a seu redor para ver se era seguro teletransportar-se para dentro.

Filho de puta. O táxi que tinha estado perto de atropelá-lo se tinha detido frente ao edifício.



Duas mulheres jovens e loiras saíram tropeçando do assento traseiro, rindo. A mais alta deu ao condutor um pouco de dinheiro e plantou um sonoro beijo em sua bochecha. Isso fez com que a loira mais baixa estivesse a ponto de voltar a rir. Ela esperou na calçada, vacilante sobre seus brilhantes saltos de agulha que faziam jogo com seu top prateado e sua bolsa. Suas calças curtas eram rosadas e na parte traseira de seus quadris, estava escrita, em brilhante prateado, a palavra *Suculenta*.

Angus estremeceu. Não podia teletransportar-se para dentro do edifício com estas mulheres como testemunhas. Ocultou-se nas sombras, esperando que não o vissem.

— Vamos, Lindsay — se queixou a loira *suculenta*. — Não podemos abandonar a festa agora. Vamos ao The Hiccup and Hook Up.

A loira mais alta, Lindsay, tropeçou na calçada e cambaleou sobre suas sandálias de salto de cunha, a jogo com sua bolsa turquesa e sua camiseta. Umhas letras marrons cruzavam seu peito, dizendo *bonito está bem, mas rico é melhor*. Plantou seus punhos na pele nua sobre sua minissaia de cor marrom.

— Nunca vou voltar para esse clube. Os tios que há lá são todos uns perdedores. Juro-te que os tios bons se foram da cidade.

— Sim, não? — *Suculenta* apartou seu comprido cabelo de seu ombro. — Acredito que todos se foram do país.

— Shee, todos se foram a algum lugar como... Pittsburgh. — Concluiu Lindsay.

Angus suspirou. Quantos tempos iam ficar aquelas duas, aí, falando sobre nada? Deu-se conta que *Suculenta* tinha mechas de cor rosa intenso no cabelo. Poderia isso causar dano cerebral? Difícil de dizer, com estas duas. Possivelmente deveria seguir adiante e teletransportar-se para dentro. Estavam tão bêbedas que não se dariam nem conta.

— Ooooooh, olha, Tina. — Lindsay se moveu rapidamente para sua amiga. — Há um menino bonito detrás de ti.

Tina, a princesa anteriormente conhecida como *Suculenta*, deu a volta, perdeu o equilíbrio e se estrelou contra Lindsay. As duas riram. Angus gemeu para si mesmo.

— OH, é delicioso. — Tina abriu passo para ele.

— Eu o vi primeiro. — Lindsay empurrou sua amiga e Tina se estrelou contra um vaso de barro junto à porta.

— Ai, — Tina esfregou o quadril equivocado enquanto dirigia ao Angus um olhar impotente e ofendido.

— Não é o homem que quase atropelamos? — Lindsay entreabriu os olhos para ele. — Freamos tão rápido que pensei que ia sair lançada.

— Você sonha, — murmurou Tina. — Como se necessitasse ajuda para te lançar.

Lindsay se inclinou para o Angus, fazendo que seus olhos lacrimejassem por causa de seu fôlego.

— Eu adoro a saia. É do Versace?

— É um kilt. Tenho um alfaiate em Edimburgo.



— Ooooooh, é irlandês. — Tina se cambaleou para ele. — Eu adoro seu acento.

— Em realidade sou escocês. — Tratou de ir, mas o tinham aprisionado contra a parede de tijolos. Lindsay estava passando uma larga unha rosa pelo braço.

— Quer subir a tomar café?

— She, um café irlandês — riu Tina.

— Você parece um pouco quente com esse jérsei. — Lindsay o assinalou com sua unha brilhante. — Poderíamos te ajudar a estar mais cômodo.

— Vai ser divertido.

Tina tirou uma chave de sua bolsa prateado de lentejoulas e abriu a porta. Angus clareou a garganta.

— Preciso ver alguém deste edifício, se não te importa me deixar entrar.

— OH, querido, deixamos-lhe entrar. — Lindsay o agarrou pelo braço para puxá-lo para o vestíbulo. Tina pulsou o botão do elevador.

— Vi-o primeiro.

Lindsay liberou o Angus para ficar cara a cara com Tina.

— Não, eu o vi primeiro.

Angus se aproximou das caixas de correio enquanto as duas loiras discutiam por ele. Por sorte, cada um delas tinha o nome e o piso dos ocupantes. Examinou os do quarto andar. Um nome lhe resultou familiar.

— Já sei! — Anunciou Tina. — Vamos fazer o as duas juntas.

Explodiram em risadas. As portas do elevador se abriram.

— Venha! — Chamou Lindsay. — Menino irlandês! Vamos!

Ele lhes franziu o cenho.

— Estão seguras que querem a um estranho em seu apartamento? Poderia ser algum tipo de... Monstro.

As garotas abriram os olhos e ficaram olhando. Depois se olharam a uma à outra. E explodiram em gargalhadas.

— Sim, claro — Tina manteve abertas as portas do elevador. — Estou muito assustada. Acredito que molharei as calcinhas.

— As minhas já estão molhadas. — Lindsay escorregou para ele, tentando olhá-lo de forma sexy. Infelizmente, o rímel pegou um de seus olhos, fechando-o e acabou piscando e movendo seu olho nervosamente para tratar de mantê-lo aberto.

— Por acaso conhecem esta pessoa? — Angus assinalou a rolha do apartamento 421. — O nome é Erikson.

Lindsay enrugou o nariz.

— Sim, conheço-o, — voltou-se para Tina. — Recorda ao menino do 421? Era como... Muito grosseiro.

— Sim, não? — Tina se apoiou na porta do elevador. — Lhe pedi que me abrisse um bote de pepinos japoneses e me disse que eu já estava avinagrada.



— Não o vi em meses, — disse Lindsay. — Mas era muito bonito. Juro-te que todos os bonitos se foram da cidade.

— Chama-se Austin? — Perguntou Angus.

— Está procurando Austin? — A boca do Lindsay caiu aberta. — Meu Deus, é gay.

Angus ficou rígido.

— Não! Eu...

— Merda! Deveríamos ter sabido. — Tina o assinalou. — Quero dizer, olha, leva uma bolsa.

— Isto não é uma bolsa! — Angus fez chiar dentes. - Isto é um sporran e é uma velha tradição muito viril...!

— O que seja. — Lindsay agitou uma mão desprezando-o. — Por que estava tratando de ligar conosco se for gay?

— Sim. — Tina se burlou dele. — Não é mais que um mentiroso.

— She, um mentiroso. — Lindsay foi para o elevador. — Arrumado a que nem sequer é irlandês.

Angus exalou um suspiro de alívio quando as portas do elevador se fecharam de repente. Graças a Deus que tomava o sangue engarrafado e que já não tinha que lutar com o mundo moderno dos mortais para sobreviver. Tentar conquistar a mulheres como Tina e Lindsay poderia levar a um vampiro a querer saudar o sol. Menos mal que Emma era diferente. Ela era especial, inteligente e encantadora. E muito provavelmente estava no apartamento de Austin Erikson.

O elevador parou no quarto piso. Merda. Lindsay e Tina lutaram no corredor durante cinco minutos. Tinha que esperar. Ou talvez deveria para a casa. Se Emma dava conta que ele sabia onde estava, iria de novo. Não, era melhor deixá-la sozinha. Deveria teletransportar-se de novo a casa de Roman e lhe mandar um e-mail a perguntar-lhe se podia vê-la manhã de noite. Fechou os olhos, pensando em seu brilhante e escuro cabelo e em seus olhos ambarinos, na graciosa curva de sua bochecha e seu pescoço. *Boa noite, Emma, que durma bem.*

Emma deixou cair a caixa no sofá de Austin e depois levou a bolsa com os instrumentos de prata ao dormitório. Estudou a habitação. Sim, iria bem. Poria lençóis limpos na cama e depois de amanhecer voltaria para seu apartamento a por seu portátil e por um pouco de roupa. Roupa sexy.

Atravessou a sala de estar até a cozinha, onde encontrou uma faca para abrir a caixa.

*Boa noite, Emma, que durma bem.*

Com um suspiro, procurou provas a faca sobre a bancada. Angus. Agarrou a faca e deu a volta. A habitação estava vazia. É óbvio. A voz não tinha vindo de perto. Tinha estado em sua cabeça.

Usou sua energia psíquica para levantar um muro de defesa. Como se atrevia a entrar assim em sua mente? Ela sabia o que era ele. A voz de sua mente tinha todas as qualidades da voz real do Angus. Seu tom profundo e masculino, a cadência suave de seu acento.

Como tinha conseguido conectar com ela através de toda a cidade? A menos que...



Correu à janela do salão e olhou à rua através das persianas. Fora havia uns quantos pedestres, mas nenhum com kilt. Fechou as persianas. Tinha descoberto seu paradeiro de algum jeito? Correu à porta, abriu os ferrolhos e olhou fora.

Duas mulheres loiras se cambaleavam pelo corredor, conversando e rindo. A mais alta ia de marrom e turquesa, a mais baixa, de rosa e prata. Detiveram-se umas portas mais à frente. A mais alta brigando para conseguir colocar a chave na fechadura.

Emma saiu ao corredor para olhar além das mulheres. Escondeu a faca atrás de suas costas para não as alarmar. O corredor estava vazio.

À loira alta lhe caiu a chave ao chão.

— Merda!

Agachou-se para recolhê-la e caiu de cara. A mais baixa riu.

— Deus, Lindsay, parece pó.

Lindsay se levantou e alisou sua saia marrom.

—

Não pareço pó. Estou totalmente feita merda.

Emma retornou ao apartamento de Austin sacudindo a cabeça.

— Me deixe tentá-lo, — disse a loira baixa empurrando Lindsay a um lado para abrir a porta.

Lindsay se meteu de lado e a seguir viu a Emma.

— O que está fazendo? Não é esse o apartamento de Austin?

— Sim, está fora da cidade, assim que o estou cuidando por ele. Somos bons amigos. —

Emma começou a fechar a porta.

— Espera! — Lindsay se cambaleou para ela. — Não pode ser sua noiva. Sabemos o de Austin.

— Sabemos o segredo de Austin, — anunciou a mais baixa com ênfase.

Sabiam que tinha sido um agente da CIA?

— O que é exatamente o que sabem?

— Sabemos que poderia ser dos que saem do armário, — riu Lindsay. — Verdade, Tina?

— Sim, não? — Tina olhou a Emma com dúvidas. — Não pode ser muito amiga dele se não saber que é gay.

A boca da Emma se abriu. Por que ia Austin dizer a estas duas que é gay? A menos que...

— Alguma de vocês tentou ligar com ele?

Lindsay soprou.

— Buf, pois claro. É muito bonito.

— Tratei que entrasse um milhão de vezes, — Tina puxou de uma de suas mechas rosa atrás de seu ombro, — mas sempre tinha algum tipo de desculpa, do tipo “tenho a prancha acesa”.

Lindsay se burlava.

— Isso é tão grosseiro.

Emma sabia que Austin não era gay. O menino tinha feito centenas de fotos a uma garota da que se pendurou.



— Temo que estão equivocadas a respeito dele.

— Temo que não! — Gritou Lindsay. — Temos provas. Conhecemos a seu noivo.

— Sim, um impostor total — se gabou Tina. — Nem sequer é irlandês.

— Sim, — adicionou Lindsay. — Nem seu acento falso nem sua saia nos enganou nem por um momento.

Emma ficou sem fôlego.

— Abaixo havia um homem com acento e saia? Era alto, com ombros muito largos, um rosto magnífico, olhos verdes e cabelo comprido e castanho?

— She, não funcionará. — Tina fez rodar seus olhos. — O menino não se interessará em ti. Inclusive leva uma bolsa.

— She, — Lindsay assentiu com a cabeça. — Como se fora uma pista.

Emma apertou a faca a suas costas.

— Está abaixo no vestíbulo? Neste momento?

— Sim, acabamos de vê-lo. — Tina se arranhou seus reflexos rosados. — Não deixava de falar sobre Austin.

— E não quis subir conosco, — murmurou Lindsay. — Qualquer que se negue a vir conosco tem que ser gay.

— Sim, não? — Assentiu Tina muito séria. — Porque nós somos muuuuito boas.

Emma respirou fundo. Angus estava em baixo. Conhecia seu esconderijo.

— Boa noite, senhoritas.

Fechou a porta e jogou o ferrolho. Merda. Nem um montão de bons ferrolhos serviriam para nada. Angus podia teletransportar-se dentro cada vez que quisesse. Por que não o tinha feito? Por que a tinha deixado sozinha? Dirigiu-se ao sofá e levantou a tampa da caixa de estacas. Maldito fosse Angus MacKay! Podia invadir o apartamento ou sua mente cada vez que tivesse vontade. E se por acaso isso não fosse o suficiente, Ela uma parte até gostou que ele tomasse a moléstia de averiguar seu paradeiro. Gostava dela, não a loira cabeça oca que tinha tentado ligar-lhe no vestíbulo. Significava que alguma vez se aproveitou de uma mortal para tomar um pequeno bocado? Acaso só bebia sangue engarrafado como lhe disse? Céu santo, estava começando a acreditar-lo.

O simples feito de que ela se sentisse adulada por sua atenção era uma grande catástrofe. Estava ganhando sua confiança. Tentava penetrar em seu coração. Maldita seja, a ninguém estava permitido entrar aí.

A única maneira de pará-lo era de o matar. E se uma parte dela se opôs, fez que sua decisão fosse mais imperativa. Ele tinha que desaparecer. Tinha que morrer antes que conseguisse abrir o caminho até ao seu coração.

Rapidamente escondeu estacas por todo o apartamento para poder acessar a elas facilmente. Fez a cama e colocou as algemas e as cadeias de prata sob o travesseiro. Despiu-se até ficar em prendedor e calcinhas e tombou na cama, esperando. Se ele vinha esta noite ou amanhã, não importava. Ela estaria preparada e ele morreria.



## Capítulo 7

Emma despertou sobressaltada e olhou o relógio da mesinha. Era quase meio-dia.

Em algum momento perto do amanhecer, adormeceu. E Angus não tinha aparecido. Vestiu-se e correu a seu apartamento do SoHo. Tomou um café da manhã rápido, tomou uma ducha rápida e depois preparou um pouco de roupa para levar a casa de Austin. Infelizmente, não tinha muitos objetos que pertencessem ao reino do sexy. Sua roupa tendia a ser prática e cômoda, roupa que podia usar para lutar. Até aquele momento, nunca tinha entrado no jogo da sedução. Onde se oculta uma estaca se não levar mais que roupa interior de renda?

Terminou atirando toda sua roupa interior dentro da mala. Já averiguaria mais tarde que conjunto era mais sexy. Empurrou a mala com rodas até a pequena sala de estar.

Meia dúzia de estacas permaneciam na mesinha do café. Angus as tinha deixado ali. Sentou-se no sofá de dois lugares diante de seu portátil. Como era domingo, não esperava muitos e-mails. Na realidade, nunca tinha muitos. Era difícil manter a amizade quando grande parte de sua vida era um segredo. Fez clique na bandeja de entrada e viu uma mensagem que tinha sido enviado às 4:43 AM. Do Angus MacKay.

Seu coração deu um salto, mas rapidamente o esmagou. Claro que tinha encontrado o homem interessante. Tinha a intenção de matá-lo esta noite. Respirou fundo. Correção. Tinha a intenção de seduzi-lo e depois matá-lo.

Nunca tinha feito algo tão descarado antes, mas estava segura que Angus cumpriria com sua parte. Tinha conseguido ter uma ereção só estirando-se a seu lado no parque. Provavelmente tinha muita experiência com o sexo. Séculos de deixar às damas muito satisfeitas. Não é que ela chegasse a experimentá-lo nunca. Porque não ia deixar que as coisas escapassem a seu controle.

Abriu a mensagem.

*Querida Emma:*

*Deu-me pena te perder. Tive a tentação de levar seu portátil já que certamente estará cheio de informação interessante e obter informação é meu trabalho. Entretanto não o fiz com a esperança que te desse conta que sou digno de confiança.*

Emma soltou um bufido. Um vampiro digno de confiança?

*Sei onde está. Encontrar-nos-emos no apartamento de Austin Erikson no domingo de noite, às oito. Não te farei mal. Só quero falar.*

Sobre que diabos queria falar? Obviamente queria que deixasse de matar. Afirmava estar preocupado por sua segurança, mas suspeitava que estava mais preocupado pela segurança de seus amigos vampiros. Até onde pensava chegar para pará-la? Tentaria matá-la se se negava? Quase desejava que o fizesse. O que justificaria seu plano para matá-lo.

E entretanto afirmava que não lhe faria mal. Era evidente que se absteve de fazer-lhe no parque. E não a tinha atacado a noite anterior no apartamento de Austin. Afirmava que bebia



sangue engarrafado e o tinha visto beber de uma garrafa.

Emma fechou os olhos e os esfregou. Estava-se deixando apanhar por uma ilusão. Sentia-se atraída por ele. Gostava de falar com ele, e olhá-lo. Gostava de acreditar na fantasia que era um guerreiro heroico e valente. E se levava kilt, melhor ainda.

Mas isso era tudo. Uma fantasia. A realidade era que tinha vivido durante séculos aproveitando-se dos humanos inocentes. Já era hora que as coisas trocassem e que um inocente humano se aproveitasse dele.

Inclinou-se para diante e escreveu uma mensagem.

*Estou preparada. Ponha algo sexy.*

Conteve o fôlego e lhe deu a *Enviar*.

Parecia. Olhou o relógio do portátil. As três da tarde. Em pouco mais de cinco horas, Angus MacKay estaria morto.

Ele tinha posto algo sexy.

Emma estava no quarto de banho aplicando um lápis labial de uma cor mais forte do que ela levava normalmente, quando o ouviu chamá-la da sala de estar. Cavou seu cabelo, desejou-se boa sorte no espelho e se precipitou ao dormitório. Uma rápida olhada ao relógio da mesinha de noite lhe confirmou que eram as oito em ponto. Chegava bem a tempo.

Deixou a porta do dormitório entreaberta e apareceu na sala de estar. Abriu a boca. Nada de kilt, nada de sporrán. Vestia uns jeans escuros, uma camiseta ajustada negra e um guarda-pó também negro, todo sexy. Tinha recolhido seu comprido cabelo avermelhado com um cordão de couro negro. O coração se apertou em seu peito. OH, Deus, por que não podia ser humano? Mais de 500 anos de idade. Simplesmente já não se faziam homens como este.

Ela abriu do todo a porta e ele se voltou para olhá-la. Baixou seu olhar, notando-se em sua curta bata de seda. Quando seus olhos voltaram a encontrar-se, ela pôde ver o sufocante calor da vida. Até agora, tudo bem.

— Atrasei-me. Tenho que me vestir.

Levantou os braços para sustentar-se na ombreira da porta. A expressão dele seguia sendo a mesma. Adiante. Tinha praticado este movimento frente ao espelho uma dúzia de vezes. Sua bata tinha o cinturão frouxo de forma que ao elevar os braços, supunha-se que se desataria e ficaria aberta. Mas não, tinha permanecido fechada.

— Para mim está bem assim. — Fez um gesto para o sofá de couro. — Sentamos e falamos.

Ela esboçou um sorriso forçado. Que confusão! A armadilha estava no dormitório.

— Eu... Tenho que pôr algo. Estou virtualmente nua.

A comissura de sua boca se levantou.

— Não tenho nenhuma objeção. — Uma vez mais fez um gesto para o sofá. — Serei um cavalheiro.

Ela chiou de dentes. O que se supunha que ia fazer agora? Gritar-lhe *é meu escravo sexual, entra no dormitório agora!*



— Eu, né... Tenho muita sede. Pode me trazer uma garrafa de água da geladeira?

Não esperou a ver sua reação. Deu a volta e entrou no dormitório. Deteve-se frente à cama e se agarrou ao travesseiro gradeado de ferro fundido da cama. Merda. Era uma sedutora terrível. De algum jeito parecia mau o que fazia. Era desonesto. Entretanto tinha sido treinada para lutar contra qualquer tipo de terrorismo, esperando sujar as mãos em sua luta contra o mal. O problema era que não tinha nenhuma prova que Angus fosse mau exceto sua condição de vampiro.

Tinha morto a outros vampiros enquanto violavam e se alimentavam. Angus não tinha feito outra coisa mais que falar com ela. Era suficiente, sua condição de vampiro, para justificar sua execução? Até faz uns dias ela haveria dito que sim. Agora não estava segura.

— Era isto o que queria? — Perguntou-lhe ele em voz baixa.

Deu a volta para olhá-lo de frente. Ele abriu muito os olhos. Ela olhou para baixo. Genial. A bata tinha decidido que agora era o momento para abrir-se. As calcinhas e o prendedor de renda negro não ocultavam quase nada.

— Obrigado.

Ela deu um passo à frente com o braço estendido. Ele colocou a garrafa em sua mão e depois olhou ao redor da habitação. Ela se deu conta que ele suspeitava algo. Desenroscou o plugue da garrafa e tomou um rápido gole de água.

— Eu gostaria de te oferecer algo de beber, também... — Deu um coice. — A verdade é que não, eu não gostaria.

Sua boca se torceu.

— Está bem. Bebi antes de vir.

— Então é verdade? Toma sangue engarrafado?

— Sim. — Seu olhar percorreu seu corpo para baixo e ali ficou. — Já não tenho que seduzir a uma mulher para beber. Agora só o faço quando quero fazer amor com ela. — Seus olhos se encontraram e o calor era inconfundível. Ela fez caso omisso da sensação de formigamento que varreu sua pele.

— E não utiliza o controle mental para conseguir o que quer?

— Trato de não fazê-lo.

Ela bebeu outro gole.

— Não te acredito. Invadiu minha mente ontem à noite.

— Fi-lo? — Ele parecia duvidar. — Não o recordo.

— Fê-lo. — Levantou seu queixo. — Não posso permitir que esta ameaça continue.

— Ameacei-te? Que disse?

— Você... Deu-me as boas noites.

Sua boca se enrugou.

— Ouch, está-me insultando.

— Essa não é a questão. Entrou em minha mente sem minha permissão.

— Não o tentei. Me acredite, saberia se o tentasse. Sentiria uma rajada de ar frio entre seus



olhos. Sentiu isso ontem à noite?

— Não, mas, por que teria que te acreditar?

Ele franziu o cenho.

— Muito bem. Demonstrar-lhe-ei isso.

Uma rajada de ar frio soprou para ela com a força suficiente para fazê-la retroceder para o travesseiro. Imediatamente reforçou seu muro de defesa, mas mesmo assim, ela podia sentir sua presença girando a seu redor, procurando uma entrada, potente, mas contida. Uma terrível suspeita se deslizou em sua mente. Se ele desdobrava todo seu poder, ela não poderia fazer nada para resistir.

— Suficiente!

A rajada se deteve. O frio se dissipou. Ele inclinou a cabeça, observando-a.

— Sentiu isto a outra noite, antes que te desse as boas noites?

Ela respirou fundo e deixou escapar o ar.

— Não, não o senti.

Não houve nenhum verdadeiro assalto psíquico por parte dele.

— Só pode haver uma explicação. Eu não estava transmitindo meus pensamentos, mas você os recolheu. É um poderoso receptor.

Ela já sabia. Tinha recolhido os últimos minutos de seu pai em Moscou, a pesar que estava em Edimburgo. A memória a golpeou como um murro no estômago. Através dos olhos de seu pai, tinha visto como assassinavam a sua mãe. Escutou suas últimas palavras antes de morrer. *Vingamos.*

Angus deu um passo para ela.

— Está bem?

— Eu... Não. — Deu a volta para que ele não pudesse ver a dor em seus olhos. Contornou a cama e deixou a garrafa sobre a mesinha de noite. As palavras que seu pai disse antes de morrer ressonavam em sua cabeça. Tinha que fazê-lo. Tinha que matar ao Angus MacKay.

— Deveria te deixar em paz.

Ela levantou a vista para ver o Angus olhá-la com olhos confundidos. Provavelmente lhe diria que estava molesto por algo.

— Eu gostaria de falar, se não te importar.

Ela se sentou na cama, perto do travesseiro e se voltou para ele. A bata se abriu enquanto descansava uma perna dobrada sobre a cama diante dela.

A mandíbula do Angus se deslocou. O calor ardia em seus olhos quando se aproximou dela.

— Está tentando me colocar em sua cama, senhorita Wallace?

Seu pulso se acelerou.

— Pensei que poderíamos falar, talvez nos conhecer melhor.

Deteve-se junto à cama, com o cenho franzido.

— Odeia aos vampiros com paixão. Assassinaram seus pais e estiveste procurando vingança após.



— Eu o chamo justiça. — Fechou os olhos e se esfregou a frente. Merda. Ela deveria ter sabido que voltaria a ver através desta.

— Se te ajudar, posso-te dizer que tenho a minha operação em Moscou investigando o caso. Ela sob sua mão.

— Sério? Faria isso por mim?

— Quero saber quem é o responsável.

Ficou de pé.

— Obrigado. Investiguei e investigou usando os recursos a meu alcance no MI6, mas eles não sabem nada de vampiros assim não havia nenhuma informação.

— Farei o que possa para te ajudar a encontrar os culpados. Espero que quando tiver conseguido justiça, possa deixar de matar.

Ela piscou. Deixar de matar? Ele inclinou a cabeça, observando-a.

— Poderá parar, Emma?

Ela se sentou na cama. Como poderia parar quando os vampiros matavam noite detrás noite? É que as demais vítimas inocentes não mereciam justiça tanto como seus pais? Angus se sentou junto a ela.

— Tem que parar. É suicida seguir atacando um inimigo que é mais forte e mais rápido que você.

— Tenho-o feito bem até agora.

— Já não lhes pode agarrar por surpresa. Vão começar a te caçar em grupo. Não sobreviverá se a atacam vários de uma vez.

Ela agarrou a colcha em seu punho.

— E o que passará se você alguma vez encontra aos que mataram a meus pais? Crê que deveria renunciar?

Ele a olhou severamente.

— Aye. Deve fazê-lo.

A cólera ardeu a fogo lento em seu interior.

— E deveria deixar que os monstros se alimentem da gente? Que violem a mulheres? Que assassinem a inocentes?

— Deixa a justiça Vamp a vampiros como eu. Sou muito mais capaz que você.

— Acreditas que é muito mais duro que eu?

Emma fechou as mãos sobre seus ombros e o puxou sobre a cama. Saltou sobre ele, ficando escarranchada sobre seus joelhos.

— Emma, o que está fazendo?

Ele começou a erguer-se, mas ela o empurrou, apanhando seus ombros na cama. A boca dele se curvou.

— Você gosta de estar em cima? Só tinha que dizê-lo.

Ela o ignorou enquanto colocava a mão sob o travesseiro procurando as algemas de prata. Estavam a um lado da cama assim não podia atá-lo à cabeceira como tinha planejado. Não



importava.

— Isso é prata? — Murmurou ele.

Fechou as algemas ao redor de um dos pulsos. Agarrou seu outro braço para juntar suas mãos. Justo quando algemou seu outro pulso, ouviu vaia. Um aroma de queimado lhe fez enrugor o nariz e jogou uma olhada ao primeiro pulso algemado. A prata estava candente sobre sua pele nua, queimando a carne e lhe levantando feias ampolas avermelhadas.

— OH, sinto-o. — Puxou da manga de seu guarda-pó até debaixo das algemas para isolar o pulso. A outra estava a salvo, a prata envolta ao redor da manga.

— Obrigado.

Ela detectou a ira e a dor em seus olhos verde-escuro, embora sua voz seguia sendo tranquila e suave. De fato, parecia estar muito tranquilo para ser um homem que estava apanhado. Possivelmente a prata estava minando sua força como a kriptonita.

— Não tenho muita experiência com este tipo de jogos mas não deveria levar espartilho de couro e sapatos de salto alto? E esqueceste o látego.

— Isto não é sexo pervertido, e sabe.

Ele inclinou a comissura de sua boca.

— Deveria sê-lo. Não vais honrar o último desejo de um moribundo?

Ela soltou um bufido e tirou rapidamente as cadeias de prata de debaixo de seu travesseiro. Ele sorriu lentamente.

— Sua ideia dos jogos prévios me está matando.

Incrível. Ela estava a ponto de matá-lo e ele se estava divertindo com aquilo? Agachou-se no chão, onde seus pés estavam pendurados da cama e lhe enrolou as cadeias pelos tornozelos. Com suas pernas atadas, ela ficou de pé, as pernas dela a cavalo sobre os joelhos dele.

— Ainda crê que é mais duro que eu?

Com sua imagem imprecisa por causa da velocidade, ele se sentou, passou-lhe os pulsos atados por detrás do pescoço e a atraiu para ele. Deixou-se cair sobre a cama, levando a com ele. Seu nariz se chocou contra seu peito.

— Uf!

Aspirou seu aroma a sabão e algodão. Cheirava bem e se sentia quente.

— Isto eu gosto mais. — As mãos lhe embalaram a nuca. — E seria magnífico se pudesse seguir o caminho para baixo uns centímetros mais.

Ela sacudiu sua cabeça para liberar-se, mas ele a deteve. Não podia fazer outra coisa que descansar o queixo em seu peito enquanto o olhava.

— Me solte.

— Me tire as algemas.

— Não.

— Me baixas o zíper?

— Não!

— Emma — sua expressão era realmente grave. — Se realmente quer me matar, aponta



diretamente ao coração. Ponha seu ouvido sobre meu peito para que possa escutá-lo.

Ela franziu o cenho.

— Seu coração não pode pulsar. Está morto.

— Escuta e averigua-o.

— Não. — Ela agarrou seus braços e os pôs sobre a cabeça. Ele não resistiu. Agarrou a estaca de debaixo de seu travesseiro e se sentou escarranchada em seus joelhos.

— Emma.

— Não me fale.

Empurrou o guarda-pó a um lado somente o fino algodão da camiseta cobria seu coração. Estava pulsando realmente aí debaixo? E que mais dava? Ele era um vampiro. Tinha vivido durante séculos alimentando-se de mulheres, as submetendo a seu controle e seu capricho. Levantou a estaca, preparada para cravar-lhe. Ela vacilou, esperando que ele fizesse algo. Gritou-lhe mentalmente. Tire-me a estaca. Cobre seu coração. Invade minha mente. Faz algo. Ficou quieto, olhando-a com tanta tristeza em seus olhos. Ela flexionou seus dedos ao redor da estaca.

— Tenho que fazer isto. É um demônio.

Ele franziu o cenho.

— Vivi muito tempo, lass, e há uma coisa que aprendi. Todos somos capazes de ser demônios.

Ela apertou a estaca em seu punho. Isto não estava mau. Isto era justiça. Centrou-se no ponto sobre seu coração. Seus olhos ardiam.

— Simplesmente vais ficar aqui deitado sem fazer nada?

— Realmente vais matar-me?

Levantou os olhos para encontrar-se com seu olhar. Não havia ódio neles, só tristeza e compaixão.

— Deveria me odiar.

— Como poderia? Conheço muito bem a dor da perda. Sobrevivi a todos os mortais aos que amei.

Ela baixou o braço e deixou cair a estaca sobre a cama.

— Não posso fazê-lo. É... É muito humano.

— Isso é discutível.

Ela se inclinou e pôs o ouvido contra seu peito. Senti-lo subir e baixar era estranhamente tranquilizador. Os batimentos do coração de seu coração se acalmaram pouco a pouco e se relaxou contra ele.

— Emma, — suas mãos acariciavam seu cabelo. — Pode ouvi-lo?

O ritmo constante de seu coração vibrava em seus ouvidos.

— Como pode ser isso? Pensei que tinha morrido. Que foi um não morto.

— Meu coração pulsa de noite. O sangue flui por meu corpo pelo que sou capaz de pensar e falar e... Funcionar.

Ela levantou a cabeça e se deu conta como uma descarga que seus olhos se tornaram



avermelhados. Separou-se dele.

- Não se faça ilusões porque o permito viver.
- Poderia te haver detido em qualquer momento.
- Mas não o tem feito.
- O ia fazer, mas quis saber se seria capaz de chegar até o final.

Ela fechou a bata e atou o cinturão.

- E agora vais desfrutar porque falhei.

— Não, lass, — seus olhos brilhavam pela emoção. — Estou muito contente porque passaste a prova.

Ela ficou rígida.

- Estava-me pondo a prova?
- Eu não gostaria de me sentir atraído por uma assassina.
- Eu não sou um assassino. Você sim o é.

Seus olhos se estreitaram.

- No passado matei em defesa própria, mas nunca por vingança. A diferença de ti.

Ele se considerava superior moralmente? A ira ferveu em seu interior. Ficou de pé e o esbofeteou.

- Maldita seja, mulher. Está-me acabando a paciência.
- Você está acabando com a minha. Como te atreve a me julgar? Você é o que existiu durante séculos explodindo a outros. Deveria te ter matado quando tive a oportunidade.

Ele apertou a mandíbula.

- Nunca teve uma oportunidade.

Estiro as mãos até que as separou e com um estalo rompeu as algemas. Emma deu um passo atrás, com um pequeno ofego. A humilhação se apoderou dela e aumentou sua ira. Maldita seja. Poderia haver escapado desde o começo. Ele tirou os sapatos e a cadeia caiu ao chão. Ficou de pé ao lado da cadeia e levantou as mãos algemadas.

- A chave?

Ela fez um gesto para a chave que estava sobre a mesinha de noite e se afastou. Maldito fora. Arrogante chupa sangue. Dirigiu-se à sala e ficou de pé junto à janela, olhando para a rua.

- Emma. — Sua voz era suave detrás dela.
- Por favor, vá.

Parou junto a ela na janela.

— Não quero que veja isto como um fracasso. Pessoalmente, estou feliz que não me tenha matado.

Jogou uma olhada a seus pulsos e observou que as algemas haviam desaparecido completamente. Uma vez mais levava postos seus sapatos.

- Poderia ter escapado em qualquer momento.
- E te jogar em meus joelhos com sua roupa interior sexy? Não, não poderia ter ido, até estando minha vida em jogo.



De verdade a achava atraente ou só seguia a corrente? Certamente era o último. Ela olhou pela janela.

— Quero que deixe de me olhar.

Com um suspiro, apoiou-se contra a parede.

— E aí estava eu, pensando que poderia ter gostado só um pouquinho de mim.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Eu gosto o suficiente para fazer uma exceção contigo e não te matar. Mas não posso deixar que isso me impeça de matar a outros vampiros.

— Lass. Quantas vezes tenho que te dizer que não pode seguir caçando?

— Não pode me dizer o que posso ou não fazer. Espero que respeite minha decisão e me deixe viver minha própria vida.

Os olhos dele ardiam com fúria.

— Não viverá outra semana mais!

— Não é seu maldito assunto!

— É a mulher mais teimosa que conheci.

— O tomarei como um elogio porque estou segura que conheceste a milhares de pessoas.

Seus olhos se estreitaram.

— Não sabe ao que está enfrentando. — Olhou pela janela. — Vê esse edifício daí?

Referia-se ao edifício mais alto da rua. Emma ficou sem fôlego quando de repente seus braços a rodearam.

— O que estás...

Tudo se voltou negro e sentiu um redemoinho a seu redor. Seus pés tropeçaram com o frio cimento e ela se agarrou a seu casaco para manter o equilíbrio.

— O que?

Ela olhou a seu redor. Já não estavam no apartamento de Austin.

— Olha abaixo.

Angus deu um passo a um lado. Ela apareceu pela parede de tijolos que lhe chegava até a cintura. A rua estava muito por debaixo, pelo menos quinze andares. Estavam no teto do edifício que Angus tinha falado.

— Teletransportou-nos? — Ela sussurrou.

Envolveu-a com seus braços pelas costas. Pouco a pouco se elevaram no ar. Seus pés passaram roçando a parede.

— Isto é levitação — lhe sussurrou ao ouvido. — Tudo o que tenho que fazer é te deixar cair.

— Já basta.

— Deixa de caçar.

Ela fechou seus olhos.

— Só quer proteger a sua gente.

— Esses assassinos filhos de puta não são minha gente. — Baixaram sobre o teto de cimento. — Estou tratando de salvar sua vida.



Ela se separou dele.

— Me deixando no teto?

Franziu o cenho.

— Te demonstrando quão condenadamente fácil é te matar!

Separou-se dela murmurando maldições em voz baixa. Emma o olhou fixamente. Tinha assumido que sua intenção era salvar a outros vampiros de suas estacas, mas agora se perguntou se de verdade se preocupava com ela. Ela se estremeceu quando ele golpeou com o punho a porta metálica que dava à escada. Inclusive na escuridão, pôde ver a amolgação que tinha deixado atrás.

— Sinto se te assustei, — disse passeando através do teto. — Simplesmente não sei como te fazer entender.

— Por que te importa o que me passe? Acaso não viu já a milhares de mortais entrar e sair de sua vida?

Deteve-se e a olhou.

— Nunca conheci a uma mulher como você. É diferente. É... Como eu. — Encolheu de ombros com um olhar envergonhado. — Bom, é mil vezes melhor que eu.

Emma fez uma careta.

— Acreditas que sou como um vampiro?

— Não. É um guerreiro. Valente e implacável. E passas as noites lutando contra o mal.

— Como... Você? — O homem de seus sonhos. Exceto ela esperava que estivesse vivo as 24 horas do dia. Uma brisa fresca agitou sua bata de seda e se estremeceu.

— Ai, tem frio. — Se dirigiu para ela. — Quer que te leve de volta?

— Como o faz? — Olhou por cima da parede para o apartamento de Austin. — Te limita a olhar um lugar e logo vai para ali?

— Sim, ou posso escutar uma voz por telefone e ir. Se se tratar de um lugar no qual já estive antes, posso recordar o caminho sem necessidade de um farol.

— Assim, em apenas uns segundos, poderia ir até Londres ou Paris?

— Aye. Quer vê-lo?

Ela piscou.

— Agora? Não estou vestida exatamente.

— Então sei exatamente onde te levar. — Seus braços a envolveram. — Quer sair comigo, senhorita Wallace?

— O que? Eu... — Agarrou-se a ele. — Isto não é um encontro.

Ele sorriu lentamente.

— Eu acredito que sim que o é.

Tudo se voltou negro.

## Capítulo 8

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Angus se materializou em um lugar conhecido: o escritório em Paris do Jean —Luc Echarpe. Emma tropeçou e ele a sustentou. Soou o alarme que Angus tinha ativado e que ela não podia ouvir. Mas Jean—Luc a ouviu e saltou de seu escritório para eles apontando-os com uma adaga.

— Merde. — Baixou a adaga. — Deveria me avisar quando vem.

Abriu-se a porta e entrou Robby MacKay amaldiçoando e tirando sua Claymore.

— Ah, é você — disse pulsando um botão ao lado da porta para apagar o alarme.

— Bonsoir, mademoiselle. — Jean—Luc deslocou o olhar até a Emma. Olhou-a com curiosidade. Angus manteve um braço ao redor dela e lançou a seu amigo um olhar de advertência. Jean—Luc respondeu com um sorriso.

— Bravo, mon ami.

— Jean—Luc, Robby, esta é Emma Wallace — anunciou Angus mantendo-a a seu lado. — Emma, ele é Jean—Luc Echarpe.

— O famoso desenhista de moda? — Seus olhos se abriram. — Então estamos em Paris?

— Aye. — Angus indicou ao escocês com kilt. - Este é Robby. Trabalha para mim protegendo ao Jean—Luc. É algo assim como um bisneto para mim.

— Esquecemo-nos de quantos bis deveriam estar diante. — Robby se inclinou. — É um prazer conhecê-la, senhorita. — Olhou ao Angus de forma inquisitiva.

Sem dúvida estavam se perguntando por que havia se teletransportado até aqui com uma mulher humana. Pelo geral ele só se apresentava por trabalho.

—Eu... Tinha pensado fazer um piquenique com a senhorita Wallace. Poderia encontrar uma cesta, Robby?

Robby ficou boquiaberto.

— Você? Em um piquenique?

Jean—Luc riu entre dentes.

— Pergunte ao Alberto. Ele saberá o que fazer.

— Muito bem. — Robby deixou a habitação com uma expressão atônita. Angus se estremeceu. Atuavam como se ele não tivesse cortejado nunca antes a uma mulher. Bom, tinham passado um século ou dois. E tampouco era como se estivesse cortejando a Emma com fins românticos. Simplesmente queria ganhar sua amizade e sua confiança para poderem lutar juntos contra seu inimigo comum. Então, por que ainda tinha seu braço ao redor dela, reivindicando sua posse? Soltou-a.

— A senhorita Wallace necessita... Um pouco de roupa.

— Sério? — Os olhos do Jean—Luc brilharam com alegria. — Não me tinha dado conta.

Emma olhou ao Angus e lhe sussurrou:

— Sabia que isto seria embaraçoso.

— Vêem. — Jean—Luc abriu caminho através de seu escritório. — O armazém está abaixo. Estou seguro que poderemos encontrar um pouco de roupa adequado para um... Piquenique. — Voltou a olhar ao Angus com um sorriso. Angus se deu conta que iriam burlar dele com isto



durante os próximos cem anos. Aparecendo assim, a primeiras horas da noite, com uma mulher humana descalça e virtualmente nua.

Jean—Luc lhes mostrou a sala de exibição, onde estavam em exposição uma amostra de suas últimas criações. Depois os levou até uma enorme sala cheia de prateleiras repletas de roupa.

— OH meu Deus, — exclamou Emma enquanto olhava o preço em uma etiqueta. — Não posso pagar isto.

— Não se preocupe. Eu sim posso.

Seus olhos se abriram.

— Não posso aceitar que me faça um presente. Vai contra o regulamento.

Jean—Luc soltou um bufido.

— Né, vós dois. Esta não é maneira de começar uma noite romântica.

— Isto não é um encontro, — insistiu Emma. O francês sorriu.

— A ver o que te parece isto: eu te empresto tudo o que queira para passar a noite e Angus se encarrega de devolvê-lo mais tarde. — Se inclinou por volta do Angus com um olhar provocador. — Sempre e quando não se tiverem quebrado.

Angus mofou.

— Não vou arrancar lhe a roupa.

— Pois é uma lástima — murmurou Jean-Luc fazendo um gesto para as prateleiras. — Você mesma, senhorita.

— É muito amável por sua parte. — Emma se separou deles. Jean-Luc se aproximou do Angus.

— Né, cão velho. Não sabia que tinha tão bom gosto.

Angus cruzou os braços sobre o peito.

— Não é mais que trabalho.

Jean—Luc soltou um bufido.

— Que não nasci ontem, vá?

— Digo-o a sério. Estou ganhando sua confiança para fazer que deixe de caçar.

Jean—Luc ficou boquiaberto.

— É uma caça-vampiros?

Angus assentiu com a cabeça.

— Não te deixe enganar por seu doce rosto e seu bonito corpo. É uma jaqueta feroz e inteligente.

Jean—Luc contemplou ao Angus em silêncio. Angus arqueou uma sobrancelha.

— O que?

Jean—Luc se encolheu de ombros.

— Nada. — Deu a volta e depois murmurou. — Primeiro Roman e agora você.

— Não há nada entre nós.

— Se você o diz. — Lhe deu uma tapinha nas costas. — Vos desejo o melhor aos dois.

Angus soprou e se afastou. Jean—Luc estava fazendo uma montanha disto. Encontrou a



Emma três prateleiras mais à frente. Estava olhando umas calças negras. Calças? Por que sempre escondia suas preciosas pernas? Chamou-lhe a atenção um objeto de cor âmbar—dourado e o agarrou da prateleira.

— Eu gosto disto. Recorda-me seus olhos.

Ela o olhou, duvidando.

— É um vestido. É muito bonito, mas nunca ponho vestidos.

— Carinho, não vai a um torneio de caratê. Vamos de piquenique.

— Um piquenique em Paris vestindo roupa de designer? — Ela sacudiu a cabeça. — Todo isto é um pouco difícil de acreditar. — Se aproximou dele um pouco mais. — Estes meninos também são vampiros?

— São meus amigos, Emma. Está pensando em matá-los?

— Não, vou comportar-me. — Lhe deu uma tapa no braço. — Além disso, onde vou esconder minhas estacas? Na roupa interior?

Ele sorriu.

— Deveria te revistar só para estar seguro.

— Isso não parece muito boa ideia.

Ele riu e lhe entregou o vestido.

— Quer provar isto?

Dez minutos mais tarde, ela se via esplêndida com seu vestido dourado e calçando umas sandálias também douradas.

Robby tinha preparado sua cesta de comida. Sorriu, mas mantendo sua boca sabiamente fechada. Ao Jean—Luc gostava de viver mais perigosamente.

— Desfrutem de seu encontro! — Gritou detrás deles enquanto se dirigiam à porta principal. Angus lhe dirigiu um olhar que prometia futuras represálias. Jean—Luc se limitou a rir.

Saíram do escritório do Jean—Luc para os Campos Elíseos. Inclusive às quatro da manhã, a rua estava iluminada e cheia de ruídos. O Arco do Triunfo brilhava na lonjura. Emma sorriu.

— Isto é fantástico! Melhor que estar sentada em um avião durante oito horas.

— Aye. — Angus assinalou as luzes ao longe. — Aquele parece um bom lugar.

— A Torre Eiffel?

— Aye. — Ele envolveu um braço ao redor dela. — Agarre-se.

Durante uns segundos, a escuridão formou redemoinhos a seu redor e depois se desvaneceu. Estavam de pé na parte mais alta da Torre Eiffel, com a Cidade das Luzes a seus pés. Emma olhou por cima do corrimão.

— Isto é genial, — ela se abraçou. — Mas um pouco fresco.

— Toma. — Angus lhe ofereceu seu casaco. Enquanto ela o punha, ele estendeu a manta que Robby tinha colocado na parte superior da cesta. Emma se ajoelhou e procurou na cesta.

— Wow, comida de verdade. — Tirou pão, queijo e uvas. Uma garrafa de vinho. — Espero que aqui também haja algo para ti.

Ele tirou uma garrafa.



— Isto é para mim.

Abriu o plugue. A espuma borbulhou escapando, por isso manteve a garrafa a um lado.

— Parece champanhe.

Emma lhe deu um copo.

— Chama-se *Bubbly Blood* e é uma mescla de sangue sintético e champanhe. — Ele encheu o copo. — Quer um pouco?

— De maneira nenhuma. — Lhe olhava com curiosidade enquanto bebia. — Vi os anúncios do Fusion Cuisine na DVN, mas pensei que era uma brincadeira ver vampiros alimentando-se como humanos.

— Só os Malcontents se negam a beber sangue engarrafado. Desfrutam torturando mortais. — Angus abriu a garrafa de vinho. — São nossos inimigos jurados. Estivemos lutando contra eles durante séculos.

— Então, o que afirma Shanna Whelan é verdade? Há duas facções de vampiros?

— Aye. — Lhe encheu a taça com vinho. — Vê, Emma, que compartilhamos um inimigo comum: os Malcontents. E nosso objetivo também é o mesmo: proteger aos inocentes. — Entregou a taça. — Deveríamos ser... Bons amigos.

Ela aceitou a taça.

— Vou ter que pensar nisso.

— Entendo. — Inclinou-se de novo sobre o ralo. — Ao fim e ao cabo, faz só uma hora que estava tentando me matar.

Ela mordiscou um pouco de queijo.

— Estou brigando com esta ideia dos vampiros bons. Suponho que Jean-Luc e Robby são como você.

— Aye. Robby é um de meus descendentes. Encontrei-o moribundo no campo de Culloden. — Angus fechou brevemente os olhos. — Perdi a muitos familiares esse dia.

— Não posso imaginar ser testemunha de um acontecido tão horrível.

Emma se estremeceu.

— Foi testemunha do assassinato de seus pais, não é certo?

— Não quero falar disso. — Tomou um gole de vinho. — Fale de ti. Quando nasceu?

— Em 1480.

— E teve filhos? Casou-se?

— Aye. Três filhos. — Angus trocou rapidamente de tema. — Eu estava ferido de morte no Flodden Field em 1513. Roman me encontrou essa noite. Com muita dificuldade estava vivo. Pensei que estava sonhando quando ouvi uma voz que me perguntava se estava disposto a continuar minha luta contra o mal. Pensei que era um anjo. O disse que sim. — Sorriu. — E não só porque queria ir ao céu. Estava zangado por morrer tão jovem. Tinha muitas vontades de fazer mais coisas.

— Zangou-se quando deu conta que era um vampiro?

Encolheu-se de ombros.



— Surpreendi-me um pouco. Não sabia que estas criaturas existiam. Mas nunca me hei sentido mau com isso, ao contrário que Roman. Dava-me conta desde o começo que a morte não me tinha trocado. Seguia sendo o mesmo, só que muito melhor.

Lançou lhe uma uva.

— Vampiro arrogante.

Ele sorriu.

— Só é a verdade. Podemos fazer coisas que um humano não pode.

— Não podem sair ao sol.

— Mas podemos viver durante séculos.

Ela tirou um pedaço de pão.

— Me conte coisas do passado, os lugares aos que foi, a gente que conheceu.

Angus se lançou e contou algumas de suas histórias favoritas sobre sua reunião com a Maria, Rainha de Escócia, ou como ocultou ao Bonnie Prince Charlie. Emma estava cheia de perguntas e gostava de ver o cômodo que sentia-se agora na sua presença. Foi capaz de rir com ele e de burlar-se dele.

Ao cabo de uma hora, tampou sua garrafa meio vazia do *Bubbly Blood* e a meteu na cesta.

— Temo que o amanhecer não demorará para chegar e devemos ir.

— Está bem. — Recolheu os restos de sua comida e os devolveu à cesta. — Eu... Odeio admiti-lo, mas gostei disto.

— Refere a nosso encontro?

Lhe lançou um olhar irritado.

— Isto não foi um encontro.

Ele riu entre dentes.

— Estou satisfeito, sempre e quando você saiba que não sou seu inimigo. Que pode confiar em mim.

Ela também tinha passado bem. Mais que qualquer outra noite que pudesse recordar. Ficou de pé e sacudiu os miolos de pão de seu casaco. Ele se levantou e dobrou a manta.

— Cometi um engano. — Ela se cruzou de braços com o cenho franzido. — Me deixei levar, escutando todas suas histórias sobre o passado.

Ele pôs a manta na cesta.

— Não houve nada mau nisto.

Ela sacudiu a cabeça.

— Deveria ter descoberto mais sobre os Malcontents. Deveria ter averiguado onde têm retido a Shanna Whelan.

— Retida? Ela é uma mulher felizmente casada.

— Meu chefe acredita que lhe lavastes o cérebro. Sua máxima prioridade é resgatá-la.

Angus soprou.

— É muito feliz onde está. É tão difícil acreditar que uma mulher mortal possa amar a um vampiro?



Emma abriu os olhos. Angus tragou saliva. No fundo havia uma necessidade crescendo em seu interior. Um desejo impossível. Ele queria o que tinha Roman. O amor de uma mulher mortal. Emma levantou a cesta.

— Como podemos baixar daqui?

— Deixa que te abrace. - Ele se aproximou dela. — E você te aferre a mim.

Ela sorriu nervosamente.

— Ou podemos descer pelas escadas.

Ele a envolveu com seus braços.

— Só será um momento.

Ela parecia triste quando passou um braço ao redor de seu pescoço. Envolveu-os a escuridão durante um segundo, e de repente estavam de pé na rua frente à Torre Eiffel. Emma o soltou.

— Obrigado, Angus.

Ele deu um passo atrás.

— De nada.

Caminharam em silêncio pelo atalho de cascalho do pequeno parque. Angus franziu o cenho. O ambiente de amizade que tinham compartilhado durante o piquenique se desvaneceu. O ar entre eles parecia tenso e triste. Como se faltasse algo. Como que se a amizade não fosse suficiente. Ele a olhou, perguntando-se se ela também o sentia.

Um ruído veio de detrás de uns arbustos. Angus se deteve. Emma parou junto a ele com um olhar inquisitivo. Provavelmente ela não o tinha ouvido ainda. Levou um dedo aos lábios e se adiantou com cuidado. Ela ficou junto a ele.

Saíram mais ruídos de atrás do arbusto. Um grunhido. Um suspiro feminino. Provavelmente um Malcontent francês atacando a uma mulher inocente. Angus se inclinou para agarrar a faca de sua meia. Fez um gesto a Emma para que ficasse detrás dele. Com um olhar de chateio, ela negou com a cabeça. Mulher obstinada. Mas admirava sua valentia. Ela deixou a cesta de piquenique e recuperou a garrafa de vinho. Sustentando-a de barriga para baixo em seu punho foi para a esquerda. Ele foi pelo lado direito dos arbustos. Saltou.

— Solta-a e te afaste dela!

Emma deu um salto para sua posição. Angus fez uma careta. Tinham interrompido a um casal que estava fazendo amor. Emma parou a seus pés, aos do homem, já que os da mulher estavam ao redor de seu traseiro nu. Angus estava ante suas cabeças, sua faca apontando ao homem. Com um suspiro, o homem se separou da mulher. Agarrou suas calças para tapar a virilha. Gritou algo em francês sobre um *voleur*, continuando, tirou a carteira e atirou-a aos pés do Angus. Angus fez caso omissivo da carteira porque se deu conta de algo terrível. A mulher tinha as meias ao redor de seu pescoço avermelhado.

— Deveria te fatar o pescoço. Está estrangulando a esta pobre mulher.

O homem fez um gesto para a mulher do chão, que estava muito ocupada tentando cobrir-se com a camisa do homem. Ambos balbuciaram em francês tão rápido que Angus teve problemas para compreendê-los. Mas a evidência era clara.



— Estava-a estrangulando!

Angus deu um passo para o homem apontando a faca para sua cara.

— Céu santo — murmurou Emma.

— Não nos façam mal, por favor, — exclamou a mulher com um inglês afrancesado enquanto desenrolava a meia de seu pescoço.

— Te fazer dano? — Angus lhe dirigiu um olhar perplexo. — Estou tratando de te salvar a vida. Este filho de puta ia estrangular te.

— Eu o pedi! — A mulher olhou ao Angus e logo a Emma.

— Devemos ir. — Emma fez um gesto ao Angus para que a seguisse.

— Não! Não posso deixar a uma mulher indefesa com um estrangulador.

O homem e a mulher amaldiçoaram efusivamente.

— Angus. — Emma o agarrou por braço e puxou. — Vamos.

— Mas... — Olhou para o casal que seguia amaldiçoando. — Está segura?

— Sim. — Emma recuperou a cesta e correu pelo caminho de cascalho puxando por Angus.

— Não a vai matar. Ao menos, isso espero.

— Mas a estava asfixiando.

— Ela o pediu. — Emma lhe soltou o braço e brincou com a cesta. — Eles o fazem como...

Um estímulo erótico. A asfixia provoca uma resposta mais intensa durante as relações sexuais. Suponho que ela terá um orgasmo mais forte. Não é que eu saiba, mas tenho lido sobre isso.

Ele se deteve.

— Lhe pediu que lhe fizesse mal?

— Sim.

Angus ficou atônito. Olhou Emma com incredulidade e depois começou a caminhar. Emma o seguiu.

— Está bem? — Ele sacudiu a cabeça e acelerou o passo. — A mulher vai estar bem. Parece que foi de mútuo acordo.

Angus puxou a faca com um grunhido. Cravou-a em uma árvore de repente.

— Não o entendo. — Foi para a árvore. — Vivi muito tempo. Já não entendo este mundo.

— Sei que é um pouco estranho, mas a gente faz coisas estranhas...

— NÃO! — Arrancou a faca da árvore. — Um homem nunca deve fazer mal a uma mulher.

Nem sequer se ela o pede. Não há honra em ferir uma mulher!

— Bom, eu...

— Não posso acreditá-lo. — Ele se inclinou e colocou a faca na bainha ao redor de sua panturrilha. — Se um homem amar a uma mulher, como pode lhe fazer dano? — Sacudiu suas calças e depois se endireitou. — Como podia fazer isso a ela?

Emma se encolheu de ombros.

— Ela o pediu.

— Por quê? Que tipo de homem dá prazer a sua mulher ferindo-a? — Angus passeava pelo caminho. — O dever de um homem é, ou melhor dizendo, seu privilégio é dar a sua mulher todo o



prazer que possa suportar. Ela deveria estar ofegando e retorcendo-se de prazer.

Emma permaneceu em silêncio, olhando-o fixamente. Não acreditava? Ele se dirigiu para ela.

— Um homem de verdade toma toda a noite se for necessário, até que se assegura que sua mulher está totalmente saciada. Ela deveria estar gritando até que não pudesse mais.

Emma abriu muito os olhos.

— O maior prazer de um homem deveria ser ver sua mulher tremendo de paixão.

Ela respirou profundamente e trocou o peso de um pé ao outro. Ele ia e vinha.

— Só quando ela está suplicando por ele, é quando o homem deve ocupar-se de suas próprias necessidades. E nenhuma vez, nenhuma vez lhe fazer dano. — Se deteve frente a ela. — Ou estou equivocado?

— Não! — Ela chiou. Os olhos dele se estreitaram enquanto estudava seu rosto.

— Ai, lass, não me olhe assim.

— Não te estou olhando. — Ela se girou. Suas bochechas estavam acesas com o fluxo de sangue. O coração lhe pulsava muito rápido, ele podia ouvi-lo.

— Emma.

— Acredito que será melhor que voltemos para casa. — Ela o olhou, seus olhos brilhando pelo desejo. Ele se aproximou.

— Seu coração pulsa com força.

— Seus olhos se têm posto vermelhos.

— Vai ter que te enfrentar aos fatos, Emma. Isto é um encontro.

Tocou-lhe a bochecha. A cesta do piquenique que ela sustentava caiu ao chão. Com um grunhido, ele tomou em seus braços e aproximou sua boca à sua. Arrancou-lhe até a última gota de prazer com um beijo. Provou-lhe os lábios, roçando-os com sua língua e os mordiscou até que cada curva e textura foram incorporadas a sua memória para sempre. Abraçou-a com força para saber exatamente onde seus peitos se esmagariam contra ele. Passou as mãos por suas costas para conhecer a curva exata de sua coluna vertebral, de que deliciosa maneira se curvava para dentro primeiro e depois para fora até seus quadris.

Ele mordiscou seu pescoço. Seu pulso pulsava justo debaixo de sua tenra pele, enchendo seus sentidos com as fragrâncias do sangue e o desejo. O feminino fôlego dos ofegos em sua bochecha. O doce corpo derretido contra o seu. Os aromas, os sons e as sensações se nublaram em seu cérebro até que já não pôde pensar, só sentir a alegria, a paixão e uma fome que exigia mais e mais.

Voltou para sua boca com um gemido e lhe exigiu a entrada. Ela a abriu sem vacilar e no momento que ela se entregou ele sentiu em sua virilha uma onda de calor. Ele tinha estado lutando contra a excitação do primeiro momento em que ela, aquela mesma noite, sentou-se escarranchada sobre seus joelhos pela primeira vez. E agora, com ela suave e dócil entre seus braços e suas línguas tocando-se, começou a lhe doer com a necessidade.

Pôs sua mão sobre seu arredondado traseiro e a ajustou com força contra sua ereção. Ela



rompeu o beijo com um suspiro. A expressão de alarme nos olhos dela deveria tê-lo advertido mas ele estava muito confuso por causa de sua luxúria para lhe prestar atenção.

— Quero te fazer amor, Emma.

## Capítulo 9

Não.

Empurrou-o pelos ombros. Fazer amor? Com um não morto? Embora tinha que admitir que não havia nada morto na ereção que estava pressionada contra seu corpo. E que não havia nada realmente censurável em Angus. Deus a ajudasse, se ele fosse humano já o teria despedido. Mas maldita seja, não o era. Era um vampiro. Deu um passo atrás.

— Eu não... Não posso.

— Não sou seu inimigo. — Seus olhos ainda brilhavam avermelhados. — Já não confia em mim?

— Sim, acredito que sim. — Se esfregou a frente. — Mas logo que somos amigos. E é um grande salto passar a ser... Amantes.

— Os amigos não se beijam assim.

— Deixamo-nos levar, isso é tudo. Só foi... Um beijo.

Ele franziu o cenho.

— Uma merda, só um beijo. Tenho que lhe recordar isso

— Não. — Ela se girou e recolheu o cesto. — Como disse, o amanhecer se aproxima. E temos que devolver a cesta de comida, e a roupa que levo, e temos que retornar a Nova Iorque.

Ela estava falando muito rápido para deixar de pensar no que tinha feito.

— Emma.

Ela respirou fundo e se enfrentou a ele. O brilho de seus olhos se desvaneceu até chegar a um rosa apagado. Graças a Deus.

— Está preparado para ir ?

— Quero saber como se sente.

Ela forçou um sorriso.

— Bom, isso não é muito varonil, não? Desde quando os homens se interessam pelos sentimentos?

— Sei que tem sentimentos. Amava muito a seus pais e te apaixonou seu trabalho.

— Por favor. — Levantou uma mão. — Não sei o que sentir. Ou pensar. Nem sequer posso acreditar o que tenho feito. Não deveria tê-lo feito.

Ele a olhou com tristeza.

— Lass, ambos fomos conduzidos até este momento desde o começo.

— Não, somos muito diferentes. Não temos nenhuma possibilidade de...

— Eu sempre tenho feito o que em meu coração sentia que era correto, entretanto há coisas

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



das que me arrependo. — Sua boca se inclinou em um sorriso torcido. — Entretanto, esta não é uma delas.

Doía-lhe o coração em seu peito. OH, Deus, ele era tudo o que sempre tinha querido em um homem. Excetuando a parte de ser um não morto. Ou imortal. Como poderia evitá-lo?

— Pelo menos, convenci-te para que deixe de caçar? Crie que me preocupo com sua segurança?

— Eu... Tenho que pensar nisso. — Ela levantou a mão quando ele começou a objetar. — Sei que te importa. E vou ter mais cuidado. E vou ter mais critério agora que sei que alguns de vós sois nobres e amáveis.

Ele assentiu com a cabeça.

— Pelo menos, é um avanço. E deve saber que sempre vou tratar de te proteger. E que sempre estarei aqui para ti.

Os olhos da Emma brilhavam com lágrimas não desejadas. Não tinha escutado palavras como essas em anos. Não desde que sua família tinha morrido.

— Tenho que ser honesta contigo. Se descobrir quem são os bastardos que mataram a meus pais, irei a por eles.

— E eu vou estar a seu lado. — Lhe estendeu a mão. — Trato feito?

— Trato feito. — Se deram as mãos. Ele tomou em seus braços e a beijou na frente.

— Vamos.

Ela se agarrou a ele enquanto todo se voltava negro.

Idiota. Estava atraído por ela com rapidez. Durante seus quatrocentos e noventa e três anos como vampiro, poucas vezes seus beijos tinham sido dados por prazer. Sempre tinham sido para conseguir uma boa comida ou porque havia algo que demonstrar. O beijo a Emma não tinha sido provocado pela necessidade de sangue nem por que tivesse que manter seu prestígio. Tinha sido pela própria Emma.

E que beijo. Poder-se-ia pensar que um homem de sua idade teria centenas de lembranças como essa. Mas com o passado do tempo em lugar de fazerem se mais comuns, esses momentos tinham-se feito mais estranhos.

Quando deixou a Emma no apartamento de Austin, ela insistiu em que a deixasse estar. Ele ainda estava preocupado se por acaso ela alimentava seus remorsos. Infernos, ele também duvidava de si mesmo. Não a respeito de seus sentimentos. Sabia que se preocupava muito por ela. Mas não sabia se estava bem cortejá-la quando ele era um não morto. Como poderia tal relação funcionar?

Depois que lhe promettesse não ir caçar sozinha se teletransportou para a casa de Roman. O alarme se ativou no momento que se materializou no vestíbulo. Connor se apressou à sala, sua Claymore preparada, enquanto que ao mesmo tempo Ian saía da cozinha.

— Ah, é você. — Ian deu a volta e voltou para a cozinha. — Deveria aprender a chamar primeiro.



Angus observou ao Connor embainhar sua espada.

— O que faz aqui? Deveria estar custodiando ao Roman e a Shanna.

Connor lhe deu um olhar exasperado.

— Estão aqui. Não apareceste na missa, por isso todos viemos para verte.

— Missa? — Angus fez uma careta. — Eu... Esqueci-o. Estava ocupado.

— Isso ouvimos. — Connor fez uma careta. — Jean—Luc chamou faz uma hora com uma história muito interessante.

— Idiota. — Angus franziu o cenho. Agora começariam as brincadeiras. — Tenho muito trabalho que fazer no piso de acima.

— Angus, posso te ouvir, — gritou Roman do salão. — Vamos, entra.

Connor se pôs a rir quando Angus caminhou para as duplas portas abertas do salão. Três sofás granadas rodeavam três lados de uma mesa de centro quadrada. No quarto lado havia uma grande tela de televisão que apagaram quando entrou.

— Aqui está Angus, — anunciou Connor ao entrar na sala. Aproximou-se do sofá da direita de onde estava sentado Gregori.

— O que? — Gregori olhou ao Angus, estupefato. — O que passou com sua saia?

Connor deu uma tapa ao Gregori antes de sentar-se.

— Au! Vê o que tenho que suportar, Pai? — Murmurou Gregori dirigindo-se ao ancião que estava no meio do sofá.

— Rezarei por ti — respondeu o sacerdote, sorrindo. Ficou de pé e saudou o Angus.

— Pai Andrew. — Angus inclinou a cabeça para o sacerdote que reconheceu das bodas do Roman. — Como está?

— Minha vida se tornou muito mais interessante depois da noite em que confessei ao Roman.

Angus assentiu com a cabeça, então viu a Shanna tentando levantar do sofá à esquerda. Estava enorme. Enquanto via o Roman ajudar a sua esposa grávida com seus pés, uma lembrança longínqua cintilou. A alegria e o orgulho pelo nascimento de seus três filhos. A preocupação e a culpa pela dor que sua esposa tinha sofrido durante o parto. E depois a dor e a traição, quando ele tinha tentado retornar a eles depois da batalha do Flodden Field. Ele tinha estado seguro que sua esposa compreenderia seu novo estado de não morto.

Não o fez. Proibiu-lhe voltar a ver seus filhos. Zangado, tinha desobedecido e os observou crescer ao longo dos anos. E os viu morrer.

Se lutava pela Emma, não estaria procurando de novo a mesma dor e desespero? Teria que vê-la morrer. E se tinham filhos mortais usando a técnica científica do Roman, também seria testemunha de sua morte.

— Está bem? — Roman perguntou em voz baixa ao Angus enquanto dava um breve abraço. Angus tomou nota da exacerbação dos olhos do Roman. Idiota. Roman sempre podia ver através dele.

— Poderíamos falar mais tarde?



— É óbvio. — Roman deu um passo ao lado de sua esposa.

— Angus, é tão bom verte. — Shanna lhe deu um beijo na bochecha.

— Vê-te enorme, lass.

Ela riu.

— Mas bem como muito grande.

— Está a ponto de explodir — murmurou Gregori. Depois fez uma careta quando Connor lhe deu uma cotovelada nas costelas.

— Sinto-me como se fosse a arrebentar. — Shanna esfregou o enorme ventre. — O bebê já está a ponto.

— Decidimos induzir o parto esta sexta-feira de noite. — Roman a guiou de volta ao sofá. — Assim podemos estar seguros que os doutores Vamp estarão acordados e a ponto.

— Têm mais de um doutor? — Perguntou Angus sentando-se ao lado do sacerdote.

— Dois só para estar seguro. Não quero nenhum risco. — Roman ajudou Shanna sentar-se.

— Se preocupa muito. — Ela se acomodou no sofá. — Este bebê está perfeitamente bem.

Roman se sentou a seu lado, franzindo o cenho.

— Preparei uma sala de parto no Romatech. No caso de.

Em caso de que o bebê não fosse humano? Angus podia entender a reticência do Roman a que Shanna desse a luz em um hospital humano. Shanna negou com a cabeça.

— Estou-te dizendo que este bebê é perfeitamente normal. Dá-me patadas tão de dia como de noite.

— Estou de acordo, — disse o pai Andrew. — Estive rezando e tenho uma muito boa sensação a respeito deste menino.

— Obrigado. A mãe do Gregori disse o mesmo. — Shanna tomou a mão do Roman e lhe sorriu. — E já sabe que Radinka nunca se equivoca.

O pai Andrew se voltou para o Angus.

— Roman me esteve contando algumas costure fascinantes a respeito de você.

— Tudo mentiras, é óbvio.

O sacerdote sorriu.

— Então, não foi renomado Cavaleiro por seu heroísmo durante a II Guerra Mundial?

Angus encolheu de ombros.

— Isso foi faz sessenta anos.

— Aye, e após foi um covarde, — acrescentou Connor com os olhos brilhantes. Enquanto todos riam, Angus deu a seu velho amigo escocês um olhar de chateio.

Ian entrou no salão com uma bandeja cheia de bebidas. Pôs a bandeja sobre a mesa e deu a Shanna um copo de água gelada e uma taça de vinho ao sacerdote. Todos os vampiros se apoderaram de um copo vazio. Connor agarrou a garrafa do *Blissky* e se serviu uma taça.

— Isto sim é bom, Roman, — passou a garrafa ao Gregori. Gregori encheu o copo até acima e passou a garrafa ao Angus.

— Me alegro que você goste. — Roman foi o seguinte em aceitar a garrafa e depois a passou



ao Ian. Connor ficou de pé, levantando seu copo para brindar.

— Pela Shanna, Roman e o bebê. Que seja um menino são e feliz.

Todos murmuraram de comum acordo e beberam.

— O que estiveste fazendo, Angus? — Perguntou Sana. — Ouvimos que foi a um piquenique.

Todos os vampiros machos soltaram uma risada. Angus os fulminou com o olhar.

— Foi por trabalho. Estive tentando persuadir à caça vampiros para que nos entenda.

Connor soltou um bufido.

— Fazer entender a uma mulher? Isso está condenado desde o princípio.

Shanna soprou.

— Desculpa?

— Com perdão. — Connor levantou a mão em um gesto de paz. — Mas esta mulher em particular trabalha para seu pai e estou seguro que envenenou sua mente contra nós.

— Provavelmente sim. — Shanna assentiu com a cabeça e depois voltou-se para Angus. — Quer que fale com ela? Possivelmente escutaria a outro mortal.

— Tudo vai bem, — queixou-se Angus. — Posso dirigi-lo.

— Não há razão para que tenha que fazê-lo sozinho, — disse Connor. Angus lhe disparou um olhar irritado.

— Estou-o fazendo bem. Fizemos um grande progresso esta noite.

Gregori soprou uma risada.

— Isso ouvimos. Ia descalça e meio... Auch! — Olhou ao Connor, que lhe tinha dado uma cotovelada nas costelas.

— Convencera-a para que deixe de matar? — Perguntou Connor.

Angus encolheu de ombros.

— Algo assim. Ela confia em mim agora. — Olhou para baixo para assegurar-se que seu comprido abrigo cobria completamente o vulto sob suas calças. Sua ereção tinha diminuído um pouco, mas os jeans ainda eram incômodos e apertados. Deveria ter posto o kilt.

— Há algo diferente em ti. — Roman olhou ao Angus, estudando-o. — Já sei. Não leva sua Claymore. Isso é muito estranho.

Angus encolheu de ombros.

— Não teria podido convencê-la que não ia fazer lhe dano se me apresentava armado.

— Bom, eu acredito que é muito doce, — anunciou Sana. — Um piquenique em Paris na primavera. Muito romântico. Estou orgulhosa de ti.

Angus engoliu um gole do *Blissky* muito consciente dos olhares divertidos dos vampiros machos da habitação.

— Está ferido? — Perguntou o pai Andrew assinalando o pulso do Angus, que ainda estava irritado e com ampolas.

— Tive um pequeno problema com umas algemas de prata, — queixou-se Angus. — Nada que não pudesse dirigir.

Gregori se inclinou para diante, seus olhos brilhando.



— Algemou-te? Menino, ela é ardente.

Angus o fulminou com o olhar. Connor franziu o cenho.

— Para mim isso não soa como um progresso.

— Acredito que deveria me deixar falar com ela — insistiu Shanna.

— Não. — Roman negou com a cabeça. — Se organizasse uma reunião com a senhorita Wallace ela poderia dizer-lhe a seu pai. E ele tentaria te sequestrar.

Shanna suspirou.

— Roman tem razão, — disse Angus. — Emma me disse que a máxima prioridade de seu pai é te resgatar. Está começando a confiar em mim, mas tudo é muito novo para ela. Inteirou-se da diferença entre o Vamps e Malcontents esta mesma noite e ainda está fazendo-se à ideia que alguns de nós possamos ser gente decente.

— Sabem o que, meninos? — Gregori deixou sua bebida sobre mesa. - Isso é um problema de marketing.

Angus se burlou.

— Eu não estou vendendo nada.

— Mas sim o está fazendo, — insistiu Gregori. - Estas tentando vender a ideia de que os vampiros bons existem. O problema é que não temos um nome para nos diferenciar dos maus.

— Mas é que somos vampiros, — respondeu Angus. — E não pretendo ser bom.

— Mas tem um bom coração, — disse o pai Andrew. — Há um mundo de diferença entre um Malcontent e você.

— Acredito que Gregori tem razão. — Shanna deu um golo a sua água gelada. — Os Malcontents têm um nome, os Autênticos. Porque é que vocês não têm um nome também?

— Mmmmm. — Gregori descansava contra as almofadas do sofá. — Um nome. — Contemplava o teto com os olhos entrecerrados. — Que tal Sem Mordidas? Bebe Garrafas? Caninos Camaradas? Auch! Isso era meu pé! — Fulminou com o olhar ao Connor.

— Sei. — Connor lhe devolveu o olhar furioso. — Cometeu um engano ao me chamar colega.

Enquanto todos punham-se a rir, Roman ficou de pé e fez um gesto ao Angus para que se unisse a ele. Angus se levantou e se dirigiu para a porta.

— Já o tenho! — Anunciou Sana. — Colegas livres e orgulhosos de sê-lo.

Roman riu entre dentes enquanto fazia um gesto para a habitação ao outro lado do vestíbulo. Angus entrou na biblioteca, uma grande habitação com livrarias em três lados da sala e uma grande janela com cortinas na parede contígua à rua.

Roman fechou a porta de dobro folha e se sentou em uma poltrona brincalhona ao lado da janela. Angus passeou pela habitação. Podia sentir que seu amigo estava esperando, mas não sabia por onde começar. Sempre tinha sido melhor com a espada que com as palavras. De fato, suas palavras tinham tendência a diminuir rapidamente. Caminhou ao longo das prateleiras, olhando os livros sem vê-los realmente. Finalmente se deteve.

— Eu... Tive uma esposa mortal e filhos.

— Recordo-o, — disse Roman em silêncio.



— Minha esposa... Rechaçou-me e voltou a casar-se. A sua maneira de ver, eu estava morto.  
— Isso deve ter doído.

— Sim, doeu. — Angus passeou pela habitação. — Mas com o tempo me dei conta que ela teve razão. O matrimônio entre uma mortal e um vampiro não pode funcionar. — Roman permaneceu em silêncio. — Inclusive depois de sua traição, doeu-me vê-la envelhecer e morrer. E quando meus filhos morreram... Isso é mais do que um homem deveria suportar.

A boca do Roman se apertou.

— E se sente obrigado a me dizer isto agora? Quando meu filho está a ponto de nascer?

— Não te desejo nenhum mal, Roman. É como um irmão para mim. Não quero que tenha que sofrer a mesma dor que eu.

Roman suspirou.

— Quando me casei com a Shanna já sabia que poderia perdê-la. Mas Angus trouxe a alegria a minha vida. Devo dar as costas a todos aqueles que me fazem feliz somente pelo medo ao que possa acontecer no futuro?

— Você é muito mais valente que eu. — Angus continuou passeando. — Shanna é uma alma afetuosa que compreende nossa condição. E mesmo assim, não quer ser um de nós.

— Me alegro que decidisse permanecer como mortal. Se a tivesse convertido agora não poderíamos ter nosso filho. E uma vez que tenha nascido, ela estará aqui durante o dia para ele. Por muito que eu adoraria ter a Shanna comigo por toda a eternidade, tenho que pôr por diante as necessidades de meu primeiro filho.

Angus franziu o cenho.

— Inteirei-me que a mutação de nosso DNA, que já não somos de todo humanos.

— E está preocupado pelo bebê? Todos o estamos, mas não há nada que possamos fazer. Está nas mãos de Deus.

Um bebê meio vampiro? Angus voltou a passear.

— E Shanna, não está preocupada?

Roman sorriu.

— De todos nós, ela é a que menos preocupada está. É muito feliz e está emocionada.

— É um homem afortunado. Poucas mulheres seriam tão pomenorizadas como ela. — Angus levantou uma mão para olhar um livro e viu as ampolas em seu pulso. A lesão se curaria durante seu sonho diurno, mas a preocupação de seu coração seguiria estando aí quando se levantasse. — A maioria das mulheres não seriam capazes de amar a um vampiro.

Houve um comprido silêncio enquanto que podia sentir o olhar do Roman fixo nele. Idiota. Provavelmente tinha falado de mais. Roman clareou a garganta.

— Está convencido que a relação entre uma mulher mortal e um vampiro não pode funcionar?

Angus assentiu com a cabeça, evitando o olhar do Roman.

— Por que tenho a sensação que não te está referindo a Shanna e a mim?

Um mau raio o partisse. Angus deu as costas ao Roman e fez ver que olhava atentamente os



títulos dos livros. Ruídos de passos se aproximaram dele. Roman apoiou um ombro na livraria.

— A caçadora?

Angus respirou fundo e assentiu com a cabeça.

— A relação é um pouco... Instável.

Roman sorriu.

— Não esperava menos de ti.

— E eu não esperava me sentir desta maneira. — Angus se apartou. — O que é o que se passa que sempre acabo caindo nas redes do inimigo?

Roman cruzou os braços sobre o peito.

— Se referir a Katya, ela te seduziu a propósito.

— Não, eu a seduzi.

— Isso é o que ela te fez acreditar, Angus. Você queria a reforma, mas durante todo o tempo ela esteve tentando te trocar, te converter em um dos capangas de Casimir.

— Falhei-lhe.

— Não. Nunca teve a intenção de trocar, Angus. Utilizou-te.

Era isso certo? Angus reatou seus passeios pela biblioteca. Se Roman não estava equivocado então ele se comportou como um parvo ao envolver-se com a Katya. E agora, estava sendo um parvo outra vez?

— Que me parta um raio. Repeti o mesmo engano me interessando por uma mulher que pode me destruir.

— Não necessariamente. O coração da Katya é negro. Não conheço a caçadora, mas duvido que seja igual.

— Não. Emma é valente e boa. Esteve arriscando sua vida para proteger aos inocentes.

— Como se sente respeito a ti?

Angus tragou saliva.

— Odeia aos vampiros com paixão, mas acredito que... Sente-se como eu.

— Seguro que pode, se passar mais tempo contigo.

— Beije-a.

A Roman se abriram os olhos como pratos.

— E não resistiu?

— Isso é o que me tem confundido. - Angus se aproximou da janela e se sentou. — Me devolveu o beijo como se o desfrutasse mas agora quer que me mantenha afastado e que atue como se não tivesse ocorrido.

Roman franziu o cenho.

— Tem um conflito.

— Eu também. — Angus apoiou a cabeça em suas mãos. — Deveria deixá-la sozinha, mas não me atrevo a deixá-la desprotegida. Se os Malcontents a capturarem a matarão sem dúvida. E te juro que isso me matará .

— Então deve seguir protegendo-a, — concluiu Roman. Angus assentiu com a cabeça.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Vou protegê-la. Mas vou manter-me à distância. Não mais beijos. Não vou correr o risco que me rompa o coração. Ou que eu rompa o seu.

Roman franziu o cenho.

— Muito bem.

— Você não aprova?

Roman se encolheu de ombros.

— Não é minha decisão. Só espero que você não esteja atirando fora algo maravilhoso.

Angus sacudiu a cabeça.

— Embora ela sentisse carinho por mim, como poderia funcionar?

— Para algumas coisas você tem que ter fé. — Roman assinalou com o olhar. — Acredite, velho amigo, para algumas coisas vale a pena correr o risco.

Em seu escritório do Brooklyn, Katya leu uma vez mais o extenso e-mail da Galina. Se teletransportou a Paris no sábado de noite e no domingo tinha chegado a Ucrânia. Tinha viajado com seus dois amantes vampiros, Buriem e Miroslav, e entre os três tinham tomado o controle das mentes dos habitantes do pequeno povo onde se alimentavam. Os homens foram postos a trabalhar na reparação da casa solar da Galina e na construção da cela para os caçadores de vampiros e para o Angus MacKay.

Katya apertou os punhos. Já era hora que Angus MacKay sofresse. Bateram na porta. Alek entrou carregando uma bolsa de papel marrom.

— Phineas retornou. — Pôs a bolsa sobre a mesa da Katya. — Encontrou as drogas que necessitará.

Katya mexeu dentro da bolsa. Excelente. Com isto seria capaz de fabricar duas dúzias de doses novas de beladona.

— Obrigado, Alek. Como vai a busca dos caçadores?

Alek fez uma careta.

— Não encontraram nenhum sinal deles esta noite. Como os vamos encontrar se tiverem deixado de nos caçar.

— Então faremos que voltem para a caça de novo. Faremos que se encham o saco, que não ficará mais remédio que ir atrás de ti.

Alek lhe dirigiu um olhar interrogativo.

— É muito simples, carinho. — Katya lhe deu umas tapinhas na bochecha. — Tudo o que tem que fazer é matar a alguns mortais.

## Capítulo 10

Emma se arrastou para trabalhar na segunda-feira de noite. Tinha-lhe sido impossível conciliar o sono depois de seu encontro com o Angus. Cada vez que adormecia, seu corpo e sua



mente a traíam e reproduziam esse glorioso beijo. Continuando, despertava e se negava a pensar nisso. Em seu lugar começava a considerar a ideia do Vamps bons contra Malcontents. Tinha ouvido dizer a Austin que Shanna Whelan insistiu em que havia dois tipos diferentes de vampiros, mas Emma o tinha descartado em seu momento adjudicando-o como uma lavagem de cérebro. Qualquer mulher casada com um vampiro quer pensar que este é bom.

Emma também sabia que Austin tinha travado amizade com uma das vampiro fêmeas durante a gravação do reality show. Deve ter passado pelo mesmo processo de aprendizagem pelo que ela estava passando agora. E não havia maneira de que lavassem o cérebro a Austin. Ele tinha o poder psíquico mais poderoso jamais registrado pela CIA.

Não sabia exatamente o que tinha acontecido a Austin. Só sabia que Sean e ele tinham discutido e, continuando, Sean tinha saído e tinha posto a Austin na lista negra o impedindo de fazer qualquer outro trabalho para o governo. Após, Sean estava mais paranoico que nunca e suspeitava de todos eles.

Quando Emma entrou na sala de conferências para a reunião habitual das 19.00 horas, seus dois companheiros de equipe já estavam ali. Alyssa franziu o cenho ao vê-la.

— Está bem?

Com um suspiro, deu-se conta que não tinha feito um bom trabalho tentando ocultar as escuras olheiras. Sentou-se em uma cadeira ao lado da Alyssa.

— Não dormi muito bem.

— Excesso de festa, né? — Disse Garret tomando um gole de café de uma taça que se gabava de ser *Muito Quente Para Tocar*. Enquanto menino—bonito Garret se lançava a contar um capítulo mais de suas conquistas românticas, Emma desconectou. Não acreditava nem a metade de suas histórias, além disso, o último no que queria pensar era em romances. Quem em seu são julgamento queria beijar a um vampiro? Teve sorte de não terminar com um piercing na língua. E a pior loucura era que o tinha desfrutado! Meu Deus, que beijo. Só de pensar sua cara ardia.

— Emma, — sussurrou Alyssa. — Está segura que não está doente? Vê-te muito ruborizada.

— Não, estou... Perfeita. — Se sentou mais direita quando seu chefe entrou na habitação e fechou a porta atrás dele.

Sean Whelan, o chefe da equipe, parecia ainda mais zangado que de costume. Caminhou até a cabeceira da mesa e deixou seu portátil.

— Já aconteceram dez meses desde que minha filha foi sequestrada por esses demônios viciosos. Dez meses! A estas horas, provavelmente já lhe drenaram todo o sangue e a converteram em um deles.

Não se beberem sangue sintético engarrafado como Angus. Emma tinha dito a noite anterior que Shanna era feliz, mas sabia que Sean não acreditaria. Sua amizade com o Angus ia a pôr em uma situação difícil em seu trabalho. Isso deve ser o que aconteceu a Austin. Enviar-lhe-ia um e-mail para lhe perguntar que mais tinha descoberto.

— Garret, quero que siga vigiando aos russos, — ordenou Sean. Voltou-se para a Alyssa. — Como vai sua investigação do Romatech?



— Muito bem, — respondeu Alyssa. — Tenho descoberto o nome dos empregados vampiros investigando suas matrículas. Não posso entrar devido a suas medidas de segurança, mas a semana passada pirateei com êxito seu servidor central.

— Excelente! — Sean se inclinou para frente. — Averiguou algo sobre minha filha Shanna? Preciso saber onde vive.

Alyssa fez uma careta.

— Nos arquivos não havia nada pessoal sobre o Draganesti ou sua filha. Mas encontrei uma pronta de cidades e povos aos que se estão enviando stocks do Fusion Cuisine. Obviamente, nessas cidades vivem vampiros. Eu gostaria de ir investigar.

Emma franziu o cenho. Estes vampiros tomavam suas comidas de uma garrafa. Pertenciam ao bando dos bons e, entretanto, foram terminar na base de dados do Whelan de vampiros que tinham que ser eliminados. Sean suspirou.

— De acordo, mas quero a alguém vigiando Romatech. Minha filha foi vista ali várias vezes. Estou esperando para que alguém possa segui-la até seu novo lar. — Sean olhou a Emma. — Pode te se encarregar você enquanto Alyssa está fora da cidade?

— Sim, — disse Emma a pesar que já não estava segura de querer encontrar a Shanna. E se a mulher era realmente feliz? Mas, como podia funcionar um matrimônio entre um vampiro e uma mulher mortal?

— Malditos chupa-sangues, — murmurou Sean enquanto procurava um arquivo em seu portátil. Emma se tinha perguntado muitas vezes se seu chefe tinha sido mordido por um vampiro. Em várias ocasiões chegou a suspeitar que ele tinha sido vítima de um ataque. Seu ódio era muito intenso.

Um par de vezes tinha considerado lhe contar suas atividades como caçadora. Ela sabia que ele o entenderia, em teoria. Mas também sabia que estava obcecado para encontrar a sua filha. Estaria furioso com ela por não ter interrogado primeiro aos vampiros antes de matá-los. Mas, como poderia fazê-lo? A única maneira que tinha encontrado para caçá-los era atacando-os por surpresa. Com um suspiro, deu-se conta que a questão agora era irrelevante. Parecia que ia ter que deixar de caçar, pelo menos durante um tempo. Se o que Angus lhe disse era certo e os Malcontents iam sair a procurar comida em grupo, tinha que tomar um descanso.

— Aqui está. — Sean deu a volta à tela do portátil para que pudessem vê-la. — Na sexta-feira de noite estive vigiando a casa do Draganesti e vi alguém novo. Algum de vós reconhece a este tipo?

Emma empalideceu enquanto olhava o vídeo de vigilância. Na calçada, aproximando-se da casa do Roman Draganesti, estava Angus MacKay. Essa foi a noite em que se conheceram, quando ela ainda pensava que ele era um ser humano magnífico e misterioso. Se só o fora.

— Outro escocês com saia, — murmurou Alyssa. — Não há vários vivendo na casa do Draganesti?

— Eu não diria que não estão vivendo, mas sim. — Sean assinalou a Claymore nas costas de Angus, - é diferente. Está fortemente armado, como podem ver.



— Parece-se com um desses meninos escoceses que vimos no Central Park, — disse Garret. — Já sabe, a noite que também apareceram os vampiros russos. Vi um montão de tipos com saias escocesas, mas todos se vêem iguais para mim.

Emma sacudiu a cabeça. Como alguém podia esquecer ter-se encontrado com o Angus MacKay? Viu-o na tela do computador enquanto subia as escadas da casa do Draganesti. Parou no alto, olhou ao redor e se desvaneceu.

— Vá, — sussurrou Garret. — Definitivamente, é um vampiro.

Emma suspirou. Sim, era-o, e se ela fosse inteligente se manteria longe. Ele era muito sedutor.

— Bom Wallace, o que você diz?

Emma se sobressaltou quando deu conta que Sean a estava olhando.

— Perdão?

— Você vê as notícias do canal vampiro cada noite, — disse Sean. — Viu antes a este escocês?

Com muito cuidado, manteve seu rosto inexpressivo.

— Nunca o vi nas notícias.

E isso era verdade. Sean cruzou de braços.

— Não o viu alguma vez?

— Não.

O calor se apoderou de suas bochechas. O que estava fazendo? Mentir para proteger ao Angus? Não, acalmou-se. Simplesmente se estava protegendo a si mesma e a suas atividades como caçadora. Não podia falar do Angus sem explicar o que fazia no parque.

— Estou perdendo a paciência com estas vigilâncias — disse Sean fechando seu portátil e dirigindo-se à porta. — Teremos que fazer algo de verdade. Voltem para seus postos por agora. Já lhes direi o que fazerem.

Os homens se foram em dez minutos. Alyssa estava ocupada com sua equipe, pirateando a rede informática do Romatech. Emma se instalou em seu escritório e acendeu a televisão que estava trucada para poder receber o sinal do Digital Vampire Network. Às oito começou o informativo noturno com o zumbido da voz monótona do Stone Cauffyn. Emma o olhava cada noite enquanto revisava os informes policiais em busca de atividade criminal vampírica. Tratou de concentrar-se nos informes, mas as letras apareciam imprecisas ante seus cansados olhos. O que estava fazendo Angus esta noite? Tinha revisado seu e-mail várias vezes, mas não havia nenhuma nova mensagem dele. Tinha pensado nela? Possivelmente tinha recuperado o sentido comum e se deu conta, como ela, que sua relação estava condenada ao fracasso. E isso doía.

Subiu o volume da televisão. Estavam passando o anúncio de um DVD sobre algum tipo de exercício, protagonizado pela famosa modelo parisiense Simone. A Emma soava tolo, mas uma parte lhe chamou a atenção: uma advertência sobre que o estilo de vida dos vampiros não mordedores poderia dar lugar à debilidade das gengivas e inclusive provocar a perda das presas, por isso fazer exercício é uma necessidade.



Vampiros não mordedores? Aqui estava, uma evidência mais que Angus estava dizendo a verdade e que os chamados Vamps já não se alimentavam de seres humanos. Por que a DVN ia mentir sobre isso se acreditavam que a totalidade de sua audiência estava composta unicamente por não mortos? Por isso Emma sabia, ela era a única humana olhando este canal e os vampiros não sabiam. Assim que o que via na DVN provavelmente era certo.

Duas facções: os Vamps e os Malcontents. Por que Angus punha objeções a sua matança dos Malcontents, a parte da preocupação por sua segurança? Ele havia dito algo a respeito de deixar a justiça dos vampiros. Queria isso dizer que ele matava ao Malcontents? Se era assim, por que não deixar que ela o ajudasse? Poderiam ser uma equipe.

No que estava pensando? Ela já estava em uma equipe. Fechou seus doloridos olhos. Tudo isto era muito confuso. Suas lealdades estavam de patas para cima. Voltou a centrar-se nos informe policiais. Na segunda página estava a notícia que ela mais temia. Aquela manhã tinham encontrado um corpo no Central Park. O corpo de uma mulher, degolada.

— Merda! — Emma ficou de pé de um salto.

— O que acontece? — Perguntou Alyssa.

— Nada. Caiu-me o café.

Emma foi para a cozinha onde poderia desafogar-se em privado. Maldita seja! Outro assassinato de vampiros. Ela não podia ignorá-lo. Que Angus MacKay a ajudasse ou não nisto, ela iria. Não ia permitir que mais gente inocente morresse.

Correu a seu portátil para escrever um e-mail, mas algo na televisão chamou sua atenção. Corky Caurant tinha começado seu programa de intrigas chamado *“Em vivo com os não mortos”*. A metade da tela a ocupou uma foto do Roman Draganesti. Emma subiu o volume.

— Recordem que o escutaram aqui primeiro! — Gritou Corky com sua estridente voz. - Esta é a notícia mais milagrosa jamais contada! Roman Draganesti está a ponto de converter-se no primeiro vampiro da história que será pai.

Emma ficou sem fôlego.

— O que?! — Alyssa saiu correndo.

— Sim! — riu Corky. — É difícil de acreditar, verdade? Mas basta com que vejam este exclusivo vídeo que obtive ontem de noite. Roman e sua esposa mortal estiveram indo a missa aos domingos de noite e minha câmera os apanhou quando chegavam.

Emma apertou o botão de gravação do vídeo. Se havia notícias sobre a Shanna, seu chefe queria as ver.

O vídeo ocupou a tela, a imagem imprecisa ao princípio, logo enfocou com nitidez um edifício distante. Emma o reconheceu como o de Indústrias Romatech. O câmera-man estava muito longe, mas as arrumou para focar a porta de entrada quando um carro negro se detinha ali. Um menino de aspecto juvenil vestido com kilt saiu do assento do condutor e abriu a porta traseira do carro. Saiu Roman Draganesti e junto a ele, Shanna Whelan. Uma muito enorme e grávida Shanna Whelan.

O coração da Emma deu um tombo. Meu Deus! Como podia acontecer tal coisa? Sem dúvida



um vampiro não podia engendrar, ou sim?

— OH meu Deus, — sussurrou Alyssa. O vídeo se interrompeu e Corky apareceu de novo na tela, sorrindo.

— Já sei o que estão pensando! Pensam que Draganesti não pode ser o pai. Mas ele é um gênio científico, o inventor do sangue sintético e do Fusion Cuisine. Por isso eu estou totalmente convencido. — Se moveu para a câmara mais próxima e sussurrou. — Ele é o pai.

Emma levou a mão ao peito. Meu Deus! No que estava pensando Shanna? Ia ter um bebê metade humano, metade vampiro? Com dedos trementes, Emma deteve a gravação.

— OH, Meu Deus! — Repetiu Alyssa. — Sean vai ficar feito uma fúria.

— Temos que dizer-lhe disse Emma. - Alyssa se burlou.

— Não me olhe. Deu-me permissão para abandonar a cidade assim que... Eu já não estou aqui. — Correu a seu escritório para reunir os documentos que precisaria. — Vai perder os estribos.

Emma teve que lhe dar razão. Como demônios ia lhe dar a notícia?

Nunca confie em nada nem de ninguém. Sean Whelan o tinha aprendido da maneira mais dura. E ao adicionar à mescla aos vampiros com suas capacidades de controlar as mentes, resultava que qualquer um podia voltar-se contra ti. Qualquer um.

Depois da traição de sua filha, Sean Whelan mantinha a esperança de resgatá-la vigiando a casa que Roman Draganesti tinha no Upper East Side. Durante as primeiras semanas tinha deixado uma caminhonete de vigilância estacionada ao outro lado da rua, mas os malditos vampiros a tinham descoberto. Tinham rachado os pneumáticos e roubado todo o equipamento. Tinham-no tentado com diferentes modelos de caminhonetes e Suvs, mas o estacionamento era uma merda e não sempre se podia encontrar um lugar o suficientemente próximo.

Por isso oito meses atrás tinha alugado uma pequena habitação na rua frente a casa de Roman. Era bastante cara, mas a Segurança Nacional pagou o aluguel com gosto quando disse que estava vigiando a uma célula terrorista.

Entrou na pequena sala e com um golpe de seu braço, limpou a mesa para deixar espaço para seu portátil. As vasilhas de comida para levar caíram ao chão e se recordou pela milionésima vez que tinha que tirar o lixo. Mais tarde.

Por agora estava impaciente para ver o que a câmara tinha gravado a noite anterior durante sua ausência. A câmara estava sobre um tripé ao lado da janela com sua lente cuidadosamente colocada entre duas fitas de seda da persiana. Sean apareceu pela janela. A casa do Draganesti estava bastante tranquila a estas horas da noite e hoje não era diferente.

Tirou o cartão de cor da câmara e descarregou rapidamente a gravação de domingo de noite. Depois inseriu um novo cartão de cor na câmara e a pôs a gravar. De retorno na mesa, sentou-se em uma cadeira desvencilhada e começou a ver o vídeo da noite de domingo. Aborrecido. Empurrou o avanço rápido e se serviu uma taça de café de seu recipiente térmico. Era tão malditamente aborrecido e não o levava a nenhuma parte. Shanna poderia estar já morta.



Seu telefone móvel soou.

— Whelan.

— Sou Garret. Temos um... Problema no Brooklyn, senhor.

Sean ficou de pé com um suspiro e olhou pela janela. Na casa do Draganesti ainda não havia nenhuma atividade.

— Que classe de problema?

— Destruíram os micros que pusemos na base do Aquelarre russo.

— Maldita seja. A caminhonete e a equipe de vigilância estão bem?

— Estou na caminhonete agora e tudo está bem, mas o único que se consegue receber da casa dos russos é estática.

Sean murmurou outra maldição.

— Precisa entrar outra vez. Terá que pôr mais micros.

— É um pouco difícil quando durante o dia a casa está cheia de valentões mafiosos.

— Isso não é meu problema, — grunhiu Sean. — Quando descobriram os micros? Gravou algo durante o fim de semana?

— Sim, estive-as escutando. Destruíram os micros no sábado de noite, justo depois que Katya recebesse a visita de um tio da Polônia.

— Sabe seu nome?

— Sim, apresentou-se dizendo que era amigo de um tal Casimir, o qual não estava contente com a Katya por matar ao Ivan Petrovsky. Depois lhe disse que tinha que encontrar ao caçador ou ela mesma se converteria em uma torrada.

Sean retornou a sua cadeira.

— Um caçador? Que caçador?

— Não sei. Parece que há um tio vampiro que esteve matando a vampiros russos.

— Isso é bom.

— Sim, — riu Garret. — Eu gostaria que todos se matassem uns aos outros. De todos os modos parece que este tio, Janow, matará a Katya se não lhe entregar o caçador.

Sean se congelou.

— O que? Há dito...?— O nó em sua garganta lhe impediu de seguir falando. Não podia pronunciar o nome. — Quem... Quem disse que era?

— Jedrek Janow. Um tipo da Polônia.

O telefone caiu da mão de Sean e ressonou pelo chão. Desabou-se na cadeira. O suor deslizou por sua frente e uma dor aguda lhe atravessou o intestino. O muito idiota havia tornado. Que se tinha vingado de Sean depois que ele matasse um vampiro na Rússia. O muito idiota não tinha atacado a Sean. Não, estava muito doente e era muito cruel para isso.

Sean se dobrou quando a dor arrancou suas vísceras. Cobriu-se o rosto para fechar sua memória. Pobre Darlene. Como poderia perdoar-se a si mesmo? Ele tinha controlado a mente de sua esposa durante anos. Só para ajudá-la, é óbvio. Para ajudar a adaptar-se à vida no estrangeiro, para que ela pudesse ser feliz. Tinha sido por seu próprio bem, mas tinha deixado sua mente tão



fácil de controlar e manipular.

Jedrek Janow tinha descoberto sua debilidade. Tinha-a chamado a ele e, como um robô, ela tinha acudido. Depois Jedrek a mandou de volta, nua e tão drenada que com muita dificuldade estava viva. Graças a Deus se recuperou e não tinha nenhuma lembrança daquela horrível noite.

Mas Sean recordava. Recordava cada maldito dia.

Pouco a pouco se deu conta que a voz de Garret gritava ao telefone. Colheu-o com mão tremente.

— Sim?

— Sean? Está bem?

— Eu... Não... — Olhou o vídeo que ainda estava em avanço rápido em seu portátil. Um sedan negro quatro comporta se deteve diante da casa do Draganesti. — Me dê um minuto. — Desacelerou o filme. Dois escoceses com kilt saíram dos assentos dianteiros do carro. Jogaram uma olhada ao redor da vizinhança e depois abriram a porta traseira. Pelo lado da rua, saiu Roman Draganesti.

— Filho de puta — grunhiu Sean.

— Quem, eu? — Perguntou Garret. — Ouça, sinto pelos micros mas...

— Silêncio.

Sean se inclinou para diante para ver a segunda pessoa surgir do carro. Quem quer que fosse, parecia estar sendo ajudado por um dos escoceses. Apareceu uma cabeça loira.

Shanna! Sean ficou sem fôlego.

— Ela... Ela esteve aqui no domingo de noite.

— Quem? Shanna? — Perguntou Garret.

Sean ficou boquiaberto quando sua filha se separou do carro. Piscou várias vezes. Não podia ser certo. Ela caminhava para a escada da casa. Rebobinou o filme rapidamente. Tinha que ser um engano. Possivelmente só tinha ganho peso. Voltou a ver a parte em que ela saía do carro e depois congelou a imagem de sua filha. De sua muito grávida filha.

— Este filho de puta... — Isso foi tudo. Draganesti tinha ido muito longe.

— Sean, o que está passando?

— Vem aqui. — Sean ficou de pé. — Não, vá primeiro ao escritório. Te arme. Quero armas, balas de prata, algemas e um aríete.

— Sério?

— Sim, e traz as garotas contigo. Quero-lhes a todos aqui em trinta minutos.

Sean se aproximou da janela e olhou para a casa do Draganesti através das persianas.

— Vamos entrar.

## Capítulo 11

— Não acredito que isto seja uma boa ideia — murmurou Emma agachada detrás de um

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



velho Chevy com a porta amolgada.

— Não seja covarde. — Sean olhou sua pistola uma vez mais antes de guardá-la no cinturão detrás de suas costas. Jogou uma olhada por cima da carroceria oxidada do Chevy. — Não há mouros na costa. Vamos, Garret.

Garret atravessou a rua levando o aríete e parou parcialmente oculto atrás do sedan negro de quatro portas estacionado frente à porta da casa do Draganesti.

— Estes filhos de puta pagarão pelo que fizeram a minha filha, — grunhiu Sean.

Emma gemeu para si. Isto era um caso clássico de há uma boa notícia e uma má. A boa era que não tinha que contar a Sean nada sobre a gravidez de sua filha porque já sabia. A má era que estava decidido a entrar em casa do Draganesti de noite. Ela tinha pensado sugerir que o fizessem durante o dia quando os vampiros estão mortos para o mundo, mas mordeu a própria língua. O que aconteceria a Angus se estava dormindo ali e Sean o estacava?

— Tem alguma prova que indique que sua filha ainda está na casa?

Emma fez uma careta quando Garret tropeçou no primeiro degrau que levava a porta do Draganesti. Qualquer vampiro com seu ouvido superior o teria ouvido tropeçar e murmurar maldições.

— Não importa — insistiu Sean. — Qualquer um desses malditos escoceses saberá onde está.

Emma suspirou. O que aconteceria se Angus estava ali? E se a saudava por seu nome? Viu o Garret aproximar-se da porta principal.

— Ali há uma câmera. Vão ver-nos.

— Deixa de te queixar. Já é bastante mau que Alyssa esteja fora da cidade e tenha ficado somente contigo.

Sean o fez seguir e depois se lançou através da rua. Deteve-se detrás de um SUV cor canela estacionado frente ao Lexus negro. Emma se uniu a ele.

— É provável que nos superem em número.

Sean a olhou por cima do ombro.

— Percebo uma grande falta de entusiasmo por sua parte.

— Estou bem. Absolutamente entusiasmada.

Deveria confessar que conhecia o Angus antes que fora muito tarde?

— Tem prata?

— Sim, algemas e cadeias, em minha mochila. — Só dois pares de algemas porque Angus lhe tinha quebrado o terceiro, mas Emma duvidava que esta missão tivesse êxito até o ponto de necessitar a prata.

Sean levou sua mão às costas para agarrar seu revólver.

— Vou desfrutar enchendo os de buracos.

Uma forte explosão ecoou quando Garret golpeou a porta principal com o aríete. Emma ficou sem fôlego. Um corpo apareceu de repente nas escadas, atrás de Garret. Um vampiro de aspecto juvenil com um kilt em vermelho e azul marinho. Golpeou Garret com o punho de sua



espada e o corpo de seu companheiro de equipe ficou estendido no alpendre. O aríete caiu contra a porta.

— Maldito seja! — Sean zigzagueou pela parte traseira da caminhonete. Emma o seguiu, mas parou em seco quando o extremo de uma Claymore caiu sobre a cabeça de Sean. Outro escocês tinha estado esperando no outro lado do SUV a que eles passassem. O corpo inconsciente de Sean caiu na calçada diante dela e o escocês voltou a Claymore pelo que a afiada ponta a apontava agora. Deu um passo atrás. Um braço a agarrou por detrás e puxou suas costas contra um corpo duro.

— Au! — Sua cabeça golpeou contra o ombro de um homem. Uma voz profunda lhe sussurrou brandamente ao ouvido.

— É necessário te golpear a ti também, Emma?

— Angus. — Sua voz lhe fez cócegas na nuca e lhe pôs a pele de galinha. Ela não sabia se se derretia contra seu corpo ou lhe dava uma cotovelada nas costelas.

— Ah, lass. — Aconchegou a cabeça sob seu queixo. — O que está fazendo aqui?

— O que ides fazer com eles? — Emma assinalou para o vampiro mais jovem que estava atando os pulsos e os tornozelos de Garret com cinta adesiva. — Por favor, não lhes façam mal.

— Maldição, — grunhiu Angus. Fez girar a Emma para ficar cara a cara. — Quantas vezes tenho que te dizer que não queremos lhes fazer dano?

Procurou seus olhos verdes escuros e ali só pode ver frustração.

— Você o nocauteou.

— Auto amparo, — murmurou o escocês que estava atando os tornozelos de Sean com cinta adesiva. — Por que nos atacaram?

— Sean acaba de saber sobre a gravidez da sua filha. Pode imaginar o mal que lhe causou isso.

O escocês se endireitou e olhou ao Angus de forma inquisitiva.

— Chama a Sana — ordenou Angus. — Ver se quer falar com ele.

O escocês assentiu com a cabeça. Ao afastar-se, tirou um telefone móvel do sporran.

— Quem é? — Sussurrou Emma.

— Connor Buchanan. — Angus assinalou para o Garret. — O que parece jovem é Ian MacPhie. Eles sabem quem é.

Angus lhe confiscou a arma que levava nas costas.

— Que vergonha, Emma! — Guardou a pistola em seu sporran. — Pensei que fossemos amigos.

O calor se precipitou por seu rosto e ela enterrou a lembrança de seu beijo.

— Quando estou trabalhando com a Equipe Estacar, sou o inimigo.

Imediatamente se arrependeu de suas palavras. O matiz de dor em seus olhos queria dizer que lhe tinha feito mal. Ele agarrou seu braço com sua grande mão à altura do cotovelo e ela tragou saliva. O que ia fazer com ela?

Connor se aproximou deles guardando o telefone no sporran.



— Shanna quer ver seu pai. Pode estar no Romatech em cinco minutos. Dougal já está ali.

— Teletransporta o Whelan ali enquanto ainda está inconsciente, — ordenou Angus. — Mantém o pacote e não lhe tire a vista de cima.

Connor assentiu com a cabeça.

— Eu me encarrego dele.

Inclinou-se sobre o corpo inerte e o deslizou sobre seu ombro com uma facilidade que deixou Emma de boca aberta. As vampiro fêmeas também eram tão fortes? Connor desapareceu levando a Sean Whelan com ele. Emma piscou olhando o espaço vazio.

— Como sabe aonde vai?

— Connor se teletransporta ao Romatech cada noite. — Angus a conduziu até a calçada. — O caminho está gravado em sua memória psíquica.

Emma permitiu ao Angus que a escoltasse até a casa. O que outra coisa podia fazer? Se se punha a correr a apanharia em um segundo. Mas a parte mais aterradora disto não era ele a não ser o desejo que crescia dentro dela de entregar-se completamente.

— O que ides fazer com o Garret?

Ian estava registrando a carteira de Garret e tirou a sua carta de condução.

— Poderia simplesmente levá-lo a sua casa.

Angus assentiu com a cabeça.

— Está bem. Se recordo bem este tem muito pouco poder psíquico. Nos apague de sua memória.

— Fá-lo-ei. — Ian recolheu o corpo do Garret e se dirigiu para o carro negro.

— Por que lhe apagar a memória? — Emma fez uma careta enquanto olhava como Ian colocava ao Garret no assento traseiro do carro como se fora um saco de batatas. — Sean simplesmente o reverterá.

— E isso o manterá ocupado durante um tempo. — Angus a soltou e subiu as escadas até a porta principal. — Temos mais problemas que nos ocupam que são mais importantes que a CIA.

— Como quais? — Ela olhou para trás para ver o Ian levar ao Garret com o carro. Angus agarrou o aríete e o examinou.

— Suponho que poderíamos usar isto, embora teletransportar-se é muito mais fácil. — Marcou um número no teclado ao lado da porta e esta se abriu. Pôs o aríete no interior e se girou para a Emma com um olhar interrogante.

Ela se perguntou o que fazer. Podia afastar-se com a esperança de não vê-lo nunca mais. Assim estaria a salvo, mas... Seria doloroso. Também podia aventurar-se a entrar e estar a sós com Angus MacKay. Um olhar triste e resignado se posou em seu rosto.

— Entendo se desejás ir. Provavelmente é o melhor.

Desde quando tinha feito o melhor para ela? Da morte de seus pais não tinha feito mais que ficar em perigo uma e outra vez. Mas de algum jeito, Angus MacKay não lhe parecia um perigo. Pelo menos não um físico. Com ele, era seu coração o que arriscava.

Aproximou-se um passo. Depois, outro.



A triste expressão na cara de Angus se transformou em uma de assombro. Ela também o sentiu, como se eles dois estivessem sozinhos no mundo e uma força misteriosa os empurrasse a estar juntos. O coração lhe pulsava nos ouvidos. O que estava fazendo? A atração que sentiam seria muito difícil de resistir. Ela ia terminar em seus braços. De verdade queria isso? Deteve-se na porta, olhando-o cautelosamente. Ele arqueou uma sobrancelha.

— Isto é outro encontro?

Elevando o queixo, ela entrou na casa.

— Só estou aqui pela informação que possa conseguir. — Fez uma careta quando a porta se fechou de repente detrás dela. Girou-se a tempo de vê-lo girar as fechaduras. — Me reservo o direito a ir quando queira.

— É óbvio que sim, — disse com a comissura de sua boca para cima. — Quer algo de comer ou de beber? Eu mesmo me sinto um pouco faminto.

No momento em que Sean Whelan recuperou a consciência, concentrou-se em seu autocontrole. Não fez nenhum movimento que indicasse que estava acordado. Manteve os olhos fechados, seu corpo depravado, a cabeça caída para diante, mas todos os sentidos estavam alerta. Parecia estar em uma cadeira, supôs que de madeira dura pelas fitas de seda que se cravavam a parte baixa de suas costas. O zumbido leve do ar condicionado indicava que estava no interior. Ritmo de passos jogo de dados detrás dele, de passos sobre chão duro. Muito pesados, provavelmente de um dos malditos vampiros escoceses.

Sean não se atreveu a enviar ondas psíquicas para ler a mente de seu captor. Um vampiro as sentiria e saberia que sua vítima estava acordada. Sean escutou o ritmo dos passos até que se fez com eles. Depois esperou que chegassem ao ponto mais longínquo à esquerda, ao momento em que estava de costas para ele. Então Sean esticou as ataduras de seus pulsos. Não teve sorte. Estavam muito apertadas. Os tornozelos também. Inclinou-se para diante, como se seu inconsciente corpo estivesse a ponto de cair ao chão, mas as cordas de seu peito o impediram. O bastardo escocês o tinha amarrado à cadeira.

Os passos se aproximaram e se detiveram justo a sua esquerda. Podia sentir os olhos demoníacos observando-o. Lutou por respirar com normalidade, mas seu coração se acelerou. Que tipos de torturas estavam planejando estes filhos de puta para ele? Deus o ajudasse, mas se tratavam de transformá-lo ia encontrar uma maneira de retirar a própria vida antes de consenti-lo.

— Sei que está acordado. — Sean se estremeceu para ouvir a voz profunda tão perto de seu ouvido. E de seu pescoço. — Posso ouvir os batimentos do coração de seu coração. Posso cheirar o sangue fluindo por suas veias.

Sean voltou a cabeça para a voz e abriu os olhos.

— Vai para o inferno.

O escocês se endireitou e entrecerrou seus olhos azuis.

— Irei, provavelmente. Mas você chegará muito antes que eu.



Abriu-se uma porta e Sean perdeu o fôlego ao ver sua filha.

— Shanna! — Gritou puxando suas ataduras.

— Papai! — Ela correu para ele. O escocês a deteve.

— Não tão perto.

Ela franziu o cenho e depois olhou a Sean.

— Por que não? O que pode fazer? Está preso.

O escocês cruzou de braços.

— E assim é como vai ficar.

Sean se balançou para frente, tratando de chegar a seus pés.

— Vê como nos tratam Shanna? — Moveu sua cadeira para ela. — O que lhe têm feito? Juro que os matarei a todos.

O escocês se lançou sobre ele em um suspiro. Duas mãos se fecharam em seus ombros de detrás. Sean não podia mover-se.

— Não nos ameace, mortal. — O escocês se inclinou para diante. — Você não iria querer me ver irritado.

Sean olhou para um lado bem a tempo para ver o escocês mostrar seus dentes. Suas presas se dispararam com um assobio. Sean retrocedeu.

— Connor, — Shanna olhou ao escocês. — Comporte-se.

As presas do escocês se esconderam lentamente em suas gengivas. Deu a Sean um olhar de advertência e depois o soltou. Shanna negou com a cabeça.

— Sério, Connor. Como posso convencer a meu pai que somos os bons se te comportas assim?

Connor retrocedeu um passo cruzando os braços sobre seu amplo peito.

— Minhas desculpas.

Dirigiu um olhar a Sean que não tinha nada de arrependido.

— Sana — Sean se voltou para sua filha. — Preciso falar contigo em privado.

— Isso não passará — grunhiu Connor.

— Acreditas que prejudicaria a minha própria filha? — Gritou Sean e depois olhou a Sana. — Não vê o que estão fazendo? Alguma vez a deixam sozinha, verdade? Nunca deixam que tome uma decisão. Eles a estão controlando.

— Foi minha decisão verte.

Shanna cruzou a habitação até uma mesa que havia contra a parede. Agarrou uma cadeira e se sentou. Sean olhou para o espelho que ocupava grande parte da parede sobre a mesa. Shanna e ele apareciam refletidos, mas o escocês não.

— Observam-nos?

Shanna olhou o espelho detrás dela.

— Sim. Meu marido e outro guarda estão no outro lado.

Sean olhou a sua esquerda para comprovar se o escocês ainda estava ali. Estava-o. Era desconcertante não vê-lo no espelho.



— Isto é uma sala de interrogatórios.

Shanna se pôs a rir.

— Não. Está no Romatech. Esta sala se utiliza para a investigação de mercado. — Fez um gesto para o espelho detrás dela. — Essa é a sala de observação.

— Sempre há um te vigiando, não? É uma prisioneira.

Sean se perguntou por a enésima vez se tinha feito bem ao não contar a Shanna o que os vampiros tinham feito a sua mãe. Mas não podia suportar que ela soubesse como tinha sido castigada Darlene por culpa de seus próprios enganar. E preocupado que Shanna dissesse a verdade a sua mãe.

— Papai, tem que me acreditar. Casei-me com o Roman porque quis. Amo-o e ele me ama .

— É um demônio — gritou Sean. — Olha o que te fez. Como podia ele te deixar grávida? Entregou a outros homens como se fosse sua puta?

— O que? — Shanna ficou de pé. Connor grunhiu detrás dele. Shanna se dirigiu para ele, uma mão colocada protetoramente sobre sua enorme barriga. — Meu marido é o pai deste menino. Como te atreve a me acusar a mim ou a ele...?

— Isso é impossível, — sussurrou Sean. — Ele está morto. Não pode engendrar um filho. Maldita seja, Shanna, está-te enganando. Está controlando sua mente e te utilizando como a uma prostituta!

A porta se abriu com um estalido e entrou Roman Draganesti. Seus olhos escuros brilhavam com fúria.

— Ninguém fala assim com minha esposa, nem sequer seu pai!

— Não pode ser o pai deste bebê, — insistiu Sean. Roman se dirigiu para ele com a mandíbula apertada.

— Sua incredulidade não te dá direito a insultar a sua própria filha.

Shanna lhe tocou o braço.

— Posso dirigir isto.

Roman se deteve. Seu rosto se suavizou quando contemplou Shanna. Sean só podia esperar que isso significasse que o vampiro não ia insultá-la. Sua filha e o demônio se olharam durante um momento e logo Roman inclinou a cabeça.

— Vou estar olhando. Tome cuidado. Não quero que te preocupes neste momento.

Shanna lhe sorriu.

— Vou estar bem.

Roman se girou para olhar a Sean.

— Vou sair só para que veja que é Shanna quem comanda aqui. Eu faria algo por ela.

— Então morre — murmurou Sean. O escocês lhe deu uma tapa na cabeça.

— Connor. — Shanna lhe lançou um olhar desaprovando-o.

— Minhas desculpas — grunhiu Connor. — Tenho muito pouca paciência com os parvos.

Roman riu e plantou a Shanna um beijo na frente. Sean se estremeceu ao recordar como tinham controlado a sua esposa e abusado dela. Olhou de novo ao Roman quando este saiu da



habitação.

— Deveste acostumar a ele — disse Shanna em um sussurro. — Vai ser meu marido durante muito tempo.

Sean ficou rígido.

— Vai transformar-te?

— A risco de matar o seu próprio filho? Não seja tolo.

— Como...?

— Como pode ser que este menino seja dele? — Shanna se deu umas tapinhas no ventre. — Roman é um cientista muito brilhante. Combinou esperma humano com seu próprio DNA...

— O que? — Sean esticou a cinta adesiva ao redor de seus pulsos. — Esse bastardo está realizando experimentos contigo, Shanna. Tem que sair daqui.

O escocês o agarrou pelos ombros para mantê-lo quieto. Shanna se aproximou mais.

— Eu queria este bebê. Tenho um marido que é maravilhoso, carinhoso, brilhante, e vamos ser pais. Por que não pode ser feliz por mim?

— Porque te casou com um monstro! E está a ponto de dar a luz a... — Sean ficou sem fôlego quando a compreensão se apoderou dele. Um bebê mestiço? Um bebê monstro? — OH, Deus, Shanna, o que tem feito?

— Estou trazendo para este mundo — disse entrecerrando os olhos, — a um menino que estará bento com uns pais amorosos. Algo que Roman nunca teve. E eu tampouco.

— Sabia — disse Sean apertando os dentes. — Faz isto para te vingar de mim. Sempre foi uma rebelde.

— Refere a quem enviou longe por que não podia me controlar. — O rosto da Shanna ficou vermelho de ira. — Dê um pouco de crédito pela primeira vez em sua vida. Se você não podia me controlar, o que te faz acreditar que meu marido sim pode fazê-lo?

Sean piscou. Uma sensação horrível o invadiu.

— Você... Quer isto? Eles não lhe estão controlando?

— Não, não me controlam.

A ira se apoderou dele com tanta força que começou a tremer.

— Então é uma traidora à humanidade.

Shanna suspirou. Olhou para o espelho com exasperação.

— É impossível.

— Um néscio muito teimoso. — Os dedos do escocês se cravaram nos ombros de Sean. Este olhou para Connor.

— Tire suas sujas mãos de cima.

Connor apertou e Sean endureceu sua expressão para não mostrar dor.

— Connor — Shanna indicou que liberasse Sean e o fez—. Papai optei por falar contigo esta noite para que soubesse que estou bem. — Sean soprou. Estava a ponto de dar a luz a um bebê demônio e dizia que tudo estava bem? — Também queria te dizer o que acontece. Meu marido e seus seguidores não são os monstros que acredita que são. Eles tomam sangue sintético



engarrafado.

Sean voltou a soprar.

— Está-me dizendo que seu marido nenhuma vez te mordeu? — Ela duvidou. — Diga! — Sean se inclinou para diante. — Com que frequência se alimenta de ti?

— Nunca — insistiu Sana. — Meu marido inventou o sangue sintético para que ele e outros Vamps não tivessem que voltar a fazer mal a um ser humano.

— Os vampiros matam seres humanos todo o tempo.

— Os Malcontents — disse ela. — Eles sim são demônios que desfrutam fazendo mal aos seres humanos. E são nossos inimigos.

— Todos os vampiros são demônios.

— Não! — Shanna plantou seus punhos em seus quadris. — Deve deixar de perseguir os Vamps bons. Estão tratando de proteger aos mortais.

— Aye, — adicionou Connor. — Deveria deixar que nos ocupássemos dos Malcontents.

Sean negou com a cabeça.

— Vampiros matando a outros vampiros? Nunca acreditarei.

— Por que não? — Perguntou Shanna. — Acaso não ouviste falar de humanos que matam a outros humanos? Pensa nisso. Já sabe que Ivan Petrovsky foi assassinado por outros vampiros. Isso acontece.

— É necessário que nos deixe em paz. — Connor rodeou a cadeira para estar frente a ele. — Os Malcontents estão criando um exército. Se nós não os derrotarmos, a humanidade padecerá muito por isso.

Sean tragou saliva.

— Está tentando-me enganar, me assustar. — Era tudo uma fila de mentiras? Ele tinha que saber. Não havia maneira de que pudesse invadir a mente de um vampiro, mas havia um ser humano aqui. Reuniu todo seu poder psíquico e o lançou contra sua filha. Ela se cambaleou para trás, tomada por surpresa. Connor a sustentou.

— Está bem, lass?

Olhando a seu pai, Shanna empurrou sua mente com todas suas forças e ele se sacudiu em sua cadeira. Merda. Ela era incrivelmente forte.

— Está convencido agora? — Perguntou em voz baixa. — Ninguém me pode controlar.

— Traidora — sussurrou. Ela deu a volta.

— Leve isso Connor.

— Aye. Sinto muito, lass. — Connor ficou detrás de Sean, que ficou sem fôlego quando o escocês o colheu com cadeira e tudo.

— O que está fazendo?

— Levá-lo de passeio pela madrugada, — respondeu Connor. Shanna o olhou com tristeza.

— Por certo, seu neto nascerá na sexta-feira de noite.

— Não é meu n...

A voz de Sean se apagou quando todo se voltou negro.



## Capítulo 12

Angus sabia que tinha que dizer algo reconfortante que fizesse que Emma se sentisse segura, mas não o fez. Não podia. Incomodava-lhe que ela tivesse participado do ataque de Sean Whelan. E a ira a ponto de explodir lhe dava vontade de atormentá-la. Ou de deixá-la sem sentido com um beijo. Era melhor manter a distância. Foi para a cozinha.

— Está segura que não quer nada de beber? Na geladeira temos coisas como refrescos e sucos.

— Sério? Por quê?

Ela o olhou cautelosa, como se ele fosse lançar se sobre seu pescoço em qualquer momento. Era um formoso pescoço de pele pálida e tenra, mas isso não significava que queria furá-lo. Beijá-lo, entretanto, seria muito...

Ele sacudiu a cabeça, tentando seguir a conversa. OH, aye, sua surpresa pelas bebidas para mortais.

— Quando os mortais cuidam a casa durante o dia têm sede.

— Têm guardas humanos durante o dia?

— Aye. São muito bons. E de confiança. Trabalham para mim. — Fez uma pausa com a mão na porta de vaivém. — Algo para beber?

Ela duvidou.

— A... Água, obrigado.

Uma opção segura. Assim ela seria capaz de notar se lhe tinha acrescentado algo estranho. Merda. Tão logo já não confiava nele?

— Sinta-se como em casa, — murmurou sem poder deixar de acrescentar. — Se tenta escapar, soará um alarme.

Entrou na cozinha para evitar o olhar de preocupação no rosto dela. Que me parta um raio. Já estava de saco cheio. Por que a estava provocando e piorando as coisas? Agarrou uma garrafa de tipo O e a meteu no micro-ondas. Possivelmente sua desconfiança fora uma bênção. Poderia usá-la para manter as distâncias entre eles.

Encheu um copo com água gelada e tirou a garrafa de sangue do micro-ondas. O vestibulo estava vazio, mas a viu na biblioteca. Estava passeando entre as prateleiras examinando os livros. Só tinha sido a noite anterior que ele mesmo se encontrou de pé nesta sala, confiando-se ao Roman e declarando sua intenção de protegê-la sem aproximar-se dela.

E entretanto aqui estava ela, só na casa com ele. Aproximou-se em silêncio.

— A água.

Ela girou para ele.

— Eu.. Não te ouvi entrar.

Aproximou-lhe o copo e ela tomou a contra gosto. Merda.



— Acreditas que vou envenenar-te?

Ela piscou

— O que?

— Comporta-te como se não confiasses em mim. Pensei que já tínhamos superado essa fase.

— E o fizemos.

Ela tragou um pouco de água.

— Então por que segue-me olhando de forma estranha?

— Não o estou fazendo. É que não estou segura que... Esta amizade seja uma boa ideia.

Está-me causando problemas no trabalho.

— Sério? Parecia bastante feliz nos atacando junto ao Whelan.

Ela suspirou e caminhou para o vestíbulo.

— Tratei de falar com ele, mas o homem não atende a razões. Não vai acreditar nada do que aprendi sobre vós. E estou em uma muito má posição. Ele tinha uma foto de ti esta noite e tive que mentir dizendo que não te conhecia.

— Mentiu por mim? — Isso fez que o coração do Angus se alargasse. Ela o olhou.

— Não esteja tão feliz por isso. Tudo isto me põe em uma situação muito difícil.

— Sinto muito, — sorriu Angus. — Estou feliz por não ter perdido sua confiança.

Ela fez girar o copo entre suas mãos.

— Estou chateada porque houve outro assassinato no Central Park. Sei que não quer que saia de caça...

— Sabe por que não quero.

Dirigiu-lhe um olhar exasperado.

— Mas me disse que os Malcontents também são seus inimigos. Por que não me ajuda a acabar com eles? Não é isso o que fazem os amigos?

Ah, assim que esse era o problema. Dirigiu-lhe um sorriso tranquilizador.

— Somos amigos. — Fez um gesto para o salão. — Vamos ter um pequeno bate-papo.

— Muito bem. — Caminhou para o salão. — Bonita habitação. — Rodeou os três sofás granadas pela direita. — Que televisão tão grande. Suponho que deve ver muito a DVN.

Ele esperou junto à porta, bebendo um gole da garrafa.

— Não muito, na verdade. Estou a trabalhar toda a noite.

Ela pôs o copo de água gelada sobre a mesa de café.

— E não tira férias? Já sabe uma semana de descanso cada cinquenta anos ou assim.

— Muito engraçada. — Ele se dirigiu por volta do sofá da esquerda. — Dou a meus empregados um par de semanas ao ano.

— E você? — Ela tirou a mochila das costas e a deixou cair no sofá da direita. Ele fez caso omissivo de sua pergunta, já que não recordava quando tirou férias por última vez.

— O que há em sua mochila?

— Artigos para festas de costume. Estacas de madeira, algemas de prata, látegos, cadeias, — acomodou-se no sofá junto à mochila. — Estará orgulhoso de mim, inclusive trouxe cinta adesiva.



— Aprende rápido. — Se sentou no sofá da esquerda frente a ela. — Eu guardarei sua mochila.

— O que? Está tentando fazer que me despeçam?

Angus se inclinou para diante para deixar sua garrafa sobre a mesa.

— Pode lhe dizer a seu chefe que lhe tirei isso à força.

Ela ficou de pé, olhando-o. Imediatamente, ele também se levantou.

— Necessito minhas armas para caçar. E pensei, que já que é meu amigo, viria comigo. Ao fim e ao cabo, não faz mais que dizer que está preocupado por minha segurança.

— E o estou, mas não conhece a história completa. — Fez um gesto para o sofá. — Contar-lhe-ei isso.

— Muito bem. — Ela se sentou. Ele voltou para seu assento.

— Os Malcontent acreditam que o assassino é um vampiro do Aquelarre do Roman. Pensam que só um vampiro pode matar a outro vampiro.

— Vampiros arrogantes — murmurou ela.

— Ameaçaram declarar guerra a Roman se outro Malcontent é assassinado.

Ela franziu o cenho.

— Assim quer que me detenha com o fim de evitar que morram os membros do Aquelarre do Roman?

— Para evitar que exploda uma guerra.

Ela ficou de pé

— Maldito seja! Deseja salvar aos vampiros, mas está disposto a deixar que seres humanos inocentes morram?

Ele ficou de pé.

— Não é assim. Acredite-me, se explodir uma guerra, vampiros e humanos morrerão por igual. Será um açougue que não quererá ver.

Ela apertou os punhos.

— Assim não fazemos nada? Deixa que os Malcontents matem a seres humanos quando quiserem porque tem medo de uma guerra sangrenta?

— Claro que não. Tenho um plano.

Ela cruzou os braços, olhando-o carrancuda. Ele deu um passo para ela.

— Emma, confia em mim.

Ela se sentou, zangada.

— Mais te vale que seja bom.

Ele se sentou no sofá do centro.

— Os Malcontents só declararão a guerra se um de nós mata a um de seu Aquelarre. Mas podemos patrulhar o parque e evitar que pessoas inocentes morram.

— Assim que lhes agarramos e depois o que? Damos-lhes umas tapinhas e os deixamos ir?

— Na realidade pensei que podíamos assustar a um deles.

Ela torceu sua boca.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Isso não está tão mal.

— Me alegro de que esteja de acordo.

Ele tomou sua garrafa e deu um comprido trago.

— Quanto tempo faz que está lutando contra os Malcontents?

— Desde que o posso recordar — disse suspirando. — Seu líder, Casimir, é quem transformou ao Roman. Tratou de obrigá-lo a cometer maldades, mas Roman escapou e começou a transformar a Vamps como eu. Ao final conseguimos um exército e carimbos alfandegários sobre os Malcontents.

Ela ficou de pé.

— Esteve em guerra com eles?

Com um gemido silencioso, ele também ficou de pé. Por que não podia ficar quieta mais de dois minutos?

— Aye, foi a Grande Guerra Vampira de 1710. Eu fui o general de nosso bando.

A ela se abriu a boca.

— Genial! Matou a um montão do Malcontents?

— Aye, fi-lo. — Tirou o sporran por que a pistola dela que guardava dentro era uma pesada carga contra sua virilha.

Ela o olhou com curiosidade.

— Por que está de pé?

Ele estremeceu.

— Porque você o está.

— Está-me imitando?

— Não, é... Um costume tolo. Vivi muitos séculos nos que um homem não podia sentar-se se uma dama estava de pé.

Ela soltou uma gargalhada.

— Quer dizer que é um cavalheiro à antiga?

Ele franziu o sobrecenho.

— Quer dizer que ainda não te tinha dado conta?

— Um vampiro cavalheiro? — Ela sorriu. — Isso soa como uma contradição.

— Sou perfeitamente capaz de ser grosseiro — grunhiu ele.

— Acredito-te.

Ela se transladou até o sofá do meio e se deixou cair. Com um suspiro de alívio, ele também se sentou.

— Assim suponho que fundou sua companhia em 1927. Terceiro Angus e o quarto, e Alejandro, todos eram você, suponho.

— Aye, — inclinou a cabeça. — Angus Alexander MacKay, a seu serviço.

— Tão cavalheiresco. — Sua boca se curvou para cima. — Alguma vez, Terceiro Angus ou Alexander, tiraram férias?

— Agora te está burlando de mim.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Ela sorriu.

- Qual deles foi renomado cavaleiro?
- Esqueci-o.
- OH, claro. Ouvi que a memória falha com a idade.
- Minha memória está bem, — disse arqueando uma sobrancelha.
- Então recorda por que o nomearam cavaleiro?
- Aye.

Ela esperou e ao final lhe lançou um olhar exasperado. Deslizou-se pelo sofá para estar mais perto dele.

- Por que não me conta isso?
- É um segredo governamental.
- Sei guardar um segredo. Não hei dito nada a ninguém sobre ti.
- Porque não quer perder seu trabalho.

Ela fez uma careta.

- OH, vamos. Não vou contar nada.
- Jurara-o com o juramento oficial do Angus?
- O que é isso?
- Não sei — disse sorrindo. — Acabo de inventar isso.

Ela rio.

- Jurá-lo-ei assim, sempre e quando não houver dentadas envolvidas.
- Nada de dentadas. — Seu olhar correu pelo corpo dela. Agora estava sentada muito perto dele. — Eu nunca te farei mal.

Ela apartou o olhar e seu sorriso desapareceu.

- Eu tampouco quero te fazer mal.

Ele tragou saliva. Não sabia se esta amizade era algo bom ou mau. Gostava de falar com ela, mas suas mãos morriam de vontades por abraçá-la. Só o fato de estar na mesma habitação que ela se estava convertendo em uma tortura. Ela clareou a garganta.

- Assim por que o nomearam cavaleiro?
- Alguns moços da Real Força Aérea foram derrubados sobre a França ocupada. Os alemães disseram que todos estavam mortos, mas havia a suspeita que alguns tinham sobrevivido e que estavam sendo torturados.

Tocou-lhe o braço.

- Que terrível!
- Minha missão consistiu em teletransportar-me a território inimigo de um avião, localizar aos meninos e teletransportar-los a um lugar seguro. Depois apaguei sua memória.

Ela ficou de pé.

- Isso foi brilhante!
- Ele ficou de pé.



— OH, sinto-o. — Ela riu e depois voltou para seu assento. — Quantas pessoas no governo britânico sabem sobre ti?

Ele se sentou a seu lado.

— Três. A rainha, o chefe do MI6 e o primeiro-ministro. Ao resto me apago de suas memórias quando abandono os escritórios.

— Que interessante. — Emma se levantou um pouco. Angus estava meio levantado quando deu conta que era um falso alarme. Simplesmente se estava pondo cômoda colocando um pé debaixo dela. Ele voltou a sentar-se. Ela torceu sua boca.

— Que tipo de favores lhe fez à rainha?

— Um de seus cães se perdeu no Hyde Park e eu o encontrei.

— Isso é tudo?

Lançou lhe um olhar irritado.

— Não compreende o importante que são seus cães para ela.

Emma sorriu enquanto agarrava o copo de água gelada da mesa. Tomou um gole e depois fez uma careta.

— Vá, sinto-o. — Olhou abatida o círculo úmido sobre a mesa. Ficou de pé, olhando a seu redor. — Não tem bases para copos?

Ele também ficou de pé.

— Não se preocupe por isso.

Ela viu que ele também estava de pé e soltou uma risadinha.

— Tão cavalheiresco.

— Não é divertido. Nunca conheci a uma moça tão nervosa. Juro-te que tem parte de lebre.

Sorrindo, ela pôs o copo sobre a mesa. Seus olhos cor âmbar brilharam com alegria.

— Você também faz muito bem de lebre.

Ela foi sentar se e a meio caminho pensou e voltou a levantar-se. Angus se tornou para trás e manteve sua posição de pé enquanto ela ria. Que um raio a partisse, estava jogando com ele. Ela se sentou.

— Considera isto como seu exercício aeróbico do dia.

Ele se sentou.

— Terminaste?

— Não.

Ela se levantou de um salto.

— Basta!

Ela a agarrou pela cintura e puxou dela. Ela aterrissou em seu joelhos, rindo. Ele riu entre os dentes enquanto suas mãos se deslizavam por suas costas. O sorriso dela se desvaneceu com um comprido suspiro.

— Sinto muito, não deveria-te provocar.

Ela o olhou com uma expressão de cautela e tentou mover-se de seus joelhos. Ele a manteve em seu lugar.



- Está-o fazendo outra vez.
- Fazendo o que? — Pergunto empalidecendo.
- Me olhando como se eu fora algum tipo de monstro aterrador.
- Não, não é isso. É... Não é nada. — O rubor se apoderou de suas bochechas, um formoso rubor rosa sangue.

Idiota. Nada o acendia mais rápido que a visão de uma mulher ruborizada, sobre tudo se o rubor o causava ele. Podia cheirar o sangue lhe enchendo as bochechas como um perfume enlouquecedor. Sua virilha respondeu imediatamente.

- Tem medo que te beije outra vez? Que perca o controle?

Seu rubor se intensificou.

- Não.

Seus olhos brilhavam com medo outra vez. A verdade o golpeou duro. Tinha medo de ser ela quem perdesse o controle. Seus olhares se encontraram durante um segundo e depois ela deu a volta.

- Não deveríamos.
- Não, não deveríamos.

Puxou-a para aproximá-la mais. Foi um engano. Um engano que daria lugar a mais dor e desespero. Mas mesmo assim, desejava-a. Tinha que possuí-la.

- Emma, — sussurrou justo antes de baixar sua boca para a dela.

### Capítulo 13

Emma foi absorvida pelo beijo. Ele não só acendeu seu corpo, como a afligiu emocionalmente. Era o herói sexy e honorável de seus sonhos e ela respondeu com um forte desejo e o coração dolorido.

Se somente estivesse vivo. Ele puxou o lábio inferior e o chupou. Ela gemeu quando a sucção fez esquentar seu ventre e depois a sensação baixou. Sentiu sua ereção pressionada contra seu quadril. Meu Deus, não era isto o suficientemente vivo para ela?

Mas, por que não podia ser humano? Ele deixou uma esteira de beijos por sua bochecha. Seu grunhido rouco lhe fez cócegas na orelha antes que mordiscasse beijos por seu pescoço. Sua mão cobriu seu peito e apertou brandamente. Ela abriu a boca em resposta. Não era isto o suficientemente humano? Talvez estivesse tecnicamente morto durante o dia, mas, OH! Imagina as noites que poderia ter com este homem.

*Mas sabe que não pode durar. Maldita seja, ia discutir consigo mesma toda a noite? Por que simplesmente não podia desfrutá-lo? Já não tinha medo que a mordesse assim o que, que problema havia? Tem medo de te apaixonar.*

Não, ela não podia permitir-se amá-lo. Mas não podia evitar que seu corpo respondesse a ele. No momento em que ele acariciou seu mamilo fazendo círculos com seu polegar, endureceu-



se.

— OH, a merda tudo, — murmurou.

— Hmmm? — Ele se tornou para trás para olhá-la. Seus olhos brilhavam com veemência. Em lugar de assustá-la, excitou-a mais. Rodeou lhe o pescoço com suas mãos e passou os dedos por seu cabelo comprido e suave.

— Me beije.

Esta vez não houve nenhum argumento interno em contra. Ela o abraçou e o beijou com uma fome que fazia jogo com a dele. Suas bocas abertas. Ele a invadiu com sua língua. Deu-lhe a bem-vinda sugando-a e acariciando-a com a sua. Ele a atraiu para si para que seus peitos se pressionassem um contra o outro e deslizou suas mãos por debaixo da camiseta e as subiu por suas costas. O toque de seus dedos sobre sua pele nua era como um tenro sussurro ainda surpreendendo-a com sua crueldade. Ela explorou sua boca e percebeu um sabor metálico. Sangue. Tornou-se para trás e saboreou de novo o sangue de sua última comida. Não deveria estar horrorizada? Ele a olhou zombador enquanto suas mãos examinavam a parte posterior de seu prendedor.

— Onde estão os malditos ganchos do prendedor? Pobre lass, nasceu levando esta coisa posta?

Escapou-lhe uma pequena risada e com ela, seu coração se rachou e se liberaram todos seus desejos. Este homem não era terrível, era formoso. As lágrimas brotaram de seus olhos.

— Abre-se pela frente. — Levou a mão ao peito. — Aqui. Sobre meu coração.

Ele estudou seu rosto. O calor vermelho em seus olhos se converteu em uma cálida luz que brilhou ao redor de suas íris verdes. Olhos natalinos. Se somente pudesse acreditar nos milagres, que pudesse haver um futuro para eles.

— Isto nunca funcionará.

Tomou a mão que guardava seu coração e lhe beijou cada dedo.

— Hã-me dito que algo é possível com amor.

Estava dizendo que a amava? Ou simplesmente estava seduzindo-a? Uma lágrima rodou por sua bochecha. Deus a ajudasse, mas pela forma em que ela se sentia, a sedução era muito possível.

— Shhh. — Ele limpou a lágrima com o polegar e depois a beijou na bochecha úmida. — Nunca te farei mal. Tem meu juramento oficial do Angus.

Sorrindo, ela acariciou sua forte mandíbula com seus dedos.

— Mas não sabemos que juramento é esse.

Desabotoou lhe os botões da camisa.

— Descobri-lo-emos à medida que avancemos.

— E qual é o castigo por romper o juramento oficial do Angus?

Com um grunhido, deslizou-a de seus joelhos e a pôs sobre o sofá.

— Ter-te sentada sobre minha ereção é um castigo suficiente.

Ele a empurrou sobre um travesseiro de suave felpa e se estendeu a seu lado.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Posso ouvir o batimento de seu coração, o rumor de seu sangue correndo por suas veias.  
— Apertou a palma de sua mão contra o fino algodão que cobria seu peito. — Pode você sentir meu coração acelerado?

— Sim. — Ela podia, embora seus pensamentos estivessem focados na ereção que acabava de mencionar. *OH, Angus, onde está sua salsicha?*

Abriu-lhe a camisa e desabotoou o prendedor, apartando-o. Seus mamilos se endureceram enquanto o olhar dele se esquentava outra vez.

— Rosas — sussurrou e tocou a ponta endurecida com o dedo. Ela abriu a boca quando um pequeno tremor formigou desde seus peitos até seu ventre.

— Azul — sussurrou ele riscando as veias sob a pálida pele. Ele se deslizou um pouco para baixo no sofá pelo que sua boca ainda estava à altura de seus peitos. Ela se lamentou de que sua ereção ficasse fora de seu alcance, mas logo se esqueceu do problema quando lhe rodeou um mamilo com a língua. Arqueou-se para ele com um gemido.

— Delicioso — sussurrou e assinalou o mamilo que tinha na boca.

— OH — ela entreteceu seus dedos com o cabelo.

Ele se amamentou de um peito enquanto brincava com o outro com sua mão, fazendo rodar o mamilo entre o polegar e índice. Ela puxou a cinta de couro que lhe sujeitava o cabelo até que o desatou. Seu comprido cabelo castanho caiu para frente lhe fazendo cócegas nos peitos enquanto fazia amor. Sua mão se deslizou pelo ventre dela deixando-a tremente. Ele se deteve com sua mão apoiada no zíper da calça. Olhou-a, com o cabelo alvoroçado e os olhos vermelhos.

— Posso-te prazer?

Sempre cavalheiresco. Emma sorriu. Mas sua voz soava rouca e seu aspecto era o de um bárbaro selvagem. Agarrou um punhado de seu cabelo e o puxou até que sua cabeça ficou perto da sua.

— Me faça gritar.

Os olhos dele brilharam com ardor.

— O farei. Muitas vezes antes que acabe a noite.

Ela quase se veio então. Apertou as coxas, desfrutando da doce dor que vibrava dentro dela. Fechou os olhos com um gemido.

— Carinho, não comece sem mim.

Em um instante, tinha-lhe desabotoado as calças e as tinha baixado até os tornozelos. Ela tirou os sapatos e acabou de tirar as calças. Ele deslizou seus dedos por suas pernas.

— Posso cheirar seu aroma — lhe sussurrou enquanto desenhava pequenos círculos no interior de sua coxa. — Penetra em meu coração como o mais doce dos perfumes. — Ele se inclinou para beijar sua coxa. A pele da Emma formigou. Seu coração se acelerou. A umidade se encharcou entre suas pernas. Ele deslizou sua mão debaixo de sua roupa interior de renda vermelha e explorou brandamente os cachos. — Seu primeiro grito virá por minha mão. O segundo por minha boca.

Ela tragou saliva. Ele colocou um dedo entre suas dobras. Ela ficou sem fôlego e se



estremeceu.

— Está tão úmida e fresca como o rocío da manhã. — Sorriu. — Tão preparada para o prazer. Não me custará muito esforço.

— Não te atreva. - Ela levantou seus quadris pressionando-se contra ele.

— Paciência, carinho. — Lhe tirou as calcinhas pelas pernas.

— Paciência? Alguns de nós não temos toda uma eternidade. — Chutou suas calcinhas e observou à peça de renda vermelha voar pela habitação.

— Mas sigo estando limitado. Quando o sol... — Fez uma pausa, inclinando a cabeça enquanto a observava.

— Há... Algo mal?

Tocou-lhe a pele nua, ao lado de sua delicada franja de cachos.

— Nunca tinha visto este... Estilo.

— OH, é a depilação brasileira.

Ela era sua primeira mulher moderna? Gostava dessa ideia. E gostava da ideia de lhe ensinar a ele de que maneira a mulher atual via o sexo. Levantou uma perna até descansar a panturrilha ao longo da parte superior do respaldo do sofá. Logo elevou sua outra perna por cima da cabeça dele e a deixou descansar em seu ombro.

Seus olhos se aumentaram ao ver que ela se estava exibindo. Sua mandíbula se esticou. De repente desviou o olhar para o teto. Tinha-o ofendido com sua audácia?

— Acreditas que sou muito...?

— Muito formosa. — Apertou seus olhos fechados. — Não quero perder o controle.

— OH! - Isso soou como uma provocação. Como gostaria de levá-lo ao limite. Ou talvez não. O que fazer se um vampiro perdia o controle?

Ele respirou fundo e abriu os olhos. O carmesim se suavizou até converter-se em um quente resplendor. Beijou-a na perna que ela tinha posado sobre seu ombro.

— Um homem pode passar toda uma vida aprendendo cada forma e cada curva de seu corpo e considerar-se bem-aventurado.

Ela suspirou. Se ele seguia assim, teria um orgasmo sem que a tocasse. Ele deslizou a mão por sua coxa para seu centro. Ela viu sua mão aproximando-se cada vez mais perto. Não foi uma surpresa e mesmo assim, sacudiu-se quando finalmente a tocou.

— Seus lábios estão escorregadios e inchados. Cheios de sangue. - Ela estremeceu quando seus dedos acariciaram cada dobra. Rodeou seus clitóris e depois o beliscou com o polegar e o índice. Ela gritou. — Inclusive este, — ele jogou com seu botão, — inchou-se de sangue e se pôs carmesim como o mais belo rubor.

A tensão se acumulava e ela se retorcia sob sua mão.

— Angus.

— Preciso te beijar. — Baixou a perna de seu ombro e tombou a seu lado no sofá.

— Se. — Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço. Ele a beijou completamente, depois invadiu sua boca ao mesmo tempo em que introduzia um dedo em seu interior. Com um



gemido, ela arqueou as costas. Acariciou lhe o paladar com sua língua ao mesmo ritmo que com seu dedo acariciava seu interior. A tensão cresceu em espiral. Ele rompeu o beijo quando ela começou a ter dificuldades para respirar e voltou a atenção a seus peitos. Introduziu um mamilo em sua boca e lhe deu um ligeiro puxão justo quando pressionou contra seu inchado botão. Ela gritou de novo. A tensão se elevou bruscamente enquanto ela ofegava. Ele a massageou cada vez mais rápido.

— OH, Deus! — Ela levantou seus quadris pressionando contra sua mão.

— OH, merda. — Ele elevou a vista de repente. — Terá que foder...

— Qu...? — A sala formou redemoinhos a seu redor. Ela gritou com toda a tensão destroçada.

— Que demônios foi isso? — A voz de um homem trovejou do vestíbulo. Emma ficou sem fôlego embora seu corpo seguisse palpitando em ondas gloriosas. Não, não podia ser ele. Ele não.

— Foi Emma quem gritou? — A voz chiou. Meu Deus, sim que era ele. Seu chefe, Sean Whelan, estava no vestíbulo. Angus lhe pôs um dedo sobre os lábios. Como se necessitasse que lhe recordasse que devia permanecer em silêncio.

— Me solte, maldito seja! — Gritou Sean. — Um de seus fodidos vampiros está torturando a Emma.

Uma voz suave disse:

— Não vou soltar-te até que te acalme.

— Me acalmar? — Rugiu Sean. — Vou demonstrar-te o que é a calma, filho de puta, quando puser uma estaca em seu coração.

Ele seguiu gritando enquanto Emma olhava ao Angus freneticamente. Já era bastante mau ser apanhada meio nua por um de seus amigos vampiros, mas, por seu chefe? Isto era um desastre! Que diabo poderia dizer? Que estava tentando uma nova técnica de interrogatório? Angus a envolveu em seus braços e lhe sussurrou ao ouvido.

— Confia em mim.

Tudo se voltou negro. Ela começava a tomar consciência de seu corpo de novo com os braços do Angus a seu redor quando caíram ao chão com um ruído surdo.

— Uff. — Ela lutou por respirar. Onde estava?

— Sinto a aterrissagem forçada. — Angus a soltou e ficou pé, - isto acontece quando me teletransporto estando de pé.

Ela se levantou e olhou ao redor do quarto escuro. A luz da lua se filtrava através de três estreitas janelas, que proporcionavam suficiente iluminação para distinguir a forma dos móveis igual às sombras escuras agachadas ao redor dela. Onde estava? Ficou de pé mas a habitação começou a girar.

— Tenha cuidado. - Angus a agarrou para evitar que caísse.

Céu santo, ela estava de pé meio nua em uma habitação estranha. Esperava que aqui não houvesse ninguém mais. Maldita seja, não podia ver nada. Parecia que Angus olhava sob seu kilt.

— O que está fazendo?

Ele deixou cair o kilt.



— Nada, um costume tolo.

Né? Ela sentiu que o pânico crescia em seu interior. Podia dirigir esta situação. Já tinha estado em situações difíceis antes. É óbvio, sempre tinha enfrentado ao perigo com suas calças postas. Apertou os dentes.

— Onde estamos?

— Cinco pisos mais acima, no escritório do Roman.

— O que? Roman está aqui? — Deu a volta, esperando que sua Alteza Real Vampírica fizesse pop das sombras.

— Ele já não vive aqui. Eu estou usando agora estas habitações. Está perfeitamente a salvo.

— A salvo? Não acredito. Sinto-me um pouco... Arejada, se entende o que quero dizer. — Sua voz subiu um tom. — Estou meio nua.

Apertou-lhe os ombros.

— Mas é a metade boa.

— Não ajuda. — Se separou dele. — Estou meio nua e minha roupa está no piso embaixo.

— Não se preocupe. Irei buscá-la.

Ela começou a caminhar.

— Estou meio nua, minha roupa está no piso abaixo e meu chefe está aí abaixo também. Se vá ou vê minha roupa, nunca mais vou voltar a encontrar trabalho.

— Te relaxe, eu me ocuparei dele.

— Como? Como poderá explicar que minha roupa esteja atirada pelo chão como se fora um brilhante farol vermelho? Bem poderia-lhe pôr luz de néon, que para o caso... — Seguiu caminhando na escuridão. — Estou bem fodida.

— Não de todo, mas ainda tenho esperanças.

— O que? Estou meio nua, minha roupa interior está pulverizada pelo chão do piso embaixo com meu chefe aí! — Ela chocou com uma peça do mobiliário. — E não vejo nada!

— Emma, estás começando a pôr-te histérica.

— Estou dolorida! — Ela saltou várias vezes à pata agarre esfregando os doloridos dedos do pé. — Estou meio nua e não posso ver nada. E você vê muito bem, verdade? Com seu super sangue Vamp.

— Emma. — Ele a agarrou pelos ombros e a levou até uma larga sombra e a fez sentar, - fique aqui quieta e respira profundamente que agora retornarei por suas roupas.

Desapareceu.

Agora estava sozinha, meio nua, dolorida e sem poder ver nada. Fechou os olhos, respirou profundamente e lutou por recuperar o controle. Ela era uma profissional, maldita seja. Enfrentou muitas vezes a seus inimigos e tinha seguido adiante. Tinha matado a quatro vampiros. Era uma mulher. Era invencível.

Abriu os olhos e deixou que sua vista se ajustasse à escuridão. Estava sentada em uma espécie de sofá que parecia de veludo. Frente a ela havia um móvel retangular muito grande. Um escritório. Algo brilhava fracamente sobre ele. O monitor do computador, de costas a ela. A sua



esquerda estavam as janelas. Grampeou-se o prendedor e abotoou sua camisa. Rodeou o sofá e atravessou a habitação lentamente. O tapete era grosso sob seus pés. Seguiu a luz que se filtrava pela janela, seguindo a linha. Chegou à parede e encontrou o pomo de uma porta. Dois pomos. Abriu as portas duplas. Mais escuridão. Apalpou ao longo da parede até encontrar o interruptor da luz. Acendeu-a.

A habitação estava vazia, graças a Deus. Uma grande cama dominava a sala, coberta por um edredom marrom de ante. Muito masculino. Era aqui onde dormia Angus durante o dia? Ou mas bem jazia ali morto como um prego. A enormidade de sua situação lhe deu um murro no peito.

Tinha estado fazendo amor com um vampiro.

— OH, Deus.

Separou-se da cama. A luz da habitação fez possível que pudesse ver o escritório. O mobiliário parecia antigo e valioso. O sofá onde se sentou parecia mais uma cadeira antiga com um braço curvo. Cobrindo o respaldo havia uma parte de tecido de felpa de cor bordéus. Ela o envolveu ao redor de sua cintura como se fora uma saia.

Viu uma porta e olhou para fora. Não havia muros à volta. Saiu e se encontrou no patamar da escada.

— Eu não vou daqui até que saiba que ela está a salvo! — A voz de Sean Whelan ecoou pela escada. Um homem respondeu com voz suave e tranquila, mas não pôde distinguir as palavras. Entretanto parecia bastante seguro que Sean Whelan devia estar no vestíbulo. Isso era bom se significava que não lhe tinha permitido entrar na sala onde tinha sua roupa esparramada. Mas também era mau, porque significava que não havia maneira que pudesse descer pela escada sem que ele a visse. Possivelmente Angus poderia transportá-la para fora. Mas ainda não havia resolvido o problema com a sua roupa. Com um gemido silencioso, retornou com passo suave até ao escritório.

Um tinido chegou do ordenador. Um e-mail. Emma olhou para trás. Estava sozinha. É óbvio, um vampiro podia teletransportar-se em um segundo. Teria que ser rápida. Rodeou a mesa e viu que tinha chegado uma nova mensagem. O remetente era Mikhail. Tema: *pais da E. Wallace*. Seu coração palpitou. Seus pais? Abriu a mensagem.

*Sigo investigando o assassinato dos pais da E. Wallace. Anexo uma lista de todos os Malcontents que se sabe que estiveram em Moscou durante aquele verão.*

O coração da Emma se acelerou quando abriu a mensagem anexa, havia uma lista com dezoito nomes. Reconheceu um só nome: *Ivan Petrovski*, e já estava morto. Dos dezessete restantes, dois tinham que ser os assassinos de seus pais. Dezessete vampiros. Poderia matar a tantos? Tinha outra opção?

Pôs a imprimir a lista e se endireitou.

— Encontrei algo útil? — Perguntou Angus com voz suave.

## Capítulo 14

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



A fugaz aparência de culpa no rosto da Emma fez pouco para mitigar a câibra nos intestinos do Angus. Como pôde? Como podia ela ter-se arqueado sob seu toque, ter gritado de prazer, e espia-lo à primeira oportunidade?

Quando o ruído da impressora começou, Emma levantou o queixo com ar desafiante.

— É informação a respeito de meus pais. Disse que a compartilharia comigo.

— Chegou uma mensagem de minha operação em Moscou?

— Se referir ao Mikhail, sim.

— Então, parece que está mais em dia que eu.

— Por que não deveria está-lo? São meus *pais*.

— E esse era *meu* e-mail e *meu* ordenador. — Deixou cair sua roupa e sua mochila sobre a cadeira de veludo vermelho.

— Espero que tenha seu telefone móvel por aí em alguma parte. — Certamente não o levava consigo. Tinha explorado cada centímetro de seu corpo.

— Levo-o na mochila, por quê? — Disse enquanto recolhia o papel da impressora. Ele conteve a ira que crescia em seu interior.

— Sean Whelan te chamará de um momento a outro. Está abaixo e se nega a partir até que saiba que está bem. Pensa que te tenho prisioneira e que estou-te torturando.

— OH, — um ligeiro rubor iluminou suas bochechas. A manta ao redor de sua cintura se afrouxou e ela deixou cair o papel da impressora sobre o escritório para arrumar sua improvisada saia.

— O que lhe disse?

Angus apertou os dentes. Era tão condenadamente formosa quando se ruborizava.

— Menti-lhe. E disse que te tinha levado a sua casa.

Um som tilintante saiu de sua mochila. Correu ao redor da mesa para a cadeira e abriu o zíper de sua mochila. O telefone continuou com sua molesta música.

— Merda, — murmurou enquanto revolia sua mochila. A manta se deslizou justo quando encontrou o telefone. Ele agarrou a manta ao redor de sua cintura.

— Obrigado, — sussurrou ela e depois respondeu ao telefone. — Diga? — Angus lhe arrancou a manta. A boca dela se abriu de indignação. — Ah, olá, Sean, — disse ao telefone enquanto olhava zangada ao Angus. Ele deu um passo atrás, deixou a manta sobre a cadeira e agarrou o papel que havia imprimido. — Estou bem. — Franziu o cenho ao Angus. — Perfeitamente bem.

Ele se apoiou no escritório examinando a lista de nomes que Mikhail tinha enviado. Todos eram Malcontents que estiveram em Moscovo quando os pais de Emma tinham sido assassinados.

Angus se perguntou se tinha reagido exageradamente a sua espionagem. Era natural que ela tivesse curiosidade sobre seus pais. Como poderia haver resistido à mensagem? Ele podia ouvir a estridente voz de Sean Whelan ao outro lado do telefone da Emma.

— Não, não me têm feito mal. — Puxou os extremos de sua camisa para assegurar-se que



todas suas partes pudendas estivessem cobertas. Quando levantou a vista, Angus lhe piscou o olho. Fez-lhe uma careta e virou as costas.

Ele inclinou a cabeça admirando a suave curva em que suas coxas se reuniam com seu arredondado traseiro. Não era necessário que um homem fosse um não morto para querer afundar seus dentes nessa gloriosa carne.

— Levou-me a casa, usando a teletransportação, — Emma continuava falando com Sean. — Não, estou bem. Senti-me um pouco enjoada, isso é tudo. E também levaram ao Garret a sua casa. E o que aconteceu com você?

Angus se estremeceu para ouvir a diatribe de Sean sobre experimentos malvados, sua pobre filha e o bebê demônio que ela pariria dentro de poucos dias. Emma olhou ao Angus com preocupação.

— Não sei o que dizer, Sean. Só podemos esperar o melhor.

Ela se inclinou para examinar a roupa que Angus tinha depositado sobre a cadeira. Ele inclinou mais a cabeça. Que vista.

— Não há nada mais que possa fazer agora mesmo. — Ela se inclinou mais. — Estou segura que o deixarão ir.

Angus também se inclinou mais. Bom Deus podia ver o céu.

— Muito bem. Adeus. — Pendurou o telefone e o puxou à mochila. — Sean diz que o escocês o está escoltando para seu carro. Mas há outro problema. Não posso encontrar minha roupa interior. — Olhou para trás e se endireitou de repente. Angus também se ergueu. Ela se ruborizou e puxou das abas de sua camisa. — Seus olhos voltam a estar vermelhos.

— Tive uma visão.

— Viu meu traseiro. Onde está minha roupa interior?

— Tive uma formosa visão. Vi nosso futuro.

A dor cruzou o rosto dela.

— Não temos futuro, já sabe.

Ele deu um passo para ela.

— Sei que te prometi fazer-te gritar várias vezes. E sou um homem de palavra.

— Eu... Eu o libero dessa promessa.

— Isso não é o que você quer.

— Nem sempre conseguimos o que queremos. — Agarrou as suas calças e começou a colocá-las.

— O que vais fazer com esta lista? Matar aos dezessete?

Deu-lhe as costas para subir o zíper de suas calças.

— Se me quer ajudar, agradecer-lhe-ei isso.

— E se não te ajudo?

Ela o olhou com o cenho franzido.

— Tenho que fazê-lo. As últimas palavras que me dirigiu meu pai foram *vinga-nos*.



— Então foi testemunha dos assassinatos. Assim é como soube de nossa existência.

Ela se sentou na cadeira.

— Uma parte de mim também morreu aquela noite.

— Lass, a vingança não devolverá a seus pais.

— Não é vingança! É justiça.

Ele levantou a lista de nomes.

— Conheço a maioria destes homens. São os piores assassinos no mundo dos vampiros.

Ela estava tentando matar sua dor com a violência. Ele reconheceu os sinais. Fazia o mesmo depois do rechaço de sua esposa. Emma colocou os pés em seus sapatos.

— Cheguei muito longe para abandonar agora. Tudo o que tenho feito e aprendi durante estes últimos seis anos me levou até este momento.

— Então tudo te levou até mim.

Ela abriu muito os olhos.

— Não acredito no destino. Tomamos nossas próprias decisões na vida.

— E decidiste confiar em mim. Por favor, Emma, não persiga a estes homens. Não precisa matar todos os dragões do mundo para demonstrar seu amor. Seus pais sabiam que lhes queria.

— Ela desviou o olhar, apertando os punhos. — Deixa que eu encontre aos dois responsáveis.

Ela o olhou nos olhos.

— E depois?

— Ajudar-te-ei a encontrar a justiça que necessita. Enquanto isso transferirei a dois de meus empregados para que vigiem Central Park.

— Pensei que você e eu íamos patrulhar pelo parque.

Parecia decepcionada. Sentiria falta dele?

— Fá-lo-emos até que cheguem meus empregados. Eu não posso ficar aqui indefinidamente. Devo me encontrar com Casimir. Está criando um grande exército e se houver outra guerra, morrerão muitos inocentes. — Se separou da mesa e se dirigiu para ela. — Imagine um exército de quinhentos Malcontents, alimentando-se todos de humanos cada noite e matando-os porque sabem muito. Será um massacre.

— Isso é o que ocorreu durante a primeira guerra? — Perguntou ela empalidecendo.

— Aye. A batalha se prolongou durante três noites. Uma dúzia de aldeias na Hungria foram destruídas. Alguns mortais conseguiram escapar e seus contos deram lugar a algumas das histórias que ainda se contam hoje em dia.

— Histórias sobre vampiros malvados?

— Aye. — Ele se sentou na cadeira a seu lado. - Isso foi muito antes do sangue sintético. Ambos os bandos tinham que alimentar-se dos humanos. Ambas as partes mataram. Apesar de que nós tentávamos não matar a humanos, é provável que parecêssemos tão malvados como o inimigo.

— Se houver outra guerra, você será o general?

— Aye.



Ela deu um coice.

— Eu não gosto de pensar em ti estando em tanto perigo.

— Esperemos não chegar a isso.

— Quer que conte tudo isto a Sean? Poderia-lhe dizer que falamos antes que me levasse a casa.

— Por o que vi de seu chefe, não acredito que vá acreditar nada.

Ela suspirou.

— Odeia aos vampiros com muita paixão. Não sei por que.

— Você também tem motivos para nos odiar, mas me crê.

Sorrindo, lhe tocou a bochecha.

— Mas também eu gosto muito de ti.

Tomou a mão e lhe beijou a palma. Não havia tal coisa como muito. Ele o queria todo.

— Aonde quer que te leve, a seu apartamento ou ao de Austin Erikson?

— Tinha a intenção de te perguntar, como é que conhece Austin?

— Trabalha para mim.

— Pensei que estava construindo algo na Malásia, — disse ela surpreendida.

— Ele e sua esposa, Darcy, estão na Europa do Este ajudando na busca de Casimir.

Os olhos de Emma se ampliaram.

— Austin se casou com a vampira que era a diretora do reality show?

— Já não é uma vampira.

— Já não está morta?

— Já não é um não morto. É uma larga história, mas Roman foi capaz de trocar seu estado.

— Está brincando! Um padre? — Emma lhe olhou com incredulidade. — E por que não troca a ti?

— Talvez a alguns de nós gostamos de ser o que somos, — disse apertando os dentes.

— OH. — Ela fez uma careta. — Não foi minha intenção te ofender.

— Ser um não morto tem algumas vantagens, — disse arqueando uma sobrancelha. — Ser mortal também as tem. Tenho uns quantos mortais trabalhando para mim. Têm a vantagem de suportar a luz do dia.

— Assim Austin segue lutando contra os vampiros.

— Contra os malvados, aye. — Angus inclinou a cabeça. — Você poderia trabalhar para mim.

Contratar-te-ia em um segundo.

— Contrataria-me a pesar que tentei-te matar? — Perguntou surpreendida de novo.

— De algum jeito tive a impressão, enquanto chegava ao orgasmo entre meus braços, que tinha superado esse tipo de sentimentos.

— É certo que já não te tenho nenhuma má vontade — disse enquanto suas bochechas se tingiam de rosa.

— Sua bondade é entristecedora. Mas parecia francamente feliz enquanto estavas estremeendo e gritando...



— Vale! — Levantou uma mão. — Mas essa é uma muito boa razão pela que não deveria trabalhar para ti. A gente suspeitaria que estamos enrolados e nunca...

— Enrolados? — Fez um gesto para o dormitório. — Se Connor não tivesse retornado com seu chefe, agora mesmo estaríamos na cama fodendo como coelhos.

— Isso não é certo, — disse burlando-se enquanto jogava uma olhada à habitação. — Eu... Poderia ter dito não.

— Quando? — Ele se moveu mais perto. — Me teria dito não depois de ter beijado cada centímetro de seu formoso corpo? Ou tivesse esperado a que te fizesse gritar de prazer por segunda ou terceira vez?

Ela levou as mãos às avermelhadas bochechas.

— Por favor. Eu não... Não posso.

— O que? — Ele a abraçou pelos ombros. Ela fechou os olhos e murmurou.

— Não posso te amar.

As palavras golpearam contra ele como um raio. Soltou-a e retrocedeu, com o coração oprimido em seu peito. Um mau raio o partisse, ele queria seu amor. Quando infernos tinha acontecido isso? Ela tinha um aspecto tão abatido. Merda.

— Sinto muito. Levar-te-ei a casa. — Ela assentiu com a cabeça, negando-se olhá-lo. Entregou-lhe a mochila. — A que apartamento?

— Ao meu.

— Teletransportei-me para lá antes. Lembro o caminho. — Ficou de pé ao lado dela, abrindo os braços. — Tenho que te abraçar.

— Entendo-o.

Ela ficou rígida quando ele a abraçou.

— Precisa te agarrar a mim.

Assim que ela pôs suas mãos sobre seus ombros, ele fechou os olhos e se concentrou. Quando seus corpos oscilaram, ela esticou seus dedos e se aferrou a ele. Em uns segundos chegaram a sua pequena sala de estar. Assim que ela se sentiu sólida de novo, soltou-o. Deixou cair sua mochila no sofá de dois lugares.

— Quando poderão estar aqui os seus homens para vigiar o Central Park?

— Em uma noite ou duas. Neste momento a maioria deles estão na Europa do Este, trabalhando de incógnito, assim há um problema de horário para localizá-los. E vou ter que fazer algumas mudanças para me assegurar que todos meus clientes seguem bem protegidos.

— Então você e eu patrulharemos amanhã pelo parque.

— Aye. Mas tem que entender Emma, que não podemos matar ao Malcontents agora. Só serviria para iniciar uma guerra que não queremos.

— Está bem, — disse ela assentindo com a cabeça. — Sempre e quando os seres humanos sejam protegidos. Encontramo-nos às nove, na ponte de pedra junto ao lago?

— Ali estarei. — Ele estendeu sua mão. — Aliados?

Queria dizer amantes, mas teria que conformar-se com isto por agora. Ela estreitou sua mão



brevemente e depois a deixou ir.

— Aliados.

## Capítulo 15

Ele ia chegar tarde. Emma olhou seu relógio de novo. Faltavam dois minutos para as nove e não estava à vista. Claro que sua vista não era tão boa como a dele em um entorno escuro, iluminado só pela luz da lua de Central Park. Sempre poderia chegar até ele psiquicamente, mas realmente não o queria dentro de sua cabeça. Já o tinha muito dentro de seu coração.

Apoiou os cotovelos na parede de pedra da ponte e jogou uma olhada ao redor do lago. Não havia homens com kilt. Embora também poderia levar calças. O canalha ficava magnífico com ambas as coisas. Concentrou o olhar em um homem jovem ao longe, que levava calças jeans e um suéter. Não, não era Angus. Não podia confundir-se com seus largos ombros e seu comprido cabelo castanho avermelhado. Simplesmente não havia outro como ele.

Tinha o coração pesado. Por que não podia ser humano? Dentro de cinquenta anos se teria esquecido dela. Seria um mais dos muitos seres humanos que teriam passado por sua vida e que já se foram, varridos como as folhas mortas em outono. Que Deus a ajudasse, mas ela queria ser diferente. Queria ser especial para ele. Queria que a amasse.

Seu coração se afundou mais. Por que não podia sentir-se atraída por um tipo normal? Pois! Quem em todo mundo se sentiria atraída por um menino normal tendo perto ao Angus? Seu antiquado sentido da honra e seu cavalheirismo haviam tocado seu coração. Ele era o herói das fantasias de uma menina. Valente, forte, honesto, inteligente. Mas também era a fantasia de qualquer mulher adulta: sexy, agressivo e algo perigoso. Como poderia resistir a um homem assim?

— Boa noite.

Ela se girou dando um coice.

— Não te ouvi chegar.

— Estava sumida em seus pensamentos.

Pensando nele. Menos mal que podia bloquear sua mente. Assim e tudo, deu-se conta que a calidez que invadia suas bochechas traía seus pensamentos mais íntimos. Angus estava magnífico, como sempre. Levava o kilt azul e verde, meias três quartos verdes militar iguais ao pulôver. Via-se o punho de uma faca por cima do bordo de suas meias direita. As correias de couro que cruzavam as suas costas só podiam indicar que levava sua Claymore nas costas.

— Vieste preparado — disse esclarecendo sua garganta.

— Igual a você.

— Sim. — Ela subiu mais a bolsa de estacas em seu ombro. — Obrigado por vir.

Ele sorriu lentamente. Muito magnífico. Irritou-a sua sensação de desconforto.

— Vamos? — Disse ele estendendo sua mão.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Esperava que agarrasse sua mão? Ou só foi um gesto para lhe indicar que começasse a caminhar? Muito embaraçoso. Dirigiu-se para o norte, deixando atrás a ponte. Ele pôs-se a andar a seu lado, perto dela. Para ser um homem tão grande se movia muito silenciosamente. Ajustou-se a bolsa para que o ruído das estacas rompessem o silêncio. Por que estava tão calado? Tentou procurar um tema normal para poder falar.

— Assim, sempre usa os mesmos quadros?

— É o tartan dos MacKay. Você não gosta de meus kilts?

— OH, sim. Só me perguntava se tinha mais de um. — Ela fez uma careta. Genial. Por que não o insultava diretamente? — Quero dizer, mais de um estilo.

— De fato, fui adquirindo um pouco de roupa ao longo dos séculos, — disse sorrindo.

Um armário cheio de vários séculos de moda? Isso era alucinante.

— Quer dizer que ainda tem as perucas, os coletes e as camisas de renda?

— Aye. Guardados em algum lugar de meu castelo.

Ela se surpreendeu. Seu castelo? Santo Deus, como poderia manter uma conversa normal com o Angus MacKay? Ele era... Fascinante.

Suas mãos se roçaram enquanto caminhavam. Ela pensou em mover-se para a direita para ficar fora de seu alcance, mas não o fez. Seria muito óbvio e mais... Embaraçoso.

— Poderá ouvir um ataque que ocorra em qualquer lugar do parque?

— Aye. Só para me assegurar, pedi ao Connor que patrulhasse a parte norte.

— Isso está bem. Teremos reforços se nos fizerem falta.

— Aye. — Sua mão ficou perto da dela. O coração da Emma pulsou mais rápido.

— Parece estranho que só nos conheçamos desde sexta-feira passada.

— Aye. — Ele entrelaçou seus dedos com os dela. Emma se encheu de nostalgia.

— Esta só é nossa quinta noite juntos.

— Quando a gente viveu tanto como eu se dá conta de quanto relativo é o tempo. Suportei séculos que passaram em um abrir e fechar de olhos, como se logo que respirasse. — Se deteve e a olhou. — Ou posso experimentar toda uma vida no lapso de umas poucas noites. Toda a esperança e a paixão que fazem que a vida valha a pena, de repente está me rodeando como se fora um presente de Deus.

— OH, Angus. — Então ela era diferente. Era especial.

— Não podemos negar o que nos está passando, Emma.

Soltou-lhe a mão.

— E não o nego. Mas tampouco podemos negar que não temos nenhuma oportunidade.

— Emma...

— Não. — Ela elevou a mão. — Não quero ser mais uma em uma larga lista de noivas humanas. Eu... Sinto-me especial para ti agora, tal e como estou. E preciso deixá-lo assim. Quando for quero ser capaz de te dizer adeus com o coração inteiro, não quebrado e desolado. Pode entendê-lo?

— Não. Por um lado está assumindo que nossa relação acabará mal.



— E como poderia ser que acabasse de outra maneira? Somos de mundos diferentes.

Ele franziu o cenho.

— Somos mais parecidos do que pensa. E nunca houve uma larga lista de noivas humanas.

— Durante séculos te alimentaste que de mulheres humanas. Disse-me que as deixava a todas muito satisfeitas. A mim isso soa como a ter uma larga lista de amantes.

— Isso era sobrevivência. Isso era recompensar a mulheres sem cara para não me sentir culpado por roubar seu sangue. Você é diferente, Emma. Não te necessito para sobreviver. Mas sobreviver não é o mesmo que viver. Ou o mesmo que me sentir humano de novo. Estou vivo quando estou contigo. Você alimenta minha alma.

Ela o olhou fixamente, sem pestanejar. Santo céu, o que podia dizer a isto? Tome, sou tua?

Ele girou a cabeça para um lado.

— Ouvi um grito.

Ela escutou atentamente, mas não ouviu nada.

— Por aqui. — Ele fez um gesto para que o seguisse. Ela correu a seu lado, para o norte.

— Eu não ouço nada.

— Já terão controlado a sua vítima. Não haverá mais gritos. — Depois de vários minutos, deteve-se. — Estamos perto, — sussurrou. — Suas estacas fazem ruído.

Ela tirou a bolsa do ombro e envolveu as estacas muito juntas, as embalando contra seu peito.

— Melhor assim?

Ele assentiu com a cabeça e levou um dedo aos lábios. Ela o seguiu em silêncio quando saía do caminho de ladrilhos e se dirigiu através de um bosque de árvores. A luz da lua logo que atravessou o dossel de folhas em florações. O ar se fez mais frio. Angus se converteu em uma grande sombra que se arrastava perto dela. Uma brisa agitava as folhas transportando o som de uma voz masculina.

— Hey, tio, deixa algo para mim.

Emma ficou com a pele de galinha. Angus se movia muito devagar agora. Ela olhou a seu redor com nervosismo, esperando que todas as sombras que os rodeavam só fossem árvores.

— Merda! Que diabos está fazendo? — Queixou-se a mesma voz em voz alta. — Esta não é maneira de tratar a uma mulher. Eu não trataria assim nem a uma puta.

— Tranquilo, idiota, — sussurrou outra voz.

— Hey, alimentar-se é uma coisa, mas você a está matando. Isso não está bem.

Angus chamou Emma a seu lado para que pudesse ver o claro diante deles. A luz da lua brilhava sobre a enorme rocha de granito, tingindo o claro com fantasmais tons de cinza. Um vampiro macho, vestido de negro, tinha a uma mulher cravada no chão. A via pálida à luz da lua prateada. Seus olhos estavam frágeis e negros. A única cor era o vermelho sangue que gotejava das duas espetadas no pescoço.

Um segundo vampiro, um homem negro vestido com uns jeans quebrados e um suéter cinza com capuz, passeava perto com nervosismo.



— Merda, tio. Eu não gosto disto.

O primeiro vampiro afundou uma vez mais suas presas no pescoço da mulher. Emma se estremeceu. A mulher não sobreviveria a uma segunda dentada. Angus a sujeitou pelo braço para evitar que se desequilibrasse.

— Já basta, colega! — O vampiro afro deu saltos tentando chamar a atenção do outro vampiro. — A está deixando seca. Vais matá-la!

Em um visto e não visto, Angus entrou no claro a toda velocidade, tirando a Claymore. Apontou ao primeiro vampiro no pescoço.

— Solta-a.

Emma derrubou sua bolsa e tirou uma estaca.

— Que merda...?— O vampiro afro se moveu para partir. Emma saltou ao claro e bloqueou sua fuga. Apontou ao coração com a estaca.

— Fique onde está.

— Merda. — O vampiro afro a olhou a ela e depois ao Angus. — Quem diabos são vocês?

O primeiro vampiro ficou de pé lentamente. O sangue gotejava de suas presas estendidas. Retrocedeu, mas Angus o seguiu, apontando ao coração com sua espada.

— Este parque está sob meu amparo, — grunhiu Angus. — Não vais matar a ninguém mais aqui.

— Conheço-te, — disse com acento russo o vampiro malvado. — Estava no baile do Romatech o ano passado. Esmagou o relógio do Ivan. É Angus MacKay.

— Assim agora está seguindo ordens da Katya? — Perguntou Angus com suavidade. — Te pediu que mate por ela?

— Faria algo por ela.

— Então lhe diga isto, Alek. — Quando o vampiro se encolheu, Angus continuou. — Aye, sei quem é. Foi o menino dos recados do Ivan Petrovsky e agora está fazendo o trabalho sujo de Katya.

Emma olhou à mulher ferida. Durante quanto tempo iam estar de bate-papo enquanto ela jazia sangrando até a morte?

— Vou chamar a uma ambulância.

Alek ficou sem fôlego quando a viu.

— Você! Você é a quem eu vi. Você matou ao Vladimir.

Emma tragou saliva. Este era o vampiro que lhe tinha escapado o passado verão. O único que sabia quem era ela.

— Eu tinha razão. — Alek a fulminou com o olhar. — O caçador é uma mulher humana. — Olhou ao Angus. — Mas você a ajuda, verdade?

— Angus.

Emma lhe dirigiu um olhar suplicante. Se este vampiro sobrevivia diria a todos outros Malcontents que ela e Angus trabalhavam juntos. Ele carregou contra Alek, mas antes que sua espada lhe tocasse, o vampiro desapareceu.



— Não! — A espada do Angus se cravou em uma árvore. — Raios me partam. — Puxou a espada até soltá-la.

— Maldita seja, — murmurou o vampiro afro. — Quem são? A policia vampírica? Angus se dirigiu para o vampiro afro com o cenho franzido.

— Não te mova.

O vampiro levantou as mãos em sinal de rendição.

— Né. Eu não me vou mexer com um irmão que leva uma faca de dois metros.

Enquanto Angus apontava ao coração do vampiro afro com sua Claymore, Emma correu até a mulher ferida.

— Está morrendo. Temos que ajudá-la.

— Chamei ao Connor mentalmente. Já deveria ter chegado... — Angus se calou quando Connor apareceu a seu lado.

Connor contemplou a cena. Seus olhos brilharam de fúria quando viu a mulher ferida. Franziu o cenho ao vampiro negro.

— Você, filho de puta! Estrangular-te-ei!

— Eu não o fiz! — Gritou o vampiro afro. — Sei, sei, sempre digo o mesmo que eu não o fiz, mas esta vez o digo a sério. Não tirei dela nenhuma gota. Ainda estou morto de fome.

Jogou a Emma um olhar especulativo. Devolveu-lhe o olhar.

— Nem sequer o pense.

— Connor, pode levar a mulher ao Romatech? — Perguntou Angus. — Roman pode salvá-la. Depois, elimina suas lembranças e leva-a a casa.

— Vou já. — Connor agarrou à mulher entre seus braços e desapareceu.

— Aonde se vai todo mundo? — Perguntou o vampiro afro.

— Quem é você? — Perguntou Angus dando um passo. Ele o obstruiu.

— Convertera-me em um sish kebab se te aproximar mais com essa super navalha. Já morri uma vez esta semana e não tenho vontades de voltar a passar por isso.

— Foi transformado a semana passada?

— Shh. Fê-lo esse russo psicopata. Eu estava pensando em meus assuntos, o negócio ia bem, se souber ao que me refiro. Tinha boa reputação em minhas destrezas. E então esse filho de puta do Alek se apresenta e...

— Estava vendendo drogas? — Emma se moveu para ele.

— Essas temos? — O vampiro negro lhe franziu o cenho. — Só porque sou um irmão, supõe-se que sou traficante.

— Foi-o? — Perguntou ela. Ele se encolheu de ombros.

— Um homem tem que ganhar a vida. Olha, neném, não tenho nada contra ti, mas cheira muito bem.

— Toca-a e morre — grunhiu Angus.

— Né, irmão, — levantou as mãos em sinal de rendição. — Não me tinha dado conta que estava, né, interessado em coisas como persuadir mulheres, com essas saias que leva e...



— Basta! — Angus deslizou a Claymore em sua bainha. — Bebe isto. — Abriu seu sporran e tirou uma cigarreira.

— Bonita bolsa, — disse o vampiro afro. — Conheço um tio que pode-te conseguir um de desenho muito barato.

— Não é uma bolsa, — disse Angus apertando os dentes.

— O que você diga, tio. — O vampiro afro aceitou a cigarreira. — Isto não será um veneno, não? Já sabe, é por isso que esses filhos de puta me mataram. Estão fabricando algum tipo de veneno para vampiros.

— Não há risco. Bebe, — ordenou Angus.

— Veneno para vampiros? — Perguntou Emma.

— Beladona, — resmungou Angus.

— She. Assim o chamam eles. — O vampiro cheirou o conteúdo da cigarreira. — Merda, isto cheira bem. O que é esta merda?

— *Blissky*. Uma mescla de sangue sintético e uísque escocês.

Ah. Agora Emma compreendia porque cheirava ao uísque no fôlego de Angus a noite em que se conheceram. Esperou que o vampiro afro terminasse de beber.

E esperou. Ela jogou uma olhada para Angus.

— Parece que nosso convidado tem muita fome, — disse ele fazendo uma careta.

— OH, sim. — O vampiro afro limpou sua boca. — Esta merda é boa. — Levantou a cigarreira de novo, mas estava vazia. — Tem mais?

— Temos dúzias de garrafas em casa, — respondeu Angus. — E podemos conseguir mais cada vez que queremos.

— Não me diga. Sabe? Os malditos russos não têm nada o que comer em suas casas. Cada fodida noite saem para atacar às pessoas. Eles disse que deveríamos atacar o banco de sangue local, já sabe, armazenar algumas chuches na casa, mas, escutaram-me? Não.

— Não quer fazer mal às pessoas?

— Merda, não, não sou um assassino. — Piscou o olho a Emma. — Sou, bem, um amante, já me entende.

— Mas não é exatamente um cidadão respeitoso com a lei, — recordou-lhe Emma.

— Tenho que ganhar a vida. Eu... Tenho gente que depende de mim.

— Como se chama? — Perguntou Angus.

— Phineas McKinney.

— McKinney?

Phineas se encolheu de ombros.

— Os colegas me chamam Mestre Phin. — Levantou o queixo com ar desafiante. — Agora quero que me chamem Doutor Phang.

Angus arqueou uma sobrancelha. Emma deixou cair a estaca de novo na bolsa.

— Por que os russos o transformaram?

Phineas franziu o cenho e esfregou seus pés um contra o outro.



— Queriam ter fácil acesso a certos medicamentos. A cadela de sua rainha está fabricando esse veneno.

— Refere a Katya? — Perguntou Emma.

— Shh, Sua Zorríssima Alteza Real. — Phineas agitou uma mão no ar. — Seu sicário estava-me ameaçando e ela atuou como se me fizesse um grande favor. Fez-me dormir no chão do porão de sua casa, como se fosse um cão. E quando tratei de voltar para a minha família, ela... Ela ameaçou matando-os a todos.

— Sinto-o muito, — sussurrou Emma.

— Ficamos aqui muito tempo. — Angus recuperou o telefone móvel de seu sporrán. — Alek poderia retornar com uma dúzia de Malcontents. Vamos teletransportar-nos a casa.

— Não sou muito bom com isso do teletransporte, — disse Phineas com uma careta de dor.

— Eu te levarei. — Marcou um número de telefone. — Ian? Queria-te avisar, isso é tudo. Vou para lá com mais dois. — Deixou cair o telefone dentro do sporrán e envolveu a Emma com um braço para atraí-la para si. Depois fez um gesto ao Phineas para que se aproximasse.

Phineas o olhou cautelosamente.

— É, ou nós, ou os Malcontents, — disse-lhe Angus. — Quer passar a eternidade atacando a inocentes só para sobreviver?

Phineas deu um passo vacilante.

— Mas é que não te conheço, tio.

— Sou Angus MacKay. — Agarrou ao Phineas pelos ombros. — Tomaste a decisão correta.

Phineas bufou.

— Possivelmente só vou pelo *Blissky*...

Durante uns segundos tudo se tornou negro. Os pés da Emma aterrissaram solidamente no chão do vestíbulo da casa de Roman. Ian estava junto à escada, com a arma na mão. Seu olhar passou sobre ela, evidentemente não vendo-a como uma ameaça, e se centrou no Phineas.

— Quem é você? — Foi em direção a Phineas, levantando a espada.

— Merda! — Phineas se agachou detrás do Angus. — O que passa com vós e as espadas?

— Está bem, Ian, — disse Angus. — O trouxe aqui propositadamente.

— Tinha que me assegurar que não te tinha coagido de algum jeito, — disse Ian assentindo com a cabeça. Depois, embainhou a Claymore.

Phineas apareceu por detrás de Angus.

— Sabem uma coisa? Se não levassem saias não teria que andar atuando tão ao macho man todo o tempo. A isso lhe chama compensação, já sabem.

Ian fez uma careta.

— Está seguro que não quer que o trespasse?

— Não. — Angus deu ao Phineas umas tapinhas nas costas. — Vai ficar aqui algum tempo.

Ian lhe dirigiu um olhar duvidoso.

— Quem é você, exatamente?

— Sou o Dr. Phang, — respondeu elevando o queixo.



— OH. — Ian abriu mais os olhos. — Então está aqui pela Shanna?

— Shanna o que?

— Shanna Draganesti, — disse Ian. — Vai ter um bebê.

— Não é meu! — Phineas deu um passo atrás levantando as mãos. — Nunca conheci a nenhuma Shanna.

Emma pôs-se a rir.

— Você não é o pai, — grunhiu Angus.

— Isso é o que eu sempre digo. — Phineas plantou as mãos nos quadris. — Mas, alguém me acredita? Não.

— Acreditamos-lhe. — Angus se girou para o Ian. — Não é um médico de verdade. Seu título é... Honorífico.

— Assim é, — Phineas assentiu com cabeça. - Esse sou eu, honorífico.

— E trabalha para mim agora, — anunciou Angus.

— Faça-o? — Phineas piscou.

— Fá-lo? — Ian se mostrou cético.

Emma sorriu. Esta noite tinha tido uma excelente oportunidade para ver Angus em ação. Gostou do que viu. Era um homem nobre e de bom coração. Ele cruzou os braços sobre o peito, estudando ao Phineas.

— Pode lutar, moço?

— Você que crê? Sou do Bronx.

— Deve seguir nossas regras, — continuou Angus. — E a regra principal é que nunca pode voltar a fazer mal a um mortal. Não mordas. Alimentara-te com sangue engarrafado. Pode fazê-lo?

— Sim, claro. — Phineas olhou ao Ian. — Ouça, tem mais *Blissky* por aqui?

— Não mais *Blissky* esta noite, — ordenou Angus. — Ian, lhe traga uma garrafa quente do tipo O.

— Seguro. — Ian foi para a cozinha. Phineas perambulou pelo vestíbulo.

— Todos vivem aqui?

— Estou de visita, — explicou Angus. — Connor, Ian e Dougal vivem aqui. Você também pode viver aqui.

— Não fudas. — Os olhos do Phineas se iluminaram. Jogou uma olhada à biblioteca. — Uau.

— Espero que trabalhe para mim.

— Em troca de alojamento e comida. Entendeu? - Phineas olhou a sala. — Uala! Isso é a mãe dos televisores de plasma. Poderei ver os Knicks?

— Trabalhará sob o comando de Connor e te pagará duas vezes ao mês.

Phineas se girou para olhar ao Angus.

— Pagar? Com cheques de verdade?

— Aye.

Phineas ficou boquiaberto.

— Nunca ninguém me ofereceu um trabalho de verdade.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Angus o olhou com severidade.

— Não faça que o lamente.

— Não, não, isto é genial. Eu... Preciso de um trabalho. Tenho família que depende de mim. Posso-lhes enviar dinheiro, verdade?

— É óbvio. Mas não podes-lhes dizer no que te converteste ou no que trabalhas. Acredite-me, não o entenderão.

— Isso o imaginei. — Os olhos do Phineas brilharam com lágrimas. — Tenho um irmão e uma irmã. Estão em casa de nossa tia, mas ela está doente com diabetes e não pode trabalhar. Os três dependem de mim e eu... Estive muito preocupado com eles.

— Não tem pais? — Perguntou Emma. Phineas negou com a cabeça.

— Minha mãe morreu de SIDA e meu pai largou quando eu era pequeno. Estive muito preocupado com minha família. Não sabem o que me aconteceu e os fodidos russos não me deixavam ir.

Angus assentiu com a cabeça.

— Ian pode te levar de carro para lhes fazer uma breve visita. — Tirou um maço de bilhetes de seu sporran. - Isto é um adiantamento de seu primeiro cheque. Dá-lo a sua família porque não posso-te dizer com que frequência poderá ir vê-los.

— Isso é genial, colega. — Phineas aceitou o dinheiro. Ian voltou com uma garrafa de sangue e a passou ao Phineas.

— Sou Ian MacPhie. Ainda não sei qual é seu verdadeiro nome.

— Phineas McKinney.

Deu um gole à garrafa. Ian piscou.

— McKinney?

Angus sorriu.

— Pelos vistos, é escocês.

Ian o olhou com os olhos entrecerrados.

— Conheci a uns quantos McKinney durante os últimos anos mas nenhum que se parecesse com você.

Angus encolheu os ombros.

— Agora é um dos nossos. Depois que o leve a sua casa para uma visita breve, deve começar seu treinamento.

— Que treinamento? — Perguntou Phineas dando outro gole de sangue.

— Artes marciais e esgrima — respondeu Angus.

— Merda, irmãos, o que me dá arrepios?

Ian riu.

— Esgrima. Referimo-nos à luta com espadas.

Phineas ficou boquiaberto.

— Quer dizer que terei uma dessas navalhas descomunais?

— Uma Claymore, aye. — Ian agarrou ao Phineas pelo braço e o levou para a porta. — Será



um guerreiro como nós.

— Genial. — Phineas olhou ao Angus antes de sair. — Mas não penso pôr nenhuma saia!

Emma se pôs a rir quando se fechou a porta.

— Angus MacKay, é um bom homem.

Angus soltou um bufido.

— Não é por bondade que o ajudo. Os Malcontents nos superam em número e Roman se opõe à transformação de mais vampiros honoráveis. E isso nos põe em um apuro.

— Já vejo. — Emma assentiu e depois sorriu. — Mas sigo pensando que é muito doce.

Ele tinha visto no Phineas uma bondade que outros tinham passado por cima. Angus se aproximou dela.

— Assim que me encontra encantador, verdade?

— Sim, e confio em ti. — O que era uma grande mudança em poucos dias. Só Angus poderia tê-lo conseguido. Ele a abraçou pelos ombros.

— Então confia em mim nisto. Estas em grande perigo. Quero que passe a noite comigo.

## Capítulo 16

De alguma maneira, Emma não acreditava que passar uma noite a sós com o Angus MacKay não fosse perigoso, mas sem dúvida sim seria emocionante.

— Não é tão mau como pensa.

Angus franziu o cenho.

— Alek sabe que é a caçadora. Não há dúvida que neste preciso momento já o terá contado a Katya e estarão te buscando para te matar.

— Talvez, mas não sabem nem meu nome nem onde vivo. Até que não descubram isso estou relativamente a salvo.

— Relativamente não é suficiente. Sabem que é mortal e fácil de matar. E sabem que te estou ajudando.

— Razão a mais para nos separar.

— Não. — Ele apertou brandamente seus ombros. — Não te deixarei desprotegida.

Ela lutou contra o impulso de fundir-se em seus braços.

— Não é que não aprecie sua preocupação. É muito amável...

— Amável, meu traseiro. É mais um caso de orgulho e teima. Estou decidido a te manter a salvo, lass, e não vais frustrar-me. Sou um homem de palavra.

Um homem de honra, um cavalheiro medieval de brilhante armadura. Era tão irresistível que quase podia esquecer-se de sua condição de não morto. Quase, mas não de todo. Acariciou lhe a bochecha.

— Sei que é um homem honorável, mas não acredito que deva ficar a sós contigo.

— Não está sozinha — murmurou uma voz estranha.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Emma deu a volta com um grito afogado. Havia dois homens junto à escada. Dois homens muito bonitos. Um vestia uma saia escocesa. Ela o reconheceu de Paris: Robby. O outro homem vestia um traje caro e luzia um sorriso de satisfação. Deviam ter-se teletransportado.

— A secretária eletrônica estava em marcha. — Robby deixou cair seu telefone móvel dentro de seu sporrão. — Ouvimos que necessita ajuda, Angus.

— Claro, — disse o homem elegante com um sorriso percorrendo lentamente a Emma com seu olhar. — Posso ver que tem as mãos muito ocupadas.

Emma se ruborizou. Não havia nenhum tipo de privacidade no mundo dos vampiros? Pelo menos esta noite estava completamente vestida. Fortaleceu suas defesas mentais para bloquear qualquer tentativa de telepatia.

— Obrigado por vir.

Angus se dirigiu à porta e pulsou um botão no painel de segurança. Depois se aproximou dos visitantes e deu uns tapinhas a Robby nas costas.

— Obrigado por vir, mas deixaste ao Jean-Luc desprotegido?

Robby se encolheu de ombros.

— Insistiu em que não necessitava uma babá e que você me necessita mais. — Fez uma reverência a Emma. — Como está senhorita Wallace?

— Estou bem, obrigado. — Emma ajustou a correia da bolsa em seu ombro. As estacas ressonaram. Robby piscou. O homem do traje sorriu.

— A signorina gosta de viver perigosamente.

Emma reconheceu sua voz como a daquele que tinha falado primeiro. Seu acento italiano era débil, mas ainda seguia aí. Angus fez um gesto para ele.

— Este é Jack de Veneza.

Este fez rodar seus olhos.

— Angus sempre tenta inglesar. Meu nome é Giacomo d'Avanzo de Veneza.

Com um bufido, Angus olhou a Emma.

— Se te disser que seu sobrenome é Casanova, não acredite nisso.

— Ah. — Giacomo colocou uma mão sobre seu coração. - Isso dói, velho amigo. — Fez uma reverência a Emma. — Considere-me a seu serviço, senhorita.

Quais eram estes tios? Rob Roy e Casanova? Emma não podia acreditar quanto tinha trocado sua vida em só umas poucas noites. Suficientes para que a induzira a beber *Blissky* sem sangue.

— Há alguma notícia sobre Casimir? — Perguntou Angus.

— Os últimos rumores indicam que está em algum lugar da Europa do Este, — respondeu Robby.

— Podemos descartar a Polônia — acrescentou Giacomo. — Estive ali com o Zoltan e seus homens. Faz um mês encontramos um povo que tinha tido uma série de mortes inexplicáveis e repentinas. Acreditam que esteve ali, mas que se moveu para o sul.

— Então estamos alcançando-o. Bem. — Angus assentiu com a cabeça. — Enquanto isso



tenho uma nova ocupação para vocês.

— Podemos comer primeiro? Estou trabalhando à mais de oito horas e morro de fome.

Os olhos escuros do Giacomo brilharam enquanto olhava para Emma. Devolveu-lhe o olhar fulminando-o. Angus sacudiu a cabeça.

— Não te burle dela, Jack. Tem estacas e não tem medo a usá-las.

Ele riu entre dentes.

— Ouvi que a nova bebida do Roman é excelente.

— Sim, *Blissky*. Por aqui. — Angus levou aos dois homens para a cozinha enquanto os punha ao ocorrente em Central Park. Emma ficou sozinha no vestíbulo durante uns segundos até que decidiu que também podia ir à cozinha. Empurrou a porta batente.

— Manterão seguro o parque todas as noites. — Angus estava na bancada da cozinha servindo copos do *Blissky*. Enquanto que Giacomo e Robby faziam perguntas, ela inspecionou a cozinha. Geladeira, micro-ondas, cozinha, tudo estava imaculado. Obviamente ninguém cozinhava aqui realmente. Seu olhar vagou para a mesa e reagiu tardiamente quando viu renda vermelha. Sua boca se abriu.

Sua roupa interior?

Olhou para o trio de vampiros. Estavam muito ocupados bebendo *Blissky* e elogiando sua sangrenta glória. Avançou para a mesa e depois de assegurar-se de lhes haver bloqueado a vista, pôs a bolsa de estacas sobre suas calcinhas.

— Emma?

Deu a volta para o som da voz do Angus.

— Sim?

— Quer algo de beber? Há refrescos e ainda lembrança de como fazer uma taça de chá.

— Uma Coca-Cola estará bem. Light, por favor.

Rodeou a mesa para sentar-se frente a eles e, continuando, apoiou as mãos sobre a bolsa. Pouco a pouco o arrastou para ela. Quando Angus lhe deu as costas para abrir a geladeira, deslizou a bolsa até o bordo da mesa. As calcinhas vermelhas caíram em seus joelhos. Uma parte de papel caiu ao chão. Inclinou-se para um lado para ver onde tinha caído.

— Assim mataste a quatro *Malcontents*? — Giacomo se aproximou da mesa.

Ela pôs a palma da mão sobre a roupa interior vermelha de seus joelhos.

— Sim.

— Incrível. — O vampiro italiano se sentou frente a ela e pôs o copo sobre a mesa. — Uma humana matando vampiros. Deve ser muito valente.

— Emma é muito boa sob pressão. — Angus encheu um copo com gelo.

OH, sim. Só se voltou louca a noite anterior quando se encontrou em um lugar estranho e sem roupa interior.

— Bom, é uma Wallace — observou Robby.

Ela duvidou que seu famoso antecessor tivesse tido que tentar esconder sua roupa interior vermelha alguma vez. Deixou a bolsa em seus joelhos e deslizou as calcinhas para o seu interior.



Depois se agachou para tentar recuperar o papel que tinha caído junto a sua cadeira.

— Perdeu algo? — Perguntou Giacomo.

— Não. — Agarrou o papel e se endireitou, deslizando-o dentro de sua bolsa. — Só uma picada de mosquito em minha perna. Lança como louco.

— Chupa sangues. — Giacomo sorriu lentamente. — Não os odeia?

De verdade esperava que respondesse a isso? Franziu o cenho.

— Ouvi que alguns são portadores de enfermidades.

Ele pôs-se a rir.

— Gosto dela, Angus.

— Que goste a distância — resmungou Angus e deixou a Coca light de frente da Emma. Com um sorriso, Giacomo levantou seu copo.

— Pelo amor.

Bebeu até deixar seco o copo.

— Senhorita Wallace, posso-lhe perguntar como matou aos Malcontents? — Robby se aproximou dela. — Usou uma espada ou uma de suas estacas?

— Estaca. — Emma deu alguns goles a seu refresco.

— Posso as ver?

Ela tossiu esclarecendo-a garganta.

— Eu... Preferiria que não.

Angus soprou.

— Nunca foi tímida na hora de me mostrar isso . Tive que destruir algumas que me chegaram muito perto para me sentir à vontade.

Giacomo pôs-se a rir.

— Tentou-te matar? — Inclinou-se para frente para olhar na bolsa. — Devem ser aterradoras.

— Não. Mostrar-lhe-ei isso. — Em um instante, Angus tinha pegado a bolsa dos joelhos de Emma. Abriu-a, olhou dentro e piscou. Inclinou a cabeça para ver mais de perto. Giacomo ficou de pé, sorrindo.

— Que há aí? Tem descoberta sua arma secreta?

— Não, uma lembrança.

Angus enviou a mão na bolsa. Emma se estremeceu.

— Aqui têm. — Angus pôs duas estacas sobre a mesa. — Lembranças da caçadora.

Voltou a pôr a bolsa sobre os joelhos de Emma. Ela suspirou com alívio. Deveria ter sabido que se comportaria como um cavalheiro.

Robby e Giacomo agarraram uma estaca cada um para examiná-la. Robby negou com a cabeça.

— Muito pequenas. Prefiro meu Claymore. — Deixou cair a estaca dentro de seu sporran.

— Eu seguirei confiando em minha adaga. — Giacomo guardou sua lembrança em um de seus bolsos da jaqueta. — Devemos seguir nosso caminho. — Se inclinou para a Emma. — Um



prazer conhecê-la, signorina.

— O mesmo digo. — Emma abraçava sua bolsa contra o peito. — Obrigada a ambos por protegerem o parque.

Esperou que ambos os homens saíssem da habitação para sentar-se com um suspiro de alívio. Angus recuperou seu copo do *Blissky* da bancada e lhe deu um comprido trago.

— Como chegaram suas calcinhas até sua bolsa?

Dirigiu-lhe um olhar exasperado.

— Estavam bem visíveis sobre a mesa à vista de todo o mundo. Tinha que as esconder em alguma parte. Isso me recorda... — Tirou o papel de sua bolsa. — Sobre a mesa também havia uma nota.

Angus se aproximou dela com a mão estendida.

— Provavelmente é para mim.

Ela o fulminou com o olhar.

— Minha roupa interior, minha nota. — Desdobrou o papel. Ele moveu seus dedos lhe dizendo me dê isso com o gesto.

— É *minha* nota. E reclamo sua roupa íntima como despojos de guerra.

Ela soltou um bufido. Estava muito irritada para lhe dar a nota a pesar que estava claramente dirigida a ele.

— Não me diga que coleciona roupa interior feminina.

— Só a tua, carinho — se inclinou para ela sobre a mesa. — E só se tiver tido o prazer de lhe tirar isso eu mesmo.

Deu conta ele que a tinha chamado carinho? Ou era só uma palavra que ele usava como faziam tantos outros britânicos? Embora ela não podia recordar que a tivesse usado antes.

Arrebatou-lhe o papel das mãos.

— Hey! — Ficou de pé fechando a bolsa sobre a mesa. O canalha tinha usado provavelmente a palavra com C somente para distraí-la. O pior era que tinha funcionado. Ela estava em muito má forma. Deveria agarrar sua roupa interior e ir-se, mas a curiosidade pôde mais que ela. Deslizou-se a seu lado para ler a nota.

*Angus,*

*Phil encontrou isto na sala e perguntou a quem de nós devia felicitar.*

*Temos que falar.*

*Connor.*

Genial. Emma grunhiu. Connor sabia sobre eles os dois.

— Quem é Phil?

— Um dos guardas de dia. — Angus enrugou o papel e o mandou para o lixo. — Será mais fácil para mim te proteger se fica vivendo aqui.

Viver com um vampiro? Estava louco?



— Agradeço sua preocupação, Angus, mas não espero que me proteja. Coloquei-me sozinha nesta confusão, assim é meu problema.

— Não me deixará de lado. — Inclinou a cabeça, observando-a. — Seu pulso se acelerou. *Obrigado por me recordar isso.* Apertou os punhos e pouco a pouco os relaxou.

— Viver aqui é impensável. Se Sean se inteira, pegara-me um tiro e depois me porá na lista negra e não poderei encontrar nenhum trabalho decente.

— Então pode trabalhar para mim. Seja qual seja seu salário, dobro-o.

Ela abriu a boca e a fechou de repente.

— Este não é o momento.

— Na realidade, sim o é. Pode nos ajudar a procurar Casimir e isso é malditamente mais importante que qualquer trabalho que esteja fazendo para Sean Whelan. O que é o que está obtendo? Está fazendo perder o tempo de todo o mundo procurando a sua filha quando ela está sã e salva e é feliz. — Entrecerrou os olhos. — Seu coração pulsa com força. Posso ouvi-lo.

Ela chiou os dentes.

— Não necessito que comente passo por passo todas minhas funções corporais.

— Digo-o porquê está lutando contigo mesma e não é necessário.

Ela cruzou os braços.

— E você pensa que devo ceder a tudo o que você diz. Viver contigo, trabalhar para ti e fazer tudo à sua maneira.

— Seria mais fácil, aye.

*Neandertal!* Parecia muito a entregar-se totalmente e ela não podia fazê-lo.

— Tenho minha própria vida para vivê-la.

— Mas sua missão é proteger aos humanos e matar aos vampiros assassinos. Ao final, sua missão é quase a mesma que a minha. — Pegou-a brandamente pelos ombros. — Não vê quanto nos parecemos?

— Não, o que vejo é que você seria o chefe e eu a empregada. Que você é um vampiro imortal e eu uma humilde humana. Que você é mais rápido e mais forte que eu. Meu Deus, inclusive tem seu próprio castelo enquanto que eu tenho uma pequena casa de campo desmantelada.

— Quer uma casa maior?

— Não! Quero... Sentir-me uma igual contigo. Entre nós há um desequilíbrio de poder que não posso...

— Acreditas que me aproveitaria de ti? Jurei proteger-te.

— Vai tudo muito depressa. — Ela se apartou. — Até faz uma semana eu odiava a todos os vampiros e os matava. Agora comecei a confiar em ti e comecei... Aprecio-te. Não posso... Viver contigo.

— Envergonha-se de mim?

— Não! Não, absolutamente! — Sentia-se tão atraída por ele, por sua força e seu poder, mas ao mesmo tempo sabia que estaria completamente aflagida. — Tenho que me proteger.



— Do que? — Gritou. — Jurei não voltar a te fazer dano.

Ela fechou seus olhos brevemente.

— Sei que o diz a sério, mas isso não troca o fato de que pertencemos a dois mundos diferentes. Não temos nenhum futuro.

— A merda o futuro. Estamos vivos agora.

— E você o estará dentro de cem anos.

A mandíbula de Angus se deslocou quando apertou os dentes.

— Rechaça-me pelo que sou?

Grande Deus, odiava fazer-lhe dano.

— É o homem mais maravilhoso que conheci. Mas tenho que me proteger.

Ele caminhou até à bancada e terminou sua bebida. Manteve-se de costas para ela, com as mãos fechadas em punhos sobre o mostrador.

— Isto não muda nada. Jurei proteger —te e o farei. Aonde quer ir?

Um peso se apoderou de seu coração. Era melhor assim, melhor acabar com isto antes que ela estivesse completamente perdida.

— Se os Malcontents souberem meu nome irão a meu apartamento, assim penso que o de Austin será mais seguro. Se me puder teletransportar até ali, estarei bem.

— Ficarei até pouco antes do amanhecer. — Se voltou para olhá-la. — Não se preocupe. Ficarei no salão vendo a televisão. Nem sequer saberá que estou ali.

Deve estar zangado, decidiu Emma. Tinha estado tão silencioso. Mas tinha feito tudo o que lhe tinha pedido. Havia-a teletransportado a seu apartamento para que pudesse agarrar mais roupa. Depois a tinha levado ao apartamento de Austin. Inclusive tinha insistido em pagar a comida Chinesa que tinha encomendado.

Ele se sentou tranquilamente no sofá enquanto ela punha a televisão em marcha e encontrava a reposição de algumas comédias antigas. Ele não se queixou e ela se sentou no outro extremo do sofá. O comando a distância ficou sobre a almofada entre eles, sem que nenhum dos dois reclamasse sua posse. Ela o olhava de esguelha de vez em quando. Ele não riu nem uma vez com nenhum dos gags, sua mandíbula estava tensa e o cenho franzido. Estava tão quieto que poderia pensar que estava morto. Ela gemeu para si mesma. Não era de tudo certo. Podia sentir a energia nele, tentando explodir.

Às quatro e meia da madrugada, um grande bocejo se apoderou de sua boca e ela tentou cobri-lo com a mão.

— Não é necessário que fique acordada — lhe disse em voz baixa. — Irei logo.

Ela ficou em pé lentamente e se estirou.

— Acredito que vou pegar um banho quente e irei para a cama.

— Muito bem.

Ele agarrou o comando a distância e trocou de canal até encontrar o do tempo.

— Sinto muito, mas aqui não tenho a DVN.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Este está bem. — Baixou o volume até convertê-lo em um sussurro. Ao parecer, com seu super ouvido não tinha problemas para escutar o que diziam. — Tenho empregados em todo mundo e eu gosto de saber que tipo de clima enfrentam.

— Acredito que também precisa saber a que hora exata amanhece.

Dirigiu-lhe um olhar irritado.

— Boa noite.

Definitivamente, estava zangado. Ela perambulou para seu dormitório.

— Carinho.

Deteve-se na porta. Tinha ouvido isso? Tinha sido um sussurro tão suave que não estava segura de que ele tivesse falado. Talvez só o tivesse divulgado em sua mente. Olhou para trás. Ele ainda estava olhar para a televisão.

— Boa noite. — Fechou a porta do dormitório.

Preparou um banho de água quente e borbulhas. Ao tirar a roupa interior recordou as calcinhas vermelhas de sua bolsa. Quando Angus partisse ia confiscá-las como despojo de guerra? Ele foi o primeiro a começar a tirá-las, mas ela acabou chutando as livremente e o tinha feito entusiasta e disposta. Apesar de não ter chegado até o final, tinha sido o melhor sexo de sua vida. Estava sendo uma idiota ao rechaçá-lo?

Desabotoou-se o prendedor negro e o lançou contra a porta. Maldita seja, por que não podia apaixonar-se por um tio normal que respirasse as vinte e quatro horas do dia? Tirou as calcinhas de renda negra e as puxou ao chão. Ao cair na tentação com o Angus, tinha sido uma traição à memória de seus pais? Ou seus pais lhe diriam que seguisse seu coração e que abraçasse ao amor ali onde o encontrasse? Amaram-se tanto. Não quereriam o mesmo para sua filha?

Meteu-se na banheira e se relaxou entre a espuma branca e suave. O aroma dos jasmims acalmou seus esgotados nervos. Recostou-se para trás em um comprido suspiro.

— Mamãe, papai, — sussurrou. — Estou tão confundida.

Se só os pudesse ouvir. Durante as primeiras semanas depois de sua morte, tinha pensado que tinha ouvido a voz de seu pai um par de vezes. Um sussurro no vento ou um pensamento que de repente aparecia em sua mente. Mas isso foi faz anos. Agora estava sozinha.

Fechou os olhos e respirou profundamente, aliviando a tensão de seu corpo e abrindo sua mente a qualquer conselho, fora de seu pai biológico como do celestial, qualquer ajuda seria bem-vinda.

Seus peitos se estremeceram quando umas quantas borbulhas explodiram. Sorriu enquanto a fragrância floral flutuava até seu nariz. Outro grupo de borbulhas se aferraram a seu pescoço escorregando por sua garganta, acariciando sua pele. Quase pareciam dedos.

Mmmmm, que bom banho de borbulhas. Arrastou uma nuvem de espuma até seus peitos e os cobriu. As borbulhas se aferraram à sua pele fazendo que formigasse e brincando brandamente de seus mamilos. Wow, uma massagem de borbulhas.

*Me alegre que você goste.*

Ao ouvir a voz do Angus ficou sem fôlego. Como? Sentou-se e olhou depois da cortina da



ducha.

— Onde está?

*Sigo no sofá.*

Sua voz estava em sua cabeça. Ele estava em sua cabeça. Meu Deus, tinha-lhe aberto sua mente.

*Não, não me expulse. Vejo tão formosa em minha mente. Rosada e avermelhada pelo calor da água.*

Sua respiração se obstruiu quando sentiu a palma oca de uma mão em um de seus peitos. Olhou mas não viu nada exceto as borbulhas deslizando-se por seu torso e seu mamilo cada vez mais duro.

— Como faz isto?

Seu polegar brincou com a ponta endurecida. Ao menos ela pensou que era seu polegar. Sacudiu-se quando rodou pelo seu outro mamilo. Sua língua?

— O que está...? — Deixou-se cair com um grito afogado quando sentiu que ele a estava sugando. As sensações eram muito fortes, mas ele não estava ali. Cobriu-se o peito com a mão, mas ele seguiu chupando. Deus, que bom era.

— O que está fazendo? — Não esperava uma resposta. Como poderia falar com a boca onde estava?

*Chamamo-lo sexo vampiro.*

— Então, por que o estou sentindo? — Seus olhos se cruzaram quando ele puxou dos mamilos. Obviamente, podia falar com sua mente enquanto sua boca estava ocupada com outra coisa. — Eu não sou um vampiro.

*Mas eu sim. E quero-te dar prazer.*

Ela se afundou mais na água, mas não houve nenhuma diferença. Ainda inundada, as sensações continuaram. Deus, isto era maravilhoso. Ele era maravilhoso. OH, não! Podia ler sua mente?

— Não te dei permissão.

*Mas o fará. Quer gritar como o fez a passada noite.*

Suas mãos massagearam seus peitos. Outra mão se deslizou por seu ventre e entrou em seus cachos. Ela gemeu, depois piscou.

— Um momento. Quantas mãos tem?

*Tantas como posso imaginar.*

Ele cavou as mãos entre suas pernas enquanto continuava massageando seus peitos. Ela sentiu algo úmido e quente no pescoço. Sua boca. Sua língua raspou um atalho até a orelha.

*Está preparada para mim?*

Sua voz era um sussurro dentro de sua cabeça. Os joelhos lhe fraquejaram e se abriram suas pernas.

— Está-me seduzindo.

*Estou-te amando. Plantou um suave beijo em sua frente. Fecha os olhos e desfruta.*

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



OH, sim. Seus olhos se fecharam.

De repente sentiu mãos por todo seu corpo, delineando as curvas de seus braços e suas pernas, do ventre e as costas. Gemeu quando dedos massagearam seus ombros. A língua brincava com seus mamilos. A mão se moveu entre suas pernas. Os dedos acariciaram. Gritou quando encontraram seus clitóris.

Agarrou-se aos lados da banheira. Isto sim que era uma maldita boa forma de usar a energia psíquica. Sacudiu-se ao sentir sua boca nela. Incrível, tendo em conta que estava sentada em uma banheira cheia de água. Mas claro tudo estava em suas mentes.

*Prometi-te que seu segundo grito viria por minha boca.*

—OH, Deus. — Se sentia tão real. Podia notar cada lambida, cada imersão da língua entre suas dobras, cada pequeno empurrão e dentada em seus clitóris. Plantou os pés contra a tina e levantou os quadris, com vontades de mais. Mas. A tensão se estendeu até o limite preparada para explodir.

*Vêm comigo, carinho.*

Apertou as nádegas com as mãos. Sua língua se voltou louca.

Ela gritou. Esperneou até que a água se derramou pelo chão. Cavou-se entre suas pernas e sentiu o delicioso batimento do coração contra sua própria mão. Aconchegou-se, apertando as coxas, disposta a que os estremecimentos seguissem e seguissem. E o fizeram. Inclusive ouviu Angus gemer, um som rouco que reverberou em sua cabeça e intensificou a vibrante sensação pulsátil.

Pouco a pouco voltou para a normalidade. Sentou-se e observou o lago de borbulhas no chão. Tinha sido uma passada de banho. Ficou de pé com as pernas trementes e saiu com cuidado.

Perguntava-se o que fazer a seguir? Rapidamente erigiu um escudo mental para bloquear Angus. Não o queria escutando seus processos mentais. Não é que sua mente funcionasse exatamente. Todos seus pensamentos pareciam ser um enorme Yupi Yai! Colocou uma bata e tirou a pinça do cabelo. O que devia fazer? Atuar como se não se tivesse passado nada? Mas havia yupi yai! Devia abrir a porta do dormitório e convidá-lo a entrar para fazê-lo real? Yupi yai. Cavou em seu cabelo e se olhou no espelho. O que fazer?

Saiu do banho e se aproximou da porta do dormitório. Pouco a pouco a abriu. Ele ainda estava no sofá, mas a televisão estava apagada. Voltou-se para olhá-la. Seus olhos estavam vermelhos.

— Tenho que ir. Está a ponto de amanhecer.

— OH. — Isto sim que foi brilhante. Não podia pensar em algo o que dizer? Ele assinalou o telefone móvel sobre a mesa.

— Apontei seu número no caso de que tenha que me comunicar contigo.

— Muito bem.

— Vou enviar a um de meus guardas diurnos para que vele por ti. Os Malcontents estão filiados à máfia russa, por isso tampouco estará segura durante o dia.

— OH.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Ele olhou seus joelhos com o cenho franzido.

— Vou ter que levar meu kilt à tinturaria.

Levantou-se e agarrou o sporrán do sofá. Os olhos de Emma se aumentaram. Recordou o comprido gemido que tinha ecoado em sua mente.

— Angus...

— Boa noite, carinho.

Desapareceu.

## Capítulo 17

Angus chegou ao escritório do quinto piso da casa do Roman e apagou o alarme rapidamente. Deixou cair seu sporrán sobre a mesa e pulsou o botão do intercomunicador.

— Ian, sou eu que acabo de chegar.

— Já era hora — respondeu Ian. — Quase amanheceu. Connor quer verte.

Angus olhou o estado de seu kilt e fez uma careta de dor.

— Me dê dois minutos.

Precipitou-se ao dormitório e tirou os sapatos, o suéter e o kilt. Olhou a saia manchada enquanto colocava uns jeans. Pela forma em que tinha perdido o controle, poderia dizer-se que tinha dezesseis anos em lugar de quinhentos e vinte e seis. Mas não podia recordar a uma mulher que o tivesse excitado da maneira em que o fazia Emma. Ou que o tivesse frustrado tanto.

Era francamente revoltante que queria rechaçá-lo. Sua esposa o tinha feito séculos atrás, mas Emma deveria fazê-lo melhor. Era muito inteligente e moderna para cair em velhos temores supersticiosos. Merda era muito valente para ter nenhum tipo de temor. Era um guerreiro, como ele. Era perfeita para ele. E não ia dar-se por vencido sem lutar. Invadir sua mente esta noite tinha sido um ato de desespero. Mas que um raio o partisse, se ela o ia rechaçar precisava saber exatamente o que ia perder.

Ouviu-se um golpe na porta do escritório.

— Adiante.

Angus voltou para o escritório descalço, com apenas os jeans e uma camiseta branca. Connor entrou.

— Temos que falar.

— Tudo bem pelo Romatech?

— Aye. — Connor fechou a porta. — A sala de partos está terminada em caso que o bebê da Shanna tenha... Necessidades especiais.

Um bebê meio vampiro. Angus suspirou.

— Algo mais?

— Os médicos chegam amanhã de noite e o nascimento está previsto para sexta-feira de noite.



— Bem. — Angus rodeou o escritório e se sentou. Connor se aproximou dele.

— Me alegro que chamasse a mais guardas por segurança. Poderíamos usá-los para os médicos que têm que chegar, mas Jack me há dito que Robby e ele têm que patrulhar Central Park?

— Aye, para evitar que os Malcontents assassinem a mais humanos.

Angus comprovou seu e-mail enquanto Connor permanecia em silêncio um momento.

— Parece que temos um novo amigo, o Dr. Phang?

Angus sorriu enquanto apagava alguns e-mails não desejados.

— Seu nome é Phineas McKinney. Como se ajustou?

— Parece muito disposto a ajustar. Ian diz que se saiu muito bem em sua primeira lição de esgrima.

— Bem. — Não havia nenhuma mensagem do Mikhail. Angus apagou o computador. — Chegaram os do turno de dia?

— Phil está aqui. Howard deveria chegar em qualquer momento.

— Diga ao Phil que quero que hoje vigie à senhorita Wallace. — Angus escreveu a direção do apartamento de Austin em um papel. Connor se aproximou para agarrá-lo.

— Está em perigo?

— Estava comigo quando encontrei ao Phineas. Alek, o russo, estava ali e a reconheceu como a caçadora.

— Merda, — murmurou Connor. — Se dá conta que Katya vai pensar que estávamos detrás dos assassinatos todo o tempo, ajudando à senhorita Wallace?

— É inevitável.

Connor franziu o cenho.

— Deveria tê-la enviado bem longe assim que se deu conta do que era.

— Não me dê um sermão, Connor.

Afastou-se, fechando as mãos em punhos.

— É a razão pela que Jack e Robby estão vigiando o parque? Para manter à senhorita Wallace afastada dali?

— É a melhor maneira de impedir que ela saia a caçar.

Connor se voltou para ele.

— Tenho entendido que estiveste utilizando todo tipo de técnicas de persuasão com ela.

Angus entrecerrou os olhos.

— Estas indo muito longe, velho amigo.

Connor se dirigiu para ele.

— Temo que foi você quem foi muito longe. Nada bom pode sair de tudo isto.

Angus golpeou na mesa com a mão enquanto se levantava.

— E tinha que deixar suas calcinhas na cozinha, onde todo mundo pudesse as ver? Por que não me deixou isso aqui, no escritório?

— Está pondo a ela em primeiro lugar.



— E?

Connor lhe dirigiu um olhar triste.

— Em sua linha de trabalho, estes tipos de pensamentos podem fazer que lhe matem.

— Jurei protegê-la e não a vou abandonar agora.

Angus se dirigiu para a bancada da cozinha, agarrou uma garrafa de tipo O da geladeira e a meteu no micro-ondas.

— Quer?

— Não.

— Então terminamos. — Angus verteu o sangue sintético em um copo. — Boa noite.

Connor não se ia.

— Dou-me conta que é o chefe, mas é como um irmão para mim e como um pai para o Ian.

Angus tomou um gole do copo. Tinha sido amigo do Connor durante muitos anos para seguir zangado com ele muito tempo. Sentiu o batimento do coração familiar da culpa quando o nome do Ian foi mencionado, junto com o primeiro puxão da sonolência. O sol devia estar perto do horizonte.

— Sempre agradeço sua honestidade, Connor. — Olhou a seu velho amigo. — Pensa que fiz mal ao transformar ao Ian sendo tão jovem?

Connor respirou fundo.

— Teria morrido se não o tivesse feito. Acredito que é feliz tão feliz como qualquer um de nós pode sê-lo. — Vagou para a porta e se deteve com a mão no trinco. — A quer?

Angus pôs o copo sobre a mesa.

— Aye.

— Então vamos fazer todo o possível para mantê-la a salvo. — Olhou ao Angus com uma expressão triste. — Para ao manter a salvo a ambos.

Emma despertou às duas da tarde. Depois de uma ducha rápida, vestiu-se para o dia. Com o cenho franzido, examinou a montanha de toalhas empapadas que tinha usado para secar o lago no chão do banho. Parecia que hoje, sua vida cheia de ação e perigosa, ia incluir uma viagem à lavanderia. Meteu-as em uma bolsa e as arrastou até a porta principal.

Ouviu vozes no corredor, assim que olhou pela mira. Havia um homem jovem de pé junto a sua porta. Era alto e musculoso e vestia calças caquís e um polo azul marinho. Duas mulheres loiras estavam falando com ele. Meu Deus eram as duas cabeças ocas que acreditavam que Austin era gay. Lindsay e Tina. Virtualmente estavam acoçando ao pobre homem no corredor. Houve um ruído surdo, como dele de costas contra a porta.

Emma abriu a porta bruscamente. O jovem quase caiu, mas recuperou o equilíbrio.

— Pobrezinho. — A loira mais alta, Lindsay, agarrou-o pelo braço para sustentá-lo. — Deixa que te ajude.

— Estou bem. — Tentou afastar-se, mas Lindsay lhe cravou suas largas unhas rosa no braço.

Tina tinha mechas rosa no cabelo, provavelmente para que fizessem conjunto com sua



minissaia rosa e sua escassa camiseta sem mangas rosa. Entrecerrou os olhos olhando para a Emma.

— Você deve ser a celebridade que Phil está protegendo.

— Phil? — Emma olhou ao jovem. Esplêndido. Era quem tinha encontrado suas calcinhas vermelhas e as tinha dado a Connor.

Lindsay lhe acariciou o peito com as unhas.

— É tão impressionante que seja um guarda-costas. De certeza que tem super resistência.

— Sim, não? — Disse Tina cavando seu cabelo.

Phil jogou a Emma um olhar curvado.

— Angus me enviou para que te proteja hoje.

— Durante todo o dia. — Lindsay, vestida com umas minúsculas calças curtas marrons e com uma regata azul turquesa, se aconchegou perto do Phil. — Quando sai do trabalho? Tina e eu vivemos a só duas portas mais abaixo.

A mais baixa enrugou o nariz enquanto estudava a Emma com o olhar.

— Pensava que só os ricos e os famosos necessitavam guarda-costas. Esconde-te aqui dos paparazzi?

Emma se encolheu de ombros.

— Algo assim.

— Uou. — Lindsay se separou do Phil e se aproximou de Emma. — Certamente que é como... Asquerosamente rica.

— E famosa, — acrescentou Tina. — Te conheço?

Emma e Phil intercambiaram um olhar cheio de confusão.

— Não acredito. Eu não te conheço.

Lindsay se aproximou de sua amiga.

— Ouviste de que maneira fala? Soa um pouco divertida.

— Sim, não? — Sussurrou Tina a suas costas. — Não acredito que o inglês seja sua língua materna.

Emma ficou boquiaberta. Phil meneou a cabeça fazendo uma careta.

— Certamente que é uma estrela de cinema do estrangeiro — sussurrou Lindsay.

Tina ficou boquiaberta.

— Não! É uma princesa estrangeira!

— Desculpem, — disse Emma. — Estou aqui e as estou escutando.

As duas loiras saltaram. Tina começou a falar em voz muito alta, pronunciando com muito cuidado.

— Olá, meu nome é Tina. Prazer em conhecê-la. — Fez uma reverência.

— Meu nome é Lindsay. — A mais alta fez uma reverência cambaleando. — Bem-vinda aos Estados Unidos.

— Obrigada.

Emma olhou ao Phil, duvidando. Ele se aproximou.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Importar-lhe-ia que a vigiasse do interior do apartamento?

— Não, isso estaria bem. Adiante. — Ela abriu mais a porta e ele se deslizou para o interior.

— Adeus, Phil — disse Lindsay a suas costas. — Recorda-te vires nos ver quando terminares de trabalhar.

— Adeus, sua Alteza Real, — disse Tina fazendo uma nova reverência.

— Adeus. — Emma fechou a porta e jogou os ferrolhos.

— Obrigado. — Phil se apoiou contra a porta e deixou escapar um suspiro de alívio. — Estas mulheres estiveram-me chateando durante horas.

— Pobrezinho. — Emma se dirigiu à cozinha, sorrindo. Agarrou duas garrafas de água e lhe ofereceu uma. — Então, o que faz um mortal como você trabalhando para os vampiros?

Ele desenroscou o plugue da garrafa.

— Trabalho para os bons, senhorita Wallace. É uma honra que eles confiem em mim.

Ela se sentou na mesa do café da manhã e lhe indicou que se sentasse a seu lado.

— Quanto tempo faz que trabalha para o Angus?

— Seis anos. — Ele se sentou frente dela. — Ouvei que matou a quatro Malcontents e que agora eles querem matá-la a você.

— Não sabem quem sou, — disse encolhendo-se de ombros, — assim não acredito que esteja em tanto perigo como pensa Angus. Realmente não é necessário que fique se não quer.

— Sempre sigo as ordens. — Bebeu um gole de água.

— Inclusive com Tina e Lindsay te esperando?

Ele fez uma careta.

— Prefiro enfrentar a vinte Malcontents que a estas duas bobas do inferno.

Emma pôs-se a rir.

— A verdade é que dão medo.

Phil assentiu com a cabeça.

— Supõe-se que devo ficar a seu lado até que esteja a salvo em seu trabalho esta noite.

— Então me ajudará a levar isto à lavanderia. — Assinalou a enorme bolsa de lixo ao lado da porta.

Phil passou o resto do dia ajudando-a na lavanderia e indo à loja de compras com ela. Emma compartilhou uma pizza com ele na loja de delicatessens antes de ir de metro até o Midtown. Queria-lhe fazer um montão de perguntas a respeito do Angus e o mundo dos vampiros, mas Phil se negou a falar disso em público. Acompanhou-a até ao edifício federal onde trabalhava. Na porta, deu-lhe um cartão.

— Aponte o número da casa do Roman na parte posterior. Chame-nos se tiver problemas.

— Obrigado. — Examinou o cartão. Parecia como a que lhe tinha dado Angus. Na parte de atrás havia um número de telefone.

— Se chamar durante o dia, responderemos Howard ou eu — acrescentou Phil. — Se for de noite, certamente o fará Ian.

— Está bem. — Emma lhe apertou a mão. — Foi um prazer te conhecer, Phil. Obrigado por



me ajudar com minha roupa.

— Boa noite. — Esperou que ela estivesse a salvo dentro do edifício antes de ir.

A reunião das 19'00 da Equipe Estacar durou uma hora na qual Sean se empenhou em encontrar uma razão legal para fechar Indústrias Romatech. Ele não se importava o fato de que a empresa poupara milhões de vidas a cada ano graças ao sangue sintético. Depois de ver á a sua filha, tornou-se obcecado em destruir o lugar.

— Talvez se lhes mandássemos os dos processos de saúde — sugeriu Garret. — Ou por evasão de impostos.

Sean assinalou com o dedo a Emma.

— Trabalha com isso.

— Sim, senhor.

Anotou-o em seu bloco de papel. Possivelmente Angus tinha razão e Sean estava fazendo perder o tempo a todos. Mas se ela trazia para colação o tema de Casimir e a perspectiva de uma guerra mundial entre vampiros, Sean se perguntaria onde tinha obtido a informação. E em lugar de escutá-la, meteria a na lista negra como a Austin.

— Muito bem. Podem ir, — anunciou Sean no final. — As suas tarefas! — E saiu apressadamente do escritório.

Emma supôs que se dirigia diretamente ao apartamento que a Equipe Estacar tinha na esquina diante da casa de Roman. Alyssa ainda estava fora, tentando localizar os aquelarres dos povos vizinhos. Só no escritório, Emma ficou a trabalhar em sua missão. O Departamento de Saúde e o IRS estavam fechados de noite, assim fez algumas averiguações sobre Indústrias Romatech e as enviou por fax aos escritórios correspondentes. Teria que esperar até a manhã para ter alguma resposta.

Vagou pelo escritório. A tensão estava crescendo em seu interior. Não havia dúvida que a ideia de passar mais tempo com o Angus a punha nervosa. Olhou pela janela de noite e se perguntou o que ele estaria fazendo. Viria a seu apartamento outra vez? Seria ela capaz de resistir a ele?

Retornou a seu escritório comprovar os informe policiais da noite anterior. Alguns assassinatos, alguns casos de assaltos, mas nem um só sucesso no Central Park. Robby e Giacomo estavam fazendo um grande trabalho. Mas tinha havido o incidente com o Alek e a mulher que tinha atacado. Emma estava considerando chamar o número que Phil lhe tinha dado, só para saber o que se tinha passado com a pobre mulher. Ia tirar seu telefone móvel quando este soou.

— Diga?

— Emma, pode falar livremente?

Seu coração gaguejou com a voz de Angus.

— Sim, estou sozinha. Estava-me perguntando sobre a mulher que encontramos no parque ontem de noite. Encontra-se bem?

— Aye. Estava bem quando Connor a deixou em seu apartamento.

— OH, bem.



— Falei com o Phil, — continuou Angus, — e diz que o dia transcorreu sem incidentes. Que ninguém lhes seguiu ou vigiou. Podemos assumir que os Malcontents ainda não descobriram sua identidade.

— Estou de acordo.

— Deveria estar a salvo enquanto esteja escondida no apartamento de Austin. Não deve ir a Central Park, sob nenhuma circunstância. Os Malcontents estão ali, te buscando.

— Entendo.

— Jack e Robby irão ali esta noite outra vez, para patrulhar. — Angus fez uma pausa. — Estive tentado de fazer que a vigiassem a si em seu lugar.

— Não, não. Estarei bem. Por favor, não deixe o parque sem vigilância. — Emma não podia suportar a ideia que mais gente inocente morresse.

— Está bem. Os médicos da Shanna chegaram e os estou ajudando a instalar-se antes de levá-los ao Romatech. Posso-me encontrar contigo no apartamento de Austin dentro de uma hora.

— De acordo. — Flashes rápidos do que aconteceu a noite anterior na banheira desfilaram através de sua mente. Não era de estranhar que se encontrasse tensa.

— Enviei ao Phineas e ao Gregory para que a acompanhem a casa. Phineas não terminou sua formação, mas briga bem, e sei que você é uma lutadora infernal.

— Vou estar bem. Vereei-te logo.

Pendurou, dando-se conta do muito que gostava que se preocupasse com ela. Não era necessário já que podia cuidar de si mesma, mas mesmo assim, gostava. Muito. E logo ia estar sozinha com ele toda a noite. Até onde chegaria? Seria capaz de tomar a um vampiro como amante?

Pouco depois, recebeu uma chamada de segurança da entrada. Phineas McKinney a estava esperando. Fechou o escritório com chave. Com sorte, Sean não importaria que saísse do trabalho cedo. E se se queixava, estava tentada de deixá-lo e ir-se. Sempre poderia voltar para seu antigo trabalho no MI6. Além disso, se vivia em Londres poderia estar mais perto do Angus. Gemeu. Por que estava fazendo planos para o futuro? Eles não tinham futuro.

Ela saiu do elevador e se deteve quando viu Phineas. Cortou o cabelo, barbeado e levava roupas idênticas às que tinha usado Phil. Ao parecer, as calças cáquis e o polo azul marinho era o uniforme MacKay para aqueles que não usavam kilt. Phineas também levava posta uma jaqueta azul com as palavras MacKay Security and Investigation em relevo em letras pequenas na parte superior esquerda.

— Vá, Phineas, quase não te reconheci. — Rodeou-o enquanto ele sorria e inchava o peito. — Te vê tão oficial.

— Esse sou eu. — Fez brilhar seu cartão de identificação. — Genial, né? Inclusive vou conseguir uma permissão para levar arma. — Baixou a voz até um sussurro. — Com balas de prata. Emma sorriu.

— Alegra-me muito que você goste de seu novo trabalho.

— Minha missão desta noite é levar-te até sua casa e te deixar ali sã e salva. — Saudou o



agente de segurança ao sair do edifício. Um Lexus negro esperava na calçada e Phineas abriu a porta traseira para ela. Subiu e foi recebida pelo condutor.

— Olá, sou Gregori. — Se retorceu no assento dianteiro para poder lhe ver a cara. Estendeu-lhe a mão com um sorriso.

— Como está? — Emma lhe apertou a mão enquanto Phineas subia ao assento do passageiro. Reagiu tardiamente com Gregori. De alguma forma, parecia-lhe muito familiar. Gregori sorriu.

— Assim que você é a neném que tem ao Angus nervoso.

— Desculpa? — Emma piscou quando o reconheceu. — Sei quem é você. Foi o anfitrião no reality show da DVN.

— Sim, era eu. — Gregori ajustou a gravata. — Mas esta noite, sou seu chofer. Aonde vamos, carinho?

Emma sorriu enquanto lhe dava a direção.

— Trabalha para o Angus?

Ele soprou enquanto se incorporava ao tráfico.

— De maneira nenhuma. Sou o vice-presidente de marketing do Romatech. Viu os anúncios do *Fusion Cuisine*? Eu os fiz.

— Ah, já vejo.

— Dirija-me ao SoHo para comprovar uma propriedade em que queremos construir um restaurante para vampiros quando Angus me pediu que os conduzisse a você e ao Phineas.

— Já vejo. — Emma assentiu com a cabeça. Um restaurante para vampiros? Não teria um menu um pouco limitado? Mas sem dúvida seria muito melhor que andar atacando humanos.

— Não se preocupe por sua segurança — acrescentou Gregori. — Estive tomando algumas aulas de caratê e lições de esgrima. Estou farto que Connor me trate como se eu fora alguma espécie de covarde.

— Tive minha primeira lição de esgrima ontem pela tarde — disse Phineas. — Foi divertido. — Sintonizou a rádio para que soasse um pouco de música hip hop.

Gregori começou a golpear o volante ao ritmo da música enquanto Phineas se meneava em seu assento. Estes eram vampiros? Emma os olhou com incredulidade. Pareciam tão... Normais.

Gregori passou por diante do apartamento de Austin e inspecionou a rua com consternação.

— Nunca vou encontrar um lugar para estacionar. — Deu a volta ao prédio. Emma se inclinou para diante.

— Não há nenhuma necessidade que fique conosco se tiver coisas que fazer. Phineas e eu estaremos bem.

Gregori estacionou em dupla fila e a olhou com o cenho franzido.

— Será melhor que fique até que chegue Angus. Vão vocês e me reunirei assim que possa estacionar a esta besta.

Emma e Phineas desceram à calçada. Ela olhou a seu redor, mas não havia ninguém vigiando-os. Apressaram-se a entrar no edifício enquanto Gregori se afastava conduzindo



lentamente. No apartamento de Austin, Phineas fez um show de revisar cada habitação cuidadosamente. Revisou todos os armários da cozinha e a geladeira. Emma se mordeu os lábios para não rir. Acaso acreditava que havia alguém escondido dentro da geladeira ou na gaveta dos talheres?

— A cozinha é segura, — anunciou. Depois passou ao salão, assumindo uma pose de caratê.  
— Genial né? Isto o aprendi ontem de noite.

— Encantador.

Emma entrou na cozinha assegurada para esquentar a comida chinesa que tinha sobrado a noite anterior. Phineas registrou as almofadas do sofá e depois procedeu a entrar no dormitório. Saiu cinco minutos depois anunciando que todo o apartamento era seguro.

— Que alívio. Obrigado.

Emma pôs o prato com a comida chinesa na mesa de café diante do sofá.

— Vou jogar uma olhada à entrada. — Phineas abriu a porta. — Fecha depois que saia.

— De acordo.

Emma jogou os ferrolhos e depois voltou para o sofá. Ficou cômoda com sua comida chinesa e pôs a televisão em marcha. Uma série policial estava acabando, com os criminosos sendo arrastados à a prisão. Jogou uma olhada ao aparelho de vídeo para comprovar a hora. Angus chegaria logo.

Interromperam o programa de televisão para emitir um boletim local de notícias de última hora. Três corpos, vítimas de assassinato, tinham sido descobertos no Parque do Rio Hudson. Emma se inclinou para frente.

O apresentador deu passo ao repórter que estava na cena do crime, no mole 66. Emma pôs o prato de comida a um lado quando a imagem passou para o parque. Uma multidão de curiosos rodeavam à repórter. As luzes amarelas e vermelhas dos carros de polícia estacionados se refletiam no céu noturno.

*“Os corpos foram descobertos faz uns momentos— gritou a repórter em seu microfone. — Ouvimos que os três têm as gargantas completamente cortadas, mas estamos esperando a confirmação oficial. Entretanto, o mais interessante é que parece ser que os três corpos parecem ter sido movidos. Foram descobertos perto da plataforma do heliporto. Só podemos supor que quem cometeu este crime tão atroz queria que fossem descobertos rapidamente.”*

Emma ficou de pé de um salto. Tinham sido os Malcontents. Estava segura. Simplesmente se tinham trasladado a outro parque. Três mortos? Merda!

Tinha que saber mais. Tinha que ver as vítimas com seus próprios olhos. Inclusive com a garganta cortada, frequentemente se podiam detectar as marcas de presas. É óbvio, ela sabia como as detectar. E os corpos estariam completamente drenados de sangue.

Malditos fossem! Por que esses sangrentos bastardos não podiam tomar um gole e depois seguir seu caminho? Mas não, tinham que matar a suas vítimas. Desfrutavam assassinando.

Procurou o cartão que Phil lhe tinha dado por sua bolsa e depois chamou o número de telefone.



— Diga?

— É Ian?

— Aye. Senhorita Wallace? Está em perigo?

— Não, mas queria-lhe dizer que os Malcontents estão assassinando de novo. Encontraram três cadáveres no heliporto do Parque do Rio Hudson. Vou levar ao Phineas para jogar uma olhada.

— O que? Espere! Angus querirá ir com você.

— Pode nos encontrar ali. Estarei perfeitamente a salvo. Há um montão de policiais ali.

— Não é uma boa ideia...

— Estarei bem — interrompeu Emma. — Só diga ao Angus onde estamos.

Pendurou e depois correu para a porta principal. Ouviu vozes no exterior e apareceu pela mira. OH, não! Tina e Lindsay estavam fora e estavam arrastando ao Phineas para seu apartamento. Não é que ele parecesse resistir.

Emma destravou os ferrolhos e abriu a porta.

— Phineas!

As loiras riram.

— Temos a seu guarda-costas! — Anunciou Tina.

— Dr. Phang — Lindsay puxou dele pelo corredor. — É tão lindo.

Phineas sorriu.

— Merda! Eu adoro este trabalho.

— Phineas! — Gritou Emma. — Te necessito!

— Não tanto como nós. — Lindsay o levou para o interior de seu apartamento.

— Phineas, — Emma foi até eles. — Isto é importante.

— Só cinco minutos. — Phineas lhe dirigiu um olhar suplicante. — É tudo o que preciso. — Olhou às duas loiras. — Que sejam dez.

— Adios. — Tina fechou a porta no nariz de Emma.

— Phineas! — Emma golpeou a porta com o punho, mas do outro lado só escutou risadas.

Jogando faíscas, foi para seu apartamento. Passeou acima e abaixo pelo salão. Quanto demoraria a chegar Angus? E desde quando tinha que esperar que os homens a protegessem? Era cinturão negro, maldita seja. Ela sozinha tinha matado a quatro Malcontents. E na cena do crime havia um montão de policiais. Também havia uma repórter e um montão de transeuntes. Não ia acontecer lhe nada.

Agarrou a bolsa com as estacas e fechou a porta detrás dela. Não ia esconder se em seu apartamento, atemorizada. Estaria perfeitamente a salvo.

De fato, quase desejava encontrar-se com o Alek. O filho de puta precisava morrer.

Os dois médicos vampiros tinham chegado a casa do Roman e como convidados de honra, ambos esperavam um pouco de especial atenção por parte do diretor geral do MacKay Security and Investigation. Angus lhes assegurou que estariam completamente a salvo durante sua estadia



e apresentou ao Connor e à equipe de segurança. Logo que os doutores estiveram felizmente instalados em suas habitações, quiseram fazer uma visita pelo Romatech e pela sala de partos que Roman tinha preparado para sua esposa. Os dois estavam muito emocionados e honrados por que iam ser os primeiros médicos em assistir o nascimento de um bebê metade vampiro, mas logo começaram a discutir sobre o procedimento a seguir. Angus estava começando a pensar se Roman não tinha cometido um grave engano ao trazer dois doutores em vez de só.

O Dr. Schweitzer da Suíça estava muito agradado com a sala de partos, mas o Dr. Lê de Houston pediu ter mais equipes à mão no caso de que corresse mal. Roman estava muito ocupado fazendo uma lista de tudo o que o Dr. Lê queria quando o telefone de Angus soou. Desculpou-se e saiu ao corredor para tirar o telefone de seu sporran.

— Diga?

— Angus. — Ian parecia agitado. — A senhorita Wallace acaba de chamar. Phineas e ela vão para o heliporto do parque do rio Hudson.

— O que?

— Acredita que os Malcontents assassinaram a alguns humanos ali.

— Um raio me parta, — resmungou Angus. Tinha-lhe dito que não saísse. — Está Gregori com ela?

— Não sei. Chamou faz um momento, — continuou Ian rapidamente. — Se for rápido, possivelmente ainda possa detê-la.

— Vou para lá. — Angus fechou o telefone. Connor entreabriu a porta da sala de partos e apareceu.

— Há algum problema?

— Poderia ser. Se não tiver minhas notícias dentro de trinta minutos, manda ao Robby e o Giacomo ao parque do rio Hudson.

— O que é o que...? — As palavras do Connor se perderam quando Angus se desvaneceu. Em uns segundos, estava no apartamento de Austin.

— Emma?

Movendo-se a grande velocidade, registrou a habitação, o quarto de banho e ao final entrou no salão. Merda. Era muito tarde. Mas ainda poderia estar no edifício. Abriu a porta, correu pelo corredor e se estrelou contra Phineas. Agarrou-o pelos ombros.

— Graças a Deus que ainda estão aqui.

Phineas estava tremendo.

— OH, Meu Deus, tio, acredito que a matei.

— O quê?

Phineas enrugou o rosto.

— Não foi minha intenção. Ela estava tão quente e eu perdi o controle. Não estou acostumado a estar como...

Angus o sacudiu.

— O que tem feito?

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



As lágrimas caíam pelo rosto do Phineas.

— Sei que é a regra número um, mas perdi o controle.

Um calafrio atravessou ao Angus.

— Mordeste-a?

— Não era minha intenção! Deus, acredito que a matei.

Angus o estampou contra a parede.

— Mataste a Emma?

Phineas piscou.

— Não, tio. Acredito que matei a Tina.

## Capítulo 18

Angus olhou seu empregado com o alívio caindo através dele. Phineas não tinha mordido a Emma. Não estava morta. Pelo menos, ainda não.

— Onde está Emma? Deveria estar contigo.

Uma porta se abriu perto deles.

— Yuuuuuuu, Dr. Phang. — Uma loira vestida com um corpo de renda negro se inclinou pelo marco da porta. — Quando chega meu turno?

Angus a reconheceu como uma das mulheres bobas que tinha conhecido várias noites atrás. Lindsay ou Tina, não podia recordar qual. Ela abriu muito os olhos ao vê-lo.

— OH, lembro-me de ti. É o gay irlandês. Se ainda está procurando Austin está sem sorte. Há uma espécie de princesa estrangeira escondida em seu apartamento.

— Volta para dentro e fecha a porta, — ordenou Angus. A loira soprou.

— É tão grosseiro. E está perdendo totalmente o tempo com o Dr. Phang. É um mulherengo. De fato, é tão bom que Tina ainda está inconsciente.

— Dentro! — Gritou Angus.

— Asqueroso! — Ela fechou a porta.

Agora tudo estava claro para Angus. Seu novo empregado tinha estado fodendo com Tina quando Emma decidiu ir-se. Angus o agarrou pela camisa e o empurrou contra a parede.

— Abandonou seu posto.

— Eu, eu... — Phineas fez um gesto de dor. — Foi só durante uns minutos. Emma esteve de acordo. — Olhou o apartamento de Austin. — Pergunte-lhe. Ela lhe dirá isso. Tudo está bem. Exceto Tina. Ela não está muito bem.

Angus se aproximou e fez chiar os dentes. Agarrou a camisa do Phineas com um punho.

— Abandonou seu posto. Vi soldados morrer por causa disso.

Phineas tragou saliva.

— Sinto muito, tio. Não voltará a acontecer.

— O que acontece? — Gregori ia para eles caminhando pelo corredor.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Angus lançou ao Phineas e se voltou para o Gregori.

— Onde diabo esteve? Viu a Emma?

— Não, está com... — Jogou ao Phineas um olhar preocupado. — Eu estava estacionando o carro. O que se passou?

— Emma se foi, — disse Angus mordendo as palavras.

— O quê? — Phineas olhou para o apartamento de Austin. — Estava aqui faz uns minutos.

Como que se foi?

Angus o agarrou pelo pescoço.

— Foi-se porque você deixou seu posto.

— Eyeyey — Gregori agarrou o braço de Angus. — Devagar, Mongo, te relaxe.

Encontraremos-la.

Angus lançou ao Phineas e respirou fundo.

— Ocupar-me-ei de ti mais tarde. Tenho que encontrá-la. Vou ao parque do rio Hudson.

— Genial! Sabe aonde vai. — Gregori lhe deu um sorriso alentador. — Tudo está bem. Eu te levo.

— Não, vou chamá-la e me teletransportarei. — Angus agarrou o telefone móvel de seu sporran. — Gregori, necessito-te para limpar a desordem que criou Phineas. — Olhou a seu empregado novato. Phineas fez uma careta e se esfregou a garganta.

— Sinto-o muito, tio. Tina estava tão quente. Não era minha intenção lhe fazer dano.

Gregori olhou ao Phineas franzindo o cenho.

— Tem-lhe feito mal? Onde está?

— Aqui. — Phineas empurrou a porta do apartamento de Tina. Lindsay gritou e saltou para trás. Phineas levou ao Gregori para o interior enquanto Angus ficava no corredor, chamando a Emma pelo telefone móvel.

— Diga?

O alívio o alagou com tanta força que se cambaleou dando um passo para trás.

— Segue falando. Vou teletransportar-me para ti.

— Agora não, — sussurrou ela. — Estou em um táxi.

— Acreditas que me importa?

— A mim sim. Não quero ter um acidente. Chamar-te-ei assim que chegue ao parque. Me dê seu número.

— Que te parta um raio, Emma. Eu disse que devia permanecer escondida.

— Estarei bem. Chamo-te logo. — Pendurou.

Mulher teimosa. Resmungando uma maldição, marcou o número do Robby.

— Aye?

— Robby, quero que você e Jack vão ao parque do rio Hudson, à área ao redor do heliporto.

— O que está passando? — Perguntou Robby. — Connor me chamou e me disse que algo ia mau, mas não sabia o quê.

— Os Malcontents podem ter assassinado a alguns humanos. Emma vai para lá. — Angus



chiou os dentes. — Sozinha.

— Vamos a caminho. — Robby pendurou.

Amaldiçoando um pouco mais, Angus se dirigiu ao apartamento de Tina. Lindsay rondava pela porta, tremendo.

— Desculpa.

Ele se deslizou junto a ela. Ela saltou para trás dando um chiado.

— Há sangue em seu pescoço!

Tina estava estendida na cama. Phineas estava tampando-a com um lençol até o queixo.

— Boas notícias, — disse Gregori. — Está viva.

— Aye. — Angus franziu o cenho ao lhe ver as duplas punções no pescoço. — Ainda posso ouvir o batimento de seu coração.

— Pode ouvi-lo? — Phineas olhou a Tina, confuso. Angus olhou ao novato com irritação.

— Tem muito que aprender, moço. — Se voltou para o Gregori. — Tele transporta-a ao Romatech para uma transfusão e depois trá-la de volta.

— Estou nisso, — assegurou-lhe Gregori. — Foste capaz de chegar até a Emma?

— Aye... — Angus deixou de falar quando Lindsay saltou dentro da habitação agitando diante dela uma cruz celta de gesso de trinta centímetros.

— Parte, demônios! — Apontou a cada um com a cruz. — Voltem para inferno ao que pertencem!

Angus suspirou.

— E quando tiver terminado — continuou falando com Gregori, — te assegure de apagar sua memória.

— O quê? — Lindsay sacudiu a cruz como se estivesse rota. — Por que não funciona? Não são como os vampiros ou algo assim?

Gregori indicou ao Phineas que recolhesse a Tina.

— Vamos.

— Aonde a levam? — Lindsay puxou a cruz e caiu de joelhos. — OH, Meu Deus. Também ideo convertê-la em vampiro. Ela será jovem e bonita para sempre. — Seu rosto se iluminou e ficou de pé. — Me apronto!

Angus sacudiu a cabeça enquanto saía da habitação.

— O mundo vampiro nunca poderia sobreviver a vocês duas.

A polícia tinha passado os laços à entrada do heliporto, assim Emma perguntou ao taxista se podia deixá-la perto. Ziguezagueou através da ruidosa multidão, encabeçada pelo oficial de polícia mais próximo. Procurou em sua bolsa o cartão de identificação e quando sua mão roçou o telefone móvel, pensou em chamar Angus, mas havia muita gente junta para que ele pudesse teletransportar-se de maneira segura e inadvertida. Encontrou seu cartão de identificação e a mostrou a todos os que se mantinham em seu caminho obstinadamente.



— Desculpe. Segurança Nacional. — Em geral, isso fazia que a gente saísse de seu caminho. Finalmente chegou até a cinta que protegia a cena do crime e a um oficial de polícia. Mostrou sua placa e gritou para fazer-se ouvir.

— Preciso ver os corpos!

— Primeiro vais ter que falar com o capitão. — O policial assinalou para um homem com gabardina que estava junto à ambulância, a uns cem metros de distância. Dois paramédicos estavam carregando uma maca com uma bolsa de plástico.

Passou por debaixo da cinta e foi para o capitão. Tinha percorrido uns dez metros quando outro oficial lhe gritou que se detivesse. Levantou sua placa.

— Segurança Nacional.

Depois de outros cinquenta metros passou ao lado de outro carro de polícia. Entrecerrou os olhos para proteger se do resplendor de suas luzes intermitentes. Um agente uniformizado se afastou do carro para bloquear seu caminho.

— Isto é o cenário de um crime.

Ela levantou sua insígnia.

— Segurança... — Ela ofegou quando ele a agarrou pelos braços.

— E será uma muito má cena do crime.

Acento russo. Deu-se conta muito tarde. Assombrada, olhou a cara do Alek. As luzes intermitentes vermelhas e amarelas fizeram que seu sorriso fosse diabólico.

— Você gosta de meu uniforme? O oficial já não o precisa. — Inclinou a cabeça para o carro.

Era difícil ver com as luzes intermitentes nos olhos, mas Emma viu um homem no assento dianteiro com a cabeça torcida em um estranho ângulo. Sem prévio aviso, deu ao Alek uma joelhada na virilha. Ele cambaleou para trás. Deu-lhe uma série de golpes no peito e depois uma patada giratória na cara. Alek caiu jorrando sangue pelo nariz.

— OH, Meu Deus! — Gritou alguém entre a multidão. — Está atacando a um oficial de polícia!

— Alto! — Gritaram várias vozes.

Emma se girou para ver dois agentes correndo para ela. Onde estava sua placa? Tinha-a deixado cair quando começou a pegar ao Alek.

— Está procurando isto? — Alek saltou sobre seus pés com a placa de identificação na mão. Seu sorriso estava tinto em sangue. Lambeu-se o sangue ao redor de sua boca e se afastou depressa dela levando a placa.

— Alto ou disparo! — Gritou um oficial.

Emma se lançou para a multidão e abriu caminho na direção que tinha tomado Alek. O mole 66. Agarrou o móvel e chamou o Angus.

— Já era hora! — Trovejou ele. — Onde está? Está bem?

— Sim, estou bem. Espera que encontre um bom lugar. — Atrás da multidão viu uma caminhonete da televisão local. Agachou-se detrás. — Já está, pode vir agora. Sem dúvida os Malcontents são os assassinos. Vi o Alek aqui. De fato, tentou-me capturar, mas... — Calou-se



quando Angus apareceu a seu lado. Ele a agarrou pelos ombros.

— Está bem?

— Sim. Fiz sangrar Alek pelo nariz, mas escapou.

Angus se pôs a rir e puxou-a para abraçá-la.

— Essa é minha garota. — Se inclinou para trás para poder olhá-la severamente. — Nunca volte a me assustar assim.

— Sei cuidar de mim mesma, — disse sorrindo. — Mas me alegro que esteja aqui.

— Alek ainda está pela zona?

— Correu para o mole 66. — Emma deixou cair o telefone móvel em sua bolsa e agarrou um punhado de estacas. — Temos que apanhá-lo. Esta noite matou pelo menos a quatro, incluindo um oficial de polícia. — Encaixou as estacas em seu cinturão.

— Não. Quero que fique aqui. Ou melhor ainda, que volte para casa.

— Não vou deixar-te. — Passou a asa da bolsa por sua cabeça e por um ombro. — Se não acabarmos com ele esta noite vai continuar matando.

Angus franziu o cenho.

— Está bem. Mas primeiro pediremos reforços. — Marcou um número de telefone. — Robby, vamos detrás do Alek. Mole 66. Pressa. — Deixou cair o telefone em seu sporran. — Preparada?

Angus a levou para o mole, usando os automóveis e os contêineres de lixo para manterem-se ocultos. Apressaram-se ao longo da parede traseira de um armazém. Uma mulher gritou. Emma amaldiçoou em silêncio. A quantas pessoas tinha planejado matar Alek esta noite? Angus apareceu pela esquina.

— Há um pequeno edifício na borda do rio. O grito saiu dali.

Emma deu uma olhada rápida. Era onde alugavam motos de água. Tirou uma estaca do cinturão.

— Vamos.

Correram ao longo da parede do armazém, mantendo-se nas sombras e depois se separaram para aproximar-se do objetivo. Emma pelo sul e apareceu pela esquina. Um embarcadouro retangular sobressaía sobre o rio. Ali, sob a luz da lua, pôde ver uma mulher atirada no chão sob um homem com uniforme de polícia. Alek. A mulher ficou imóvel sobre as tábuas de madeira enquanto ele se apoiava em sua parte superior e lhe acariciava o pescoço.

Angus se moveu rapidamente para eles e apontou ao pescoço do Alek com sua Claymore.

— Solta-a.

Emma se relaxou no mole, olhando ao redor. Não havia ninguém à vista.

— Solta-a! — Gritou Angus.

— Devo fazê-lo? — Perguntou Alek com calma e levitou sobre o corpo. Angus olhou à mulher e deu um passo atrás.

— Emma, sai daqui, rápido!

A mulher pôs-se a rir. Emma ficou, receava deixá-lo só. A mulher ficou de pé, sã e salva. Seus



reduzidos jeans na moda descansavam baixos sobre seus quadris. Debaixo de sua jaqueta de couro levava uma camiseta sem mangas vermelha que com muita dificuldade cobria seus peitos. Passou seu cabelo comprido e escuro por cima do ombro e dirigiu ao Angus um olhar cheio de ódio.

Emma se deu conta que isto era um assunto pessoal. Girou-se e ofegou quando umas linhas de figuras escuras levitavam ao redor do mole. Seis vampiros. Tinham estado escondidos debaixo e agora aterrissavam brandamente sobre o corrimão de madeira.

Ela flexionou seus dedos ao redor da estaca, trocou de postura de defesa e dobrou seus joelhos. Oito vampiros contra Angus e ela. Se só pudessem aguentar até que chegassem Robby e Giacomo.

Um vampiro saltou pelo ar, sua espada desembainhada. Angus carregou, golpeou um lado da espada com sua Claymore, girou e atravessou o coração do vampiro como se fora uma brochete. Com um grito, o vampiro explodiu em uma nuvem de pó que flutuou por todo o mole.

Dois vampiros se precipitaram para a Emma. Esquivou ao primeiro e se girou para lhe chutar as costas. Isso o impulsionou para frente e o estrelou contra o edifício. Continuando com seu turno, deu a volta para enfrentar-se ao segundo atacante e o encontrou com sua estaca no peito. Ele se converteu em pó.

O primeiro vampiro se recuperou rapidamente e carregou de novo. Chutou a estaca de sua mão. Ela ignorou a dor e lhe deu uma série de golpes. Ele era muito rápido esquivando para que ela pudesse-lhe dar um golpe decisivo. De repente, agarrou-a por detrás. Deu-lhe uma patada para trás para romper o agarre do vampiro e agarrou outra estaca de seu cinturão. Quando ele a agarrou de novo, ela cravou a estaca em suas costelas. Uivando, ele a soltou. Ela girou e lhe afundou a estaca no coração. Pó de novo.

O primeiro vampiro a agarrou pelas costas. Jogou uma olhada a Angus bem a tempo para ver como trespassava a outro vampiro. Menos quatro. Estavam fazendo-o bem. Outro vampiro carregou contra ela e se apoiou em seu captor para chutar ao assaltante com sua cabeça. Ele cambaleou para trás. O primeiro vampiro pressionou uma adaga contra sua garganta.

— Deveria-te matar, puta.

Ela o agarrou pelo braço para tirar a faca e apartá-lo. Ouviu gritar ao Angus, então o braço do vampiro se converteu em pó e a faca caiu ao chão. Girou-se e viu o Angus detrás dela com sua Claymore coberta do pó do primeiro vampiro.

— Obrigada.

Ela se agachou para recuperar a adaga. Havia dois vampiros machos a sua esquerda, Alek e outro. A mulher estava perto, o ódio brilhando em seus escuros olhos. Levou à boca uma zarabatana de madeira.

— Cuidado! — Gritou Emma. Angus levantou a Claymore e depois ficou rígido. Um olhar de assombro cruzou seu rosto.

— Emma, corre, — sussurrou. Ela deu um passo para trás, receava abandoná-lo. Ofegou quando a Claymore do Angus escorregou de sua mão.



— Angus!

Ele desabou contra o mole. Um dardo se sobressaía de suas costas.

Os dois vampiros machos se moveram rapidamente para a Emma. Atacou ao primeiro com sua adaga, mas ele a esquivou. Alek a agarrou pelas costas. O primeiro lhe chutou a faca da mão e depois lhe deu um murro no estômago. Durante um momento se apoiou no Alek, antes de começar a chutar e lutar. O primeiro vampiro recuperou a faca e o entregou ao Alek.

A mulher caminhou para o Angus e falou com acento russo.

— Deveria ter-te matado faz muitos anos.

Com uma bota, empurrou-o sobre suas costas. Emma estremeceu ante a ideia do dardo sendo empurrado mais para dentro. A mulher se inclinou sobre Angus.

— Ouve-me, verdade? A beladona te paralisa, mas te permite ver e ouvir. — Lhe pôs o pé na bochecha e lhe pressionou a cabeça para a Emma. — Vê isso? Capturamos sua rameira humana. — Deu uma patada nas costelas com a ponta afiada de sua bota.

— Basta! — Emma lutou, mas os dois vampiros machos a aferraram com força. Ela ficou imóvel quando viu o rosto de Angus. Ele a estava olhando com seus olhos cheios de dor. OH, Deus, o que tinha feito? Tinha-o conduzido até uma armadilha.

A mulher jogou a Emma um olhar de desgosto e depois agarrou o queixo do Angus com suas largas unhas vermelhas e o obrigou a olhá-la.

— Não a olhe a ela. Comigo, poderia ser o amo do mundo. Mas quando te pedi para matar a um pequeno humano, negaste-te. E agora aqui está, matando a sua própria espécie, para que? Por uma puta humana sem valor?

— Katya, já chega! — Gritou Alek. — Já o torturará mais tarde. Agora devemos levar a estes dois antes que seja muito tarde.

— Está bem, está bem! — Katya se inclinou mais para agarrar Angus pelo braço e desapareceram.

— NÃO! — Gritou Emma. Chutou a seus captores. Alek a apertou com força contra ele.

— Nunca estivemos ali antes, Uri. Tem que chamar.

Uri marcou um número em seu telefone.

— Diga?

— Alto!

Emma levantou a vista e viu o Robby e ao Giacomo no teto, movendo-se para eles com as espadas na mão.

— Solta-a! — Gritou Robby.

— Se aproximarem lhe cortarei a garganta! — Alek se voltou para o Uri arrastando a Emma com ele. — Agarre-se a nós, vamos.

Uri agarrou o braço da Emma e falou por telefone.

— *Paris, nous arrivons.*

Emma olhou para as caras afetadas do Robby e Giacomo.

— Paris! — Gritou justo antes de tudo se voltasse negro.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



## Capítulo 19

Emma estava começando a tomar consciência de seu entorno quando sentiu a espetada de uma faca em seu pescoço. Deu um coice, mas se negou a dar ao Alek o prazer de ouvi-la gritar de dor.

— Tem uma boca muito ruidosa — lhe sussurrou ele ao ouvido.

— A humana te está dando problemas? — Perguntou Katya.

— Não. — Alek puxou o cabelo da Emma e inclinou sua cabeça para expor seu pescoço. — Só quero saber a que sabe. — Se inclinou e lambeu a gota de sangue.

Emma sentiu uma pontada de dor em seu estômago. Entretanto, a reação inicial do Alek lhe tinha dado esperança. Ele estava zangado porque ela tinha gritado *Paris*, assim que o mais provável era que tivesse encaminhado ao Robby e ao Giacomo na direção correta. Também foi consciente que Alek e Uri não tinham contado a Katya o que ela tinha feito. Provavelmente pelo medo à ira da rainha cadela.

Emma examinou rapidamente o lugar. Pareciam estar em uma antiga adega. A luz das velas piscavam em spots de ferro oxidado ao longo das paredes de pedra. Havia uns bastidores de madeira com fileira de garrafas de vinho com muito pó. O ar era frio e cheirava a mofo antigo. Angus jazia descuidado no chão de pedra dura.

— Ezta mulher ez a infame caçadora? — Perguntou ceceando um homem com um forte acento francês. Aproximou-se da Emma com uma forma de andar remelosa, observando-a com uns olhos que pareciam ranhuras negras em sua torcida cara branca. — Incrível. Matou a quatro de tuz amigoz, non?

— Seis — corrigiu Emma. — Matei a seis de seus pequenos capangas e foi pateticamente fácil fazê-lo.

Katya lhe deu uma bofetada. O vampiro francês riu.

— Miau, fiu! — Frisou seus gordinhos dedos brancos até que pareceram garras. — Eu adoro uma boa briga. — Olhou a Emma com carinho. — Mas ela ez ezpecial, non? Posso-lhe dar um açoite?

— Se tivermos tempo. — Katya lhe deu uma palmada no braço. — Brouchard, devemos assegurar aos prisioneiros antes que saia o sol.

— Ah, zí, é óbvio. — Brouchard esfregou suas gordinhas e brancas mãos. — Izto ez tão emocionante! Não ez que tenha convidadoz de honra frequentemente. — Riu e saudou o ar com a mão. — Muitaz pessoaz vizitan minha adega, mas muito poucaz retornam. — Se aproximou da Emma. — Quer que te conte meu zegredo maiz obzcuro? Como atraio minhaz vitimiz a seuz destinoz?

— Não.

Ele se burlou. Seus bicudos caninos pareciam amarelos em contraste com sua pele leitosa.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— És fogaça, n'est ce pas? Apozto a que o sangue que corre por tuaz veias é muito quente.  
— Se inclinou para diante para cheirá-la.

— Devagar, Brouchard. — Katya lhe pôs uma mão no ombro. — A necessito viva.

— Ah, zim. — Brouchard deu um passo atrás. Tirou um lenço de renda do bolso de sua jaqueta de veludo e se secou a boca. — Ela é um pequeno presente para Casimir. Vai encontrá-la delicioza.

Emma tragou saliva. Jogou uma olhada para Angus. Seus olhos seguiam os movimentos de todo o mundo. Brouchard se aproximou de uma mesa redonda coberta com uma antiga toalha branca, com dois serviços de mesa de elegante porcelana de China.

— Já vez, querida. Quando convido formozos jovens, homens e mulheres, para jantar, vêm com gozto para poder ver minha famoza coleção de vinhoz. Nunca ze dão conta que elloz são minha comida até que é demaziado tarde.

Arrepiante pequeno assassino em série. Emma manteve seu rosto impassível para ocultar seu desgosto.

— Sou um cavalheiro. — Brouchard passeou pela fila de bastidores passando seus pastosos dedos pelas garrafas de vinho. — Zempre permito que meuz convidadoz escolham o vinho. Uma vez que ellez hão disfrutado até fartarem-ze, tomo... Minha vez . — Se aplaudiu a gorda barriga e riu. — Tenho um grande apetite pela vida, non?

— Basta, Brouchard. — Katya bocejou. — Está amanhecendo.

— Sim, sim. Tenho ataúdes por aqui. — Brouchard brincou de correr pelas várias filas de garrafas. — E aqui há um armazém onde podemos encerrar aos prisioneiros.

Alek puxou a Emma com ele. Uri levantou o Angus por cima de seu ombro e os seguiu.

— Aqui eztão os ataúdes. — Brouchard ondeou uma mão para uma fila de oito ataúdes. — São muito bonitos, non? Mas não necessitam tanto agora. Só são três. — Olhou a Emma e riu. — Garota travessa! Estáz segura que não posso açoitá-la agora?

— Mais tarde — disse Katya. — Onde está o armazém?

— Aqui. — Brouchard empurrou a um lado uma tapeçaria da parede e revelou uma velha porta de madeira. Abriu-a com uma chave mestra e se abriu com um rangido. — Fantasmagórico non? — Pôs-se a rir enquanto agarrava uma vela de um abajur na parede próxima. — Lhe mostrarei a habitação. — Pôs-se a andar para o interior. — É perfeita, n'est ce pas? Não tem saída.

Uri entrou e deixou cair ao Angus ao chão. Brouchard riu.

— Este é grandote. — Levantou o kilt do Angus com o pé. — É uma pena que fique só uma noite.

— Deixa-o em paz, pervertido — murmurou Emma enquanto Alek a conduzia dentro da sala.

— Cala-te. — Alek o puxou dos braços para trás. — Necessito uma corda para atá-la.

— Certamente. — Brouchard saiu da habitação, mas Emma ainda podia ouvir. - Dirá ao Casimir que fui muito útil, verdade?

— É óbvio, — assegurou-lhe Katya. — Tem um guarda humano para o dia, não?

— Ah, zim, Hubert. — A forma em que Brouchard pronunciou o nome do guarda soou *Oubir*.



Retornou ao armazém e entregou ao Alek alguns cordões das cortinas.

— Izto vai bem?

— Sim. — Alek atou as mãos da Emma a suas costas.

— Agarra sua bolsa — Lhe recordou Katya. Emma amaldiçoou silenciosamente enquanto Alek afastava a bolsa com sua faca. Aí foram seu telefone móvel e suas estacas. Brouchard riu.

— Fê-la zangar. — Lhe deu um tapinha na bochecha. — Deve se comportar bem durante o dia, *chérie*. Não molezte a meu querido Hubert. Pode chegar a ser muito cruel.

Emma se afastou da gordinha mão do Brouchard.

— Então deveria-lhe dar a ele uns açoites.

Brouchard bocejou.

— OH, mas já o faço. Zem duvida é por isso que o pobre bruto tem tão mau gênio. Pobre Hubert.

Alek empurrou a Emma pelo chão até pô-la ao lado do Angus.

— Se tenta de escapar, Hubert os matará a ambos.

— Venham, *mes amis*. — Brouchard passeou através da habitação. — Devemos ter nosso sono embelezador.

Alek fechou a porta. A habitação estava muito escura sem a vela do Brouchard. Emma recordou haver visto algumas mesas e cadeiras apoiadas contra a parede, mas nada útil para escapar. Escutou os sons na habitação do lado. Assim que os vampiros estivessem mortos para o dia, só teria que tratar com o Hubert.

— Emma, — sussurrou Angus. Quando ela ofegou, continuou. — Fala em voz baixa para que não possam nos ouvir.

Ela se moveu mais perto dele.

— Dissipou-se o efeito do veneno?

— Não de tudo. Não posso mover nem os braços nem as pernas. Emma, breve cairei no meu sono de morte. Se puder escapar, fá-lo.

Ela começou a protestar já que não queria deixá-lo, mas ele tinha razão. Sua melhor oportunidade para escapar seria durante o dia e sempre poderia voltar com ajuda para o Angus.

— Está bem. Acredito que estamos em Paris.

— Aye. Vai ao escritório do Jean—Luc Echarpe nos Campos Elíseos. Os guardas diurnos que há ali trabalham para mim. Eles podem ajudar.

— Está bem. — Entretanto, ainda tinha as mãos atadas. — Ainda tem a adaga em sua meia?

— Aye. Agarra-a. — Sua pronúncia se voltou mais confusa. — Meu sporrán. Necessito o frasco. Oculta o... Debaixo de mim.

— Debaixo de ti?

— No caso de que levem-me...

— Sporrán? — Esperou, mas ele não respondeu. Pôs a cabeça sobre seu peito e não ouviu nada. Ele se tinha ido.

Um triste sentimento invadiu seu coração e de repente sentiu vontades de chorar. Todo



mundo que alguma vez tinha importado agora estavam mortos. Como suportaria perder a um mais?

— Sinto-o muito. Isto é minha culpa.

Respirou fundo para acalmar seus nervos. Precisava estar lúcida. Angus contava com ela. Girou sobre si mesma até que sua cabeça esteve aos pés dele. Logo se retorceu até que sentiu em seus dedos o contato do sgian dubh escondido debaixo de sua meia. As arrumou para tirá-lo e depois assentou a serra da adaga contra os cabos que sujeitavam seus pulsos. Foi um processo lento e torpe, mas não desfaleceu.

Até o momento não vinha nenhum som da outra habitação. O armazém parecia um pouco mais luminoso. Viu uns poucos raios de luz na parte superior da parede do fundo. Talvez uma pequena janela que tinha sido murada? Teria que assegurar-se que nenhum dos raios do sol caísse sobre Angus.

Logo pode ver o perfil na penumbra. Havia-lhe dito a verdade desde o começo. Havia vampiros bons e maus e as atividades de Sean e da Equipe Estacar não eram mais que uma moléstia, interpondo-se no caminho dos vampiros bons que queriam proteger à humanidade. Se alguma vez sobrevivia a isto, renunciaria a seu trabalho.

Aha! Finalmente as cordas se romperam. Colocou a adaga em seu cinturão e arrastou o corpo do Angus para o canto mais escuro da habitação. Fortes pisadas soaram na adega e uma sombra atenuou a luz que se filtrava sob a porta. Hubert estava ali, escutando. Tinha que atuar com rapidez. Abriu o sporran do Angus e rebuscou em seu interior. Menos mal que levava uma bolsa. Sorriu para si mesma, imaginando sua reação à palavra bolsa.

Encontrou o frasco de metal e o escondeu sob as costas dele. Normalmente isso seria muito incômodo, mas o pobre Angus estava morto para o mundo neste momento. Tirou o telefone móvel e o abriu. A quem chamar? Connor era o primeiro em sua agenda, por isso pensou em chamar.

Olhou para a porta. Hubert poderia ouvi-la falar pelo que seria melhor que enviasse uma mensagem de texto. Desgraçadamente não a pôde mandar. Merda. Não havia cobertura neste maldito buraco.

Colocou o telefone no bolso e levou uma cadeira até a parede do fundo. Parecia uma antiguidade frágil, mas esperava que aguentasse seu peso. Subiu ao assento acolchoado de brocado e tentou alcançar a janela. Estava muito alta.

Encontrou uma mesa de madeira do tamanho de uma mesa de jogo e havia luz suficiente para que pudesse levá-la sem tropeçar. Colocou-a com cuidado debaixo da janela e subiu em cima. Agora poderia chegar até as fitas de seda cravadas horizontalmente atravessando a pequena janela. Enroscou suas mãos em torno de duas fitas de seda e puxou. Não cederam. Elevou-se e olhou pelo oco.

Havia uma rua estreita e suja. A luz do sol salpicava os atoleiros de água de chuva acumulada nos buracos do pavimento. Aproximaram-se passos.

Emma olhou para trás. Não havia sinais do Hubert. Os passos estavam mais perto. Havia dois



tipos, um forte e decidido e outro menor, rápido e ligeiro, com um som de tamborilar. Um cão, possivelmente.

— Pssst! — assobiou Emma. — *A moi!*

Deu um coice quando um nariz negro e úmido lhe acariciou a mão de repente. Bem, já tinha a atenção do cão. A ver se agora conseguia a do dono. O cão saltou de emoção. Um poodle branco com um laço rosa em sua torcida cabeça.

— *A moi!* Aidez-nous — sussurrou Emma tão forte como se atreveu. O poodle ladrou forte e estridente. O dono do cão gritou e puxou a correia. Foram-se a toda pressa. A porta detrás dela se abriu de repente.

Ela se deixou cair sobre a mesa e se girou. A luz se derramava no armazém da adega, junto ao aroma de salsichas e ovos. Na porta, elevava-se uma volumosa sombra negra.

— Brouchard me disse que ía trazer problemas.

Hubert entrou na habitação. Seu acento era tão grosso como seu pescoço e seus braços. Carregou, bramando como um touro.

Emma ficou sobre a mesa. Conseguiu-lhe dar uma patada no peito, mas só o atrasou. Agarrou-lhe um dos tornozelos e puxou. Ela caiu sobre seu traseiro, mas utilizou a inércia para retroceder e depois se impulsionou para diante. Chutou duro ao Hubert na barriga fazendo que este se cambaleasse para trás. Ela se levantou do chão de um salto, tirou a adaga de seu cinturão e se lançou para diante. A faca se deslizou com uma facilidade horripilante. Ele gritou e depois caiu de costas sobre o chão.

Emma ficou sobre ele com a faca ensanguentada em sua mão e o estômago revoltado. Merda. Estava acostumada a matar vampiros e eles não sangravam como este. Simplesmente se convertiam em pó. Hubert se retorcia no chão, queixando.

— Aguenta. Vou pedir uma ambulância.

Encontraria o caminho até aos guardas de segurança do Angus que estavam nos Campos Elíseos. Mas antes havia quatro vampiros na habitação do lado que deviam ser estacados. A faca de Angus serviria bem. Dirigiu-se para a porta.

Uma tabela se estrelou contra sua cara. Ela caiu sobre seu traseiro com sacudidas elétricas de dor zigzagueando por seu rosto. Seus olhos viram dobro por um segundo e depois se centrou em um homem de pé ante a porta. Era pequeno e magro.

— Cometeste um engano fatal, *chérie*. Eu sou Hubert. E estou preparado para a gente como você.

Ela ficou de pé, mas ele voltou a golpeá-la com a tabela na cabeça. Derrubou-se para um lado. A cabeça lhe pulsava. A adaga caiu de sua mão. Com um gemido, girou a cabeça para vê-lo. Sua figura vacilou quando a dor a atravessou. Ele tirou uma seringa de injeção do bolso de seu casaco.

— Deveria-te matar pelo que fez a meu querido Rolfe. — A agulha orvalhou um jorro de líquido

Emma queria que seu corpo se incorporasse e lutasse, mas seu cérebro estava muito



maltratado para dar ordens. Apalpou o chão a seu lado. Seus dedos tocaram o punho da adaga.

— Mas meu amo quer que vivas, assim só dormirá.

Deu um passo para ela. Emma lhe golpeou as acnes com os pés e ele se cambaleou para trás.

— Cadela!

Saltou sobre ela e a apunhalou no pescoço com a seringa. Imediatamente seu rosto se fez nebuloso. Ele se inclinou para diante, burlando-se dela.

— Não deveria ter-me zangado. Agora terei que jogar contigo enquanto dorme.

Fazendo um maior esforço, lhe afundou a faca nas costas. Ele gritou e se retorceu, tentando alcançar a adaga a suas costas. Caiu a seu lado, retorcendo-se. Ela fechou os olhos, suas pálpebras caíam. Quase lhe deu a bem-vinda ao sonho drogado já que adormecia com dor aguda.

Hubert ficou imóvel a seu lado. Uma sensação de fatalidade a alagou como a droga que a arrastava para o esquecimento. Tinha falhado ao Angus uma vez mais.

Angus despertou com a onda de energia que sacudia seu corpo todas as noites ao pôr do sol. Com sua primeira respiração profunda foi abordado pelo nauseabundo e repugnante aroma do sangue coagulado, o que significava uma só coisa: Morte. Seu coração se contraiu. Não, Emma não!

Ficou de pé enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão da habitação. Sua cigareira estava no chão. E havia três corpos. Mau raio o partisse o que tinha acontecido? Correu para o primeiro corpo. Era um homem enorme com uma ferida de faca no corpo. Sangrou-se no frio chão de pedra. O fedor do sangue em mau estado revolveu o estômago de Angus.

Cambaleou-se até o seguinte par de corpos. Um homem magro jazia morto com a sgan dubh cravada nas costas. O sangue em seu interior se coagulou até converter-se em um emplastro de betume viscoso não apto para o consumo. Junto a ele estava Emma. O coração lhe pulsava, lento e constante. O alívio do Angus se viu interrompido quando lhe olhou o rosto. Filhos de puta! Sua cara era uma massa de hematomas e vultos. Pobre lass. Deve ter lutado por sua vida enquanto ele dormia perto, totalmente inconsciente. Amaldiçoou sua incapacidade para protegê-la durante o dia.

Ouvindo ruídos na adega. O inimigo se estava movendo. Se só tivesse a suficiente energia para agarrar a Emma e teletransportar-se, mas estava muito fraco e faminto.

— Pobre lass, sinto-o tanto, — sussurrou acariciando seu rosto. O aroma de seu doce sangue provocou uma imediata resposta. A fome o alagou. Agarrou a faca e se cambaleou para trás até sua cigareira no chão. Abriu o plugue com dedos trementes. A dor arrebatava suas gengivas, onde suas presas pugnavam por sair. A fome de um vampiro era muito pior quando acabava de despertar.

Bebeu todo o *Blissky*. Pouco a pouco saciou sua fome. Suas presas se retiraram e se relaxaram. Deus, como odiava ser escravo desta fome. Era por isso que sempre levava consigo uma quantidade extra de sangue sintético em sua cigareira. Quando a última gota se deslizou por sua garganta se regozijou nas novas forças que corriam por seu corpo. Uma vez mais, era



poderoso. Salvaria a Emma.

A porta se balançou, aberta. Brouchard passou para dentro levando uma vela.

— *Bonsoir, mes Amis!* Hubert quero que procure alguns humanos saborosos para tomar o café da manhã. — Se deteve com um ofego. — Hubert! O que está fazendo, deitado com ezta mulher?

Angus se equilibrou sobre o Brouchard a toda velocidade e afundou a adaga no gordinho coração do vampiro. Brouchard chiou e depois se converteu em pó.

Uri e Alek entraram correndo, armados com espadas. Angus estava superado em número, mas sabia que seria o mais forte. Ele tinha comido e eles, não. Evitou o ataque do Alek e depois se defendeu de Uri. Katya entrou com sua zarabatana.

— Malditos loucos, só há uma maneira de submetê-lo.

Levantou a pipa até sua boca. No último instante, Angus girou agarrando ao Uri e se enfrentou ao dardo que voava para ele. Uri ficou rígido e caiu com o dardo espetado em seu peito. Os olhos da Katya brilharam com ira.

— Alek, mata à mulher!

— É óbvio.

Alek foi para a Emma com a espada em alto.

— Não! — Gritou Angus. Katya levantou uma mão para deter o Alek

— Perdoá-la-ei, Angus, se te entregar para mim.

Angus vacilou. Tinha que ganhar tempo para que Emma e ele pudessem escapar. Lançou a faca que caiu ao chão de pedra. Com uma careta de desprezo, Katya chutou a faca a um lado.

— Sempre soube que é um parvo. Poderia-me ter tido, mas escolheu a esta pequena... Percevejo. Eu gostarei de verte sofrer.

Angus chiou os dentes.

— Tenho a certeza que sim. Está em sua natureza ser cruel e desumana!

Ela se burlou.

— Houve um tempo no qual me dizia que era formosa e estava cheia de potencial.

Olhou-a com tristeza.

— Queria que fosse boa Katya. Queria que usasse seus poderes para o bem. Ainda não é tarde.

— E pensa que ela é boa? — Katya olhou a Emma no chão. — Esta cadela é uma assassina. Merece morrer. E se a dou a Casimir, salvará minha vida. — Olhou ao Angus sedutoramente. — Você não quererá que eu morra, não é verdade? Passamos bons momentos, juntos.

— Você já está morta para mim.

Ela tomou uma respiração sibilante e puxou um dardo de seu bolso.

— Vou fazer que pague, Angus MacKay. Desejará não ter nascido nunca.

Cravou-lhe o dardo no peito. Ele caiu ao chão e seu corpo se negou a mover-se. O desespero se filtrou por seus ossos. Tinha-lhe comprado a Emma um pouco de tempo, mas agora era incapaz de defendê-la.



Alek e Katya se alternaram para ir comer. Depois Katya revolveu o sporrán. Ele fechou os olhos para não ter que ver seu sorriso triunfal. Alek o tirou da adega e o deixou cair no beco. Angus amaldiçoou em silêncio. Aí estava, só e livre, mas sem poder mover-se. Alek retornou em seguida levando a Emma. Depositou-a no chão e a revistou.

— Um telefone móvel.

Alek agarrou o telefone do bolso da Emma e o entregou a Katya.

— É irônico, não te parece? — Pulsou um botão do telefone. — Posso usar o telefone de sua puta para te levar a seu destino. — Se agachou para lhe agarrar pelo braço. — Galina? Estamos chegando.

Katya se desvaneceu, levando Angus com ela. Sentiu uma sensação de flutuar e depois o duro chão de baixo dele. Abriu os olhos para olhar a seu redor. Estavam em um antigo edifício de pedra, com poucos móveis. Alek apareceu a seu lado levando Emma.

— O que te parece meu lar? — Perguntou uma mulher de cabelo vermelho. Angus a reconheceu do último baile vampiro. Tinha estado ali com Ivan Petrovsky. Tinha que ser Galina, a ex garota do harém que tinha ajudado a Katya a assassinar ao Ivan para poder ser *CO—Mestres* do Aquelarre russo.

— É perfeita. — Katya olhou ao redor. — Tem preparada a habitação para nossos hóspedes? Galina pôs-se a rir.

— OH, sim, vai encantá-los! — Fez gestos a um volumoso loiro. — Buriem e Miroslav podem levar nosso hóspede?

Os dois vampiros machos levantaram o Angus e seguiram a Galina para o exterior.

— Onde está Uri? — Perguntou Galina.

— Demorou-se — murmurou Katya. — Se reunirá conosco mais tarde.

Angus olhou a seu redor o melhor que pôde. O céu da noite era claro e as estrelas, brilhantes. Aqui era mais de noite que em Paris, por isso deviam ter viajado para o este. Poderiam estar no leste da Rússia, de onde tinha vindo Katya. Recordou ter lido um relatório sobre a Galina. Ela tinha chegado da Ucrânia, por isso era outra possibilidade.

Definitivamente estavam no campo. As próximas colinas estavam cobertas de bosque. Um velho muro de pedra rodeava a propriedade. Perto havia um celeiro de madeira que estava caindo. Viu o Alek levando Emma.

Continuaram a descer por umas escadas de pedra. Um porão? Uma adega? Ouviu o rangido de uma pesada porta ao abrir-se.

— Ponha-o na cama de armar dali — ordenou Galina. Ouviu o chiar de um sommier. O jogaram no chão.

— Há uma luz — disse Galina. Com um pequeno clique, a habitação ficou iluminada por uma solitária lâmpada pendurada do teto.

Angus piscou. A habitação inteira parecia brilhar com luzes. Galina pôs-se a rir.

— Bonita, não?

— Cara — murmurou Katya.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— As placas do teto são de prata pura — se gabou Galina. — E as paredes, as janelas e as portas estão cobertas com cadeias de prata. É quase como uma velha cota de malha como as que levavam os cavaleiros.

— Enquanto os impede de escapar. — Alek rondava ao redor da sala, examinando as paredes.

— OH, funcionará — assegurou Galina. — Tive ao Miroslav tentando teletransportar-se através das paredes e não pôde. Ricocheteou em seguida e acabou com queimaduras graves. Buriem tentou-me enviar mensagens telepáticas, mas nada pôde atravessá-los.

— Excelente. — Katya soava contente. — Agora tudo o que temos que fazer é localizar a Casimir e lhe oferecer nossos pequenos presentes.

Saíram da habitação e fecharam a porta. Um ferrolho se deslizou pelo outro lado. Angus fechou os olhos. Logo que desaparecessem os efeitos da beladona ia procurar uma forma de escapar. Entretanto, em uma habitação cheia de prata seria difícil. Graças a Deus que Emma era humana. A prata não ia queimá-la. Tampouco ia impedir que usasse suas habilidades psíquicas.

Passou uma hora, mais ou menos e começou a ouvir movimento na cama de armar.

— Emma? — Conseguiu grasnar. Ela gemeu. Ele clareou a garganta.

— Emma? — Isso tinha saído melhor.

— Deus, dói-me a cabeça. — A cama rangeu. — Está bem?

— Não posso-me mover. Beladona.

— OH, que dor na bunda. — A cama de armar rangeu outra vez. — Merda, levaram o telefone.

Soaram passos em sua direção. Ela se ajoelhou a seu lado. Ele viu sua cara manchada com nódoas negra púrpura e negros.

— Filhos de...

Ela tocou a cara e fez uma careta.

— Bonito, né?

— Você sempre está formosa. Mas me sinto mal. Lutou por sua vida e eu não fui capaz de te ajudar.

— E eu me sinto mal por nos ter metido nesta confusão. — O olhou. — Levaram seu sporran. — O olhou, travessa. — Refiro a sua bolsa.

Ele grunhiu.

— Alguma ideia de onde estamos?

— Suponho que em algum lugar ao oeste da Rússia ou Ucrânia. Não posso teletransportar-nos nem enviar mensagens psíquicas através da prata.

— Prata? — Olhou ao redor. — Meu Deus, há por toda parte.

— Eu gostaria de poder te tocar — sussurrou. — Me dói ver-te assim, tão maltratada.

Ela baixou o olhar até seu rosto de novo. Com um sorriso, acariciou lhe a bochecha.

— Que ocorreu enquanto estive nocauteada?

— Matei ao Brouhard.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— OH. — Seus olhos se abriram. — Pícaro. Felicidades.  
— Ataquei ao Uri e ao Alek. Katya disparou sua zarabatana e deu no Uri.  
Emma sorriu e depois fez uma careta de dor.  
— Ouch. Suponho que Sua Real cadela conseguiu-te dar a ti com o tempo.  
— Aye.

Emma o olhou com preocupação.  
— Tenho a sensação de que há algo pessoal entre você e ela.  
Angus fechou os olhos brevemente.  
— Foi um engano. E foi faz muito tempo.  
— Ainda te odeia agora.  
— Também te odeia.

Emma sorriu.  
— Bom, matei a seis de seus homens.  
— É mais que isso. Ela... Suspeita que me és muito importante.

O sorriso da Emma se desvaneceu.

— Poderia estar equivocada.  
— Não. Sempre teve bons instintos.

Os olhos da Emma brilharam com lágrimas enquanto lhe tocava o rosto.

— Sinto-o muito. Nunca nos teria capturado se tivesse ficado quieta tal e como me pediu.  
— Mas eles estiveram matando cada noite até que chegamos. A confrontação era inevitável.

Ela se aproximou mais.

— Vou tirar-nos daqui. De algum jeito.  
— Vamos fazê-lo juntos.

Ela procurou seus olhos e ele pensou que seu coração ia romper se. Ela baixou o olhar até sua boca. Roçou-lhe os lábios com os seus e depois se sentou. Ele torceu sua boca em uma careta.

— Estou completamente indefeso. Está segura que você não gostaria de te aproveitar de mim?

Ela soltou um bufido.

— É um super macho.

Ela ficou de pé e jogou uma olhada pela habitação.

— OH, que asqueroso! — Sua voz lhe chegou do canto. - Nosso quarto de banho consta de uma tina de madeira, um balde de água e um urinol.

— Eu usei um urinol durante séculos. Logo te acostumarás.  
— Suponho — murmurou. — Realmente devemos ir daqui.  
— Fá-lo-emos.

Ele ouviu uma série de maldições e de ruídos indefinidos.

— Chamam a isto papel higiênico? Posso afiar minhas unhas com isto!

Finalmente anunciou que tinha terminado. Ouviu o chapinho da água enquanto ela se lavava as mãos. Passeou pela habitação.



— A próxima vez ficaremos no Hilton.

Algo caiu ao chão.

— O que foi isso? — Perguntou Angus.

— Dei a volta à cama de armar para seu lado.

Ela o agarrou por debaixo dos ombros e o arrastou. Ele tentou ajudá-la movendo as pernas, mas ainda eram um peso morto. Apoiou-o contra a cama, sentando-o.

— Aí. Isto não está melhor?

— Sim.

Agora podia ver melhor a habitação. Um biombo escondia o primitivo quarto de banho em uma esquina. Além da cama de armar, o único móvel era uma pequena mesa redonda e duas cadeiras. No mais alto da parede havia uma pequena janela.

O ferrolho da porta chiou. Emma agarrou uma cadeira e se esmagou contra o muro ao lado da porta. A porta se abriu. Ninguém entrou. A voz de uma mulher falando em russo soou através de um walkie-talkie.

— Ponha a cadeira no chão. — Ordenou a voz do Alek. — Sabemos o que está fazendo. Temos câmeras na habitação.

Emma baixou a cadeira e olhou ao redor. O vampiro russo chamado Buriem entrou e a apontou com uma metralhadora. Ela levantou as mãos. Alek entrou na habitação com uma bandeja nas mãos.

— Vimos que estavam acordados e pensamos que teria fome.

Pôs a bandeja sobre a mesa.

— É um bom servo — resmungou Angus.

— É claro que sim — conveio Emma com um doce sorriso. — Será bom e esvaziará o urinol por mim?

Alek os olhou a ambos.

— Estamos observando todos seus movimentos. E muito em breve, esperamos que seja muito entretido.

Rindo-se, saiu da habitação. Buriem o seguiu. A porta se fechou de repente fazendo que toda a prata brilhasse. O ferrolho se deslizou até seu lar. Emma trouxe de volta a cadeira à mesa.

— Que canalha! Depois de comer, vou procurar todas as câmaras e as romperei. — Colocou o dedo no prato e o provou. — Papa. Não está mau, Na realidade, e morro de fome.

Angus suspirou. Já não tinha sua cigareira. Seu coração se torceu. Pobre Emma. Katya tinha dado com a forma perfeita de torturá-los a ambos. Não era de estranhar que queria vê-lo.

— Eu não gosto de comer sozinha — disse com o cenho franzido. — Os imbecis não lhe trouxeram nada de comer.

Então seus olhos se encontraram e ela deixou cair a colher com estrépito sobre a mesa. Ao fim se deu conta da verdadeira natureza de seu encarceramento.

— Aye, — disse-lhe Angus. — Como eles se preocuparam, sim me deixaram uma fonte de alimento.



## Capítulo 20

Sean Whelan duvidou diante da casa do Roman Draganesti. Suspeitava que em seu interior mantinham prisioneira a Emma Wallace. Tinha-se sentido ligeiramente preocupado quando não se apresentou à reunião da quarta-feira. Poderia ser que chegasse tarde ou que se sentisse, mas não respondia nem ao telefone de sua casa nem ao móvel.

Os seguranças que estavam de serviço na entrada do edifício federal informaram que a noite anterior tinha saído cedo acompanhada de um homem da MacKay Security and Investigation, a mesma companhia que proporcionava o amparo ao Roman Draganesti e ao Jean—Luc Echarpe. Posto que ambos eram poderosos Mestres do Aquelarre, Sean pensou que o dono da companhia, Angus MacKay, também era um vampiro. De fato, suspeitava que Angus MacKay era o escocês recém-chegado que vivia na casa do Roman Draganesti.

Maldita seja. Sean soube que algo ia mal na noite anterior quando acreditou ter ouvido gritar a Emma. Estes homens eram vampiros desprezíveis. Primeiro sequestraram e seduziram a sua filha. Agora foram atrás da Emma.

A porta principal se abriu. Sean ficou rígido. O filho de puta do interior o tinha visto. No cinturão, a suas costas, tinha escondido seu revólver completamente carregado com balas de prata.

O vampiro chamado Connor estava na porta, vestindo seu usual kilt vermelho e verde.

— Tem alguma pergunta, Whelan, ou planeja ficar aí toda a noite nos fulminando com o olhar?

Sean se aproximou da base das escadas.

— Tenho uma pergunta, bastardo. Está retendo aí dentro a Emma Wallace contra sua vontade? — O escocês arqueou uma sobrancelha. — Por que se for assim, — continuou Sean — vou ter aqui em dez minutos a cinquenta agentes do FBI que porão este lugar patas acima.

— Sabemos que Emma Wallace desapareceu. — Um olhar de dor cruzou brevemente o rosto do Connor. — Tampouco encontramos a um dos nossos.

Sean franziu o cenho.

— Está-me dizendo que fugiram juntos?

Os olhos do Connor brilharam de fúria.

— Não. Foram sequestrados e estão em grave perigo. Estamos fazendo tudo o que podemos para encontrá-los.

Começou a fechar a porta.

— Espera! — Sean subiu um degrau. — Sabe quem os sequestrou?

Connor fez uma pausa e depois voltou a abrir a porta.

— Foram Katya Miniskaya e alguns de seus russos Malcontents.



— E por que querem a um va... Amigo?

Connor lhe dirigiu um olhar irritado.

— Se tivesse escutado a sua filha, saberia que estamos divididos em duas facções.

— Sim, claro — o interrompeu Sean. — Já o ouvi antes. Mas por que levaram a Emma?

Connor soltou um bufido.

— É incrível o pouco que sabe. Emma Wallace é a caçadora. No verão passado, matou pelo menos a quatro Malcontents. Não há dúvida que Katya está procurando vingança.

— Emma é uma caçadora? — Sean não podia acreditar. Por que o tinha mantido em segredo? Infernos lhe teria dado uma medalha.

Connor fez chiar os dentes.

— Ela é a causa deste problema. Angus estava tentando protegê-la. Agora Katya os tem aos dois.

— Angus MacKay?

— Aye. Ele a estava vigiando, tentando mantê-la a salvo.

— Que podemos nós fazermos? — Sean fez uma careta de dor quando se deu conta que tinha usado a palavra nós.

Connor o estudou e depois assentiu com a cabeça.

— Está bem. Não vejo que haja nenhum mal em intercambiar informação.

— Muito bem, — concedeu Sean facilmente, já que ele não tinha nada. — Você primeiro.

Connor o olhou suspeitando e depois cruzou os braços.

— Foram levados a Paris. O notificamos ao Aquelarre dali e encontraram o lugar onde Angus e Emma estiveram prisioneiros. Havia restos de uma grande briga. Vários cadáveres, tanto de vampiros como de humanos. Um russo chamado Uri foi capturado. Será interrogado assim que possa falar.

— E Emma?

— Encontraram sua bolsa, assim como o sporran e a adaga do Angus. Acreditam que os tenham teletransportado a algum outro lugar, possivelmente a Rússia já que Katya é dali. Estamos os procurando agora. — Connor inclinou a cabeça. — Que informação tem você?

Sean sorriu.

— Nenhuma. Mas obrigado por compartilhar a tua.

— Imbecil presumido — murmurou Connor. — Não estiveste vigiando ao Aquelarre Russo? Certamente ouvistes algo. Katya tem que ter estado planejando isto durante dias.

— Nossos microfones foram descobertos e destruídos faz uns dias por um polonês desagradável. Disse a Katya que Casimir estava zangada com ela por ter matado ao Ivan Petrovsky. Exigiu que apanhasse o caçador antes de sábado. — Sean piscou. — Merda, referia-se a Emma.

— Sabia mais do que acreditava, Whelan. Deve pôr os micros de novo. Alguém no Aquelarre russo poderia saber onde se esconde Katya.

— Não podemos entrar. Há muitos mafiosos russos vigiando o lugar durante o dia.

Connor inclinou a cabeça, pensativo.



— Eu sei uma maneira de entrar. Se lhe ajudarmos com os micros, compartilhará a informação que obtenha?

Sean duvidou. A ideia de aliar-se com os vampiros era repugnante. Connor o fulminou com o olhar.

— Somos os melhor preparados para encontrar à senhorita Wallace. Sacrificara-la por causa de seu ódio?

O vampiro estava com a razão, mas mesmo assim deixou um sabor amargo na boca de Sean.

— Vamos cooperar. Só por esta vez.

— Espera aqui. — Connor entrou na casa e saiu com um pedaço de papel, - este é meu número. Assim que tenham a caminhonete de vigilância em posição, me chame.

Quarenta minutos depois, Sean e Garret estavam em sua caminhonete branca estacionada na rua da casa dos vampiros russos no Brooklyn. Sean fez a chamada.

— Segue falando — ordenou Connor.

— O que? Olá? Está aí? — Sean olhou ao Garret. — Não responde.

Duas figuras apareceram na caminhonete.

— Merda! — Garret saltou para trás e caiu da cadeira. Connor soltou ao que tinha viajado com ele. Era um jovem afro que vestia uns jeans negros desgastados e quebrados e um suéter cinza com capuz.

— Este é Phineas McKinney — disse Connor. — Ele sabe o que tem que fazer. Correto, Phineas?

— Correto. — Phineas esfregou as palmas de suas mãos em seu jeans. — Espero poder ajudar a encontrar à senhorita Wallace e ao Angus. Sinto-me muito mal por tê-la fodido.

— Tê-la fodido? — Perguntou Sean.

— É uma longa história. Tem os micros? — Perguntou Connor.

— Sim. — Sean os entregou ao Phineas e lhe deu algumas instruções de última hora.

— Tenho-o. — Phineas guardou os micros no bolso do suéter e olhou ao Connor. — Não defraudarei, tio.

Connor sorriu ligeiramente.

— Sei, moço. Fá-lo bem.

Phineas saiu pela porta traseira da caminhonete e caminhou para a casa dos russos. Abriu a porta e entrou despreocupado no seu interior.

— Jesus. Louise. — Murmurou Garret. — Como pode entrar assim tão tranquilamente?

— Eles o transformaram faz uma semana — explicou Connor. — Pensam que vive aí.

— Mas agora trabalha para ti? — Perguntou Sean.

— Aye. É um bom menino. Não queria ir pelo mau caminho.

Sean soprou.

— Acreditas que os russos são os únicos maus por aqui?

Connor o olhou.

— No mundo humano há gente boa e gente má. Por que deveria ser diferente no mundo dos



vampiros?

Porque todos são maus. Sean trouxe suas palavras. Entretanto, pelo bem de sua filha esperava que seu marido não abusasse dela. E neste estranho caminho parecia que Phineas e Connor lhes importava a segurança de Angus MacKay. Haveria amizade e lealdade no mundo dos vampiros?

Permaneceram em silêncio na caminhonete enquanto esperavam. Em uns minutos a primeira tela de vigilância piscou e se acendeu.

— Estamos ao vivo — anunciou Garret. — Parece que é o escritório da Katya.

A segunda e terceira tela se acenderam com distintos pontos de vista do mesmo escritório.

— Provando, provando — murmurou Phineas com o rosto ante uma câmera. De repente se girou para a porta do escritório. — OH, Stan homem. Hey, o que acontece, irmão?

Um homem entrou no quadro das câmaras dois e três.

— O que está fazendo aqui? Onde estiveste? — Perguntou com acento russo.

Phineas se encolheu de ombros.

— Necessitava uns dias livres, tio. Um pouco de descanso e relax com minhas velhas damas. Já sabe como é. — Se ajustou as calças jeans. — Um homem tem necessidades que não se pode negar.

O russo soltou um bufido.

— Deveria as ter gasto aqui.

— She, tem razão, tio. A próxima vez o farei. Sei que a doce loira se chama Tina, oh, tio, é muito boa.

O russo vagou para o escritório

— O que está fazendo no escritório da Katya?

— Pensei que já tinha estado desaparecido dias suficientes e devo dizer à rainha cadela que já estou de volta. Mas não está aqui. Merda, não parece haver ninguém aqui. Onde estão todos?

O russo cruzou os braços com o cenho franzido.

— Saíram do país, mas não me convidaram.

— Bom, isso não presta. — Phineas o olhou indignado. — Em todos os casos tampouco me convidaram .

O russo suspirou.

— Acredito que foram se reunir com Galina. Ela se foi antes preparar tudo para sua visita.

— Quem é Galina? É boa?

O russo sorriu.

— Muito boa. Não a conhece? Ela é a mais formosa... OH, claro! Ela se foi antes que você viesse.

— Maldita seja. Espero que volte.

O russo assentiu com a cabeça.

— Eu também. Perguntei-lhe se podia ir com ela, mas levou o Buriem e o Miroslav.

— A esses dois imbecis? Tem um gosto péssimo. Onde crie que foram?

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



O russo se encolheu de ombros.

— Provavelmente a Ucrânia.

Phineas se pôs a rir.

— Nunca ouvi falar desse país. Bom, vou. Tenho algumas putas me esperando, já me entende. — Caminhava fora da vista.

— Pode-me trazer uma? — O russo o seguiu.

O escritório ficou vazio. Cinco minutos depois, Phineas saiu da casa e se aproximou pela calçada. Deu uns golpezinhos na porta traseira da caminhonete e entrou.

— Fizeste-o muito bem, moço. — Connor lhe deu uma palmada nas costas. Phineas se endireitou.

— Merda, she. Sempre que necessitar a um irmão encoberto, só me chame Dr. Phang.

— Dr. Phang? — Perguntou Sean. Garret riu.

— Concentraremos a nossa busca na Ucrânia. — Connor agarrou o braço do Phineas—.

Devemos ir.

— Espera! — Sean levantou uma mão. — Se se inteirar de algo, me fará saber isso?

Connor assentiu com a cabeça.

— Vamos fazer todo o possível para salvar a ambos. — Ele e Phineas desapareceram.

— Isto é tão estranho, — murmurou Garret. — Quero dizer que realmente parecem estar preocupados.

Vampiros preocupados? Perguntou-se Sean. Poderia Shanna ter razão? E o que passava com seu bebê? Supunha-se que ia nascer logo. Que classe de criatura seria?

Emma deixou de comer a sua aveia. Tinha perdido o apetite. Ficou de pé e observou a pequena habitação, mas evitou olhar para Angus.

— Vou tentar encontrar as câmaras.

Descobriu uma sobre a janela da parede oriental. Muito alta para alcançá-la, por isso empurrou a mesa até pô-la debaixo.

— Emma.

Aventurou-se a dar um rápido olhar a Angus.

— Sim?

— Está perfeitamente a salvo por agora. Ainda não me posso mover. Além disso, encontrei a cigarreira que me deixou, assim estou cheio.

*A salvo por agora.* Quanto tempo poderia manter sua atitude cavalheiresca antes que seus instintos primários para a sobrevivência viessem ao décimo? Atacá-la-ia como o tinham feito os que mataram a seus pais? Odiava a ideia de ser o jantar, mas não culpava Angus. Ele não podia evitá-lo. Era o que era.

— Vamos sair desta... De algum jeito. — Olhou à câmara. — Mas de verdade que não quero ter audiência.

Subiu à mesa e alargou a mão entre as cadeias de prata para chegar até a câmara.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Certamente que estas cadeias queimaram o vampiro que pôs isto aqui.

— O mais provável é que fossem humanos os que penduraram as cadeias e puseram as câmeras. Certamente os Malcontents tomaram o controle da aldeia próxima e estão utilizando aos humanos para alimentar-se e fazê-los trabalhar.

Emma girou sobre a mesa e examinou a brilhante habitação.

— Deve-lhes ter custado uma fortuna.

— É fácil roubar quando te podes teletransportar!

Emma lhe dirigiu um olhar irônico.

— E você sabe por...?

— Saber este tipo de coisas é um trabalho legítimo para minha empresa, — disse sorrindo.

— De acordo. — Ela se sentou e se deslizou sobre seus pés. — Com todos seus poderes, nunca se sentiu tentado a fazer algo mau.

O sorriso de Angus se desvaneceu quando seu olhar se fez mais intenso.

— Ultimamente estive tentado em grande medida.

As bochechas da Emma se avermelharam. Era hora de trocar de tema.

— Conheço um bom lugar para esta câmera.

Foi passeando até atrás do biombo e a deixou cair dentro do urinol. Caminhou ao longo da parede norte da cela procurando outra câmera.

— Que idade tinha quando o transformaram?

— Trinta e três.

Agarrou uma cadeia de prata e puxou dela com força. Manteve-se firme.

— E me disse que estava casado?

— Aye. Tentei voltar para casa depois que Roman me transformou, mas minha esposa não pôde-me aceitar. Tinha medo da criatura em que me tinha convertido.

Emma o olhou.

— Sinto-o muito.

— Sério? Acredito que você me rechaçou pela mesma razão.

Ela se girou para a parede fazendo uma careta. Hora de voltar a trocar de tema. Descobriu uma pequena câmera sobre a porta.

— Pôde ver crescer a seus filhos e a seus netos?

Arrastou uma cadeira até a porta.

— Estive pendente de minha descendência, tratando de protegê-los, mas não podia estar ali durante o dia. — Um olhar angustiado afligiu seu rosto. — Perdi a tantos em Culloden. E os que sobreviveram sofreram em grande medida pela opressão que se seguiu. Muitos emigraram para a América e lhes perdi a pista. — Fechou os olhos brevemente. — Não, a verdade é que estava cansado de vê-los sofrer. Não tive valor para seguir mantendo o contato.

— Sinto-o muito. Pelo menos ainda tem ao Robby.

— Aye. Ele herdará minha empresa e meu castelo se eu morrer.

— Não lhe vai passar nada. Vamos estar bem. — Subiu sobre a cadeira e arrancou a câmera



da parede. — Tem sorte de ter família.

— Você não tem a ninguém, Emma?

— A alguns primos no Texas, mas não os conheço. — Saltou da cadeira e foi para o primitivo quarto de banho. — Meu pai trabalhava para o North Sea Petroleum. — Deixou cair a segunda câmara no urinol. — Estava em Houston quando conheceu minha mãe. Meu irmão e eu nascemos ali, assim ambos tínhamos a dupla nacionalidade. — Lançou-lhe um olhar irônico enquanto saía da cortina. — Mas certamente que já soube tudo de mim quando olhou meu perfil do MI6.

Ele sorriu.

— Eu gosto de ouvir isso de ti. Quanto tempo viveram no Texas?

Esquadrinhou a parede oeste à medida que falava.

— Nos mudamos para Inglaterra quando eu tinha sete anos e meu irmão dez. Meu pai sempre gostou de trabalhar no estrangeiro e às vezes levava a mamãe com ele. Meu irmão e eu sempre ficávamos com a tia Effie na Escócia.

— E sua tia também tinha poderes psíquicos?

— Sim. Era a irmã de meu pai. Os dois os tinham. Ela foi a que me ensinou a me pôr em contato com meu pai quando estava longe. — Não havia câmeras na parede oeste. Emma se moveu por volta da parede norte. — Ela morreu faz quatro anos e me deixou sua casa de campo no Linlithgow.

— E seu irmão?

Emma suspirou.

— Morreu em um acidente de moto quando tinha dezesseis anos.

— E depois viu a morte de seus pais em sua mente.

Ela girou para olhá-lo.

— Está tentando-me levantar o ânimo? Porque está fazendo um péssimo trabalho.

— Sinto muito. Sei que ainda te dói. — Estendeu uma mão para ela. — Já não está sozinha.

— Podes-te mover? — Caminhou para ele.

— Tenho sensibilidade em meus braços, mas não em minhas pernas. — Lhe alcançou a mão e a puxou. — Tenho algumas coisas a te dizer.

Emma se sentou a seu lado.

— Sim?

— Vê se pode arrancar algumas cadeias da parede. Se sacares as suficientes poderei teletransportar-nos para fora daqui.

— Está bem. — Começou a levantar-se, mas ele voltou a puxá-la.

— Não posso enviar nenhuma mensagem psíquica através da prata, mas você sim pode. Entretanto não o faça de noite porque se os Malcontents escutarem, encontrarão uma maneira de pará-la. Terá que fazê-lo durante o dia, enquanto dormem.

— Mas os vampiros bons também estarão adormecidos. Quem vai ouvir durante o dia?

— Espero que possa chegar a Austin. Está em algum lugar da Europa do Este.

— Muito bem, tentá-lo-ei. — Ela tentou levantar-se, mas ele se aferrava a sua mão.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Uma coisa mais. A esposa de Austin era um vampiro também, mas Roman foi capaz de voltá-la humana outra vez.

Emma assentiu com a cabeça.

— Mencionou-o antes. Mas tenho entendido que não te interessa que realize esse procedimento em ti.

— Não, não funcionaria em mim. Roman só pode fazê-lo se tiver uma amostra do DNA humano original e o meu se perdeu faz muito tempo. Precisa-se uma amostra de sangue tomado antes da transformação.

Ela piscou.

— Acreditas que podem-me transformar?

— Acredito que devemos estar preparados para esta possibilidade. Se Casimir te transformar, espera poder escapar e depois vê o Roman para que possa-te trocar de novo.

— Não chegaremos até aí. Escaparemos antes que chegue Casimir.

Angus lhe apertou a mão.

— Emma, comprometi-me a te proteger, mas estamos superados em número. Casimir e seus seguidores são ferozes e eu não sou invencível.

— Não te acontecerá nada. Não o permitirei.

Ele sorriu com tristeza.

— Eu gosto de seu espírito indômito, lass, mas temos que estar preparados. Me deixe fazer isto, assim terei a tranquilidade de saber que poderá voltar a ser humana se chegar o caso.

Ela franziu o cenho.

— O que quer que faça?

— Precisamos uma pequena amostra de seu sangue e deve ocultá-la em ti, não em mim. Se me matarem, converter-me-ei em pó. — Lhe agarrou o braço e começou a lhe levantar a manga. — Temos que fazê-lo agora, enquanto ainda não estou faminto. Assim não perderei o controle.

— Vai morder-me?

— Prefere usar a colher que há na mesa? Aqui não temos nada que corte.

Ela inspirou profundamente.

— Bom, que demônios. Morda-me. — Apertou os dentes e girou a cabeça. Ele soltou um bufido.

— Emma, comprometi-me a não te fazer dano. Sou um homem de palavra.

Ela se girou para ele.

— Então, como...?

— Confia em mim.

Ele levou seu braço até sua boca e lambeu a parte inferior de seu antebraço. Seu braço se estremeceu. Gratamente. Muito gratamente.

— Como...?

— Não é necessário machucar, lass. Só os vampiros malvados fazem que seja doloroso



porque desfrutaram mais provocando dor que dando prazer.

Lambeu-a de novo. O formigamento cresceu e subiu por seu braço.

— Wow — suspirou ela. — Perverso.

*Deixe-me entrar.*

Falou-lhe com sua mente. Ela relaxou sua barreira.

*Por quê?*

*Para aumentar o prazer. Para ambos.*

Ele a lambeu de novo. Todo seu corpo se estremeceu. Ele pôs a boca sobre seu braço e se amamentou. Ela sentiu que o sangue corria por seu corpo atraído através de seu braço até seus lábios. Arrepiou-lhe a pele dos braços e as pernas. Os dedos de seus pés se frisaram. Suas mãos se fecharam em punhos.

Cada vez que ele sugava, o desejo dentro dela se fazia mais forte e mais profundo. Primeiro se apoderou de seu peito e depois de seu estômago até instalar-se entre suas pernas. Ele gemeu.

*Sente-se tão bem.*

Algo a cravou e penetrou em seu braço. Sobressaltou-se quando uma sensação de palpitação se refletiu entre suas pernas

Ele levantou a cabeça. O sangue brotava de duas pequenas feridas. Agarrou o lençol da cama. Duas gotitas de sangue corriam pelo braço dela para o pulso. Secou-as com uma esquina do lençol.

*Aye. Isto deveria ser suficiente.*

— Ainda estou sangrando. — Mais sangue brotava pelas feridas. Por estranho que parecesse, não lhe tinha feito mal. Sua pele se tornou tão sensível que o regueiro de sangue se sentia como comichão acariciadora de um amante.

*Posso pará-lo.*

Ele pôs sua boca sobre as feridas e chupou.

— Ah! — Emma apertou suas coxas. Sentia-se como se ele estivesse entre suas pernas. Com cada sucção, sentia como crescia a tensão ali.

*Sabe tão bem. Sabia que seria assim.*

A língua formou redemoinhos em torno das feridas e o corpo dela se sacudiu com espasmos. Desabou-se deixando cair a cabeça sobre as coxas dele. Angus lhe soltou o braço e rasgou a esquina do lençol.

— Aqui.

Guardou-lhe o tecido manchado de sangue no bolso das calças. Ela lutou por recuperar o fôlego.

— Que demônios foi isso?

Olhou-o e se encontrou com seus brilhantes olhos vermelhos. Ele arqueou a boca e mostrou a ponta de uma de suas presas.

— Também foi bom para ti?

Ela sorriu.



— Cuidado, menino grande. Por aqui não temos nenhuma tinturaria.

## Capítulo 21

Quando Emma despertou já era de dia. Jazeu na cama durante um momento perguntando-se como tinha chegado até ali. Sua última lembrança era que estava estendida no chão com sua cabeça nos joelhos de Angus enquanto lhe acariciava o cabelo e a entretinha com histórias de seu passado. Falaram até às primeiras horas da manhã e ela deve ter adormecido. Ele tinha colocado bem a cama e a tinha deitado ali.

Sentou-se e se estirou desprezando-se. A luz do sol se derramava através da pequena janela que havia no muro oriental que deixava um retângulo luminoso na parede oposta. Levantou-se de um salto, preocupada de repente porque havia muito sol na habitação. Descobriu Angus estendido no chão de pedra debaixo da mesa.

— Angus.

Correu para ele e se agachou sob a mesa. Seu rosto estava sem vida, seu corpo em calma. Tocou-lhe a bochecha e a surpreendeu quão quente estava. Muito sol? Os malditos vampiros deveriam-lhe ter dado um ataúde. Mas é óbvio, não lhes importava se ardia. Katya queria que sofresse.

Correu para o primitivo quarto de banho. As câmeras estavam de barriga para baixo dentro do urinol e a urina era avermelhada, tinta de sangue. Era do Angus? Fez uma careta. Isto era mais do que queria saber sobre o mundo dos vampiros. Na tina de madeira havia água. Deve ter-se lavado antes de cair em seu sono mortal.

Ao utilizar o urinol, deixou-o quase cheio. Esperava que alguém viesse a esvaziá-lo. E que assim lhe desse uma boa oportunidade para escapar.

Moveu o biombo até a mesa, envolvendo-a ao redor para dar ao Angus mais amparo contra o sol. Agarrou o travesseiro da cama e a colocou debaixo da cabeça; não é que sentisse a diferença, mas parecia estar mais cômodo assim.

Começou a emitir telepaticamente.

*Austin pode-me ouvir? Sou Emma. Necessitamos sua ajuda.*

Repetiu a mensagem uma e outra vez enquanto examinava metodicamente cada parede provando a força de cada cadeia de prata. De vez em quando se encontrava com uma que podia romper, mas nunca todo um grupo junto. Duvidava que Angus pudesse teletransportar-se por um muro de seis polegadas.

Acreditou que era ao redor do meio-dia quando ouviu o ruído do ferrolho. Agarrou uma cadeira e se esmagou contra a parede ao lado da porta. Pouco a pouco se abriu. Esperou que alguém entrasse para poder lhe dar uma surra. Alguém arrastou com uma enxada uma bandeja de comida pelo chão dentro da habitação. A porta começou a fechar-se.

— Espera! — Emma deixou cair a cadeira e saltou diante da porta. — Preciso falar contigo.



Terá que esvaziar o urinol.

Havia uma mulher na parte inferior dos degraus, sustentando a enxada. Um homem a seu lado a apontou com uma escopeta de caça. Emma levantou as mãos.

— Pagaremos-lhes se nos deixarem escapar. — Fez um gesto para o Angus com a cabeça. — Ele é um homem muito rico.

O homem e a mulher a olharam sem compreender. Emma traduziu em russo, mas seguiram sem entendê-la. Precaveu-se das feridas agudas que tinham no pescoço. Os Malcontents os tinham bem controlados. Lançou lhes um assalto psíquico com a esperança de romper o controle dos vampiros. O homem e a mulher ofegaram e fecharam rapidamente a porta.

— Esperem! — Gritou Emma. Escutou seus passos subindo as escadas. — O que passa com o urinol? Merda.

Agarrou a bandeja e se instalou na cama de armar. Presunto frio, batatas fritas e uma jarra de água. Seu olhar vagou até a mesa. Podia ver as pernas de Angus se sobressaindo mais à frente do biombo. Quão faminto ia estar quando despertasse? Redobrou seus esforços para ficar em contato com Austin e seguiu tratando de encontrar um ponto débil nas paredes. Após algumas horas de sono usou o balde de água fria para tomar um banho rápido, em seguida continuou trabalhando. Ao fim da tarde recebeu enfim uma resposta.

*Emma ouço-te!*

*Austin. Correu para a janela como se esperasse vê-lo ali. Onde está?*

*Em Budapest, Hungria. Soube que Angus e você foram capturados. Alguma ideia de onde estão?*

*Acreditamos que na Ucrânia. Emma suspirou. Mas não estamos seguros.*

*Pode descrever o lugar?*

Ela recitou toda a informação que Angus lhe tinha dado. Um campo, colinas arborizadas, uma velha casa de pedra, um celeiro de madeira podre. Houve uma pausa.

*Austin?*

*Estou aqui. Darcy e eu vamos começar a nos dirigir nessa direção para a fronteira com a Ucrânia. Mantém o contato assim saberei se nos estamos aproximando.*

Uma hora mais tarde, Austin estava seguro que se estavam aproximando.

Soou o ferrolho e a porta se abriu. Entraram dois homens armados com rifles de caça. Emma levantou as mãos. A mulher que tinha visto antes entrou com um balde de água. Levou-o a zona do banho e agarrou o urinol.

— Graças a Deus — murmurou Emma. Não podia saber se a mulher deu conta das câmaras que havia em seu interior. Provou seu russo com os dois homens. — Os vampiros os estão controlando. — Ficaram olhando inexpressivos. — Katya é má! — Gritou-lhes.

Um dos guardas lhe sorriu com os olhos frágeis.

— Katya...

— Galina... — Sussurrou o outro, sorrindo.

— Cães escravos — murmurou Emma olhando as espetadas em seus pescoços.



Uma adolescente entrou com uma bandeja de comida que deixou sobre a cama. Emma franziu o cenho vendo quantas feridas a garota tinha no pescoço. Os malditos vampiros tinham deixado sozinhos aos meninos. A mulher retornou com um urinol limpo e ela e a menina arrastaram a banheira cheia de água para a porta.

— Eles gostariam de umas férias grátis no complexo turístico que mais gostasse? Estou falando de um hotel de primeira classe com um banho real. Já sabem, com água corrente? E toalhas? — Como resposta, Emma recebeu olhadas em branco.

As mulheres levaram a banheira pelas escadas e retornaram com ela vazia e a voltaram a pôr no quarto de banho.

— Dão-se conta que os vampiros os estão utilizando? — Perguntou Emma. Olhou aos homens. — E ficam aí parados e deixam que as mulheres façam todo o trabalho.

A adolescente recuperou a bandeja do almoço da Emma e todos eles saíram em fila da habitação. Fecharam a porta e correram o ferrolho.

— Um prazer falar com vocês! — Gritou Emma. Sentou-se na cama com um suspiro e comeu seu jantar. A sala se obscureceu.

*Pressa, Austin! Está anoitecendo.*

*Isso é bom, respondeu-lhe. Assim poderei contatar com nossos colegas vampiros e teremos a mais gente lhes procurando.*

*Angus me disse que não falasse contigo depois do entardecer ou nossos sequestradores poderiam-me ouvir.*

*Entendo. Quase estamos na fronteira. Ouço-te muito mais perto. Vemo-nos logo.*

— Isso espero — sussurrou Emma quando a última luz do sol desapareceu e a solitária lâmpada do teto se acendeu.

Um movimento brusco chamou sua atenção. As pernas do Angus se moveram. Ouviu um profundo fôlego atrás do biombo. Ela tragou saliva. Seu vampírico companheiro de habitação estava acordado.

Com sua primeira respiração, a fome se apoderou em grande medida de Angus. Sempre estava faminto ao despertar, mas isto era pior que de costume. Estava habituado a tomar ao menos três garrafas de sangue sintético cada noite, mas a anterior, o conteúdo de sua cigarreira e a pequena quantidade que tinha tirado a Emma somavam menos da metade de seu consumo habitual. Podia ter tomado mais da Emma e esteve tentado de fazê-lo, mas a queria alerta e forte durante o dia para que pudesse tentar escapar.

Ela ainda estava aqui; podia cheirá-la. O sangue corria por suas veias, chamando-o, lhe oferecendo o dom da vida. Seus sentidos recordaram o doce sabor que tinha. Sentiu dor em suas gengivas quando se cravou as presas para liberar tensão. A primária necessidade se estrelou contra seu estômago e o cérebro lhe gritava que tomasse. Seu corpo se estremeceu. Com um gemido, rodou até ficar em posição fetal. Não, não! Não ia converter se em um monstro furioso.

— Angus, está bem?



— Não te aproxime. — Felizmente o biombo que tinha colocado ao redor da mesa o mantinha oculto. Não queria que ela o visse tão débil. E ele não queria vê-la. Um só olhar e...

Gritou quando suas presas cresceram de repente. Mau raio o partisse. Estava perdendo a batalha. Uma cãibra se apoderou de seu estômago. Tinha que morder. Algo. Algo. Empurrou a manga de seu pulôver de ponto e afundou as presas em seu braço. Teve uma sacudida de dor e sentiu alívio imediato. Chamou o sangue até sua boca e a fome diminuiu um pouco. O suficiente para poder ver e pensar com clareza.

Podia ver entre o espaço do chão e o bordo inferior do biombo. Podia ver os pés da Emma enquanto ela passeava pela habitação. Seu aroma flutuava para ele, doce e fresco. Canibalizar-se a si mesmo compraria um pouco de tempo, mas também o debilitaria. Poderia sobreviver a esta noite, mas e amanhã? Seus instintos primários tomariam o controle e se converteria em algo tão malvado como um Malcontent. Rasgaria a Emma com a ferocidade de um monstro. Sua fome seria tão grande que o mais provável é que a matasse.

Contendo sua fome, foi capaz de retrain suas presas. Sentou-se com um gemido. Sua cabeça roçou a parte inferior da mesa.

— Angus. — Os passos da Emma se detiveram diante do biombo. — Está bem?

Ela cheirava muito bem.

— Não te aproximes. Fica no outro lado da habitação.

— Sei que está sofrendo. Talvez poderia-te dar um pouco... Como ontem?

— Não. Não seria capaz de me deter. E não quero que esteja débil.

O mais provável era que ela tivesse que lutar por sua vida nos próximos dias. A melhor oportunidade que podia-lhe dar era mantê-la forte. Ela retrocedeu.

— Tenho boas notícias. Pus-me em contato com Austin. Darcy e ele estavam na Hungria e já estão de caminho a Ucrânia. Ele disse que me sentia cada vez mais perto.

— Isso é bom. — E agora que era de noite, haveria vampiros bons buscando-os. Avançariam muito mais rápido que os humanos. Entretanto, Ucrânia era um país grande. Tirou o pulôver pela cabeça, assim seus braços estariam nus e lhe seria mais fácil morder-se. A fome seguia-lhe roendo o estômago e nublando sua mente. Ia ser uma longa noite.

Ontem à noite, depois que Emma adormeceu, tinha arrancado uma tábua de madeira de uma cadeira e tinha pegado a colher de sobre a mesa. Passou o resto da noite raspando a ponta da madeira com a colher e a tinha tido escondida debaixo de seu kilt enquanto dormia. Ainda estava no chão debaixo da mesa. Examinou a parte de madeira. Tinha conseguido estreitar um dos extremos, mas não estava o suficientemente afiada para ser uma estaca. Agarrou a colher e voltou para seu trabalho, raspando e esculpindo.

— O que está fazendo? — Perguntou Emma através da habitação.

— Te fabricando uma arma.

— Como?

Ele não respondeu. Necessitou toda sua energia para manter o controle sobre sua fome e seguir esculpindo. Ao fim de um momento, ela voltou a falar.



— Tentei tirar a prata das paredes, mas não pude encontrar uma abertura o suficientemente grande para teletransportar-nos através dela. Sinto muito.

Ele fez um ruído de reconhecimento. De todas as maneiras, tampouco tinha energia suficiente para teletransportar-se. Sua única esperança era que os vampiros os encontrassem antes do amanhecer.

Deu-se conta que era sexta-feira de noite. Shanna ia ter a seu bebê. E fazia exatamente uma semana que tinha conhecido Emma. Parecia que tinha passado toda uma vida. Seguiu esculpindo. A madeira pouco a pouco tomou a forma de uma estaca. Quando a fome o superava, afundava as presas em seu braço. Em algum momento depois da meia-noite, ouviu o rangido da cama.

— Deveria dormir. Precisa estar acordada durante o dia para poder contatar com Austin.

— Sei. — Bocejou. — Tinha a esperança que os meninos bons aparecessem. Crê que Katya já encontrou o Casimir?

— Não sei. Estou seguro que o está tentando, mas não posso escutar através da prata.

Pouco depois ouviu sua suave e uniforme respiração e soube que dormia. O pulso dela se desacelerou a um ritmo constante e hipnótico. Arrastou-se por debaixo da mesa e a observou. Era formosa, tão valente e pura de coração. Devolveu-lhe o travesseiro, lhe levantando a cabeça cuidando e deslizando-o por debaixo. Sua mão ficou no pescoço. Seu pulso o chamou e ele se afastou.

Despiu-se e se meteu na tina de madeira. Utilizou a metade da água do balde. A mescla da água fria e o ar fresco da noite foi suficiente incômodo para tirar da cabeça a fome e a dor. Por um pequeno momento.

Voltou a colocar o kilt e a camiseta e devolveu o biombo à zona de banho. A luz cegadora da lâmpada do teto o incomodava, parecia que fazia que lhe doesse mais a cabeça, assim pôs uma cadeira debaixo da lâmpada, subiu nela e lhe deu um rápido giro. A luz se apagou e a habitação ficou em uma doce escuridão. Voltou a pôr a cadeira ao lado da mesa e se sentou a esperar. A estaca estava terminada sobre a mesa frente a ele. Emma estava na cama como se fora uma festa gastronômica preparada para ser desfrutada. Faltavam poucas horas para o amanhecer. Sua única esperança era que seus amigos chegassem logo.

Emma tinha adormecido com o som suave e rítmico do metal raspando a madeira. Quando outro som similar interrompeu seu sonho, ignorou-o e se aconchegou mais debaixo da manta. Girou a cabeça e deu vagamente conta que seu travesseiro estava de volta. Angus se preocupava com ela enquanto dormia.

O som se repetiu. Pobre menino. Seguia fazendo estacas. Tinha que ser quase o amanhecer. Podia ouvir os pássaros piando fora e a sensação de calma e quietude antes que o dia começasse. Deveria-lhe desejar as boas noites antes que Angus entrasse em seu sonho de morte. Abriu os olhos e observou a clara luz cinzenta ao redor da janela. Angus estaria sentado debaixo da mesa. Olhou para ali.

Não estava ali. Tampouco o biombo. Tinham o tornado a pôr na esquina do quarto de



banho. Onde estava Angus? Sentou-se e ouviu um rangido detrás dela. Voltou-se e ofegou.

Angus tinha empurrado a mesa contra a parede ocidental e subiu-a. Emma olhou para a janela e ficou de pé de um salto. Quando o sol saísse, cairia sobre ele diretamente através da janela.

— O que está fazendo? — Ela correu para ele. O parvo tentava matar-se? Deteve-se quando a verdade se estrelou contra ela. Era isso.

Ele a olhou com tristeza.

— Não quero que veja isto.

— Não posso acreditar que esteja fazendo isto. Baixa antes que arda.

— Jurei-te proteger, Emma. E a pior ameaça para ti agora vem de mim mesmo.

— Babaquices! — Puxou seu kilt. — Que vergonha! Nunca pensei que te renderia tão facilmente.

— Acreditas que faço isto de ânimo leve? — Seus olhos ardiam de fúria. — Olhe! — Mostrou-lhe seus braços. Ela ficou sem fôlego ao ver tantas feridas. Ele se inclinou para ter mais contato visual.

— Isto poderia ter sido você.

As lágrimas lhe nublaram a vista. Quanto tinha padecido para evitar mordê-la?

— Sinto muito.

— Não entende o terrível poder desta fome. — Se endireitou. — Inclusive agora que posso-me controlar para não rasgar sua garganta.

Ela deu um coice.

— Já sei que é duro, mas não podemos renunciar. Dentro de pouco cairá dormido e não te incomodarei mais.

Ele olhou pela janela e apertou a mandíbula.

— Esta é a menor maneira.

Homem teimoso! Estava começando a chateá-la.

— Deixa de ser um maldito herói e baixa daí! — Agarrou-lhe a perna e puxou dela. Ele tropeçou e se surpreendeu a si mesmo pondo uma mão na parede atrás de si. Um terrível assobio soou enquanto a prata queimava sua carne. Apartou a mão fazendo uma careta.

— OH, Deus! Sinto-o. — Emma tentou ajudá-lo a estabilizar-se. — Por favor, baixa.

— Esta é a melhor maneira. Deixe-me ir.

— Não! Nego-me a te perder. — As lágrimas ameaçavam transbordando. — Perdi a todo mundo. Não vou-te perder.

Os olhos de Angus brilharam com a umidade.

— Ao acordar no crepúsculo, atacar-te-ei. Prefiro morrer antes que ocasionar sua morte.

— Isso não vai acontecer! — Agarrou o kilt em seu punho. — Quando sair o sol contatarei com Austin. O vou trazer aqui. Nos resgatarão. Vamos estar bem, Angus. Por favor.

Ele fechou os olhos. Ela era testemunha da luta interior que estava suportando, em seu cenho franzido e seus dentes apertados. Ele se cambaleou sobre seus pés. Ela olhou para a janela



e viu a tintura rosada do amanhecer no céu. O sol estava no horizonte. Logo voltaria a brilhar através da janela e aterrissaria sobre Angus.

— Não me deixe. — Uma lágrima escorregou por sua bochecha. Ele abriu os olhos.

— Reza para que não esteja equivocada.

— Não o estou. Austin nos encontrará hoje. Juro-te que o fará.

Angus se agachou e baixou com cuidado da mesa. Suas pernas cederam e se desabou no chão.

— O sono mortal — sussurrou. Ela se inclinou sobre ele.

— Tudo está bem. Mover-te-ei até um lugar mais seguro.

— Não há muito tempo. — Fez um gesto para a mesa. — A estaca.

Ela encontrou a estaca. Era tosca, mas funcionaria. Inclusive cheio de dor, Angus tinha conseguido lhe dar uma forma de proteger-se.

— Vai ser uma honra para eu utilizar isto nos Malcontents. Obrigado.

— Se Austin não... Chega a tempo... Usa-a em mim.

A estaca caiu de sua mão e seu coração se congelou.

— Não.

— Se acordar, a fome me controlará. Deverá me parar.

— Não! — Ela se escapuliu para trás. As lágrimas brilharam nos olhos verdes de Angus.

— Jurei que nunca te faria mal.

— Já me está fazendo mal! Não posso fazê-lo. Preocupo-me muito por ti.

Uma lágrima escorregou por sua bochecha tingida de sangue.

— Se te importar, não permita que te faça mal. Nunca poderia viver comigo mesmo com isso.

Ela se aproximou e lhe limpou a lágrima da bochecha. Ele sorriu ligeiramente.

— Queria-me matar faz uns dias.

Ela suspirou e secou uma lágrima de sua cara.

— Nunca mais.

— Vou cair em meu sono mortal — sussurrou. — Não sentirei... Nada. — Seus olhos se fecharam.

— Angus. — Se inclinou para ele e lhe pôs as mãos nas bochechas. Não respirava. Foi-se. Seu coração estava constrangido pela dor. Não podia suportar a ideia de perdê-lo. - Te quero.

Ela apoiou a cabeça no peito dele e deixou que as lágrimas fluíssem. Como poderia fazer mal a Angus? Em só uma semana lhe tinha ensinado tanto. Que os homens bons e honoráveis como ele se mantinham assim ainda depois da morte. Que tinha vivido muito tempo com apenas ódio e vingança em seu coração. Que o amor era uma causa muito mais nobre pela que viver. Que o amor não seguia uma agenda egoísta, mas sim estava disposto a fazer sacrifícios por outras pessoas. Que estranho que um não morto lhe tivesse mostrado como viver!

O sol entrava pela janela e se apressou a levar Angus para a parte mais escura da habitação. Depois pôs o biombo a seu redor.



Começou a chamar telepaticamente a Austin. Não obteve resposta. Ficou extenuada. Os cães humanos escravizados lhe levaram o café da manhã. Tentou comunicar-se com eles, mas se negaram a responder.

Ao meio dia, estava desesperada.

*Emma, estou aqui,* chamou-a Austin.

*Graças a Deus! Onde estiveste?*

*Dormindo, sinto muito. Estivemos-te buscando até o amanhecer. Pensamos que durante o dia estaria a salvo assim que nos pusemos a dormir um momento.*

*É necessário que nos encontrem esta noite.* Emma olhou a estaca que estava no chão, ali onde a tinha deixado. Nem sequer queria pensar nisso.

*Estabelecemos o quartel geral em Kiev,* explicou Austin. *Ontem de noite éramos dez. Dispersamo-nos em um círculo e comprovamos um rádio de duzentos quilômetros. Durante o dia só estamos Darcy e eu, mas tenho um plano que pode nos ajudar a reduzir o parâmetro de busca.*

*Soa bem.* Emma passeava pela cela. *O que posso fazer?*

*Simplesmente te manter em contato comigo. Começaremos a viajar em uma direção. Com o tempo serei capaz de dizer se estivermos mais perto ou mais longe. Se estou ficando frio, darei a volta em outra direção e veremos se funciona.*

O resto da tarde passou enquanto jogavam a um “frio—quente” psíquico. Austin descobriu que a direção sul era errônea e girou para o oeste. Essa direção funcionava.

*Deve estar perto dos Cárpatos,* observou Austin. *Há quatro caminhos que cruzam as montanhas. Começarei pelo do sul.*

Na hora do jantar Austin determinou que estavam no caminho equivocado. Tiveram que dar marcha atrás para chegar ao seguinte.

*Pressa!* Emma olhava nervosa a janela enquanto Austin tentava o seguinte caminho. O sol estava descendo no céu.

*Acredito que é este!* Austin soava alegre. *Assim que os vampiros despertem vou chamá-los aqui e poderão dispersar-se e os encontrar.*

Emma olhou o biombo onde estava escondido o corpo do Angus.

*Será muito tarde. Preciso-te agora.*

Houve uma pausa.

*Emma, trataremos de fazer todo o possível, mas não posso-te prometer nada.*

*Entendo-o.*

Quando a luz do sol se foi atenuando, Emma se deu conta que a lâmpada não funcionava. A habitação estaria às escuras quando Angus despertasse. Caminhou até atrás do biombo e se agachou ao seu lado. Parecia tão pacífico e inofensivo. Tocou-lhe a bochecha.

— Sei que não quer viver com a culpa de me haver feito mal. — Respirou profundamente e tremeu. — Mas não posso fazê-lo. Não posso-te matar. — As lágrimas brotaram de seus olhos. — Incluso se isso significar minha morte.



## Capítulo 22

Tomada sua decisão, Emma se preparou. Ficou de pé na tina, ensaboou-se e se lavou com a água fria do balde. Lavou a roupa interior e a pendurou no biombo para que se secasse. Então agarrou o magro colchão da cama e o levou para trás do biombo. Colocou-se ao lado de Angus.

Vestida somente com sua camiseta se sentou no colchão e esperou a que os raios de sol se desvanecessem. Passou os dedos por seu úmido cabelo para desenredá-lo. A habitação se obscureceu. Uma tranquila quietude encheu o ar. Imaginou o sol no horizonte, afundando-se mais e mais, e seu espírito se afundou com ele. Estava cometendo um terrível engano? O que aconteceria se Angus perdia completamente o controle e a atacava como o monstro que tinha atacado a sua mãe?

Uma onda de pânico se apoderou dela. Correu a procurar a estaca, retornou ao colchão e a deixou no chão a seu alcance. Só se por acaso acabava brigando com uma criatura sem mente que tivesse a intenção de matá-la.

É óbvio que não seria assim. Sem dúvida Angus seria o mais delicado possível.

Ela deu um salto quando o corpo dele se sacudiu. Seu peito se expandiu com uma profunda respiração. Pôs a mão sobre o coração e sentiu as fortes palpitações através do magro algodão da camiseta. Que surpreendente era que seu coração pudesse saltar de repente à vida com pôr do sol.

Ele a agarrou pelo pulso fechando o punho a seu redor. Ela se estremeceu. Ele tinha-se movido tão rápido. Logo que tinha detectado um movimento impreciso antes que se apoderasse dela. Abriu os olhos e suas verdes íris brilhavam centrando-se nela com o olhar de um depredador.

— Angus? — Acaso ele sabia sequer o que era ela?

Empurrou-a para baixo. Um grunhido retumbou profundamente em sua garganta enquanto se inclinava sobre ela.

— Angus!

Ele piscou. O feroz olhar de seu rosto se dissolveu em uma expressão de terror.

— Emma.

Soltou-a e se sentou. Seu corpo se estremeceu com um grande tremor. Gritou quando suas presas emergiram. OH, Deus, pareciam tão afiados. Emma fechou os olhos, apertando-os. Ele gritou de novo, um som tão cheio de dor que Emma soube que estava tão aterrorizado como ela. Abriu os olhos e se aproximou dele.

— Não!

Rodou sobre seu flanco ficando de costas para ela e afundou os dentes em seu próprio braço. Seu corpo se estremeceu.

Ela envolveu seus braços ao redor dele e o abraçou pelas costas. Pouco a pouco deixou de tremer.

— Eu... Tenho medo de te matar, — sussurrou-lhe. Ela recostou sua bochecha entre as



omoplatas dele.

— Odeio ver como se mutila a si mesmo.

— Melhor eu que você. — Se girou para olhá-la. Suas presas se retrataram. — Só consegui um pouco de tempo. Estou muito faminto.

A necessidade em seus olhos era tanta que não podia renegar dela.

— Tudo estará bem. — Lhe acariciou a bochecha. — Amo-te, Angus MacKay.

Uma expressão de assombro cruzou seu rosto e depois franziu o cenho.

— Como pode? Quase te ataquei como se fora um monstro.

— Mas não o fez. Inclusive com a agonia da dor e da fome, protege-me. É o homem mais formoso que jamais conheci.

— Emma. — Se apoiou em um cotovelo e deslizou a mão por seu rosto olhando-a aos olhos.

— Eu também te amo. Muito. — Seu braço tremeu e se desabou sobre suas costas. — Maldição. Estou tão débil.

Emma sorriu. Ele poderia sentir-se débil, mas sua declaração de amor a encheu de uma sensação de poder e alegria. Sentou-se e lhe lançou um olhar sedutor.

— Acredito que tenho justo o que necessita. — Apartou o cabelo para trás para expor seu pescoço. Ele desviou seu olhar para sua garganta.

— Cheira muito bem.

— Estou bem. — Desabotoou a blusa. — Sou tudo o que precisa. — Abriu a blusa até revelar seus peitos. Ele baixou seu olhar.

— OH, aye, — sussurrou.

Tirou a camisa e a deixou cair. Caiu sobre a estaca. Voltou a olhá-lo. Ele a estava observando com seus brilhantes olhos vermelhos. Moveu-se de repente, empurrando-a sobre o colchão e apoiando-se sobre ela. Ela sorriu ante a incrível recuperação de energia. Poderia estar débil, mas definitivamente estava motivado. Os lábios percorreram seu pescoço e lhe sussurrou ao ouvido.

— Quero-te, Emma. Quero-te provar. Quero estar dentro de ti.

— Sim. — Passou as mãos por suas costas e agarrou o bordo inferior de sua camiseta. Puxou para cima. — Quero sentir sua pele contra a minha.

Ele tirou a camiseta pela cabeça.

— Me dê um minuto.

Sentou-se a seu lado para tirar os sapatos e as meias. Então, finalmente, tirou o kilt. A habitação estava às escuras, mas sua pele era o suficientemente pálida para permitir a Emma uma boa olhada. Seu coração gaguejou. Um homem formoso. Musculoso, magro e grácil.

Deitou-se a seu lado e a tomou em seus braços. Ela se estremeceu ante a sensação de seus peitos nus roçando sua pele. Passou a língua pelo pescoço.

*Quero-te, Emma.*

Voltou a lambê-la. A artéria debaixo de sua pele começou a palpitar.

— Angus. — Lhe massageou as costas nuas com seus dedos. Sua pele era suave. Adorava a forma em que estavam agrupados seus músculos. Fez-lhe cócegas no pescoço com sua língua e o



formigamento se derramou por seus braços e o torso.

*Tenho tanta fome...* Sua mente parecia se desesperar. Com sua conexão mental ela podia sentir sua luta desesperada por manter o controle.

*Toma o que necessite.* Ela girou a cabeça para expor melhor seu pescoço. *Confio em ti.*

O corpo de Angus se estremeceu. Afogou um grito contra o ombro de Emma. Ela deu um coice quando sentiu o roce de uma presa. Ele formou redemoinhos com a língua ao redor da zona sensível de seu pescoço. O formigamento resplandecia por todo seu corpo em uma onda erótica. Seus mamilos se endureceram. Seu núcleo feminino doía com o vazio e pedia para ser preenchida.

*Me ame, Angus.* Enredou seus dedos em seu comprido cabelo. Tomou um peito e com o polegar brincou com o mamilo. Ela sentiu uma leve espetada no pescoço ao mesmo tempo em que ele puxava brandamente o mamilo.

— Ah! — Ela se sacudiu. Meu Deus. Suas presas estavam em seu interior e se sentiam estranhamente eróticas, como se ele estivesse explorando entre suas pernas. Sentia a umidade encharcando-se ali abaixo e o sangue quente acumulando-se em seu pescoço. Cada vez que ele chupava dela, o sangue corria por seu corpo em um batimento do coração comprido e delicioso. Necessitava-o dentro dela.

*Necessito-te.* Cravou-lhe os dedos nas costas.

Ele deslizou uma mão por seus cachos e lhe embalou a virilha.

*Está tão úmida.* Introduziu um dedo. *E tão quente.*

Os músculos internos lhe apertaram o dedo.

*Eu... Necessito...*

*Fica comigo.* Introduziu dois dedos nela e encontrou o clitóris com o polegar. Cada vez que chupava de seu pescoço, penetrava-a com seus dedos e a acariciava com o polegar. Seguiu alimentando-se e acariciando-a. Ela se retorcia de prazer. Gritou quando o clímax a golpeou. Disparou através dela, e uma série de deliciosas pulsações a aliviaram.

Sentia-se satisfeita e drenada. Não estava segura da quantidade de sangue que ele tinha tomado e não lhe importava. Sentia-se tão condenadamente bem flutuando em muitas doces réplicas. Deu conta vagamente que ele se retirava de seu pescoço. Ainda estava inclinado sobre ela, mas agora seus braços eram fortes e firmes. Seu rosto estava aceso.

Ele retratou as presas e uma gota de sangue caiu sobre seus peitos. Inclinou-se para lambê-lo e depois passou a língua pelos mamilos. Ela se estremeceu. Suspirou com satisfação ao sentir sua ereção pressionada contra seu quadril. Jogou uma olhada para vê-lo. Estava inchado e rosado com o sangue que lhe tinha dado. Ele se deslizou entre suas pernas e se sacudiu quando se afundou nela. *Wow.* Não houve dúvida. Foi uma poderosa declaração de posse. E que Deus a ajudasse, a encantou. Ele a cobriu.

*Emma.*

Baixou a cabeça até seus peitos e esticou um mamilo com a boca. Ela estava muito fraca para fazer algo impressionante em troca. Simplesmente o rodeou com seus braços e suas pernas. Meu Deus, sua mente podia estar difusa e enjoada, mas seu corpo estava maravilhosamente



sensível. Ele a penetrou gentilmente uma e outra vez até que cada terminação nervosa se estremeceu de prazer.

De repente não foi suficiente. Para nenhum dos dois. O corpo dela gritava pedindo mais e lhe cravou as unhas nas costas. Ele respondeu, com seus brilhantes olhos avermelhados. Suas investidas se fizeram fortes e contundentes.

*É minha, Emma, minha.*

Ele se ajoelhou e a agarrou pelos quadris. Amassou contra ela. Emma gritou. Cravou-se duro e depois inclinou a cabeça para trás e grunhiu. Ao chegar ao clímax se fundiu com ela mentalmente e ambos pulsaram ao unísono antes de derrubar-se sobre o colchão.

Incrível. Os olhos da Emma piscaram até fechar-se. Acariciou lhe o cabelo da frente.

— Temo que me alimentei muito. Debilitei-te.

— Tem-me feito feliz. — Adormeceu.

Angus passeou pela cela. Tinha que encontrar uma saída. A noite anterior foi um inútil, vencido pela fome. Mas agora estava forte, vibrante e preparado para encarar-se ao inimigo. Deteve-se frente a Emma. Ainda estava adormecida e pálida. Agasalhou-a com a manta e escutou os batimentos de seu coração. Eram constantes, mas débeis. Mau raio o partisse. Tinha tomado muito sangue dela. Como ia lutar nestas condições?

E só ia piorar. Reatou seu passeio. Na seguinte noite sua fome retornaria e se se alimentava da Emma ela acabaria estando mais débil. Com o tempo acabaria matando-a. Não havia dúvida de que isso era precisamente o que Katya esperava que acontecesse. Ela queria morta à caçadora e queria forçá-lo a ele a ser o verdugo da mulher que amava. Se Emma e ele não escapavam logo o plano da Katya teria êxito.

Olhou pela janela. Estava atravessada com cadeias de prata, mas se as arrancava, poderia teletransportar-se através da pequena abertura? Anteriores experiências lhe advertiam que as paredes recobertas de prata o bloqueavam. A porta seria uma aposta segura. Se alguém a abria poderia teletransportar-se fora levando Emma com ele. Não tinha nenhuma dúvida de que essa era a razão pela que ninguém vinha de noite.

A última vez que tinha visto a Katya e a seus vampiros russos tinha sido a noite em que estava paralisado pela beladona. Sabiam que não deviam abrir a porta se ele podia mover-se. Os guardas humanos entraram durante o dia enquanto ele estava incapacitado. E era provável que tivessem informado a seus amos que Emma ainda seguia viva.

A porta seguia sendo sua melhor aposta. Se pudesse causar o escândalo suficiente possivelmente deveriam vir ver o que se passava. Uma vez que se teletransportar-se fora não poderia ir muito longe. O sol fazia somente uma hora que se pôs pelos os lugares incorporados em sua memória psíquica da Europa Ocidental, e América do Norte seguiriam estando à luz do dia e fora de seus limites. O melhor curso de ação era teletransportar-se com a Emma a uma curta distância e depois reunir-se com os amigos que os estavam buscando.

Agarrou a roupa interior da Emma do biombo onde estava estendida e se ajoelhou a seu



lado.

— Carinho, necessito que te vistas. Tenho um plano. — Ela gemeu e girou a cabeça para o outro lado. Fez uma careta de dor ao ver as marcas de suas presas em seu pescoço. — Vem, ajudar-te-ei.

Puxou da manta que tampava suas pernas e lhe pôs as calcinhas pelos pés.

— Que asco, ainda estão úmidas!

— Sei, mas temos que estar preparados.

— Preparados para que? — Sentou-se, tocou a testa e fechou os olhos.

— Está bem?

— Pontos negros. — Se ajoelhou para poder deslizar suas calcinhas pelos quadris e o agarrou pelos ombros para manter o equilíbrio. Ele se amaldiçoou em silêncio.

— Alimentei-me muito.

— Estarei bem. — Colocou o prendedor. Ele encontrou as calças e as entregou a ela.

— Meu plano é atrair a alguém para que abra a porta e poder teletransportar-nos fora.

Ela vestiu as calças.

— Soa bem. E logo que saia desta habitação poderá chamar a seus colegas vampiros. — Meteu a blusa pelos ombros e a abotoou. — Já deveriam estar perto. A última vez que falei com Austin estavam vindo direto a nós.

— Genial. Só temos que atraí-los e... — Calou-se quando souu a fechadura. — Ah, isso foi fácil.

Emma agarrou a estaca do chão, meteu-a no cinturão e a cobriu com a aba de sua blusa. Ficou de pé, cambaleou-se e Angus a sustentou.

— Assim que se abra a porta, iremos.

Levou-a ao redor do biombo. A porta rangeu. Um movimento na janela chamou sua atenção. A luz da lua brilhava sobre os canhões de dois rifles. Os humanos estavam sentados no chão com suas escopetas aparecidas pela janela apontando-os a Emma e a ele.

— Balas de prata — anunciou a voz da Katya através da porta aberta. — Aparte-se da menina, Angus, ou lhe daremos um tiro.

Deu-se conta que tinha aos humanos sob um controle mental tão profundo que podia ver o que viam eles pela janela. Não havia maneira de enganá-la. Soltou a Emma e deu um passo atrás.

— Me dê um só problema, Angus, e lhe estaremos disparando tanta beladona que passará uma semana antes que possa-te mover. Claro que então morreria de fome.

Katya abriu a porta o suficiente para deslizar-se para o interior. Ela tinha preparado a sua zarabatana. Angus considerou deslizar-se para a velocidade de vampiro e lhe romper seu sujo pescoço, mas ela era tão rápida como ele. Certamente teria tempo de drogá-lo e então, como poderia proteger a Emma?

Alek entrou seguido por dois vampiros russos armados com revólveres.

— Burien e Miroslav têm um fornecimento ilimitado de balas de prata, — gabou-se Katya. — Irá com eles escada acima.



Alek agarrou a Emma e lhe pôs uma faca na garganta.

— E se te teletransportas, cotar-lhe-ei a garganta.

— Vou comportar-me. — Angus deu a Emma um olhar tranquilizador, esperou que o fosse.

— Assim decidiste deixar-me ir?

Katya soprou.

— Casimir vem buscar a você e a sua puta humana. Estou segura que tem planos encantadores para ambos.

Alek arrastou a Emma para a porta. Quando os dois chegaram na metade da escada de pedra, Buriem indicou ao Angus que seguisse.

— Devagar — lhe recordou Katya, — ou te dispararei com beladona.

Angus subiu as escadas. Os dois humanos apontavam para Emma com os rifles. Alek tinha soltado Emma mas ficou a seu lado com a espada desembainhada. Galina estava ao outro lado, também armada com uma espada. Isso fazia um total de sete tios maus, contou Angus, incluindo os dois humanos. E todos estavam armados. Mesmo assim, se podia aproximar-se o suficiente de Emma, poderia teletransportá-la longe. Passeou-se despreocupadamente pela grama do pátio esperando que não se dessem conta de suas intenções.

— Quietos, ou ela morrerá, — advertiu Katya.

Ele se deteve. Emma parecia muito pálida sob a luz da lua. Tinha-a deixado muito condenadamente débil. E se por acaso as coisas não tivessem estado suficientemente más, Três figuras brilharam diante da casa de pedra até solidificarem-se. O fôlego de Angus travou.

Não tinha visto Casimir depois da Grande Guerra Vampírica de 1710, mas não havia dúvidas nesse áspero rosto e em seus cruéis olhos. A guerra podia tê-lo deixado débil e ferido, mas parecia completamente recuperado. Ou não? Seu braço esquerdo parecia torcido em um estranho ângulo e levava uma luva. Seus olhos escanearam a todo mundo, seu rosto branco até que descobriu Angus. Então levantou o queixo e entrecerrou os olhos.

— General MacKay.

Angus o saudou com a cabeça uma vez. Seu inimigo tinha dois guarda-costas. Reconheceu ao Jedrek Janow à esquerda de Casimir, talvez para proteger seu ponto débil. Assim era como Casimir fazia as coisas, sacrificando a outros para manter-se vivo. Com uma pontada de dor, Angus se deu conta que poderia ter feito o mesmo com a Emma.

Katya se adiantou e se inclinou fazendo uma reverência.

— Sentimo-nos muito honrados com sua presença, meu senhor.

O frio olhar de Casimir vagou até a Katya.

— Seguiu-me chamando e me incomodando até que aceitei vir.

— Não quis-lhe faltar ao respeito, — Katya voltou a lhe fazer uma reverência. — Só queria-lhe dar estes presentes como amostra de minha gratidão e lealdade.

— Te disse que entregasse à caçadora ao Jedrek e, entretanto não o fez. É assim como amostra sua lealdade?

Katya se agarrou as mãos.



— Queria entregar-lhe pessoalmente e assim lhe assegurar minha fidelidade. E tenho um presente especial para você, o General MacKay. E assim economizo a seu servo Jedrek uma viagem a Nova Iorque.

— Sua bondade é entristecedora, — murmurou Casimir. — Me diga, como mostrou sua lealdade ao Ivan Petrovsky?

Katya ficou rígida. Angus sabia que ela estava agora com sérios problemas. Se conseguisse que estes vampiros se mantivessem ocupados matando-se uns aos outros poderia ter uma oportunidade para aproximar-se de Emma e teletransportar-se longe dali até um lugar seguro.

— Katya assassinou ao Petrovsky — gritou. — Eu mesmo o vi. Ela e Galina o estacaram no coração enquanto estava desarmado.

Katya lhe lançou um olhar venenoso e depois se girou para Casimir.

— MacKay é um traidor a nossa espécie. Estava ajudando à humana a matar aos meus homens.

Casimir olhou para Emma desdenhosamente.

— Uma simples barata fácil de eliminar. — Seu olhar se voltou para Angus. — Mas ter o general que derrotou o meu último exército... Vou desfrutar com sua morte.

— Então recorde que fui eu quem o entregou — insistiu Katya. — Sou sua fiel servidora.

Angus inclinou a cabeça. Isso tinha sido o ulular de um mocho no bosque? Soava como o sinal que gostavam de utilizar Ian e Robby.

— Não se pode confiar nela, Casimir. Traiu-te uma vez e voltará a fazê-lo.

Katya se girou para o Alek.

— Mata-o!

Casimir levantou uma mão e congelou ao Alek.

— Está dando ordens, Katya, sem minha permissão?

Ela deu um coice.

— Me perdoe, meu senhor. As mentiras do MacKay me tiram do sério.

— Mentiras? — Os escuros olhos de Casimir se cravaram em Angus. — Por muito que deteste aos de sua classe tenho que admitir que são asquerosamente sinceros.

Um movimento impreciso chamou a atenção do Angus. Uma dúzia de pessoas estavam de pé sobre o muro de três metros de alto que rodeava o pátio. O alívio se apoderou dele ao reconhecer a seus amigos e empregados: Ian, Robby, Jack de Veneza, Mikhail de Moscou, Austin e Darcy Erickson, Jean—Luc Echarpe de Paris com dois membros de seu Aquelarre, e ao Zoltan Czakar, o Mestre do Aquelarre da Europa do Este com dois de seus homens. Austin e Darcy levavam revólveres. Os dez vampiros desembainharão suas espadas. Jean—Luc balançou a folha no ar.

— Vamos resolver isto agora mesmo, Casimir.

Casimir empalideceu e olhou para Katya.

— Traidora! Tendeste-me uma armadilha.

— Não! — Gritou Katya. Casimir se deslizou para ela como um borrão e a agarrou por o



pescoço.

— Recordarei esta traição.

Jedrek se equilibrou e lhe sussurrou algo ao ouvido. Casimir liberou a Katya e deu um passo atrás. Ela caiu ao chão.

— Não lhe traí. Juro-lhe que não o tenho feito.

Os amigos de Angus saltaram da parede de pedra e avançaram lentamente. Casimir se deslizou detrás de seu guarda-costas e olhou aos vampiros russos.

— Ides morrer esta noite. Merecem morrer. — Ele e seu guarda-costas começaram a resplandecer.

— Não! — Angus correu para Casimir justo quando este se desvaneceu. — Maldito seja! — Queria matar o Casimir esta mesma noite. Uma espada passou roçando a orelha de Angus e este saltou para trás. Alek estava tentando matá-lo. — Uma espada!

Alek arremeteu apontando com sua espada para o coração de Angus. Angus saltou para um lado e agarrou a espada que lhe tinha lançado Ian. Este tirou rapidamente a adaga de sua meia e se agachou quando Buriem tentou golpeá-lo. Robby saltou no meio para atrair a atenção do Buriem e proteger ao Ian.

Angus esquivou ao Alek, fê-lo retroceder e atravessou seu coração como se fora uma brochete. Viu com satisfação como se convertia em pó. Este filho de puta nunca mais ameaçaria a Emma espetando-lhe uma faca na garganta.

Angus girou sobre si mesmo procurando a Emma. Jean—Luc estava lutando com o Miroslav. Jack estava tomando seu tempo com a Galina, sem dúvida incômodo com a ideia de matar a uma mulher. Mas, onde demônios estava Emma? Buriem gritou quando Robby o apunhalou no coração. Os dois humanos abandonaram seus rifles e fugiram para o bosque. Zoltan e seus homens os perseguiriam depois. Galina gritou. Jack deve ter superado suas dúvidas.

Angus se congelou quando viu a Emma. Katya a estava arrastando para o celeiro. Emma lutava, mas estava muito fraca para escapar. Moveu-se para ela a grande velocidade, mas Katya o viu vir e se desvaneceu levando Emma.

—NÃO!

Angus se deteve onde tinham desaparecido. Era impossível saber para onde se haviam teletransportado. E Emma estava muito condenadamente débil para lutar. Tudo era sua culpa. A culpabilidade se estrelou contra ele, dobrando-o. Robby pôs uma mão sobre seu ombro.

— As encontraremos — disse. Angus assentiu com a cabeça, incapaz de falar. — Se dispersem e procurem!

Os vampiros se desfocaram já que todos se moveram rapidamente como um borrão ao redor da propriedade e do bosque, procurando Emma. Os minutos passaram, mas pareceram horas. Robby e Ian saíram correndo da granja dizendo que estava vazia. Segundos mais tarde, Jean—Luc e seus dois homens saíram da casa gritando que também estava vazia. Outros se desdobraram pelo bosque.

Angus subiu ao muro de pedra e escutou com atenção. Voltou-se para o norte. Isso tinha



sido um grito? Um grito de mulher.

— Por aqui! — Ziguezagueou pelo bosque. Seus companheiros foram atrás. — Emma!

Angus não escutou nenhuma resposta. Deus, esperava que não fosse muito tarde. Se Katya tinha voltado a teletransportar-se, poderia estar já muito longe. Correu para um pequeno claro e escorregou até deter-se. Seu coração gaguejou. Ian se deteve detrás dele.

— Ainda está viva.

Com muita dificuldade. Angus se ajoelhou ao lado da Emma. Seu coração se retorceu quando viu seu pescoço esmigalhado. Maldita Katya. Tinha drenado a Emma até deixá-la quase vazia.

Uma grande quantidade de pó cobria a Emma. A estaca estava em sua mão inerte. Tinha conseguido utilizá-la enquanto Katya se estava alimentando dela. A caçadora tinha matado ao último vampiro. Deu graças a Deus por Ihe ter feito a estaca. Mas também a tinha deixado fraca.

— OH, Emma.

Puxou sua camiseta e a apertou contra seu pescoço. Seus olhos se encheram de lágrimas. Os ramos das árvores e os arbustos rangiam à medida que mais gente se precipitava para a clareira.

— Como vai? — Exigiu Austin. Darcy ficou boquiaberta.

— Meu Deus. Chegamos muito tarde?

Robby ficou de cócoras ao lado de Angus.

— Sinto-o muito.

Angus apertou os dentes.

— Ainda não está morta. Podemos-lhe fazer uma transfusão. — Olhou ao Robby e ao Ian. — Não têm algumas garrafas de sangue em seus sporrans?

Robby o olhou com tristeza.

— Não temos equipe para fazer uma transfusão.

— Então a teletransportaremos, — disse Angus. — Roman pode ajudá-la.

Jean—Luc se ajoelhou no outro lado de Emma.

— Ainda é de dia em Nova Iorque. Somente há uma forma de salvá-la, Angus, e sabe qual é.

— Não! — Angus piscou para conter as lágrimas. — Não posso transformá-la. Ela não suportaria ser um vampiro. Mataram a seus pais.

— Mas ela pode trocar de novo — sugeriu Darcy. — Sou a prova vivente que pode fazer-se.

Angus piscou. Claro! Estava tão assustado que não se deu conta que tinham essa opção. Emma ainda tinha o pedaço de tecido manchado de sangue? Se não, ele poderia deixar sua camiseta que estava empapada de seu sangue humano.

— Está indo muito depressa. — Advertiu Jean—Luc. — Se perde todo seu sangue será muito tarde para transformá-la.

Angus se esfregou a frente. E que outra opção ficava? E Roman poderia voltá-la humana de novo.

— Tudo isto é minha culpa. Vai-me odiar.

— Ela o entenderá. — Ian lhe tocou o ombro. — Eu sempre o entendi.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Angus elevou a vista e o olhou.

— Condenei-te a ter o corpo de um moço de quinze anos durante toda a eternidade.

Ian sorriu.

— Salvou-me a vida.

Angus respirou fundo e tirou a camiseta do pescoço da Emma. Tinha que drenar até sua última gota de sangue. E tinha que fazê-lo um vampiro para que entrasse na vírgula vampírico. Depois teria que alimentá-la com seu próprio sangue. Se ela o aceitava e bebia se converteria em um não morto. Se rechaçava seu sangue, morreria.

— Podem-me emprestar um sgian dubh? — Teria que cortar o braço para alimentá-la. Ian lhe entregou uma adaga. Angus olhou a todos seus amigos. — Poderiam nos deixar sozinhos?

### Capítulo 23

Emma recordava a dor e a escuridão. O medo e o terror. As presas da Katya rasgando seu pescoço. Um último grito de sobrevivência e o uso desesperado da estaca. Mais escuridão. Vozes murmurando. Mais presas. Como podia estar Katya de volta? Não tinha matado a essa cadela? Mais escuridão quando Emma se deslizou profundamente em um negro poço.

Depois, um estranho sonho. Sua boca tinha sabor de sangue e se afogava na metálica amargura.

— Traga, — exortou-a uma voz. — Deve tragar.

Mais sangue orvalhava em sua boca. Estava-se afogando em sangue. Katya a estava matando. Girou a cabeça e tossiu.

— Emma — suplicou a voz. — Bebe, por favor.

Angus? Abriu a boca para falar, mas as palavras não quiseram sair. Nem sequer podia abrir os olhos.

Mais sangue foi derramado em sua boca. Ela tragou e um calor reconfortante se estendeu por todo seu corpo. Tragou de novo e notou um sabor doce. Que sonho tão tolo. Isto não podia ser sangue, sabia muito bem. E ela tragou e tragou.

— Isso, carinho. Está-o fazendo bem.

Angus era feliz com ela. Angus a amava. Emma sorriu. Angus estava com ela e Katya se foi. Esta vez, quando a escuridão se apoderou dela, não teve medo.

Emma despertou com um sobressalto. O coração pulsava tão forte em seu peito que podia ouvi-lo. Um momento de pânico se apoderou dela, pensou que estava tendo um ataque cardíaco. Sentia-se tão estranha e não sabia onde estava.

— Está acordada, Darcy! Consegue uma garrafa, rápido!

Emma viu Austin de pé junto a uma porta aberta. Tinha-a encontrado? Então ela e Angus deviam ter sido resgatados.



— Só a ponho um momento no micro-ondas — disse a voz de uma mulher da distância. Emma se sentou e pontos negros formaram redemoinhos ao redor de sua cabeça.

— Rápido.

Austin deu um passo para ela com expressão preocupada.

— Eu... Acredito que sigo estando débil.

Emma piscou e se centrou em Austin. Ele se tornava mais nítido do habitual. Podia-lhe ver a barba no queixo e cada fio individual do cabelo na cabeça. E ouvia seu coração pulsando forte. Como podia saber isso? Como podia escutar seu próprio coração? Levou a mão ao peito e se deu conta que levava um pijama de flanela.

— Como cheguei A... Isto?

— É da Darcy — respondeu Austin. — Tratou de te limpar um pouco.

Bem. Katya a tinha atacado. Emma suspeitou que sua velha roupa estaria coberta de sangue. Seu estômago grunhiu.

— Sinto-me tão faminta.

— Seguro que o está.

Austin a olhou com receio. Emma olhou a seu redor. Era uma habitação agradável de um azul consolador com uma cama de casal e sem janelas. Só havia uma luz piloto em uma tomada. Como podia ver tão bem? O estômago lhe rugiu mais forte e as tripas se retorceram. Levou a mão a seu ventre.

— Ai!

Austin se dirigiu para a porta.

— Darcy, pressa!

Emma respirou fundo e deixou escapar o ar lentamente.

— Onde estou?

— Na casa de Zoltan Czakvar em Budapest.

— Quem?

Outra pontada de fome sacudiu Emma. Fez uma careta. O coração de Austin parecia esmurrar em seus ouvidos. Quase não podia ouvir e pensar com muita dificuldade.

— Zoltan Czakvar. É o Mestre do Aquelarre da Europa do Este.

— Estou na casa de um vampiro? — Emma notou a veia no pescoço de Austin. Pulsando. E cheirava tão bem como a comida. — O que me está passando?

A dor da fome a golpeou com força. Caiu de costas sobre a cama com um grito e se aconchegou em uma bola.

— Está bem? — Darcy entrou na habitação com uma bandeja e a colocou sobre a mesinha de noite. Darcy estava muito perto e cheirava muito bem. Emma lutou contra o impulso de agarrá-la.

— Trago seu café da manhã. — Darcy lhe ofereceu um copo. — Tipo O. Um pouco insípido, mas deve começar com uma dieta simples.

Os olhos de Emma se ampliaram. O copo estava cheio de sangue.



— Não!

Um repentino golpe de dor atravessou sua boca. Gritou. Darcy deixou o copo.

— Pobrezinha. O mesmo aconteceu comigo. Sempre saem a primeira noite.

Emma se cobriu a boca e choramingou. Suas gengivas estavam partidas em dois. Com um grito sentiu como se rasgavam. Baixou a mão e viu o sangue salpicado em sua palma. Era horrível! E cheirava delicioso. A dor na gengiva desapareceu quando outra pontada de fome a atravessou.

Darcy pôs uma palha no copo e o deu a Emma.

— Assim. É difícil usar um copo quando as presas estão fora.

Presas? Emma tocou a boca. Suas presas eram largas, bicultas e afiadas.

— Não! — Sacudiu a cabeça. Isto era outro mau sonho. Não podia estar correto.

— Sei que é chato. — Darcy se encarapitou na cama junto a ela e apertou o copo em sua mão. — Se sentirá melhor uma vez que tenha comido.

A mão da Emma tremia quando tomou o copo. Tinha um terrível desejo de atirá-lo ao lixo e afundar seus dentes na Darcy. OH, Deus, era verdade. Era um vampiro.

Ficou olhando o copo, aturdida. Em realidade o sangue cheirava bem. Tinha sido este o tipo de agonia que tinha suportado Angus durante a noite quando se negou a mordê-la? Fechou a boca ao redor da palha e chupou. O sangue era doce e quente. Fluía em seu interior enchendo a de um enérgico sentido de força e poder. Chegou ao fundo do copo muito rápido.

— Necessito mais.

Sentiu um formigamento em suas gengivas e se deu conta que suas presas se retiraram.

— Volto em seguida. — Darcy ficou de pé tomando o copo. — É normal ter tanta fome a primeira noite.

— Você foi um vampiro — sussurrou Emma.

— Sim, durante quatro anos. Mas não precisa ficar assim por muito tempo. Roman te pode trocar de novo. Estará bem.

Emma assentiu com a cabeça. Observou a Darcy sair da habitação. Austin sorriu a sua esposa enquanto ela passava. Um sorriso amável e amoroso. E Emma sabia exatamente o que era o que ela necessitava.

— Onde está Angus?

O sorriso de Austin se desvaneceu.

— Ele, hum, não... Está aqui agora.

Emma olhou a seu redor. Ainda se sentia estranha, com uma espécie de intumescimento. Talvez isto não fosse mais que um sonho. Ultimamente tinha tido um montão. Ou eram lembranças? Fazia amor com o Angus. Katya a tinha levado a rastos e a tinha atacado. Meu Deus, Katya a tinha matado.

Levou uma mão a seu pescoço. A pele estava Lisa e sem cicatrizes. Austin caminhou para ela.

— Curou-te durante o sono mortal. Uma das vantagens de ser um não morto. — Sorriu. — Está muito bem, mas terá que acreditar em minha palavra. Não pode verte em um espelho. Uma das desvantagens de ser um não morto.



— Não há desvantagens. — Giacomo entrou na habitação bebendo o sangue de uma taça de vinho. — Buona sera, signorina. Vim ver como vai. — Seus olhos cor café brilharam. — E para te dar as boas-vindas ao clube.

Todo o rigor de sua situação a afundou. Ela estava morta. Tapou-se com o edredom azul até o queixo. Onde estava Angus? Queria voltar a vê-lo. Queria seus fortes braços ao redor dela. Apalpou seu pescoço onde ele se alimentou enquanto faziam o amor. As marcas das espetadas se foram como se nunca tivesse ocorrido.

Robby passou pela habitação.

— Como vai, senhorita Wallace?

*Estou morta.* Emma se abraçou a si mesma sob o edredom.

— Acredito que está em estado de choque — murmurou Austin, mas Emma o ouviu.. Podia ouvir tudo, até o zumbido de um micro-ondas através da casa.

— Quero falar com o Angus.

Robby intercambiou um olhar preocupado com o Giacomo.

— Não está aqui. Foi a Paris com o Jean-Luc e Ian.

— Então chama Paris e lhe diga que se teletransporte aqui. Por favor.

Emma se estremeceu sob o edredom. Odiava sentir-se necessitada. Antes sempre tinha sido forte e decidida, mas claro, nunca tinha estado morta antes.

— Ia a Nova Iorque depois, — continuou Robby. — Não estará acordado agora.

Nova Iorque? Ela passava por uma crise e ele estava em Nova Iorque? Chiou os dentes. Deveria estar com ela. Estava morta, maldita seja. Ele deveria mostrar respeito pelos mortos. E pela mulher que amava.

— Preciso falar com ele.

— Enviar-lhe-ei um e-mail, — ofereceu-se Robby. — O lerá assim que desperte.

— De certeza que o verá logo — adicionou Austin. — Tão logo esteja o suficientemente forte poderá ir a Nova Iorque e Roman te trocará de novo.

— Aye — assentiu Robby. — Angus me deixou sua camiseta manchada com seu sangue.

— Seu bilhete de volta à mortalidade. — Giacomo bebeu de sua taça. — Embora não posso imaginar por que alguém quereria voltar a ser mortal outra vez.

— Então é que tem uma imaginação muito pobre, Jack. — Darcy entrou na habitação levando um copo cheio de sangue que entregou a Emma. — Aqui tem.

Como podia o sangue ter tão bom sabor? Emma pôde beber com facilidade já que seus dentes eram normais. Era como beber poder puro.

Entrou outro homem na habitação. Era mais baixo que Angus, de estatura média, com o cabelo castanho escuro e os olhos cor âmbar amendoados.

— Como está querida? — Disse com um ligeiro acento.

— Estou bem. — Como era que sua habitação se converteu na Estação Grande Central? Todo mundo queria vir e ficar boquiaberto olhando para o novo vampiro. — Hoje não tenho truques novos para os entreter.



O homem riu entre dentes.

— Me alegre que esteja bem. Estávamos preocupados com você.

Era evidente que Angus não estava muito preocupado. Foi-se a Nova Iorque e a tinha deixado sozinha para que se adaptasse a sua nova condição de não morto.

— Sou Zoltan Czakvar. — O homem se inclinou levemente. — É bem-vinda aqui sempre que queira.

— Obrigado. — O olhar da Emma perambulou sobre o Zoltan, Robby e Giacomo. — São bons tipos. É mais fácil ser... Assim, sabendo que os há bons.

Darcy se sentou aos pés da cama.

— Mas você não tem que seguir sendo assim, Emma. Pode voltar a ser humana outra vez.

Mas Angus era um vampiro. Se ela seguia sendo um vampiro poderia ser como ele. Poderia mover-se a uma velocidade incrível, levitar e teletransportar-se. Seria mais forte que nunca. Como humana tinha sido uma *boa* caçadora, como vampiro seria uma *super* caçadora.

Mas se ficava como não morto poderiam passar séculos antes que pudesse ver seus pais, ou a seu irmão, ou à tia Effie. E isso era mau.

Mas isso seriam séculos em que poderia amar ao Angus. E ele poderia amá-la a ela. Todas as reservas que tinha a respeito de sua relação se esfumaram agora que eram iguais.

— Tenho que falar com o Angus — repetiu. Por que esta gente não podia entender? Por que não podia entender Angus? Por que a tinha deixado? Deu-se conta dos olhares de preocupação que todo o mundo estava trocando. Algo se tinha passado.

Um repentino pensamento.

— OH, não! Angus está ferido? — Ficou de pé. Os pontos negros giraram ao redor de sua cabeça. Darcy se aproximou dela.

— Deve permanecer na cama esta noite. Toma seu tempo acostumar-se.

— Não! Quero a verdade! Está Angus ferido? É por isso que se apressou para ver o Roman? Robby trocou seu peso de pé.

— Ele está bem. Vou enviar-lhe esse e-mail agora. — Saiu correndo da habitação.

— Mostro-te onde está o computador. — Zoltan saiu detrás dele. Giacomo negou com a cabeça.

— Deveria ter ficado. Se o disse, mas...

— Mas o que? — Perguntou Emma. — Por que se foi?

Giacomo a olhou com tristeza.

— Sente-se culpado.

— Deixou-te uma nota. — Darcy tirou um pedaço de papel do bolso de sua calça e o deixou sobre a cama.

*Uma nota?* Emma franziu o cenho. Depois de tudo o que tinha passado, tinha-lhe deixado *uma nota?* Olhou para o Giacomo com confusão.

— Por que Angus se sente culpado? — De repente se apercebeu. — OH, porque Katya me atacou? Mas todos estávamos sendo atacados. Entendo que tivesse que proteger-se a si mesmo.



Giacomo suspirou.

— Sente-se mal porque te debilitou.

— Não foi culpa dele que Katya me matasse.

Giacomo se estremeceu.

— Na realidade você matou a Katya.

Emma o olhou fixamente. Devia estar viva para matar a Katya. Então, como acabou ela convertida em vampiro?

— Devo ir agora. — Giacomo se apressou para a porta.

— Ele não tinha outra opção, Emma. — Austin também saiu da habitação.

Ele? Havia algo terrível que os homens não queriam-lhe dizer. Voltou-se para o Darcy.

— Katya não me fez isto?

— Não. — Os olhos da Darcy estavam cheios de compaixão. — Teria morrido se ele não o tivesse feito. Realmente não tinha outra opção.

Ele? Deus, não. Emma se desabou sobre seus joelhos e se sentou na cama. Seus olhos se encheram de lágrimas. Por isso tinha fugido sentindo-se culpado.

— Sinto-o muito. — Darcy tocou o ombro da Emma. — Insistiu em fazê-lo ele mesmo. Sentia-se... Responsável. E sabia que poderia voltar a trocar.

Uma lágrima se deslizou pelo rosto da Emma. Apanhou-a com seu dedo e viu o tom rosado que tinha. Lágrimas de sangue, igual a um vampiro. Darcy lhe deu umas tapinhas nas costas.

— Deu-te uma segunda oportunidade para viver.

Emma tragou saliva. Converteu-se no mesmo tipo de criatura que tinha assassinado a seus pais. E para converter-se em vampiro primeiro tinha tido que morrer. Seu estômago se encolheu.

— Angus me matou.

O estômago se revolveu e Emma perdeu sua primeira comida como vampiro.

— En garde. — Giacomo saudou a Emma com o florete e depois a apontou. Ela atacou com babados, arremetidas e estocadas. Giacomo se defendeu com bastante facilidade, mas Emma sabia que estava fazendo progressos. Três dias atrás, durante sua primeira lição de esgrima, poderia tê-la derrotado com os olhos enfaixados. Agora estava totalmente comprometido.

— Recorda, os Malcontents não jogam limpo.

Com um movimento de seu pulso, Giacomo enviou o florete da Emma a voar pelos ares, aterrissando com estrépito na sala de exercício.

— O que vais fazer agora?

Carregou contra ela apontando diretamente a seu coração. Largou-se do chão tão depressa como pôde, pensando levitar. Elevou-se tão rápido que sua cabeça se chocou contra o teto fazendo um ruído surdo.

— Au!

Flutuou no ar enquanto se esfregava o cocuruto. Giacomo lhe sorriu.

— Tem um dom natural.



Austin estava de pé junto à porta, rindo-se entre dentes.

— Acredito que ela subestima sua própria força.

Emma o olhou.

— Ontem te imobilizei em quarenta e cinco segundos.

— Sim, mas já me surrava quando era mortal — disse encolhendo-se de ombros.

Giacomo pôs-se a rir.

— *A signorina* é uma fera.

— E você não o esqueça.

Emma tirou rapidamente a adaga de seu cinturão, se teletransportou detrás do Giacomo e o cravou no traseiro.

— Au!

Ele saltou longe girando como um pião para olhá-la na cara. Ela sorriu docemente.

— Como o estou fazendo, mestre?

Ele entrecerrou os olhos.

— Detecto um pouco de raiva latente, belíssima?

Emma suspirou enquanto devolvia a adaga a seu cinturão. Possivelmente estava zangada. Frustrada, sem dúvida. Fazia uma semana que estava na casa do Zoltan e Angus não tinha respondido a nenhum de seus e-mails nem mensagens telefônicas. Tinha lido tantas vezes sua mensagem que sabia de cor.

*Queridíssima Emma,*

*Não espero perdão por todo o mal que te tenho feito. Só espero que possa voltar a trocar logo que seja possível e assim possa recuperar sua vida. Merece uma vida feliz cheia de luz e paz.*

*Paz?* Seriamente acreditava que queria ter paz quando vampiros como Casimir vagavam pela terra? Ela era um guerreiro como ele. E agora também era um vampiro como ele. Claro que em um primeiro momento adoeceu ao pensar nele drenando-a até deixá-la seca e transformando-a, mas depois de umas quantas noites de reflexão tinha decidido que estava feliz que tivesse sido ele quem a tivesse introduzido nesta nova vida. Ela era um não morto agora porque uma pessoa a quem amava tinha realizado um ato de misericórdia. Isto era muito melhor que morrer vítima da violência às mãos do inimigo. E era justo que Angus tivesse sido essa pessoa. Tinha-o sido todo o tempo.

Tinha-lhe ensinado a diferença entre procurar vingança e procurar justiça. Já não queria matar a todos os vampiros que se encontrassem em seu caminho para aliviar a dor que sentia pelo assassinato de seus pais. Queria deixar atrás a dor e seguir adiante. Queria utilizar seu novo poder para proteger aos inocentes para que outros não tivessem que sofrer o que seus pais sofreram.

Angus lhe tinha ensinado que o amor era tão poderoso que sobrevivia à morte. Ela ainda o amava com todo seu coração. E agora compreendia que a morte não podia desfigurar ou corromper a alma de uma pessoa. Estava rodeada de vampiros afetuosos e honoráveis.

Então, por que Angus a ignorava? Acaso tinha aversão a um compromisso que podia durar séculos?



Darcy se uniu a seu marido ao lado da porta.

— Acabamos de receber um mail...

— Do Angus? — Interrompeu Emma. Darcy lhe deu um olhar pormenorizado.

— Do Roman. Informa-nos que o bebê Constantine está saudável e é feliz e normal.

— Isso é bom — murmurou Austin. Darcy ofereceu a Emma uma folha de papel.

— Uma das mensagens era para ti, por isso o imprimir.

Emma tomou a nota e perambulou pela grande sala de exercícios enquanto lia.

*Querida senhorita Wallace:*

*Não pude deixar de notar os e-mails e mensagens telefônicas que deixou aqui para o Angus. Pensei que deveria saber que se foi para a Inglaterra faz duas noites. Está esperando que você venha a Nova Iorque para realizar a mudança e não acredito que ele queira estar aqui quando isso ocorra. Não é porque não esteja preocupado, porque o está, e muito. Está sofrendo muito pelo que lhe fez. Talvez com o tempo seja capaz de perdoar-se a si mesmo. Acredito que começará a sanar uma vez que saiba que você retornou sã e salva a sua vida como humana. Estou ao seu dispor logo que você esteja preparada.*

*Atentamente,*

*Roman Draganesti.*

Emma dobrou a nota.

— Por que todos pensam que quero voltar para ser humana?

Darcy ficou boquiaberta.

— Prefere seguir sendo um não morto?

— É óbvio que sim! — Disse Giacomo. — É uma forma superior de vida.

Darcy soltou um bufido.

— Eu não gostava da dieta.

— A mim o sangue sabe bem. — Emma cruzou os braços franzindo o cenho. — Por que não fico desta maneira? O homem que amo é um vampiro. — Fez uma careta. — Embora infelizmente não me fala.

— *Amore*. — Giacomo pôs uma mão sobre seu coração. — Não sabe quanto sofremos por culpa desse sentimento.

Darcy soltou um bufido.

— Sobre tudo você, Jack, já que está tão apaixonado por si mesmo.

Ele se cambaleou para trás como se tivesse sido ferido.

— Já não mais. — Emma se girou para o Giacomo. — Me ajudará a teletransportar-me à Inglaterra? Esta mesma noite?

— Algo por *amore* — sorriu Giacomo. — Há dois lugares nos que poderia estar... Em seu escritório em Edimburgo ou no de Londres.

— É melhor que vá a Londres — advertiu Darcy.

— É óbvio. — Os olhos escuros do Giacomo brilharam. — Ir a Edimburgo seria... Uma estupidez.



— Por quê? — Emma deu um passo para ele.  
Giacomo se encolheu de ombros.  
— Porque ali é onde Angus tem seu harém e duvido...  
— Seu o quê? — Gritou Emma. Giacomo se estremeceu.  
— Ooooups.  
Darcy grunhiu.

— Muito bem, Jack. Emma, não é tão mau como parece.  
— Seriamente crie isso? O sangrento vampiro tem um harém!

O coração da Emma trovejou forte em seus próprios ouvidos. Era por isso que se negava a vê-la? Para que ia querer uma noiva vampiro se a seu redor já tinha a um maldito harém? Enrugou a nota de seu punho e a puxou pela habitação.

— Me leve a Londres agora, Giacomo. Angus falará comigo goste ou não.

## Capítulo 24

Angus vagava em silêncio para o berçário do Romatech. Shanna tinha querido uma creche ao lado de seu consultório dental para poder atender ao bebê e aos ocasionais pacientes e Roman tinha acessado com facilidade porque gostava de ter perto a sua família. Ela estava ocupada trocando a fralda do bebê e ambos se refletiam no espelho sobre a mesa. É óbvio Angus não tinha entrado e pigarreou para que Shanna soubesse que estava ali. Ela girou a cabeça.

— Angus! — Seu sorriso começou alegre, mas rapidamente se desvaneceu em um gesto de preocupação.

Estava se acostumando a isso. A gente o olhava como se fora uma espécie de fantasma. Sentia-se como um, como uma sombra sem alma. O olhar da Shanna se deslocou de novo para o bebê.

— Não sabia que estava na cidade.  
— Acabo de chegar.  
Ela grampeou a roupa do bebê ao redor de suas gordinhas pernas.  
— Fica na casa?  
— Aye.

Viu-a franzir o cenho através do espelho.

— Isso é bom. Fique o tempo que queira. Provavelmente não... Não deveria ficar sozinho.

Pensava que era um suicida? Por que incomodar-se em matar algo que já estava morto? Seu corpo seguia funcionando, mas seu coração estava encolhido de dor e sua mente não valia nada. Tinha tentado trabalhar um pouco em seu escritório de Londres, mas não podia concentrar-se. Era tão mau que estava considerando passar a empresa ao Robby. Cada vez que tentava procurar um relatório via tudo impreciso. Tudo o que podia ver era uma imagem mental da Emma lançando seu último fôlego. A imagem o perseguia. Era o último que via antes de cair no sono mortal e o que lhe



dava os bons dias quando despertava. Engasgava-se com suas comidas e logo que podia alimentar-se. Tudo sempre sabia à última gota de sangue que tinha tirado da Emma. Andou de um lado a outro (Paris, Londres, Nova Iorque), mas não havia escapatória para o que tinha feito.

Entregou a Shanna um pacote envolto em papel marrom.

— Trouxe isto para o bebê.

— OH, que doce! — Shanna mostrou o pacote ao Constantine. — Olha, tio Angus te trouxe um presente!

O bebê agitou os braços e as pernas. Shanna arrancou o pacote, abriu a caixa e escavou entre o suave papel protetor. Seus olhos se dilataram quando tirou uma pequena bolsa negra de pele de toupeira.

— OH. É... Encantadora. Obrigada.

— De nada.

Ela o olhou de esguelha lhe brilhando os azuis olhos.

— Assim que deste de presente um.a.. bolsa?

Nem sequer assim o fez reagir.

— É um sporran para o menino.

— Ah. — Shanna o abriu e tirou o papel de dentro. — Na realidade isto lhe virá muito bem. Pode-se utilizar para guardar pequenos brinquedos O... Um pequeno jogo de química. — Fez uma careta. — Roman já lhe comprou um.

— Ou cinta adesiva.

Shanna pôs-se a rir e lhe deu um abraço.

— Obrigado, foi um presente muito atento.

Ele assentiu com a cabeça. Agora que tinha entregado o presente não sabia o que fazer consigo mesmo. Shanna recolheu ao Constantine e o balançou brandamente.

— Roman sabe que está aqui?

Encolheu-se de ombros.

— Acredito que não.

— Vou ter com ele. E não te burle de seu cabelo.

— O que? — Angus ficou rígido quando deixou ao bebê em seus braços.

— Vigia-o até que eu retorne.

Precipitou-se fora da habitação.

— Mas... Espera!

Angus experimentou um momento de puro pânico. Em que estava pensando deixando-o a cargo de um pequeno bebê? Ele não tinha tido um destes em quinhentos anos. Seu coração se acelerou, golpeando seus ouvidos. E se deixava cair a esta pequena coisa?

Apertou-o contra seu peito e sentiu suas pequenas pernas lhe dando patadas. Merda, provavelmente estava esmagando ao pobre menino. Relaxou o abraço e girou procurando desesperadamente um lugar seguro onde deixar ao cachorrinho. A mesa para trocar as fraldas? Não, daí poderia cair rodando.



Angus viu o berço e foi para ali. Passou por diante das paredes pintadas com uma cena pastoral, céu azul, campos verdes, vacas gordas e esponjosas ovelhas. Estavam esperando que fora granjeiro?

O bebê o golpeou no peito com o punho fechado.

— Au, então será um guerreiro?

Angus olhou ao bebê e se deteve. Constantine o estava olhando com os olhos azuis brilhantes que Angus jamais tinha visto. Mais que isso, havia uma intensidade nos olhos do menino que pareciam mantê-lo cativo. Imediatamente o coração de Angus se acalmou até pulsar a um ritmo constante. A dor que lhe tinha confundido o cérebro durante os últimos oito dias se desvaneceu pouco a pouco. Respirou fundo, sentindo uma profunda sensação de paz fluindo através dele. O bebê gorjeou.

— Fez você isso? — Sussurrou Angus. O bebê lhe devolveu o olhar e sentiu que sua inteligência estava longe de ser infantil.

— Angus! — Roman o chamou ao entrar na creche.

— Roman, seu bebê... — Angus o olhou e esqueceu o que ia dizer. — O que te passou?

Roman se encolheu de ombros.

— Não me tinha dado conta até que Shanna me disse isso. — Passou a mão pelo escuro cabelo agora sombreado de prata pelas têmporas. — Felizmente gosta.

— Sim, eu gosto. — Shanna o seguiu dentro da creche com o Connor. Sorriu ao Roman. — Vê-se muito distinto.

Ele sorriu e passou um braço pelos ombros dela.

— Como ocorreu? — Perguntou Angus.

— Recorda a droga que inventei que nos permite nos manter acordados durante o dia? Bom, depois que Shanna se ocupou de Constantine durante 24 horas sete dias da semana, via-se muito esgotada.

— E sendo o homem nobre que é — acrescentou Sana — Roman tomou o medicamento durante cinco dias seguidos para me ajudar.

— E o cabelo ficou cinza? — Perguntou Angus.

— Prateado — o corrigiu Sana. — E só nas têmporas. Acredito que está magnífico.

Roman soprou.

— Mas me proibiste tomar a droga de novo.

— Porque te envelhece. — Shanna se voltou para Angus. — Laszlo lhe fez algumas análises de sangue e descobriu que envelheceu um ano por cada dia que permaneceu acordado.

— Maldição — grunhiu Angus.

— Isso é mau — acrescentou Connor. — Tinha a esperança de utilizar este medicamento na guerra contra Casimir, mas não será provável encontrar vampiros voluntários se souberem que vão passar o resto da eternidade envelhecidos.

Isso era uma má notícia. Angus olhou ao Roman.

— Assim agora é cinco anos mais velho?



— Seis, em realidade. Usei-o uma vez para resgatar ao Laszlo. Mas duvido que alguma vez encontremos a alguém que queira tomá-la.

Uma ideia surgiu da mente do Angus. Baixou o olhar para o bebê em seus braços. Sua mente parecia estar funcionando com clareza.

— Acredito que sei de alguém a quem não lhe importaria envelhecer uns dez anos.

— O bebê não — murmurou Shanna.

— Não. — Angus levantou a vista. — Ian MacPhie.

— OH, aye — sussurrou Connor. — Ian adorará.

— Bem. — Roman assentiu com a cabeça. — Tem a cabeça mais clara, Angus.

Só pelo bebê.

— Seu filho é... Especial.

— É óbvio que o é. — Shanna tomou ao Constantine dos braços do Angus. — E vós dois se deram bem?

— Muito bem. — Angus a seguiu até o berço — tem uns olhos... Preciosos.

— Sim. — Shanna sorriu enquanto colocava ao bebê no berço.

— O que é isto? — Angus tocou o estranho móvel que pendia sobre a cabeça do bebê. —

Morcegos?

Roman riu entre dentes.

— Um presente do Gregori. É sua ideia de uma brincadeira.

— Aye. — Connor deu corda ao aparelho. — Toca a música dos *Instaure*.

A música começou a soar e os morcegos de plástico azul voaram em círculos. Os olhos do Constantine se abriram como pratos e começou a agitar os braços e as pernas.

— Ouvi que lhe trouxeste um sporran ao bebê, — disse Roman. — Obrigado.

Connor pôs-se a rir.

— Mas não lhe deem nada de uísque escocês até digamos... Os oito anos.

— Oito anos? — Quase grita Shanna horrorizada.

Connor sorriu.

— Necessitará uma Claymore aos dez.

Shanna negou com a cabeça.

— Homens. Sempre fazendo planos para um mundo violento.

Roman franziu o cenho.

— Enquanto o mal abunde, não teremos outro remédio. — Pôs uma mão sobre o ombro de Angus. — Como está, velho amigo? Está preparado para falar?

Angus perambulou ao redor do berço e ficou olhando o móvel. Os morcegos agora estavam dando voltas a um ritmo mais lento.

— Não há nada que dizer.

Shanna soprou.

— Obviamente Emma não está de acordo. Esteve tentando ficar em contato contigo durante uma semana.



Angus fechou os olhos brevemente. Sabia que estava sendo um covarde.

— Enviei-lhe um e-mail — disse Roman. — Lhe disse que viesse para ser trocada de novo assim que estivesse preparada.

— Disse quando ia vir? — Perguntou Angus. Os morcegos foram diminuindo sua velocidade até pararem.

— Não respondeu — disse Roman. Uniu-se ao Angus ao lado do berço. — Pode querer discutir contigo em primeiro sobre o assunto.

Angus se agarrou ao corrimão da criatura.

— Ela querera-me gritar por tê-la matado. Sei que me odeia.

— Está seguro disso? — Perguntou Shanna em voz baixa.

— É óbvio que me odeia! — Angus passeou pela creche. — A converti na criatura que mais odeia.

— Então, por que ainda não veio para ser trocada de novo? — Perguntou Shanna.

— Acredito que deveria vê-la — disse Roman. — E se quer te perdoar?

Angus soprou.

— Como poderia-me perdoar? — Se nem sequer podia perdoar-se a si mesmo.

— Tudo é possível por amor — sussurrou Roman.

Angus fechou os olhos ao sentir as lágrimas aparecer por seus olhos. Cambaleou e pôs uma mão na parede para não cair. Não podia seguir assim, afligido pela culpa de seu fracasso. Tinha jurado protegê-la, mas a tinha matado.

Bateram na porta.

— Estou procurando o Angus MacKay — anunciou uma estranha voz. Angus se voltou para olhar a um jovem com traje.

— Sou eu.

O jovem entrou sorrindo no quarto dos meninos.

— É você um homem difícil de encontrar, senhor MacKay. — Ele entregou um envelope a Angus. — Está servido.

Saiu da habitação com passo rápido.

Angus abriu o envelope e jogou uma olhada aos documentos.

— Mau raio me parta.

Os papéis se deslizaram de suas mãos e caíram ao chão.

— O que são? — Perguntou Roman. Angus se apoiou na parede, aturdido.

— Tenho que voltar para Londres. Emma me processou por danos e prejuízos.

— Tenho boas e más notícias — anunciou Richard Beckworth quando Angus entrou no escritório de seu advogado em Londres.

— Ela está aqui? — O coração de Angus troou em seu peito. Uma parte dele temia voltar a ver Emma. Recordou seu formoso rosto que uma vez o olhou com tanto amor. Imaginou que agora estaria cheio de ódio e recriminações. Quanta mais dor poderia suportar seu coração?



Mas outra parte dele desejava vê-la. Ela tinha todo o direito a estar zangada. Ele a tinha transformado contra sua vontade. Se necessitava dinheiro para poder ter tempo livre para recuperar do trauma que lhe tinha causado, podia entender isso. De fato, dar-lhe-ia o suficiente para assegurar-se que não voltasse a necessitar nada nunca mais. Ele só queria que ela pudesse retornar a uma vida feliz, normal e humana.

— A senhorita Wallace e seu advogado estão na sala de reuniões. — Beckworth se relaxou na poltrona detrás de sua mesa. — Em primeiro lugar queria-te pôr rapidamente em dia, velho amigo. A boa notícia é que querem um acerto extrajudicial.

— É óbvio que sim. — Angus se sentou em uma poltrona frente a Beckworth. Richard tinha sido seu advogado durante os últimos setenta e cinco anos. — Não pode entrar em um tribunal humano e afirmar que eu a matei. Apesar de que o fiz.

Beckworth fez uma careta de dor.

— Não admita nenhuma irregularidade diante de sua presença. Também foi uma brilhante jogada por sua parte te desfazer de seu harém a semana passada.

— O que teve de brilhante? Custou-me uma sangrenta fortuna.

Angus tinha herdado cinco fêmeas vampiro quando se converteu no Mestre do Aquelarre britânico em 1950. Tinha-as ignorado durante anos. Viviam em seu castelo na Escócia e Beckworth se encarregava de administrar seus gastos.

Depois da terrível experiência com a Emma, Angus tinha querido retornar a seu castelo, mas não queria ao harém ali. Beckworth tinha preparado toda a documentação para pô-las em liberdade. Infelizmente, o preço de sua própria liberdade tinha sido alto. Angus tinha acordado comprar uma casa em Londres e pagar sua manutenção durante dez anos.

Beckworth negou com a cabeça.

— Imagine o mal que se sentiria a senhorita Wallace se seu harém ainda estivesse intacto.

Angus tragou saliva.

— Sabe sobre o harém?

Beckworth soprou.

— É óbvio. Seu advogado estava ansioso para adicionar o assunto do harém a sua lista de ofensas, te acusando de poligamia.

— Maldito inferno. Se nunca me casei com elas.

Beckworth se encolheu de ombros.

— Concubinato. Entretanto o ponto é discutível posto que já te separaste legalmente delas. Seu advogado fará um escândalo com isto, mas não se preocupe, seu caso é débil.

— Richard, não me importa pagar por danos e prejuízos. Quanto pede?

Beckworth fez uma careta de dor.

— Essa é a má notícia, velho amigo. Não quer dinheiro. Ela quer... Participação no controle do MacKay Security and Investigation.

— O quê? — Angus saltou sobre seus pés. — Quer minha empresa?

— Não toda. Só o cinquenta e um por cento.



— Não posso dar-lhe. - Angus passou pelo escritório. — Por que me pede algo assim?

A resposta lhe caiu em cima de forma imediata. Que puta tão inteligente. Ela sabia perfeitamente como lhe infringir a ferida mais dolorosa. Seu negócio era a coisa mais próxima a seu coração depois dela.

— A razão óbvia é a vingança, mas poderia haver algo mais nesta petição. — Beckworth juntou as pontas de seus dedos enquanto o considerava. — Talvez se sente insegura a respeito de como ganhar a vida durante o resto de sua eternidade. Este movimento certamente lhe daria a segurança de um trabalho a longo prazo.

Angus soprou.

— Me teria encantado em lhe dar um trabalho. Com um salário bem alto.

Beckworth franziu o cenho.

— Se isto se passar, vai ser ela quem dá trabalho a você.

Angus franziu o cenho para a carpete enquanto se passeava.

— Ofereça-lhe trinta por cento. — Em realidade poderia ser uma boa ideia. Se pudessem trabalhar juntos possivelmente seu aborrecimento se dissiparia com o tempo e ela aprenderia a amá-lo de novo. — Pode-lhe oferecer um máximo de quarenta e nove por cento, mas não mais.

Os olhos do Beckworth se abriram como pratos.

— Está seguro? Sua empresa vale uma fortuna.

Angus encolheu os ombros. Sua missão de proteger aos inocentes e localizar aos vampiros malvados sempre tinha sido mais importante que o dinheiro. Tinha muito poucas necessidades além do sangue engarrafado e um lugar onde dormir.

— Preciso cuidar dela.

— Está apaixonado por ela, não?

Angus deixou de passear.

— Sim, estou-o.

Houve um espionismo de sorriso antes que Beckworth conseguisse dominar seus rasgos.

— Va indo à sala de reuniões. Estarei ali assim que reúna alguns papéis.

Angus respirou profundamente. Era hora de ver a Emma.

Emma se revolveu em sua cadeira. Por que demoravam tanto? Seu estômago estava atado e seu coração palpitava furiosamente. O que aconteceria Angus estava furioso? O que aconteceria pensava que ela o estava atacando? Vergonha para ele por obrigá-la a tomar medidas tão drásticas. Saltou pelo ruído dos passos ante a porta. Angus se aproximava. Ela ficou de pé.

A porta se abriu. Ela ficou sem respiração quando ele entrou. Seu rosto estava inclinado para que ela não pudesse ver sua expressão. Ele se girou para fechar a porta.

Vestia o familiar kilt azul e verde. Seu coração doeu de saudade. Ele se girou para olhá-la e seus olhos verdes se abriram.

OH, Deus, estava pálido e magro. É que não estava comendo bem? Ele olhou ao redor do quarto.



— Onde está seu advogado?  
— Pedi-lhe que saísse um momento. — Durante toda a noite, na realidade. Angus caminhou para ela.  
— Tem bom aspecto.  
— Obrigado. — Não parecia muito zangado. — Acredito que deveríamos falar.  
Ele franziu o cenho.  
— Não acredito que seja prudente sem nossos advogados presentes.  
— Realmente não queremos que participem.  
Angus soprou.  
— Então me processou. Tanto me odeia?  
Ela cruzou os braços sobre seu peito.  
— Por que não me falou de seu harém? Contou-me todo tipo de histórias sobre seu passado, mas isso o deixou convenientemente fora.  
— Não havia nada que contar. Herdei-as como se fossem um carro.  
— E nunca lhes deu... Lições de condução?  
— Não.  
Emma ficou boquiaberta.  
— Não o fez? Nem sequer... Uma volta à casa?  
— Não. — A fulminou com o olhar. — Não estava interessado nelas. Queria o posto de Mestre do Aquelarre britânico. É uma honra e estava orgulhoso de ser o primeiro escocês em ocupar o cargo.  
— OH. Felicidades.  
Ele grunhiu por resposta.  
— E algumas vezes tentaram-te seduzir? Essas mulheres estão loucas?  
— Basta de falar sobre o harém. — Grunhiu. — Já não existe.  
— Sei, mas seguro que elas se sentiam... Atraídas por ti.  
Ele arqueou uma sobrancelha.  
— Você crê que sou um bom partido?  
— É óbvio.  
Fez uma careta.  
— Acreditam que sou um bárbaro.  
— Que mulheres tão idiotas.  
Emma deu um passo para ele.  
— Aye. — A olhou com cautela. — Suponho que agora quer me gritar.  
— Um pouco. Sofri o acontecimento mais traumático de minha vida e não ficou comigo. Deixou-me em casa de um estranho e nem sequer respondeu a nenhuma de minhas chamadas.  
Ele fez uma careta.  
— Sei que me odeia. E sei que fiz algo imperdoável. — Se quadrou de ombros. — Estou disposto a te ceder o quarenta e nove por cento da MacKay Security and Investigation.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



Ficou boquiaberta.

— Quarenta e nove por cento?

Angus chiou os dentes.

— Sei que quer o cinquenta e um por cento mas isso não é razoável. Isso é vingança.

— Não quero vingança. E não quero que sofra absolutamente.

Olhou-a com incredulidade.

— Então, por que faz isto?

Idiota! Queria estrangulá-lo.

— Deu-me alguma opção, Angus? Tentei falar contigo uma e outra vez, mas esta era a única maneira de chamar sua atenção!

— Está bem. Tem toda minha atenção. Sinta-se livre de me jogar na cara a destruição de sua vida e toda a dor e a miséria que te causei.

— O único que me causou dor foi seu abandono.

Ele soltou um bufo.

— Superalimentei-me de ti e te deixei muito fraca para que pudesses-te defender. E depois, quando a feriram por minha culpa e te encontrei moribunda, matei-te.

Ela ficou sem respiração. Agora o entendia. Ele não a tinha deixado porque não a quisesse, mas sim porque estava afligido pela culpa e a vergonha. E isso só podia significar que ainda a amava. Ainda havia esperança. Respirou profundamente. Tudo o que tinha pensado em lhe dizer se evaporou de sua cabeça.

— Eu... Senti sua falta.

— E eu. — A olhou com receio. — Por que não foi ver Roman para que a trocasse?

Ela vagou ao redor da mesa até a janela.

— Decidi que eu gostava de ser um... Não morto. Agora posso chutar traseiros maiores. — *E poderia estar contigo.*

— Deixaria de ser humana para te converter em uma criatura que odeia?

— Não odeio a todos os vampiros. — Olhou as luzes da cidade através da janela. — E todas as pessoas que amo já estão mortas. — *Incluído você.*

— Então, por que me está processando?

Voltou-se para ele.

— Nunca quis-te processar. Só foi um stratagem para te obrigar a falar comigo.

Ele ficou boquiaberto.

— Então... Não quer nada de mim?

Ela caminhou ao longo da mesa passando as mãos pelo respaldo sobre as cadeiras.

— Na realidade, sim quero um par de coisas.

— Dar-te-ei tudo o que possa.

— Quero ao harém totalmente fora de sua vida.

Ele encolheu de ombros.

— Nunca estiveram nela assim não deve preocupar-se com isso.

\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. \*\*



— Bom, sim. — Chegou ao final da mesa. — Já vê, quero que esteja legalmente livre caso queira se casar. — Ela o olhou com nervosismo. - Isto é o que você chamaria uma grande indireta.

Ficou boquiaberto. Ela deu um coice.

— Está bem. Parece que não é uma pista muito bem recebida.

— Eu... Eu acreditei que me odiava.

— Não Angus. Quero-te. Amo-te. Inclusive enquanto vomitava seguia-te amando. — Interiormente deu um coice. Esta não era a romântica confissão que tinha ensaiado a noite anterior. Felizmente parecia muito estupefato para dar-se conta. Aproximou-se dele. — Me alegro que fosse você quem me trocou, sabe por quê?

Ele negou com a cabeça. Os olhos dela se encheram com lágrimas.

— Porque você já tinha trocado algo em meu interior. Ensinou-me o verdadeiro significado do amor. O amor não sente prazer em si mesmo procurando vingança. O amor se sacrifica pelo bem de outros. — Uma lágrima se deslizou por sua bochecha enquanto se aproximava dele. — Isso é o que você fez, Angus. Renunciou a sua esperança de paz e felicidade para me salvar.

Os olhos do Angus brilhavam com a umidade.

— Quero-te, Emma. Temi que nunca pudesse-me perdoar.

— Perdoar o que? — Outra lágrima caiu por sua bochecha. — Não me fez nada de mal.

— Alimentei-me de ti para me salvar e te deixei muito fraca para te defender a ti mesma.

— Eu te o dei de boa vontade. Não podia suportar a ideia de viver sem ti.

— OH, Emma. — Limpou uma lágrima do rosto dela e olhou a rosada mancha no dedo. — Olha o que te fiz.

— Sei. — Agarrou sua mão e a beijou. — Olhe-me. Sou mais forte e mais sábia graças a ti. Estava acostumada a viver para a vingança e o ódio, mas agora quero viver para o amor.

A respiração de Angus se cortou quando sentiu que uma lágrima escorregava por seu próprio rosto.

— Deveria ter escutado ao Roman. Ele tinha razão.

— O que disse?

Angus lhe acariciou o rosto com as mãos.

— Disse que tudo é possível por amor. — A beijou na testa. — Ainda tenho problemas para me perdoar.

— Não se preocupe. -Ela deslizou sua mão pelo kilt. — Acredito que posso-te ajudar a te sentir muito melhor.

Ele sorriu.

— Nesse caso... — Pôs um de seus joelhos no chão. — Devo-te pedir que te case comigo.

Ela ficou de joelhos diante dele.

— Sim, deveria fazê-lo.

— Então está de acordo?

— Sim. — Evolveu-lhe o pescoço com seus braços. — E temos que viver felizes para sempre. Isso é parte do contrato.



Ele sorriu amplamente.

— Casualmente temos um advogado aqui perto. Possivelmente deveríamos pô-lo por escrito.

— Sua palavra é suficiente para mim. — Emma olhou a um lado. — E neste momento posso pensar em uma forma muito melhor de usar esta mesa de reuniões.

As sobrancelhas de Angus se elevaram.

— Au, é uma garota muito inteligente. — Ficou de pé de um salto. — Vou fechar a porta.

Emma vagou até a janela e sorriu às luzes da cidade e ao céu estrelado. A noite seria sua vida agora. E ia ter uma eternidade de noites para passá-las com o homem que amava.

Fechou as persianas ao sentir os braços de Angus rodear sua cintura. O nariz o pescoço.

— Quero-te, Emma Wallace.

— Para sempre e por noite.

## Epílogo

Três meses mais tarde...

— Obrigado por vir. — Shanna deu um abraço a Emma.

— Não há problema. — Emma sorriu. — Sabe que faríamos tudo por nosso afilhado.

Angus e ela se emocionaram quando lhes pediram para serem os padrinhos. Isso ia ser o mais perto que seriam de ser verdadeiros pais. Angus estava junto ao berço na creche do Romatech observando ao menino dormir.

— Ele é muito especial.

— É óbvio que sim. — O brilhante sorriso da Shanna se desvaneceu um pouco. — Só espero que meu pai esteja de acordo.

— Estou segura que sim. — Emma tratou de ser otimista mas tinha suas dúvidas. Sean Whelan ia chegar de um momento a outro para conhecer seu neto pela primeira vez.

Shanna fazia os acertos fazia uma semana e estava tão nervosa que Emma tinha acessado a vir como apoio moral. Ela sabia quão volátil podia ser Sean. Tinha amaldiçoado e destrambelhado quando lhe tinha entregado sua renúncia. Exigiu saber por quê. Havia-lhe dito que sentia falta de seu lar e que retornava a Escócia. Estava tão furioso que não se atreveu a lhe dizer que se ia casar-se com o Mestre do Aquelarre britânico. Ou que ela se converteu em vampiro.

— Está acordado. — Angus sorriu enquanto tirava brincando os dedos do pé do bebê. Constantine borbuhlava de risada.

— Adora-te, Angus. — Shanna se aproximou do berço.

— Aye. — Angus pegou nos braços ao gordinho bebê. — Como está, moço?

O coração da Emma se encheu vendo o Angus sustentar ao bebê. A porta se abriu e entrou Connor escoltando ao pai da Shanna. Sean esquadrinhou a creche rapidamente.



— Obrigado por vir — disse Shanna tranquilamente.

Sean a olhou com o cenho franzido.

— Estou contente de ver que ainda está viva. Têm-lhe feito mal?

Shanna esticou sua mandíbula.

— Estou perfeitamente bem. E muito feliz.

Ele franziu o cenho para seu neto.

— Deixa que um chupa sangues sustente a seu filho?

Angus soprou.

— Sou o padrinho do Constantine.

Sean olhou a Emma.

— O que está fazendo aqui? Pensei que tinha pressa por retornar a Escócia.

Ela cruzou os braços sobre seu peito.

— Eu gosto de visitar o Constantine frequentemente. É um menino adorável.

Como se soubesse que era o momento justo, Constantine chiou felizmente. Deu uma patada e se meneou. Angus riu entre dentes.

— Este menino está cheio de vida.

— Está-o? — Sean olhou de esguelha ao bebê. — Está... Vivo?

Shanna se burlou.

— Passei semanas inteiras sem dormir. De fato, agradeceria que tivesse um pouco menos de vitalidade.

— É um menino feliz. — Angus balançou ao bebê em um círculo. Constantine riu. Sean trocou seu peso de perna.

— É... Normal?

Emma estava preparada para lhe cravar os dentes.

— É óbvio que é normal.

— O que é incrível tendo em conta meus genes — murmurou Shanna.

Connor pôs-se a rir. Sean o olhou. Angus foi para eles.

— Não quer sustentar a seu neto?

Sean se via preocupado enquanto Angus se aproximava.

— O que come?

Connor arqueou uma sobrancelha.

— Necessita três litros cada noite. Tome cuidado ou irá por seu pescoço.

Sean deu um salto para trás e Connor pôs-se a rir. Shanna lhe jogou um olhar molesto.

— Porta-se bem. — Voltou a olhar a seu pai. — Constantine é um bebê normal. Não pode morder. Não tem dentes.

A porta da entrada se abriu e uma mulher apareceu.

— Sinto interromper. — Emma a reconheceu como Radinka, a mãe humana do Gregori, que agora administrava o consultório dental da Sana. — Shanna, querida, temos uma pequena emergência. Ao Laszlo saltou um dente.



— OH, não. Espero que não seja uma presa. — Shanna se dirigiu para a porta e olhou a seus amigos. — Estarei de volta logo que seja possível.

— Não se preocupe — assegurou Connor. Quando fechou a porta, continuou. — Não deixaremos que este parvo lhe faça mal a seu neto.

— O que? — Sean caminhou para o Connor. — Crie que lhe faria mal?

— Acredito que o faria se de repente lhe crescessem presas, — disse Connor.

Angus deixou ao Constantine no berço e se uniu aos outros homens junto à porta.

— Connor tem razão. Não deveria perguntar se seu neto é normal. Deveria estar preparado para querê-lo sem importar nada mais.

Sean soprou.

— Tem muita coragem me dando uma palestra. A quantas pessoas atacaste ao longo dos séculos?

Emma suspirou. Muito para uma feliz reunião familiar. Perambulou até o berço para ver como estava Constantine. De repente apareceu sua cabeça por cima do corrimão do berço, seguida por seu peito e seu rechonchudo ventre. Emma ficou boquiaberta. Céu santo! Constantine estava levitando! E seguiu subindo e subindo. Ela olhou aos homens. Sean estava de costas e Angus e Connor estavam tão ocupados defendendo sua honra que não deram conta que o bebê tinha flutuado até o teto.

Constantine riu claramente satisfeito consigo mesmo. Sean começou a dar a volta. Emma deu um salto e levitou rapidamente até o teto onde agarrou ao bebê em seus braços.

— Que demônios?! — Sean ficou olhando-a claramente horrorizado, seus olhos muito abertos. — Merda! É um vampiro!

Emma sorriu fracamente.

— Tinha a intenção de lhe dizer isso.

Sean se voltou para o Angus.

— Filho de puta! Você lhe fez isto! Matou-a!

Angus deu um passo para diante com os punhos apertados. Connor agarrou a Sean por detrás.

— Te acalme, Whelan.

Os olhos de Sean brilhavam com fúria.

— Deveria-te matar, MacKay. — Olhou de novo ao Connor. — E a ti também, filho da puta. Solte-me.

— Já basta! — Gritou Emma embalando ao bebê contra seu peito. — Não ides brigar diante do bebê.

Connor liberou Sean os homens se dispersaram, olhando-se uns aos outros com receio.

— Sean, estava ferida à morte e Angus me salvou a vida.

Deu-lhe um olhar molesto.

— Não está viva.

Emma desceu lentamente levando o bebê com ela.



— Estou viva, só que... Diferente. Quis-lhe dizer isso quando renunciei a meu trabalho, mas estava muito zangado para escutar minhas razões.

Angus cruzou os braços.

— Sempre está muito zangado para escutar as razões.

Sean franziu o cenho. Emma aterrissou diante do berço.

— Quero que me escute agora, Sean. Sou a mesma pessoa que era antes. A morte não me trocou. — Deixou ao Constantine no berço. — Estou mais decidida que nunca a derrotar aos vampiros malvados.

Sean permaneceu em silêncio. Ela esperava saber explicar-se. Constantine riu. Ela o olhou e lhe devolveu o sorriso. Um calor se apoderou dela e uma sensação de paz. Os olhos do menino brilhavam com uma surpreendente inteligência. Ele começou a subir de novo. Emma pôs a mão sobre sua cabeça e o empurrou para baixo.

— Eu estou... Decepcionado — murmurou Sean. — Mas te concedo que não é um demônio.

— Nenhum dos vampiros que estão aqui são demônios. — Se deu conta que Constantine subia uma vez mais e voltou a empurrá-lo para baixo. — Queremos que o mundo seja mais seguro, não só para nós, mas também para toda a humanidade.

— Deve nos deixar fazer nosso trabalho — adicionou Angus, — e deixar de interferir quando estamos tratando de protegê-los.

Sean suspirou.

— Vou pensar nisso. — Se girou para o Connor. — Eu gostaria de falar com minha filha.

Connor assentiu com a cabeça.

— Por aqui.

Conduziu a Sean pela porta. Emma suspirou com alívio. Angus sorriu.

— Esse foi um bom discurso embora me surpreendeu verte flutuando com o menino.

— Eu não o estava subindo, estava-o baixando.

Emma deixou de sujeitar ao Constantine. Ele gritou e começou a levitar.

— Bom Deus.

Angus se aproximou.

— Sei. — Emma vigiou ao bebê, que se elevou até o teto. — Deixei que Sean pensasse que era eu. Não sabia como dirigir esta situação.

Angus passou um braço pelos ombros.

— Estamos fazendo progressos com ele.

— Isso espero. — Emma enlaçou suas mãos ao redor do pescoço do Angus. — Te hei dito recentemente que é o homem mais assombroso do mundo e que te amo com loucura?

Ele sorriu.

— O único assombroso em mim é que encontrei à mulher mais maravilhosa para amar.

Emma lhe acariciou a bochecha.

— E só te levou uns quinhentos anos.

Enquanto se beijavam, Constantine desceu brandamente até seu berço com um sorriso



angélico em seu rosto.

Fim



**\*\* Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis.**